



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 12 - Décimo segundo levantamento | **SETEMBRO 2017**



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N. 12 - Décimo segundo levantamento |
SETEMBRO 2017

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Décimo segundo levantamento, Brasília, p. 1-158
setembro 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira (Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nólêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valentim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcides Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnesse (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luis Girardi (RS); César Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (RuralTins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FaeB); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo----- 8



2. Introdução----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 18



5. Estimativa de produção ----- 24



6. Crédito rural ----- 31



7. Análise climática - Inmet ----- 41



8. Monitoramento agrícola ----- 46



9. Análise das culturas	49
9.1. Culturas de verão	49
9.1.1. Algodão	49
9.1.2. Amendoim	55
9.1.2.1. Amendoim primeira safra	55
9.1.2.2. Amendoim segunda safra	56
9.1.2.3. Amendoim total	58
9.1.3. Arroz	60
9.1.4. Feijão	68
9.1.4.1. Feijão primeira safra	68
9.1.4.2. Feijão segunda safra	74
9.1.4.3. Feijão terceira safra	81
9.1.4.4. Feijão total	89
9.1.5. Girassol	93
9.1.6. Mamona	95
9.1.7. Milho	97
9.1.7.1. Milho primeira safra	97
9.1.7.2. Milho segunda safra	102
9.1.7.3. Milho total	108
9.1.8. Soja	111
9.1.9. Sorgo	117
9.2. Culturas de inverno	120
9.2.1. Aveia	120
9.2.2. Canola	122
9.2.3. Centeio	123
9.2.4. Cevada	124
9.2.5. Trigo	126
9.2.6. Triticale	129



10. Receita bruta	131
--------------------------------	------------



11. Balanço de oferta e demanda	139
--	------------



12. Calendários de plantio e colheita	141
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2016/17

Para a safra 2016/17, a estimativa é de 238,8 milhões de toneladas. Crescimento de 28% em relação à safra 2015/16, o que equivale a 52,1 milhões de toneladas.

A área plantada está estimada em 60,9 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 4,4% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: as boas condições climáticas proporcionam uma boa safra para este ano. A colheita está próxima do término, com produção de 1.529,5 mil toneladas de pluma e 2.298,3 mil toneladas de caroço.

Amendoim primeira safra: produção de 438,8 mil toneladas, crescimento de 12,9% em relação à safra anterior.

Arroz: condições climáticas favoráveis ao longo de todo o ciclo resultaram em 12,33 milhões de toneladas de produção.

Feijão primeira safra: produção de 1,38 milhão de toneladas, sendo 850,4 mil toneladas de feijão-comum cores, 319,5 mil toneladas de feijão-comum preto e 210,9 mil toneladas de feijão-caupi.

Feijão segunda safra: produção de 1,2 milhão de toneladas, sendo 575,8 mil toneladas de feijão-comum cores, 445 mil toneladas de feijão-caupi e 180,2 mil toneladas de feijão-comum preto.

Feijão terceira safra: colheita em andamento, com previsão de produção de 836,3 mil toneladas em face do aumento de área (17,2%) e produtividade (26%), sendo 750,7 mil toneladas de feijão-comum cores, 77,6 mil toneladas de feijão-caupi e 7,9 mil toneladas de feijão-comum preto.

Girassol: produção de 103,7 mil toneladas, crescimento de 64,3% em relação à safra anterior.

Mamona: produção de 13,1 mil toneladas, queda de 11,5% em relação à safra anterior.

Milho primeira safra: produção de 30,46 milhões de toneladas, crescimento de 18,3% em relação à safra anterior.

Milho segunda safra: colheita em finalização, com estimativa de produção total de 67,25 milhões de toneladas, cultivadas em 12 milhões de hectares.

Soja: produto de maior produção entre os grãos do país, atingiu 114 milhões de toneladas.

Trigo: a redução de 9% na área semeada e com produtividade próxima do normal (2.708 Kg/ha) deve resultar numa produção de 5,22 milhões de toneladas. No Paraná a colheita iniciou atingindo 2% da área, e no Rio Grande do Sul as lavouras estão em transição da fase vegetativa (60%) para a fase reprodutiva (40%).





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos, objetivando oferecer informações de qualidade para a formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional.

Há de se dizer, ainda, que estes levantamentos e avaliações são de fundamental importância para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Neste mês de setembro, a Companhia divulga o “Décimo Segundo Levantamento da Safra 2016/17” indicando a colheita das culturas de segunda safra (algodão, amendoim, feijão, milho e mamona), o desenvolvimento e a colheita das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), da terceira safra (feijão) e da safra da Região Nordeste (feijão e milho).

Assim, foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas, provenientes – não poderia deixar de ser citado – através da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de Secretarias de Agricultura e órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos que têm subsidiado os técnicos desta Companhia de forma profissional e relevante nestas atividades.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas

recomendações de diversas instituições internacionais, quanto a criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparência nas suas estatísticas de produção.

A Conab, por sua vez, utiliza metodologias que envolvem trabalhos de campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Vale destacar que o presente boletim de divulgação

faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito desta Companhia, seguindo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). Neste contexto, agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização desta atividade.

Há de se acrescentar que a Conab realiza acompanhamento da safra brasileira de grãos há 40 anos, com uma postura pautada pelo profissionalismo, prudência e isenção, produzindo informações relevantes sobre a agricultura no país..





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Na safra 2016/17, a produção de grãos ocupou uma área de 60,9 milhões de hectares, confirmando a maior área semeada da história. Essa área está concentrada em duas culturas, soja e milho, que corresponde a 85% da área total de grãos semeada no país.

Gráfico 1 – Estimativa de área semeada de grãos

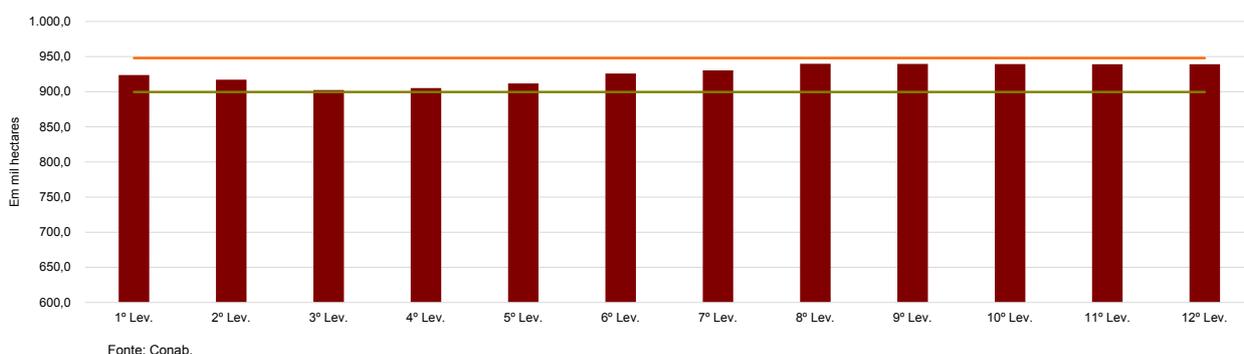


A variação de 0,4% em relação ao levantamento passado traz a consolidação da área semeada das culturas de primeira, segunda, terceira safras e culturas de inverno. O aumento de área plantada em relação à última safra é de 4,4%, aproximadamente 2,57 milhões de hectares.

Nessa safra, o algodão tem sido cultivado em quatro

das cinco regiões do país, porém, em face das condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação, permanece concentrado em Mato Grosso e Bahia, mas presente também em Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão e Minas Gerais. Esses estados foram responsáveis por 98% da área total. Assim, o Brasil teve uma área de algodão estimada em 939,1 mil hectares.

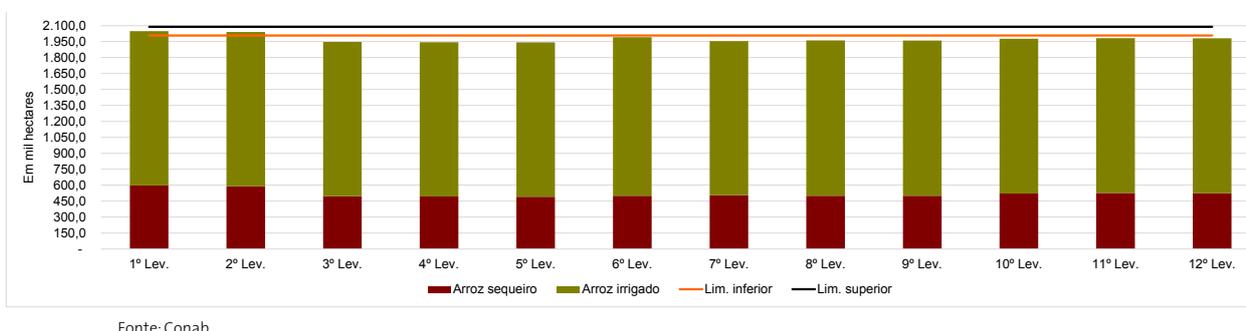
Gráfico 2 – Estimativa de área semeada de algodão



Para a cultura do arroz, a área foi semeada em 1,98 milhão de hectares, sendo 524,4 mil hectares em regime de sequeiro e 1.456,5 mil hectares em regime irrigado.

A safra 2016/17 seguiu a tendência das últimas, com redução da área semeada de sequeiro e leve incremento das áreas irrigadas.

Gráfico 3 – Estimativa de área semeada de arroz



A cultura de feijão teve incremento da área semeada em todas as safras (primeira, segunda e terceira safras) e em todos os tipos (comum-cores, comum-preto e caupi), com exceção apenas da área de feijão-comum preto primeira safra, que perdeu área para o

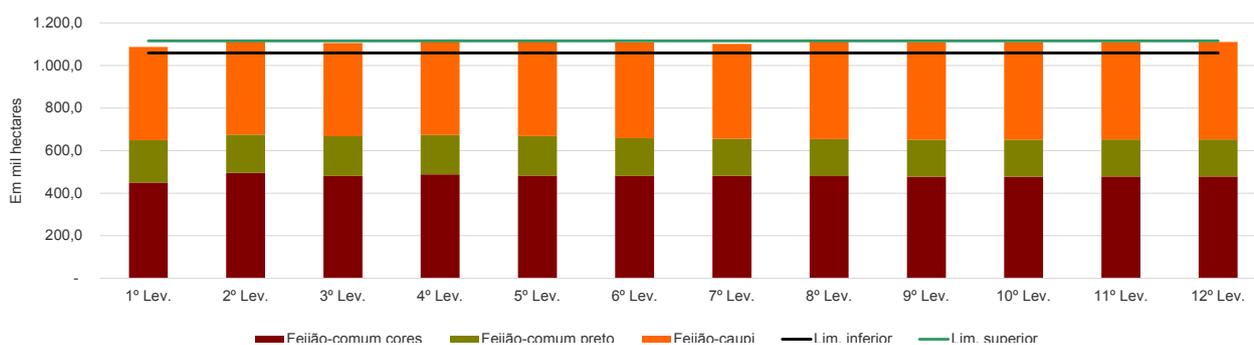
feijão comum-cores primeira safra, mais rentável por ocasião do plantio. As três safras totalizam 3,18 milhões de hectares de área semeada, sendo 1.111 mil na primeira safra, 1.426,9 mil na segunda safra e 641,9 mil na terceira safra. O feijão primeira safra concorre com



a soja e outras culturas de boa rentabilidade, por isso, o produtor tem optado por plantio de uma área maior na segunda safra por não haver tanta concorrência por área e também porque a colheita é realizada em época com menor intensidade de chuvas. O feijão terceira safra tem grande variação de área cultivada

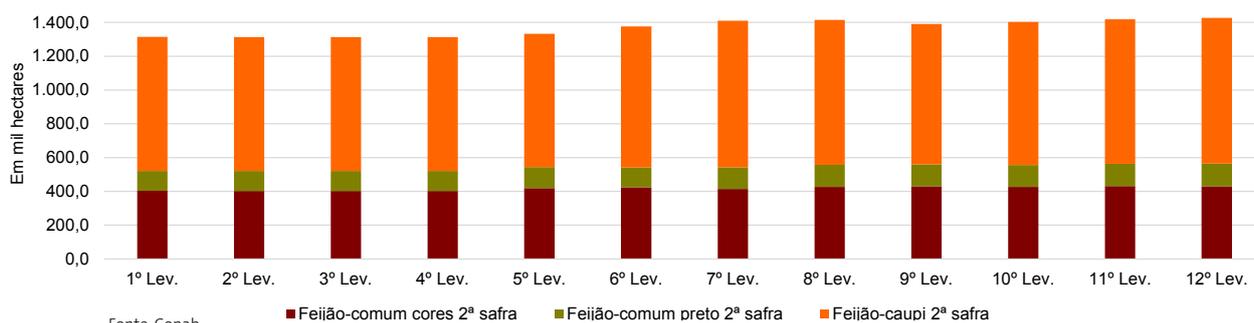
entre as diferentes safras porque depende muito do comportamento da primeira e segunda safras, principalmente em relação à qualidade do produto no momento da colheita. O feijão-comum cores foi semeado em 2.177 mil hectares nas três safras, o feijão-caupi em 713,4 mil hectares e o feijão-comum preto em 507,8

Gráfico 4 – Estimativa de área semeada de feijão primeira safra



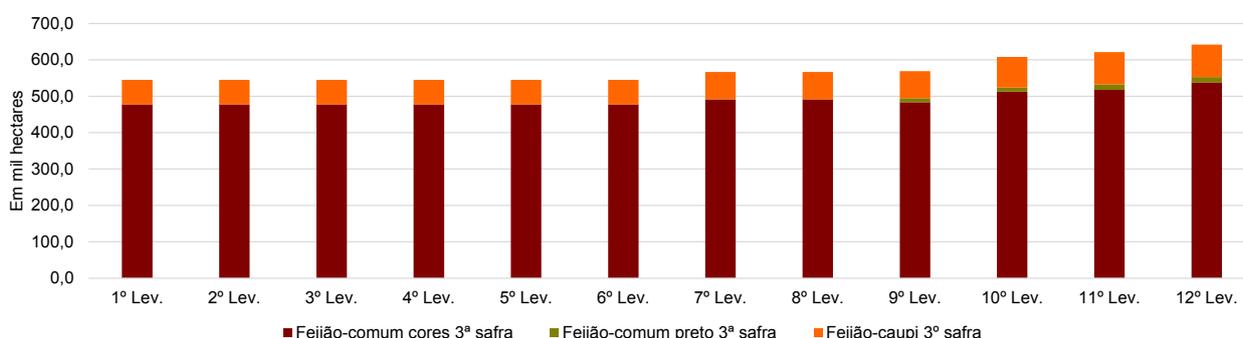
Fonte: Conab.

Gráfico 5 – Estimativa de área semeada de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Estimativa de área semeada de feijão terceira safra



Fonte: Conab.

O milho cultivado na primeira safra sempre concorre com o cultivo da soja, que tem resultado em quedas recorrentes de área cultivada. No entanto, nessa safra houve expansão das áreas para garantir o abasteci-

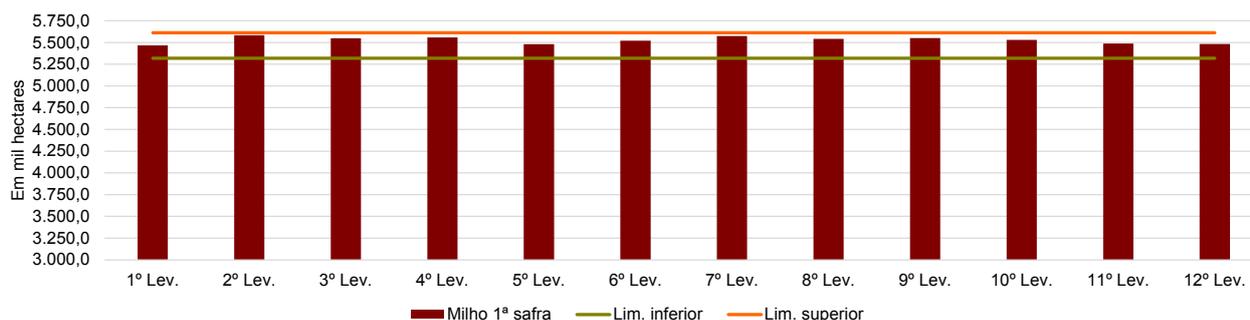
mento estadual das cadeias produtivas que possuem o milho como matéria-prima e atender a renegociação das dívidas da última safra. O milho primeira safra é plantado em diferentes épocas, nas diferentes regiões



do país. A Região Sul começa o plantio em julho, mas com picos de semeadura de agosto a outubro. As Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Norte, com exceção do Tocantins, plantam de outubro a dezembro, mas com pico em novembro. O Matopiba planta de novembro a fevereiro, com picos em dezembro e janeiro. O restante da Região Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco) semeiam a partir de janeiro,

com alta em fevereiro e março, se o regime pluviométrico permitir. Esse calendário diversificado acaba por influenciar a estimativa de área plantada, uma vez que a definição de áreas, em algumas regiões, acontece mais tardiamente. Porém, a área permanece dentro dos limites divulgados. Nessa safra a semeadura ocorreu em 5,48 milhões de hectares.

Gráfico 7 – Estimativa de área semeada de milho primeira safra

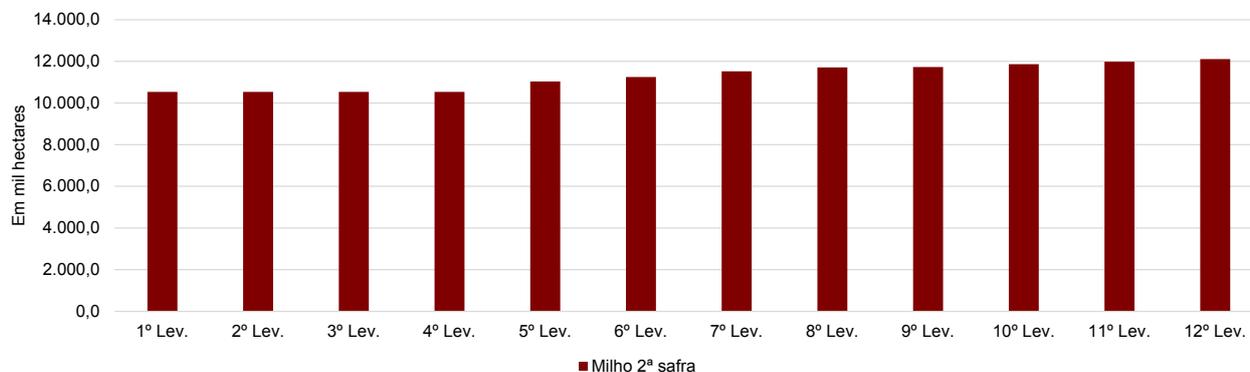


Fonte: Conab.

A segunda safra de milho teve o maior incremento absoluto nessa safra, chegando a 1,48 milhão de hectares. Semelhante ao feijão segunda safra, o milho segunda safra é semeado a partir de janeiro, após a colheita da soja. Os bons regimes pluviométricos, coincidindo

com dias de tempo aberto, propiciaram o avanço da semeadura de milho segunda safra, alcançando 12,11 milhões de hectares, correspondendo a 36% da área cultivada com soja.

Gráfico 8 – Estimativa de área semeada de milho segunda safra



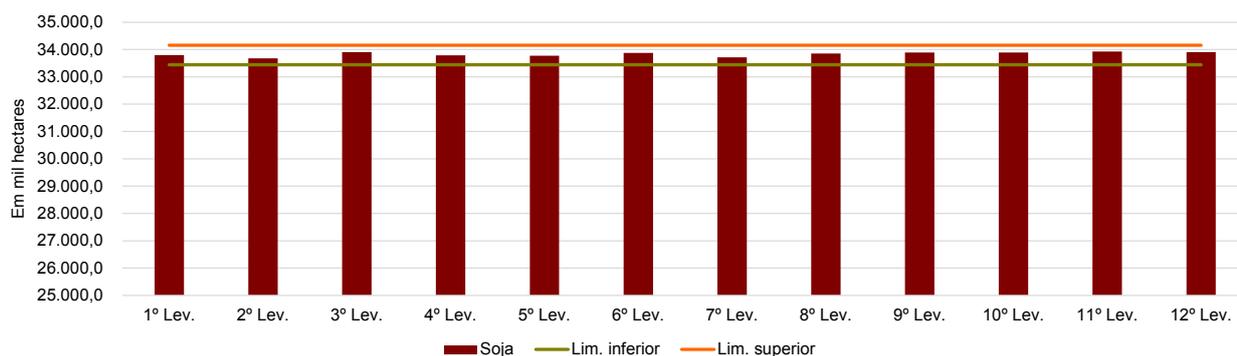
Fonte: Conab.

A destinação de áreas para cultivo da soja apresenta avanço em áreas antes cultivadas com algodão primeira safra, milho primeira safra, feijão primeira safra e arroz de sequeiro. O calendário de semeadura similar, a disponibilidade de sementes com alto desempenho agrônomo e de pacotes tecnológicos acessíveis, são alguns dos fatores técnicos que corroboram para a expansão da área plantada.

A soja tem sido a principal cultura cultivada no país e, pela sua rentabilidade, tem ocupado lugar de outras culturas, mas, principalmente, tem seu avanço sobre áreas de pastagens que têm sido reconvertida para o cultivo de grãos. A área de soja foi de 33,91 milhões de hectares, a maior área cultivada com a oleaginosa do país e equivalente a 56% da área total semeada.



Gráfico 9 – Estimativa de área semeada de soja

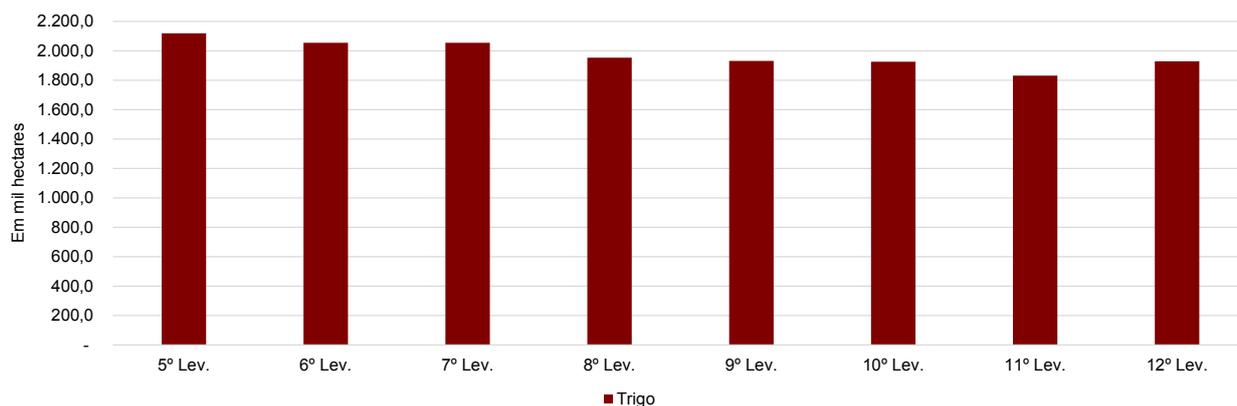


Fonte: Conab.

O trigo, devido à boa safra no ano passado, teve a sua área reduzida. Em algumas regiões a expectativa era que a redução pudesse ser ainda maior em razão das condições climáticas no início da época de semeadu-

ra. Com a melhora dessas condições e a adequada evolução da semeadura, alguns produtores, que inicialmente não cultivariam o cereal, ou o fariam em área menor, sentiram-se mais motivados.

Gráfico 10 – Estimativa de área semeada de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Ago/2017 (b)	Set/2017 (c)		
ALGODÃO	955,2	939,1	939,1	(1,7)	(16,1)
AMENDOIM TOTAL	119,6	127,3	129,3	8,1	9,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	118,3	118,3	7,3	8,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	9,0	11,0	18,3	1,7
ARROZ	2.008,0	1.982,5	1.980,9	(1,3)	(27,1)
ARROZ SEQUEIRO	607,7	526,2	524,4	(13,7)	(83,3)
ARROZ IRRIGADO	1.400,3	1.456,3	1.456,5	4,0	56,2
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	3.151,2	3.179,8	12,1	342,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.111,0	1.111,0	13,5	132,4
CARIOCA	409,9	478,2	478,2	16,7	68,3
PRETO	180,5	174,7	174,7	(3,2)	(5,8)
CAUPI	388,2	458,1	458,1	18,0	69,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.311,2	1.418,7	1.426,9	8,8	115,7
CARIOCA	404,6	431,6	430,3	6,4	25,7
PRETO	118,0	131,5	134,7	14,2	16,7
CAUPI	788,6	855,6	861,9	9,3	73,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	547,7	621,5	641,9	17,2	94,2
CARIOCA	467,8	517,8	538,3	15,1	70,5
PRETO	9,6	14,3	14,3	49,0	4,7
CAUPI	70,3	89,4	89,3	27,0	19,0
GIRASSOL	51,5	62,3	62,7	21,7	11,2
MAMONA	31,8	27,9	28,0	(11,9)	(3,8)
MILHO TOTAL	15.922,5	17.470,7	17.592,1	10,5	1.669,6
MILHO 1ª SAFRA	5.289,4	5.486,4	5.482,5	3,7	193,1
MILHO 2ª SAFRA	10.633,1	11.984,3	12.109,6	13,9	1.476,5
SOJA	33.251,9	33.925,0	33.909,4	2,0	657,5
SORGO	579,0	634,1	628,5	8,5	49,5
SUBTOTAL	55.757,0	58.320,1	58.449,8	4,8	2.692,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Ago/2017 (b)	Set/2017 (c)		
AVEIA	291,5	330,4	340,9	16,9	49,4
CANOLA	47,5	47,9	48,1	1,3	0,6
CENTEIO	2,5	3,6	3,6	44,0	1,1
CEVADA	95,6	109,1	109,2	14,2	13,6
TRIGO	2.118,4	1.830,4	1.917,1	(9,5)	(201,3)
TRITICALE	23,5	22,7	22,7	(3,4)	(0,8)
SUBTOTAL	2.579,0	2.344,1	2.441,6	(5,3)	(137,4)
BRASIL	58.336,0	60.664,2	60.891,4	4,4	2.555,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



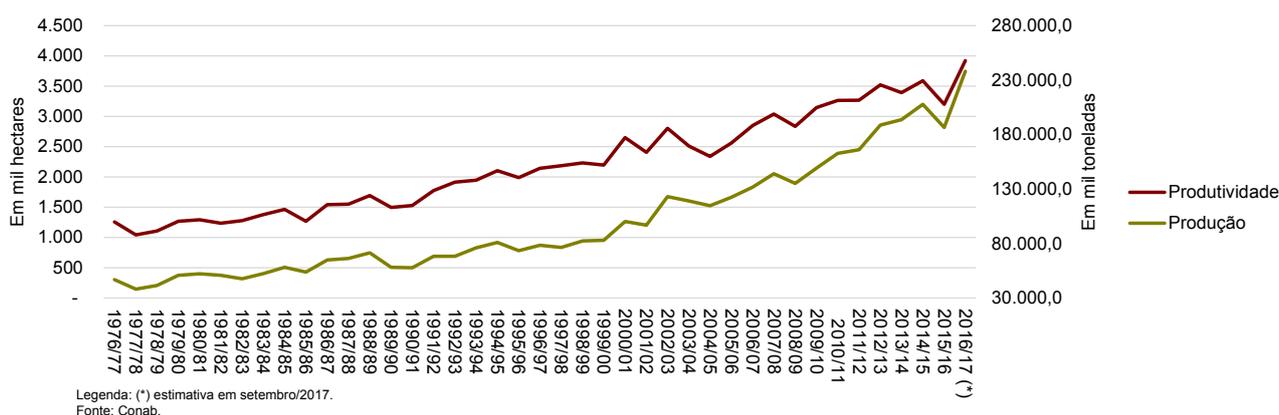


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Nessa safra, a Conab completou 40 anos de monitoramento das safras brasileiras de grãos. Nesse período, a agricultura brasileira experimentou um salto em produtividade e, como ela, influenciou na produção. É possível depreender no gráfico que a variação na produção está diretamente relacionada à variação da produtividade.

A maior utilização de tecnologia no campo, presente não só em máquinas e implementos, mas também em sementes, técnicas de cultivo e também do uso de irrigação são os motivos apontados para o aumento de produtividade nas culturas que atualmente possuem um bom pacote tecnológico, situação completamente distinta da observada na safra 1976/77. Esses fatores reunidos provocaram grande mudança nos patamares de produtividade da agricultura brasileira.

Gráfico 11 – Evolução dos níveis de produção e produtividade da safra brasileira de grãos

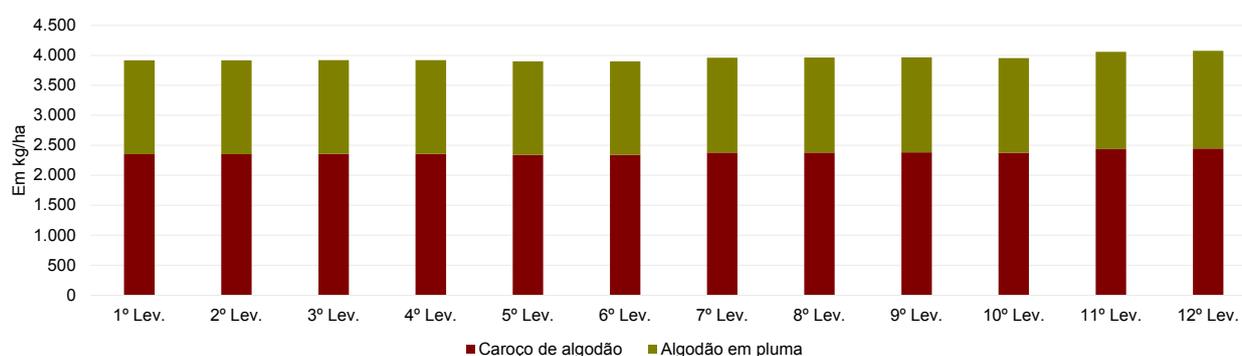


A cultura do algodão, que utiliza um dos melhores pacotes tecnológicos, aumentou sua produtividade em mais de 469%, nesses últimos 40 anos. O arroz elevou seus níveis de produtividade em 315%. Considerado como um cultivo de abertura de novas áreas, o arroz viu sua produtividade aumentar principalmente com a implementação do cultivo sob irrigação. Culturas importantes como trigo (313%) e milho (240%) também aumentaram consideravelmente seus níveis de produtividades. Apesar do clima exercer bastante influência e poder limitar os valores de produtividade

obtido, ainda existe bastante espaço para avançar com o pacote tecnológico nessas culturas e, assim, elevar os atuais patamares de produtividade.

O algodão foi favorecido por boas condições climáticas em todas as regiões produtoras. Em razão da utilização de elevado pacote tecnológico, a cultura respondeu bem às condições climáticas favoráveis. A estimativa de produtividade é de 2.447 kg/ha de caroço de algodão e 1.629 kg/ha de pluma, sendo a maior produtividade média alcançada no país.

Gráfico 12 – Estimativa de produtividade de caroço de algodão

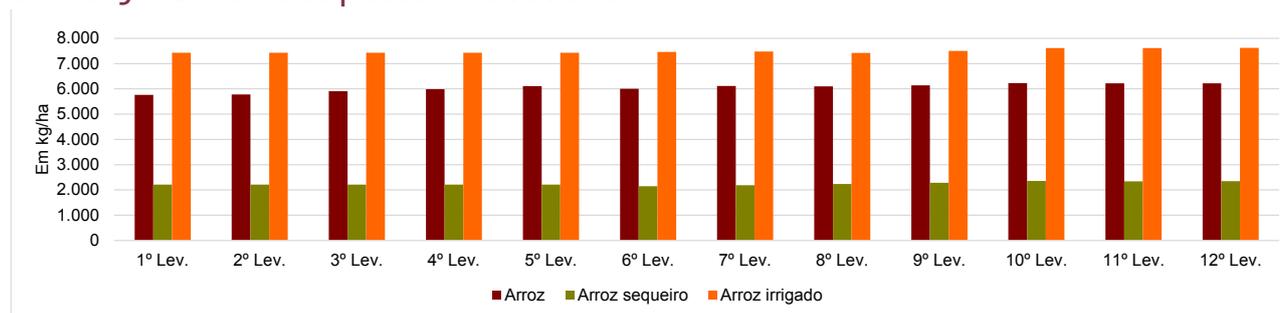


O aumento da área de plantio de arroz irrigado e queda no plantio de sequeiro são responsáveis pelo aumento da média de produtividade de arroz do Brasil, nessa safra, uma vez que o manejo irrigado alcança produtividade muito superior ao de sequeiro. Além

disso, as boas condições climáticas em todo o desenvolvimento da cultura influenciaram o aumento das estimativas de produtividade de arroz. A média se situou em 6.224 kg/ha, a maior da série histórica.



Gráfico 13 – Estimativa de produtividade de arroz

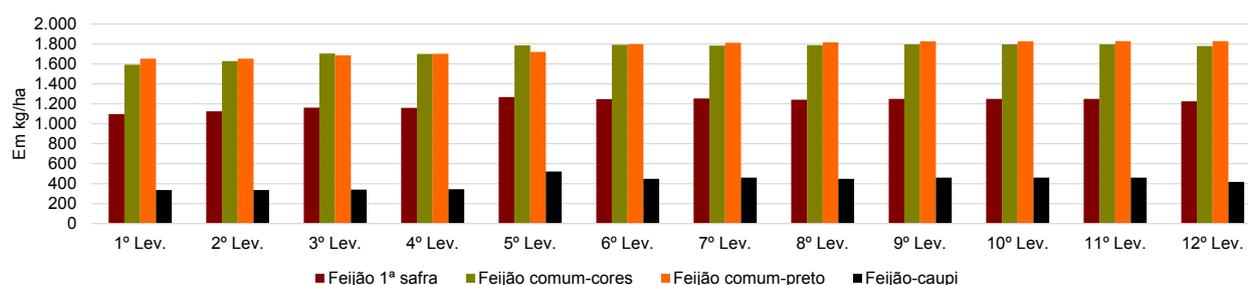


Fonte: Conab.

O feijão primeira safra é uma cultura com uso de alta tecnologia na Região Sul, com cultivo de feijão-comum cores e preto, e Centro-Oeste, com predominância do cultivo de feijão-comum cores. Na região Norte/Nordeste é predominante o cultivo de feijão-caupi, com baixa tecnologia. Minas Gerais cultiva os três tipos, com diferentes níveis tecnológicos. Em São

Paulo é a predominância de feijão-comum cores com alta tecnologia, alcançando uma das maiores produtividades do país. A recuperação no potencial produtivo em relação à outras safras e às boas condições climáticas favoreceram o aumento da produtividade para o feijão primeira safra, alcançando 1.225 kg/ha, a maior da história do país.

Gráfico 14 – Estimativa de produtividade de feijão primeira safra

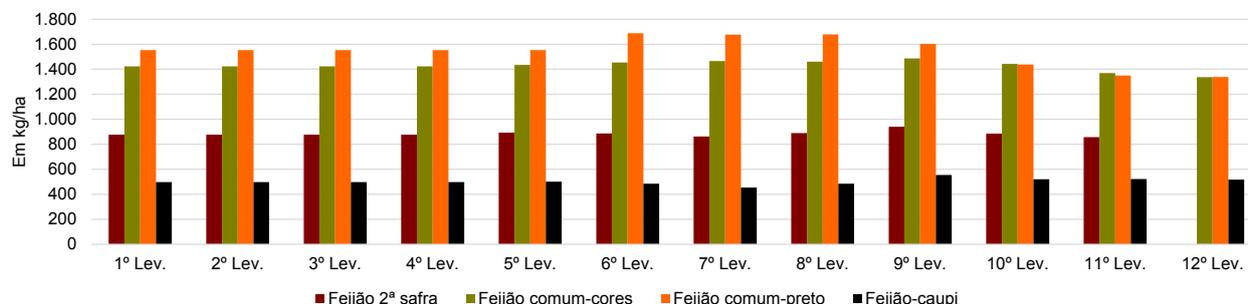


Fonte: Conab.

O feijão segunda safra teve uma boa safra em termos de produtividade. A colheita praticamente finalizada confirmou boas produtividades em todas as regiões, com exceção da Região Sul, onde o excesso de chuva

no momento da colheita reduziu a produtividade média da cultura. A média do país ficou em 842 kg/ha, a quarta maior da série histórica.

Gráfico 15 – Estimativa de produtividade de feijão segunda safra



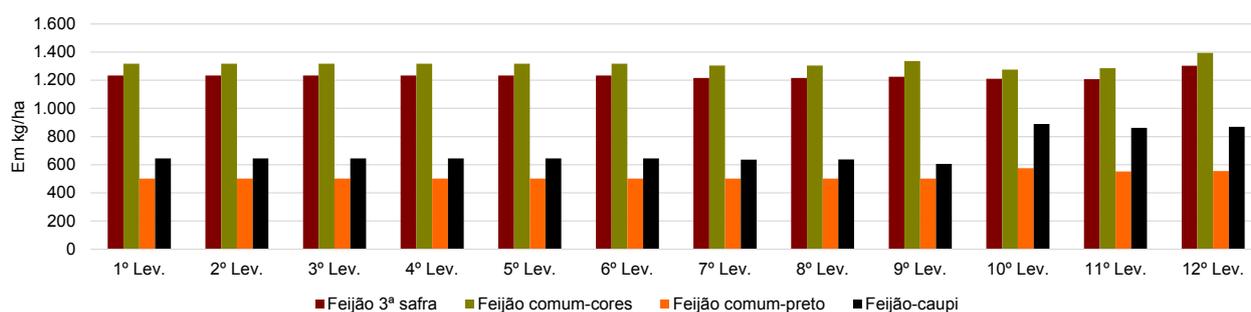
Fonte: Conab.

O feijão terceira safra normalmente possui pouca variação de produtividade entre os levantamentos porque a cultura é cultivada sob irrigação na Região Centro-Sul e, no período chuvoso, na Região Norte/

Nordeste, o que, de certa forma, garante uma boa produtividade. O resultado foi produtividade de 1.303 kg/ha.



Gráfico 16 – Estimativa de produtividade de feijão terceira safra

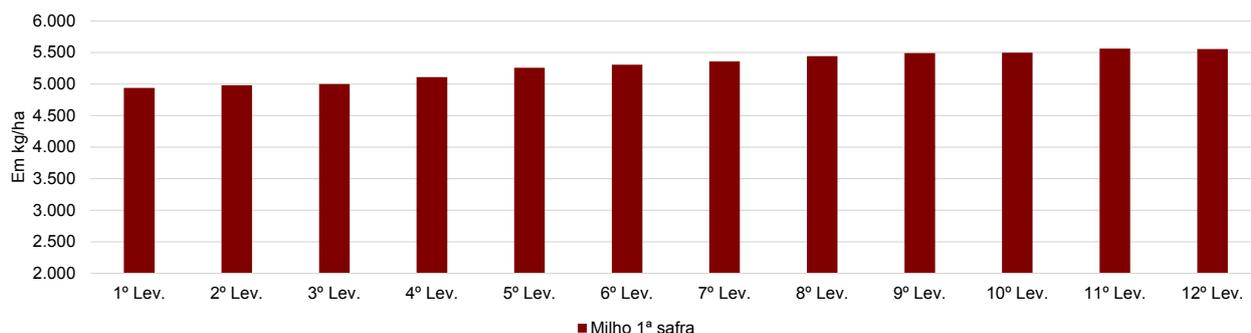


Fonte: Conab.

A quebra de produtividade de milho segunda safra no ano passado levou muitas Unidades da Federação, principalmente aquelas que possuem grande volume para consumo próprio, a investir nessa cultura na primeira safra, tanto com aumento de área, como com

melhores tratos culturais. Aliada às boas condições climáticas, nessa safra, a cultura tem apresentado bons resultados, sendo a melhor produtividade média registrada no país (5.556 kg/ha).

Gráfico 17 – Estimativa de produtividade de milho primeira safra

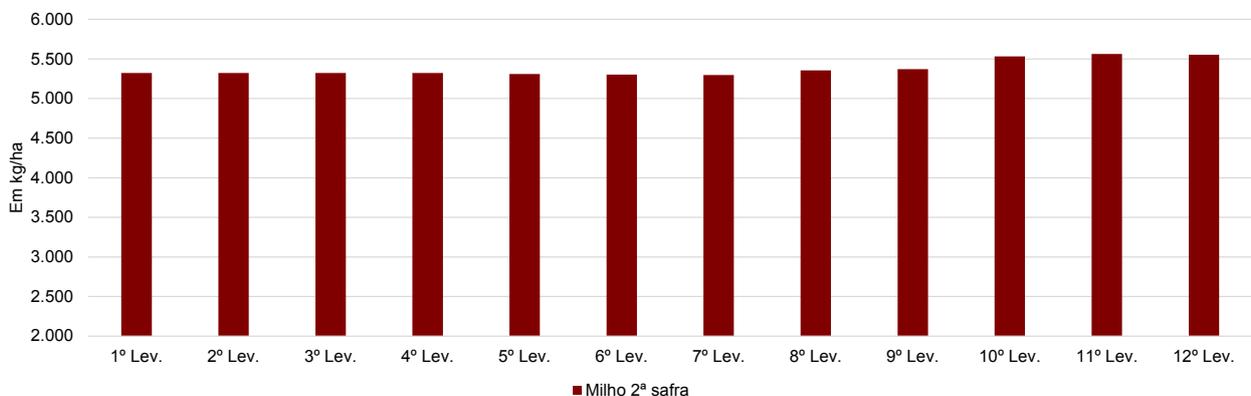


Fonte: Conab.

A expectativa para o milho segunda safra, após o baixo rendimento na última safra, não é apenas de recuperação da sua produtividade. As condições climáticas favoreceram a cultura e a produtividade alcançou

5.533 kg/ha, permanecendo como a segunda melhor da série histórica, confirmando o bom efeito das condições climáticas sobre a safra corrente.

Gráfico 18 – Estimativa de produtividade de milho segunda safra



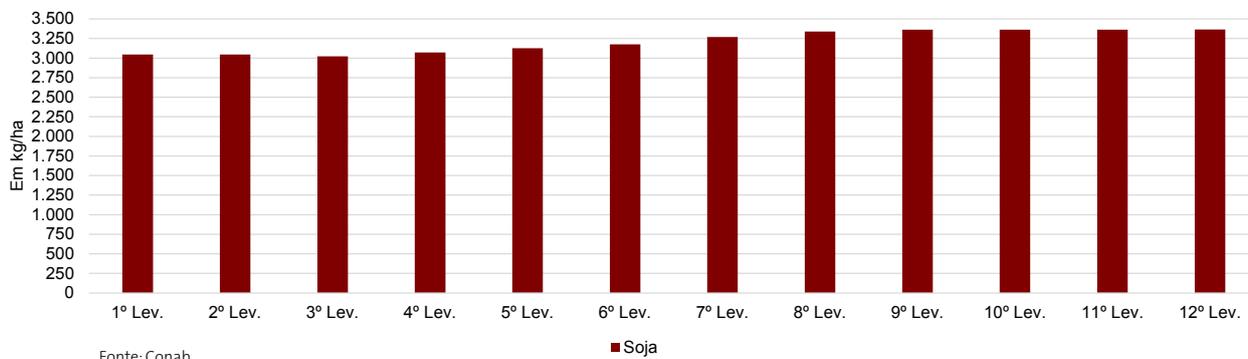
Fonte: Conab.



A soja é uma cultura em que há alto investimento por parte do produtor, tanto em equipamentos, quanto em tecnologia de sementes, adubação e defensivos agrícolas. A produtividade, favorecida pelo clima fa-

vorável, alcançou 3.364 kg/ha, recorde para o país, resultado superior em 8% à safra 2010/11. Essa safra e a atual são as únicas onde a produtividade média foi superior a 3.000 kg/ha.

Gráfico 19 – Estimativa de produtividade de milho segunda safra



A produtividade estimada para a atual safra de trigo leva em consideração o pacote tecnológico utilizado pelos produtores e a influência das condições climáticas sobre o desenvolvimento da cultura. A safra 2016 foi recorde para a cultura devido às condições climáticas que foram favoráveis ao longo de todo o ciclo, por-

tanto, as produtividades para a atual safra permanecem estimadas abaixo da safra anterior e abaixo dos últimos dois levantamentos em virtude da estiagem ocorrida no início do período sazonal e das geadas, que prejudicaram o desenvolvimento da cultura.

Gráfico 20 – Estimativa de produtividade de trigo

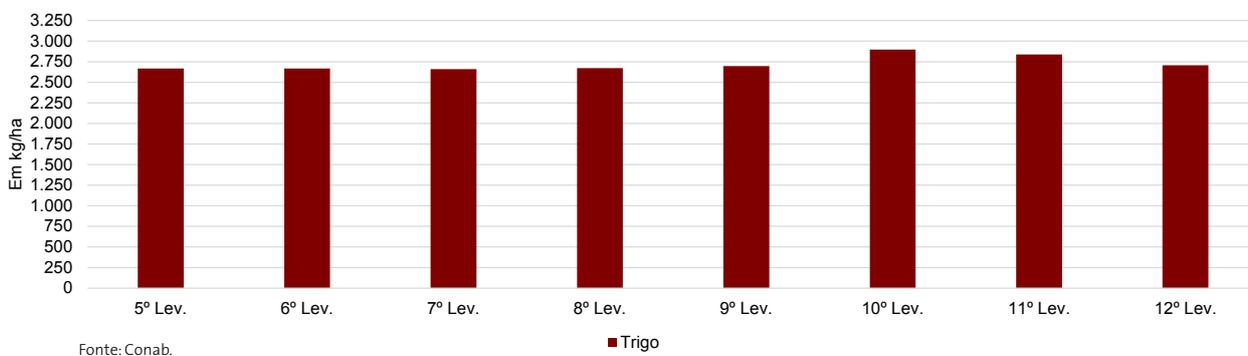


Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

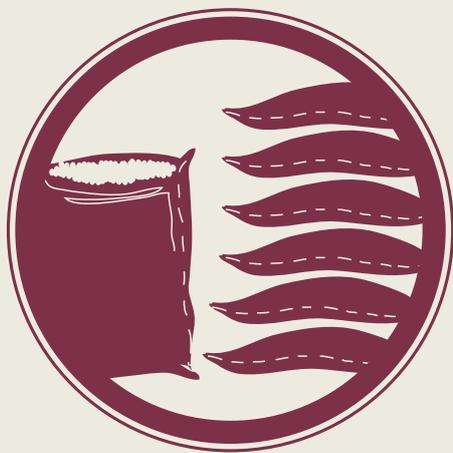
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Ago/2017 (b)	Set/2017 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.028	2.437	2.447	20,7	419
ALGODÃO EM PLUMA	1.350	1.622	1.629	20,6	279
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.625	3.606	6,2	210
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.709	3.709	5,2	185
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	2.520	2.494	33,2	621
ARROZ	5.280	6.218	6.224	17,9	943
ARROZ SEQUEIRO	2.028	2.341	2.347	15,7	319
ARROZ IRRIGADO	6.692	7.618	7.619	13,9	928
FEIJÃO TOTAL	886	1.064	1.069	20,7	183
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.250	1.225	15,9	168
CORES	1.619	1.795	1.779	9,9	160
PRETO	1.601	1.829	1.829	14,2	228
CAUPI	210	461	416	97,8	206
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	856	842	20,9	146
CORES	1.226	1.369	1.338	9,1	112
PRETO	1.494	1.350	1.338	(10,4)	(156)
CAUPI	305	522	516	69,5	212
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.034	1.207	1.303	26,0	269
CORES	969	1.285	1.395	43,9	426
PRETO	420	552	554	32,1	135
CAUPI	578	862	869	50,3	290
GIRASSOL	1.224	1.648	1.653	35,1	429
MAMONA	465	490	470	1,0	5
MILHO TOTAL	4.178	5.563	5.554	32,9	1.376
MILHO 1ª SAFRA	4.867	5.561	5.556	14,2	689
MILHO 2ª SAFRA	3.836	5.564	5.553	44,8	1.718
SOJA	2.870	3.362	3.364	17,2	494
SORGO	1.782	2.952	2.967	66,5	1.185
SUBTOTAL	3.202	3.972	3.974	24,1	772
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Ago/2017 (b)	Set/2017 (c)		
AVEIA	2.840	2.563	2.337	(17,7)	(503)
CANOLA	1.514	1.501	1.289	(14,9)	(225)
CENTEIO	2.600	2.500	2.389	(8,1)	(211)
CEVADA	3.921	3.555	3.418	(12,8)	(503)
TRIGO	3.175	2.839	2.705	(14,8)	(470)
TRITICALE	2.898	2.661	2.780	(4,1)	(118)
SUBTOTAL	3.131	2.804	2.658	(15,1)	(473)
BRASIL (2)	3.199	3.927	3.921	22,6	722

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.





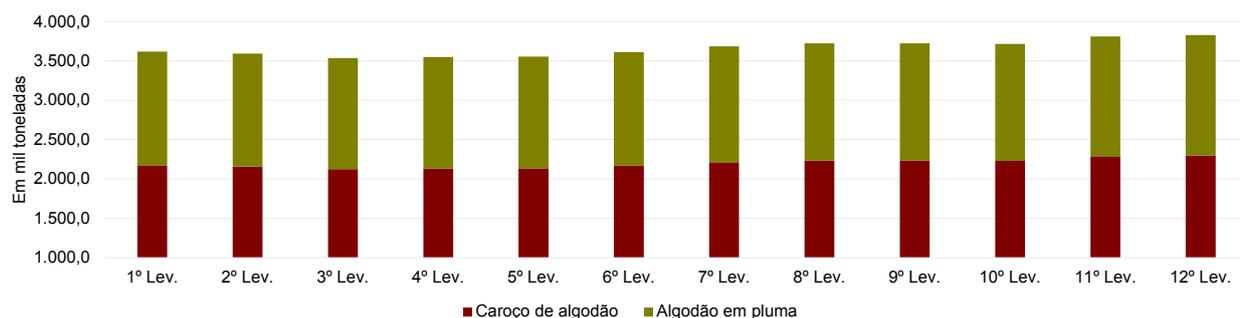
5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A produção brasileira de grãos atingiu 238,78 milhões de toneladas de grãos, aumento de 28%. Serão 52.170,6 milhões de toneladas produzidas no país. A soja alcançou 114 milhões de toneladas e o milho 97,71 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira safra (30,46 milhões de toneladas) e segunda safra (67,25 milhões de toneladas).

Já o arroz e feijão devem alcançar uma produção de 12,3 milhões de toneladas e 3,4 milhões de toneladas, respectivamente. Distribuída por safra, a produção de feijão está estimada em 1,36 milhão de toneladas na primeira safra, 1,2 milhão de toneladas na segunda safra e 836,3 mil toneladas na terceira safra. A produção de feijão-comum cores deve alcançar 2,18 milhões de toneladas, a de feijão-comum preto está estimada em 507,8 mil toneladas e a de feijão-caupi em 713,4 mil toneladas.

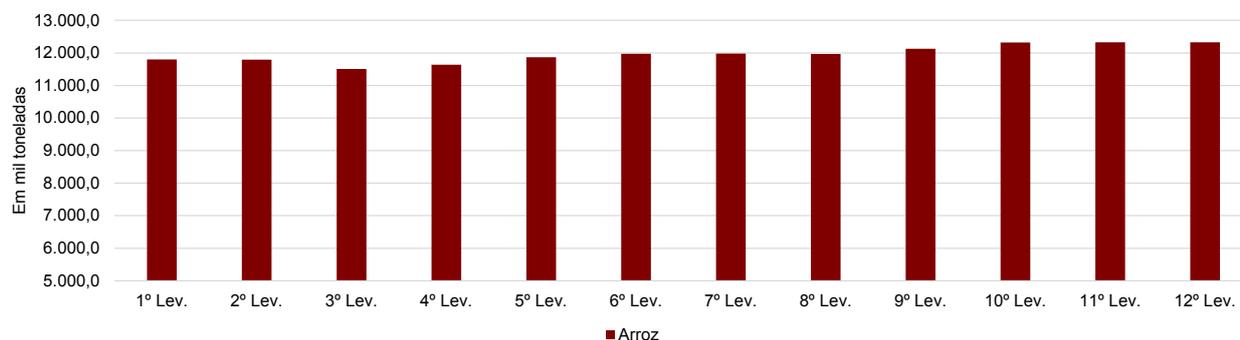
A estimativa para o trigo é que se situe abaixo da observada no ano passado devido à diminuição de área plantada e expectativa de redução da produtividade, visto que o clima foi muito favorável naquela safra. Espera-se, nessa safra, uma produção de 5.221,4 mil toneladas.

Gráfico 21 – Estimativa de produção de algodão



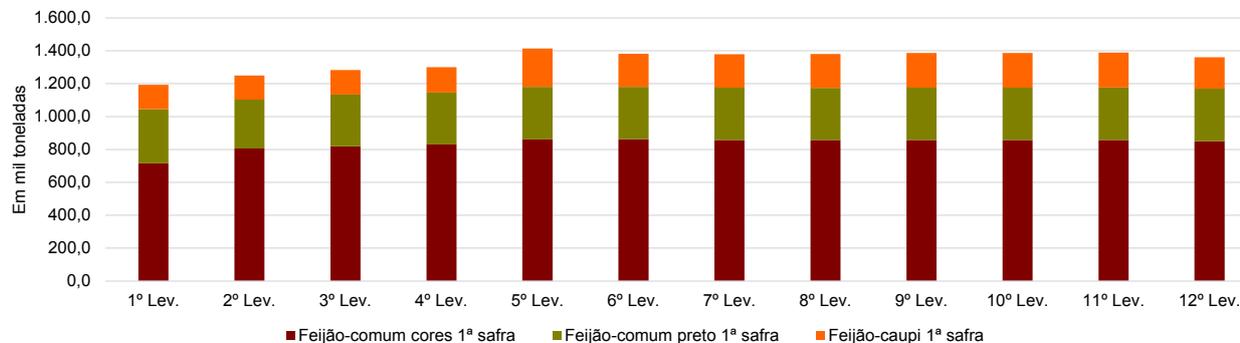
Fonte: Conab.

Gráfico 22 – Estimativa de produção de arroz



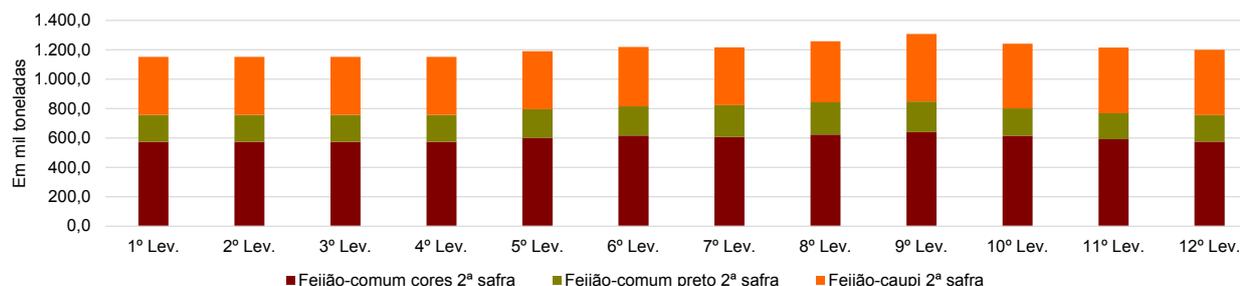
Fonte: Conab.

Gráfico 23 – Estimativa de produção de feijão primeira safra



Fonte: Conab.

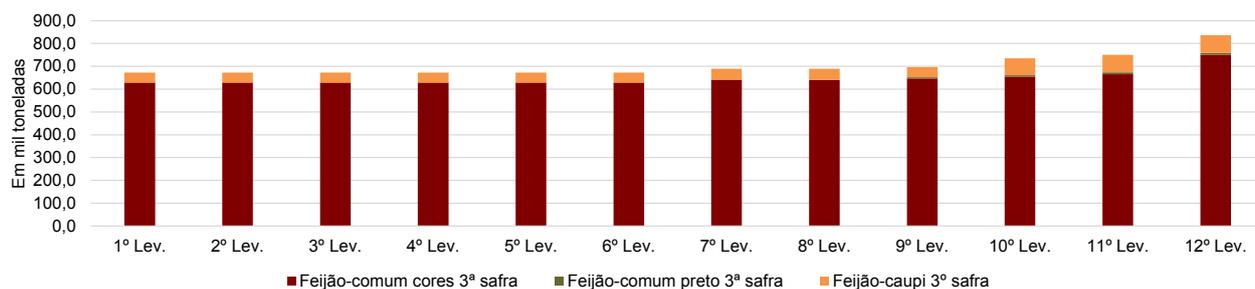
Gráfico 24 – Estimativa de produção de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

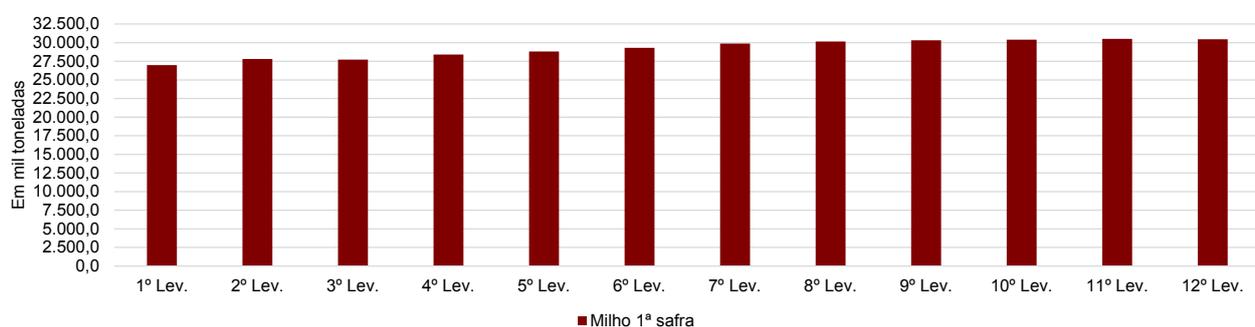


Gráfico 25 – Estimativa de produção de feijão terceira safra



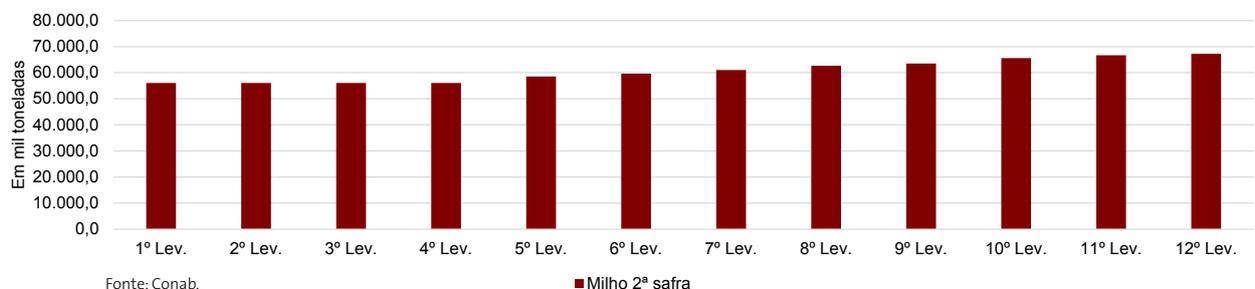
Fonte: Conab.

Gráfico 26 – Estimativa de produção de milho primeira safra



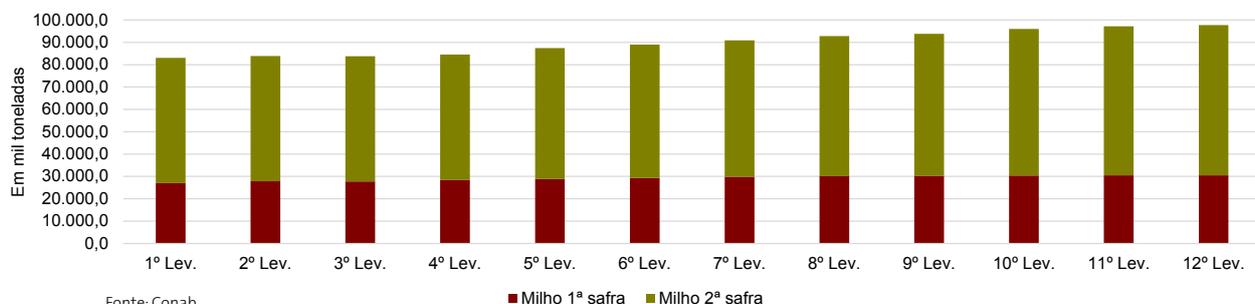
Fonte: Conab.

Gráfico 27 – Estimativa de produção de milho segunda safra



Fonte: Conab.

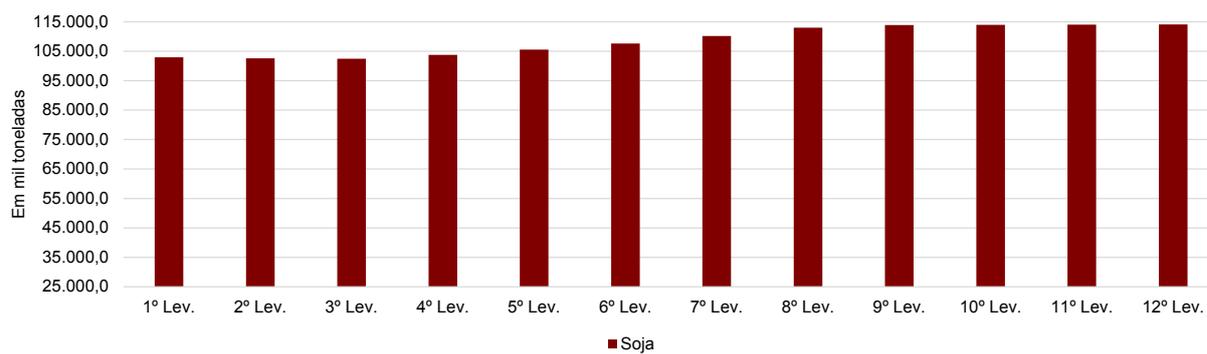
Gráfico 28 – Estimativa de produção de milho total



Fonte: Conab.

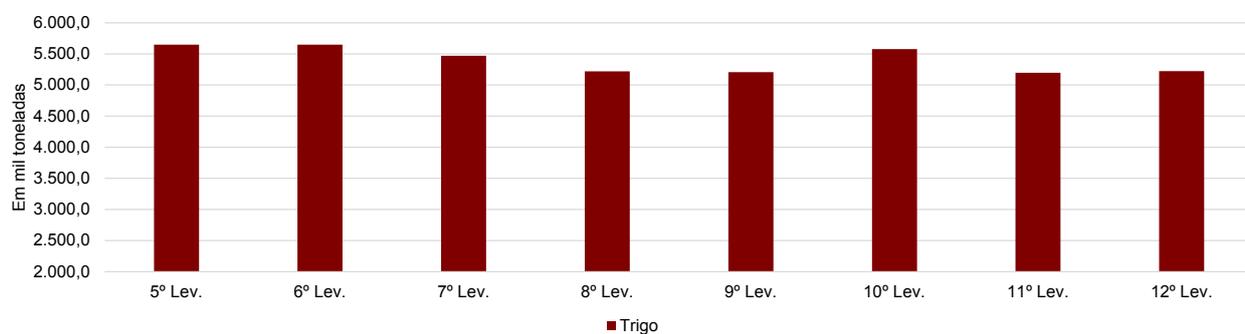


Gráfico 29 – Estimativa de produção de soja



Fonte: Conab.

Gráfico 30 – Estimativa de produção de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Ago/2017(b)	Set/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.937,1	2.288,5	2.298,3	18,6	361,2
ALGODÃO - PLUMA	1.289,2	1.523,2	1.529,5	18,6	240,3
AMENDOIM TOTAL	406,1	461,4	466,2	14,8	60,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	438,8	438,8	12,9	50,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	22,6	27,4	58,4	10,1
ARROZ	10.603,0	12.326,6	12.328,1	16,3	1.725,1
ARROZ SEQUEIRO	1.232,6	1.231,8	1.230,7	(0,2)	(1,9)
ARROZ IRRIGADO	9.370,4	11.094,8	11.097,4	18,4	1.727,0
FEIJÃO TOTAL	2.512,9	3.354,1	3.398,1	35,2	885,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,3	1.388,7	1.360,7	31,6	326,4
CARIOCA	663,5	858,2	850,4	28,2	186,9
PRETO	289,1	319,5	319,5	10,5	30,4
CAUPI	81,7	210,9	190,7	133,4	109,0
FEIJÃO 2ª SAFRA	912,6	1.215,0	1.200,9	31,6	288,3
CARIOCA	496,1	591,2	575,8	16,1	79,7
PRETO	176,3	177,4	180,2	2,2	3,9
CAUPI	240,2	446,5	445,0	85,3	204,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	566,6	750,3	836,3	47,6	269,7
CARIOCA	521,8	665,3	750,7	43,9	228,9
PRETO	4,0	7,9	7,9	97,5	3,9
CAUPI	40,7	77,1	77,6	90,7	36,9
GIRASSOL	63,1	102,8	103,7	64,3	40,6
MAMONA	14,8	13,6	13,1	(11,5)	(1,7)
MILHO TOTAL	66.530,6	97.191,3	97.712,1	46,9	31.181,5
MILHO 1ª SAFRA	25.745,5	30.508,2	30.462,0	18,3	4.716,5
MILHO 2ª SAFRA	40.785,3	66.683,1	67.250,1	64,9	26.464,8
SOJA	95.434,6	114.041,9	114.075,3	19,5	18.640,7
SORGO	1.031,5	1.871,9	1.864,8	80,8	833,3
SUBTOTAL	178.534,5	231.652,0	232.259,5	30,1	53.725,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Ago/2017(b)	Set/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	827,8	846,8	796,6	(3,8)	(31,2)
CANOLA	71,9	71,9	62,0	(13,8)	(9,9)
CENTEIO	6,5	9,0	8,6	32,3	2,1
CEVADA	374,8	387,8	373,3	(0,4)	(1,5)
TRIGO	6.726,8	5.196,2	5.185,5	(22,9)	(1.541,3)
TRITICALE	68,1	60,4	63,1	(7,3)	(5,0)
SUBTOTAL	8.075,9	6.572,1	6.489,1	(19,6)	(1.586,8)
BRASIL (2)	186.610,4	238.224,1	238.748,6	27,9	52.138,2

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.540,1	2.934,9	15,5	2.731	3.246	18,9	6.937,1	9.527,9	37,3
RR	39,9	54,8	37,3	3.900	4.215	8,1	155,6	231,0	48,5
RO	474,1	553,0	16,6	3.338	3.371	1,0	1.582,5	1.864,0	17,8
AC	52,4	46,8	(10,7)	2.065	1.976	(4,3)	108,2	92,5	(14,5)
AM	11,4	19,2	68,4	1.912	2.214	15,8	21,8	42,5	95,0
AP	4,6	23,5	410,9	891	2.498	180,3	4,1	58,7	1.331,7
PA	730,8	861,5	17,9	2.931	3.129	6,8	2.142,3	2.696,0	25,8
TO	1.226,9	1.376,1	12,2	2.382	3.302	38,6	2.922,6	4.543,2	55,5
NORDESTE	7.396,9	7.852,3	6,2	1.329	2.302	73,2	9.827,4	18.073,9	83,9
MA	1.420,1	1.565,3	10,2	1.748	3.061	75,1	2.481,7	4.790,7	93,0
PI	1.360,0	1.476,8	8,6	1.089	2.469	126,7	1.480,5	3.645,6	146,2
CE	850,3	932,0	9,6	267	591	121,2	227,3	550,4	142,1
RN	56,6	67,6	19,4	323	426	31,9	18,3	28,8	57,4
PB	173,1	179,5	3,7	191	393	105,6	33,1	70,5	113,0
PE	388,1	344,3	(11,3)	176	329	86,8	68,3	113,2	65,7
AL	61,6	80,1	30,0	722	790	9,5	44,5	63,3	42,2
SE	195,9	192,9	(1,5)	923	3.785	310,1	180,9	730,2	303,6
BA	2.891,2	3.013,8	4,2	1.831	2.681	46,4	5.292,8	8.081,2	52,7
CENTRO-OESTE	23.584,2	24.963,6	5,8	3.192	4.145	29,8	75.290,5	103.462,0	37,4
MT	14.001,5	15.119,1	8,0	3.101	4.100	32,2	43.425,3	61.986,5	42,7
MS	4.213,1	4.441,3	5,4	3.267	4.232	29,5	13.765,7	18.796,4	36,5
GO	5.213,9	5.241,5	0,5	3.366	4.173	24,0	17.549,7	21.873,1	24,6
DF	155,7	161,7	3,9	3.531	4.985	41,2	549,8	806,0	46,6
SUDESTE	5.315,5	5.486,0	3,2	3.658	4.220	15,4	19.444,4	23.152,5	19,1
MG	3.304,5	3.372,7	2,1	3.574	4.175	16,8	11.809,3	14.079,9	19,2
ES	24,4	24,0	(1,6)	2.098	2.058	(1,9)	51,2	49,4	(3,5)
RJ	4,3	4,8	11,6	1.907	1.938	1,6	8,2	9,3	13,4
SP	1.982,3	2.084,5	5,2	3.822	4.324	13,1	7.575,7	9.013,9	19,0
SUL	19.499,3	19.654,6	0,8	3.852	4.301	11,7	75.111,0	84.532,3	12,5
PR	9.686,4	9.734,9	0,5	3.700	4.243	14,7	35.842,0	41.308,4	15,3
SC	1.279,9	1.312,8	2,6	4.880	5.318	9,0	6.245,9	6.981,5	11,8
RS	8.533,0	8.606,9	0,9	3.870	4.211	8,8	33.023,1	36.242,4	9,7
NORTE/NORDESTE	9.937,0	10.787,2	8,6	1.687	2.559	51,7	16.764,5	27.601,8	64,6
CENTRO-SUL	48.399,0	50.104,2	3,5	3.509	4.214	20,1	169.845,9	211.146,8	24,3
BRASIL	58.336,0	60.891,4	4,4	3.199	3.921	22,6	186.610,4	238.748,6	27,9

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroto de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em agosto/2017.



40 ANOS DE ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS

Informação é uma ferramenta que gera movimento à economia global e é considerada o principal elemento de produção das sociedades desenvolvidas. Nesse sentido, a fonte de renda e o poder não é mais representada por moedas, mas pela quantidade de informação acumulada, organizada e transformada em valor. É considerada a quinta necessidade do homem, precedida por ar, água, alimentação e abrigo. Inclui-se entre os recursos básicos da sociedade, juntamente com materiais, alimentos, energia, espaço vital e mão de obra (*).

Os desafios da agricultura, do abastecimento e da segurança alimentar exigem o desenvolvimento da inteligência nas organizações que lidam com os problemas desses segmentos e que envolvem aspectos políticos, ambientais, econômicos e sociais. As informações e o conhecimento disponibilizados contribuem para o desenvolvimento da sociedade e são essenciais para a formulação de políticas públicas, para a regulação da oferta de alimentos e à organização da comercialização agrícola, além de oferecer meios para a garantia de renda do produtor. Para atender ao seu público alvo e à sociedade, a Conab elabora e disponibiliza sistematicamente informações da agropecuária e do abastecimento, análise de mercado e conjunturas agrícolas, com a finalidade de subsidiar a tomada de decisão governamental com vistas à garantia de abastecimento, à sustentação de renda e à competitividade.

A preocupação das diversas organizações e instituições internacionais com a qualificação das informações e dos conhecimentos na área da agricultura, exige dos governos o fortalecimento das instituições responsáveis por essas atividades, nas quais se insere a Conab.

A Conab, pelas suas atribuições e competências, é parte integrante dos esforços para contribuir com a maior segurança alimentar e nutricional e reduzir a volatilidade dos preços dos alimentos. O acervo de informações e conhecimento na área agrícola e o seu processo de divulgação têm sido ao longo desses quarenta anos uma experiência exitosa. Nesse período, a empresa vem compartilhando sua experiência na área da gestão da informação, do conhecimento agrícola, na área da segurança alimentar e nutricional, de maneira a disseminar o processo e contribuir com o desenvolvimento de políticas públicas, a regulação da

oferta de alimentos e a organização da comercialização agrícola, além de oferecer meios para a garantia de renda ao produtor rural.

A inteligência da informação é, portanto, a atribuição que mais justifica a existência da Conab, ao ser usada para promover o abastecimento alimentar após a repercussão das informações sistematicamente liberadas ao público, obtidas junto à cadeia de informantes distribuídos pelo país. Os esforços realizados nessa direção, ocorridos nesses anos, tais como: estabelecimento de parcerias com universidades, instituições de pesquisas, agregação de modernas tecnologias, destacando o geoprocessamento, têm recebido como contrapartida uma crescente demanda de órgãos que buscam a instituição, propondo parcerias para que sejam realizadas avaliações de safras dos mais diversos produtos, ansiosos pela credibilidade que será dada para a necessária gestão dos produtos de seus interesses, como foi o caso recente dos segmentos de café, cana-de-açúcar, cacau, óleo de palma, laranja e sisal.

Adicionalmente, a qualidade alcançada pela Conab na produção da informação e sua tempestiva divulgação para o mercado, tem uma ação direta no balizamento dos preços e suas implicações de natureza inflacionárias, na medida em que dilui sua volatilidade, distribuindo, assim, mais benefícios à sociedade. Essa busca pela qualidade na informação, reforça, inclusive, uma das recentes solicitações realizadas pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), para que os países membros, particularmente os mais importantes no cenário agrícola mundial, uniformizem seus procedimentos na avaliação das suas safras, a fim de que desapareçam as fortes discrepâncias nas suas estatísticas de produção, sugerindo a criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e políticas de abastecimento seguras, fundamentais para reduzir a fome no planeta.

A Conab, como instituição pública de pesquisa dos temas ligados à agricultura, tem buscado aprimorar as ferramentas utilizadas nessa busca, através do estabelecimento de parcerias com entidades que são referências, oferecendo à sociedade informações imparciais e de qualidade. Nesses 40 anos de produção de informação relevante para a agricultura, a Conab tem buscado realizar o trabalho com profissionalismo, prudência e isenção, por saber que isso reflete na credibilidade da Companhia perante o mercado interno e externo.

(*) OCTAVIANO, V. L. C., REY, C. M., SILVA, K. C. da. A informação na atividade técnico-científica: em enfoque pós-moderno. Campinas, Transinformação, v. 11, n. 2, p. 173-184, maio.





6. CRÉDITO RURAL

A Conab divulga nesse levantamento informações relevantes a respeito do comportamento da safra de verão 2016/17. Neste espaço, a intenção é oferecer, de um lado, informações resumidas a respeito de fatos relacionados com o processo de financiamento de custeio da safra 16/17 e, de outro, registrar a utilização do crédito para as principais culturas que ainda estão em desenvolvimento e colheita e no início de plantio da próxima safra.

As informações ora disponibilizadas podem contribuir para a compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. Na parte relacionada com o crédito rural da safra 2016/17, as informações têm a intenção de oferecer conhecimento resumido das práticas dos agentes envolvidos com o financiamento da produção (produtores, instituições financeiras, cooperativas, empresas, indústria, revendas de insumos e outros).

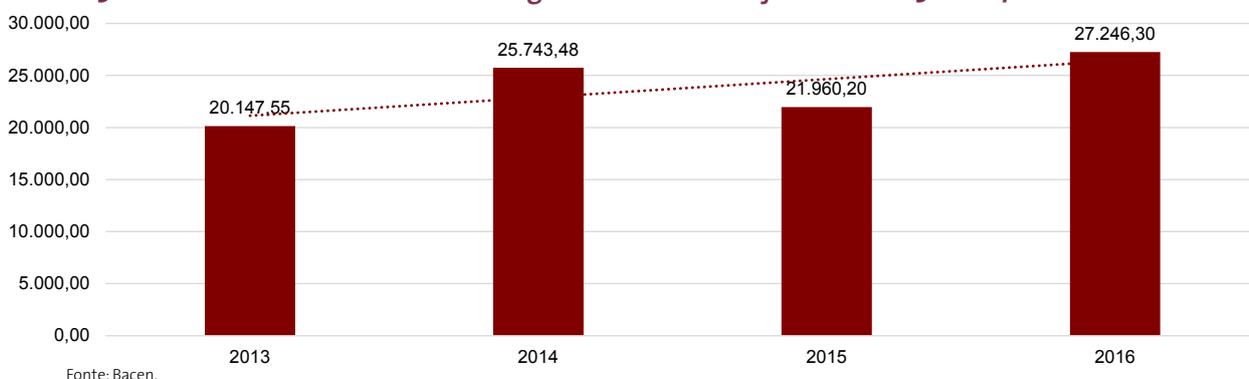
Na parte seguinte, a análise tem como fonte o crédito de custeio liberado pelas instituições financeiras no presente exercício, com foco em janeiro a julho dos anos de 2013 a 2017. As informações de custeio foram obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) e do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 8 de agosto de 2017, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico.

6.1. CONSOLIDAÇÃO RESUMIDA DAS INFORMAÇÕES ACERCA DO CRÉDITO RURAL

Considerando as informações nos anos de 2013 a 2016 pode-se inferir que o uso do financiamento oficial para safra 2016/17 foi superior aos anos anteriores (Gráfico

31), o que contribuiu para o processo produtivo. Em que pese a participação efetiva do crédito nos re-

Gráfico 31 – Financiamento – Todos os Programas– Janeiro a julho de 2013 a 2017



sultados da safra atual, de acordo com as informações obtidas pela Conab, pode-se observar que os reflexos da frustração da colheita da safra anterior, aliada aos problemas climáticos da região nordestina, geraram maiores exigências na obtenção do financiamento pelos produtores. Dada à situação, em algumas localidades, o produtor buscou outras fontes de financiamento (totais ou complementares) para o seu plantio, com juros diferenciados do crédito oficial.

No texto abaixo, a intenção é oferecer a síntese da situação do comportamento do produtor e do agente financiador nas regiões referentes ao uso do crédito rural na safra 2016/17.

Na Região Norte, pode-se observar que o crédito de custeio tem diversas fontes de financiamentos e as exigências bancárias fizeram parte do processo de liberação do crédito. No Acre, cada agente financeiro estabeleceu suas exigências como parte de critérios na liberação do crédito. O plantio de arroz, feijão e milho é realizado, em sua maioria, com recursos próprios dos pequenos produtores. No Amazonas, os produtores de arroz, milho e feijão, na sua grande maioria, não utilizam de crédito rural para o plantio.

Em Roraima, o atraso nos processos de titulação de terras impediu o acesso ao crédito de alguns produtores. Em Rondônia, a ação de financiamento das lavouras pelos agentes financeiros e de terceiros ocorrem nas grandes áreas de plantio. Em Tocantins, o acesso ao crédito bancário teve maior exigência em garantias, o que gerou maior participação de financiamentos de terceiros no custeio.

Na Região Centro-Oeste, a não existência de pen-

dências relativas a dívidas passadas, adimplência e capacidade de pagamento, principalmente, fizeram parte das exigências para a obtenção de crédito. No Distrito Federal e no Goiás, o uso do crédito ocorreu dentro das necessidades e a demanda foi atendida, sem problemas relevantes. No Mato Grosso, o acesso ao crédito foi dificultado em razão da exigência de maiores garantias pelos bancos e pelas outras fontes de financiamento, principalmente pelos problemas enfrentados na safra anterior.

Em Mato Grosso do Sul, houve facilidade de financiamento; observada, por vezes, liberação mais ágil que nas safras anteriores. Pode-se perceber limitação de crédito para cada produtor e também de exigências relacionadas com o meio ambiente. Nesse estado a participação dos bancos e instituições de crédito atingiu 45% no financiamento da safra, enquanto que fornecedores de insumos e cooperativas participam com 34% do crédito. O restante tem o financiamento com recursos próprios.

No Sudeste, o grau de risco das operações foi variável para maiores exigências por parte dos agentes financiadores. De modo geral, em Minas Gerais e São Paulo, as operações de financiamento de custeio foram liberadas dentro do previsto, obedecendo o limite de crédito de cada produtor, os aspectos relacionados com as restrições cadastrais e as garantias quanto à efetiva capacidade de pagamento.

Em São Paulo, percebeu-se a prática intensiva de uso de troca de insumos e apoio de assistência técnica e pagamento com o produto no final da colheita, principalmente nas áreas de abrangência de cooperativas.



A prática de troca com pagamento com produto colhido foi também observada com as revendas de insumos. Em Minas Gerais, observou-se outras opções de crédito oferecidas aos produtores tais como: cooperativas, contrato de vendas futuras, negociação direta com fornecedores de máquinas, implementos e insumos, além de investimentos com recursos próprios.

Na Região Nordeste, os problemas climáticos afetaram boa parte da região, fato que reduziu a capacidade de pagamento dos produtores e, como consequência, a redução do uso do crédito de custeio de agentes financeiros. Em Alagoas, as lavouras de subsistência (milho e feijão), no geral, não foram contempladas pelo financiamento. As hipóteses prováveis podem ser o endividamento, a baixa tecnologia e a falta de zoneamento que aumentam os riscos e as incertezas para maiores investimentos. Nessa Unidade da Federação, para a silagem de milho, percebe-se maior apoio dos agentes financeiros.

O perfil dos produtores, a inadimplência, a questão relacionada com área sem zoneamento agroclimático e o excesso de burocracia motivaram baixa procura de crédito na Bahia. Todavia, para a região centro-sul do estado, a liberação do crédito ficou dentro da normalidade. Estima-se que o crédito utilizado na safra tem a participação de 40% das instituições financeiras, 10% de fornecedores de insumos e 50% de recursos próprios.

No Ceará, a oferta de crédito de custeio foi insignificante na maioria dos municípios devido ao alto índice de inadimplência e aos sucessivos anos de seca, o que aumentou as garantias exigidas pelo setor bancário. No Maranhão, a inadimplência foi fator crítico para a utilização de crédito de custeio. Tal situação fortaleceu o processo de permuta entre o produtor e terceiros. Nesse estado, a agricultura familiar utiliza de recursos próprios e, quando possível, utiliza o Pronaf como fonte de crédito. Por outro lado, os grandes produtores podem utilizar de diversas fontes de financiamento. Estima-se a participação de 78% das tradings, 20% dos agentes de crédito e 2% de recursos próprios no financiamento da agricultura no estado.

A adversidade climática que impactou a safra 2015/16 refletiu no aumento da inadimplência, também, no Piauí. Houve aumento na participação dos bancos e de terceiros em relação aos anos anteriores. Apesar disso, a liberação do crédito ocorreu em tempo hábil. Vale ressaltar que a redução do uso de recursos próprios no custeio da safra pode ser explicada pela descapitalização dos produtores a partir da frustração da safra anterior.

Na Paraíba, principalmente em razão da seca dos últimos anos, a atividade agrícola acumulou prejuízos que impactaram na capacidade de pagamento, inviabilizando a concessão de financiamento. Não houve contratação de custeio para as culturas de sequeiro de algodão, arroz, milho, feijão e sorgo.

Em Pernambuco, a inadimplência foi fator crítico para baixa utilização do custeio para a produção de grãos de sequeiro. A produção de grãos no estado é predominantemente oriunda de pequenos produtores familiares que adotam sistema de cultivo de subsistência. Considerando o baixo retorno financeiro e a elevada taxa de inadimplência, o risco financeiro foi o fator crítico para as instituições financeiras direcionarem baixa oferta de crédito de custeio nesse segmento.

No Rio Grande do Norte, além da situação gravosa da seca, não é tradição o uso de crédito para produtos de sequeiro (algodão, arroz vermelho, feijão, milho e sorgo) em face da destinação para autoconsumo e subsistência. O usual é que os mini e pequenos produtores sejam apoiados pelas prefeituras locais e governo estadual.

Em Sergipe, o endividamento de muitos produtores em razão de problemas climáticos na safra anterior reduziu o uso do custeio com efeito nos investimentos em insumos de melhor qualidade.

Na Região Sul, as principais dificuldades dos produtores paranaenses podem ser resumidas na burocratização da regularização fundiária e em nível de endividamento pessoal que gerou restrição cadastral. A maior parte dos produtores financiam seu plantio junto às instituições oficiais e às cooperativas e revendas de insumos.

No Rio Grande do Sul, pode-se observar que os problemas causados pela frustração da safra 2015/16, em termos de volume e preços, aumentaram a restrição ao acesso ao crédito. O financiamento é realizado por agentes financeiros, indústria de beneficiamento e de insumos. No caso do arroz os recursos de crédito oficial representam pouco mais de 30% da área total.

Em Santa Catarina, o crédito de custeio para o plantio de arroz e milho ocorreu dentro da normalidade. Para a soja, principalmente pela existência de pendências por dívidas anteriores, houve dificuldades na liberação de recursos por parte dos bancos. Observa-se que a modalidade de financiamento por terceiros aumentou nessa safra, mas há, também, restrições para liberação de crédito nessa modalidade.

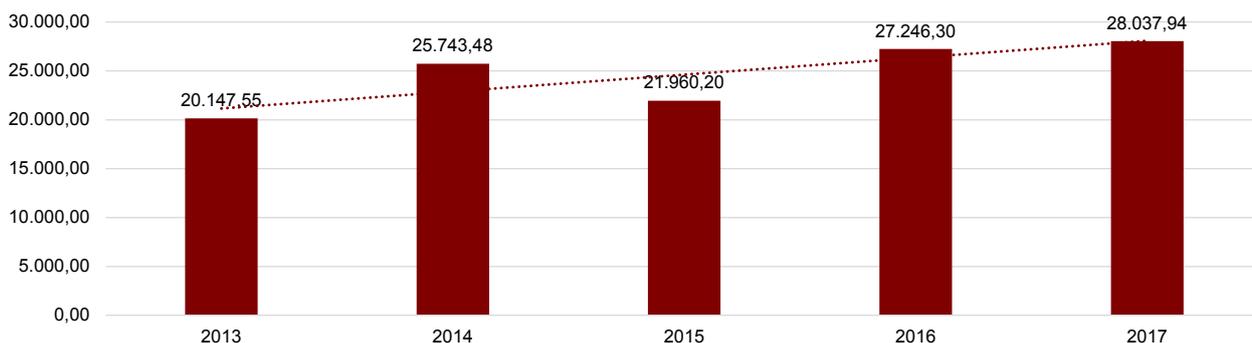


6.2. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SICOR E DO BACEN

Após a explanação acerca da utilização e disponibilização do crédito para o custeio nas distintas Unidades da Federação, abordar-se-á os valores aportados, de forma agregada, para as regiões brasileiras e para as principais culturas de grãos presentes nos levantamentos da Conab, para os períodos de janeiro a julho dos anos 2013 a 2017.

O Gráfico 32 demonstra que a utilização do crédito de custeio no período supracitado tem melhor desempenho do que nos anos anteriores, com destaque para o crescimento relativo apresentado pelos valores aportados via Pronaf (17,8%) e no Financiamento Sem Vínculo Específico (5,8%).

Gráfico 32 – Financiamento – Todos os programas– Janeiro a julho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

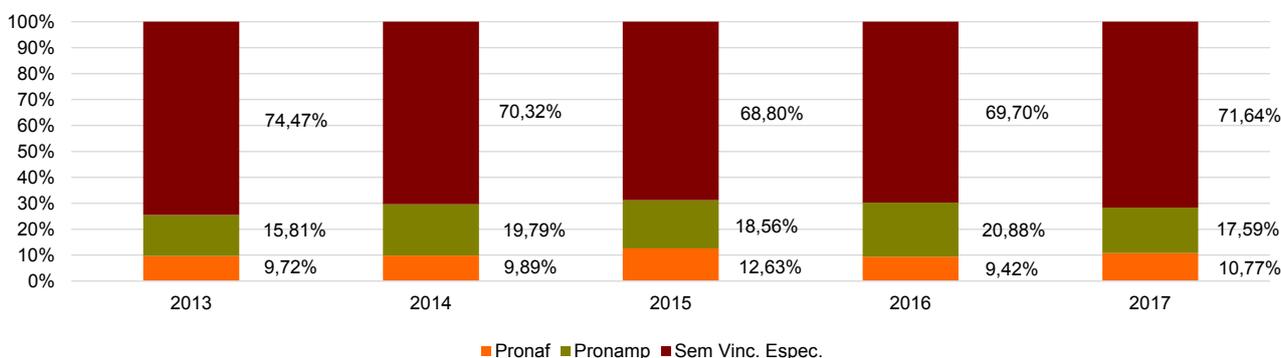
Comparando o período entre janeiro e julho de 2016 e 2017, no Pronaf, destaca-se o crescimento na utilização de crédito para o arroz (52,00%), o feijão (67,09%), a soja (66,80%) e o conjunto aveia/canola/cevada (58,26%).

(4,52%), feijão (24,53%), soja (5,83%) e para o conjunto aveia/canola/cevada (33,12%). No Pronamp, o aumento é observado no custeio de algodão (39,90%) e feijão (12,12%).

No Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico, destaca-se o crescimento no custeio de arroz

A situação relatada acima explica a participação percentual dos programas observados no Gráfico 33.

Gráfico 33 – Tipo de financiamento – Participação programas– Janeiro a julho de 2013 a 2017



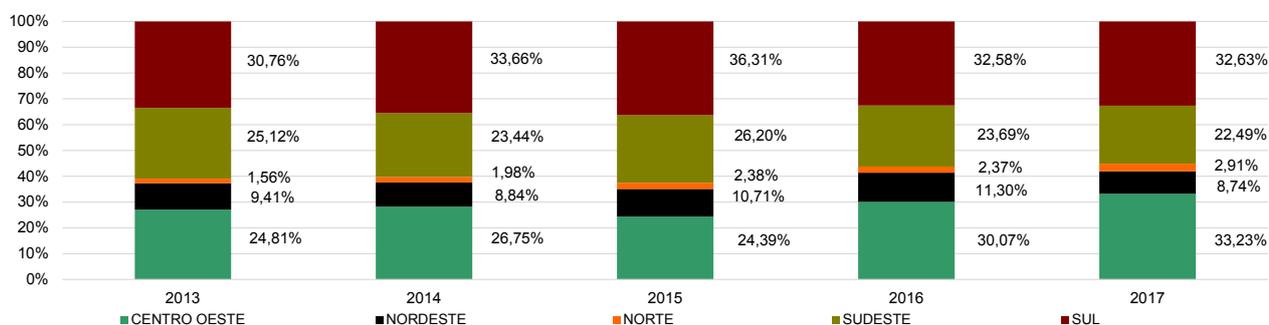
Fonte: Bacen.



O Gráfico 34 demonstra a participação na utilização do crédito por região geográfica, o que é compatível com o processo produtivo. O comportamento dos

aportes em cada região apresenta decréscimo nas regiões Nordeste e Sudeste e incremento nas regiões Norte (28,08%), Centro-Oeste (15,37%) e Sul (4,53%).

Gráfico 34 – Participação por região – Janeiro a julho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

As seguintes análises serão particularizadas para os produtos arroz, algodão, feijão, milho, soja, trigo e para o grupo agregado de aveia, canola e cevada; tendo

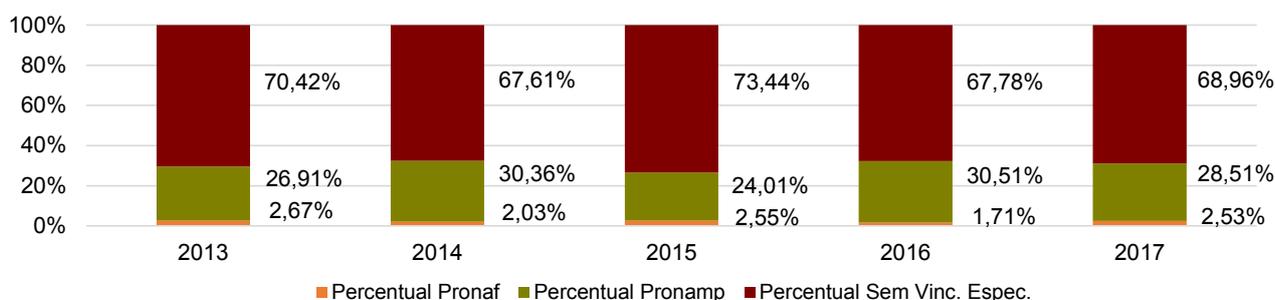
como fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, para os anos de 2013 a 2017

6.3. A CULTURA DO ARROZ

Observa-se nas informações do levantamento de safra divulgado pela Conab que a área do arroz de sequeiro tem sofrido redução relevante em relação à safra anterior (13,4%), seja pela baixa utilização do arroz para abertura de área de produção, seja pela migração

para outras culturas mais rentáveis. Por outro lado, percebe-se o aumento de área do arroz irrigado. Essa situação pode explicar o comportamento na utilização do crédito destacado no Gráfico 35.

Gráfico 35 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a julho de 2013 a 2017



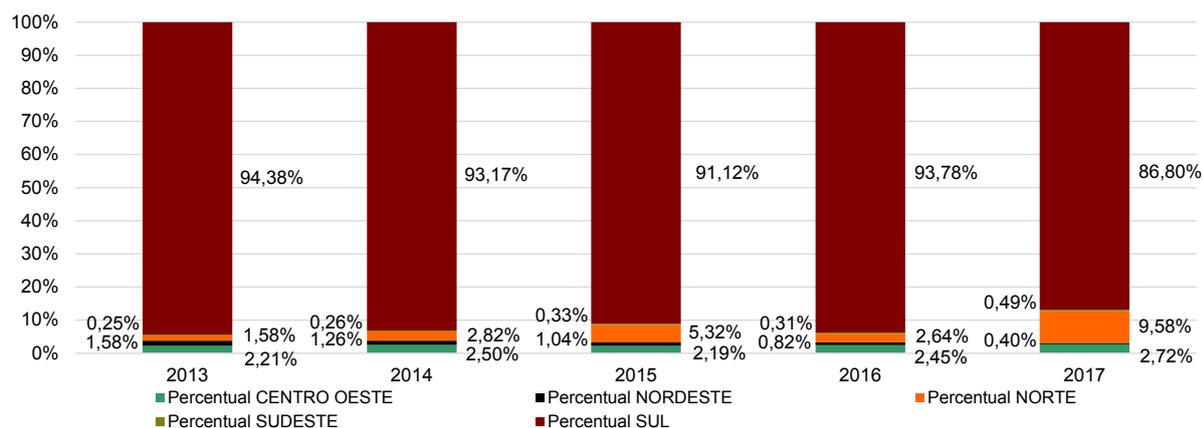
Fonte: Bacen.

A Região Sul concentra os recursos do crédito para essa cultura com 86,80% (Gráfico 36). Tal situação espelha a importância dessa região na produção de

arroz no Brasil, com aproximadamente 64% da área plantada e 81% da produção brasileira (safra 2016/17).



Gráfico 36 – Arroz - Participação por região - Janeiro a julho de 2013 a 2017



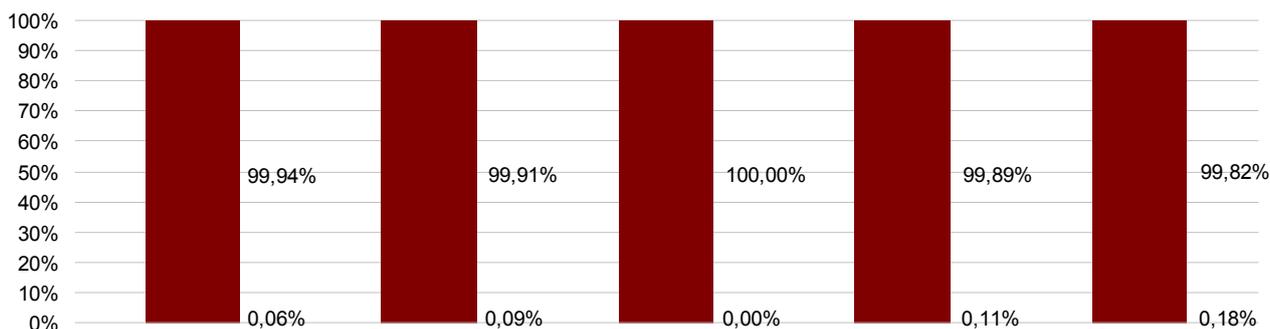
Fonte: Bacen.

6.4. A CULTURA DO ALGODÃO

A concentração do crédito no Financiamento Sem Vínculo Específico a Programa (Gráfico 37) é explicada

pela característica do sistema de plantio que exige altos investimentos.

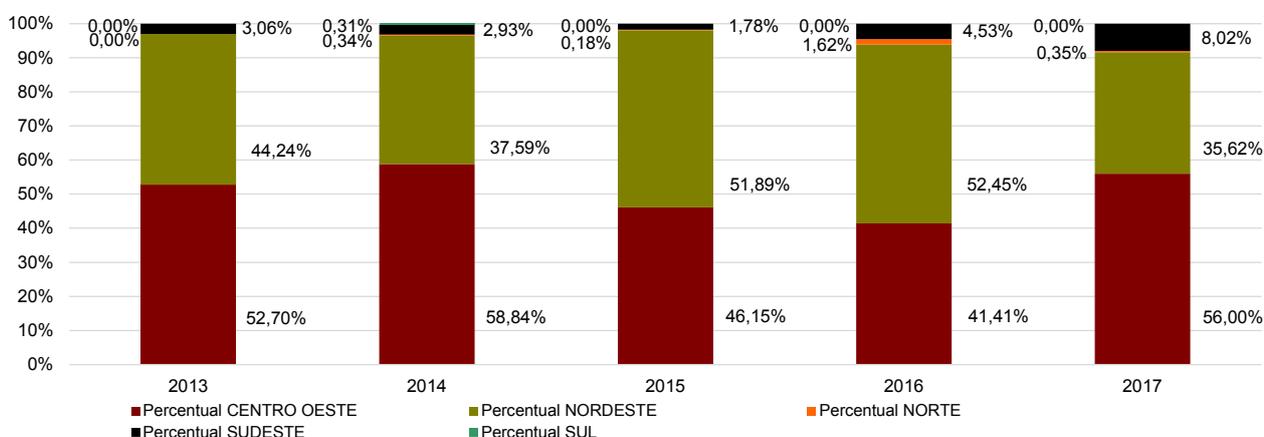
Gráfico 37 - Algodão – Tipo de financiamento – Participação por programa janeiro a julho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste são as principais regiões produtoras, o que explica as informações do Gráfico 38.

Gráfico 38 – Algodão – Participação por região - Janeiro a julho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

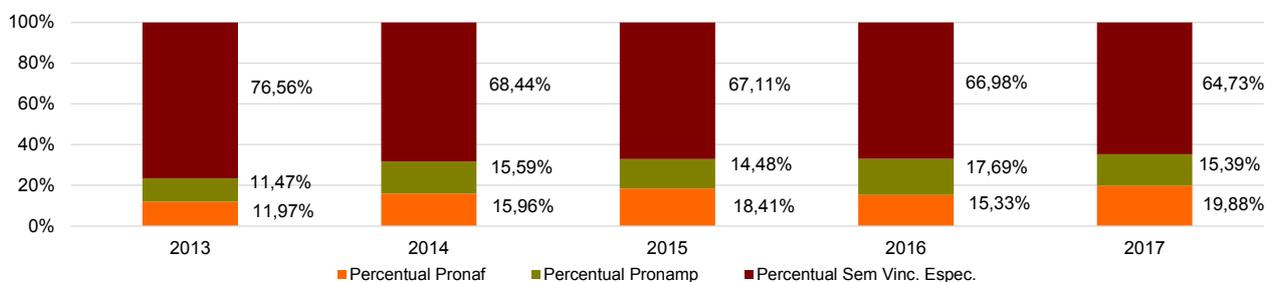


6.5. A CULTURA DO FEIJÃO

Pelo que consta no Gráfico 39, percebe-se que a participação do Pronaf tem o maior crescimento relativo (67%) e em termos absolutos, é o maior valor da série em análise. O aumento na área de plantio do feijão de

segunda e terceira safras pode explicar o crescimento do volume de crédito de 2016 em relação ao ano anterior.

Gráfico 39 – Feijão – Tipo de financiamento – Participação por programa Janeiro a julho de 2013 a 2017

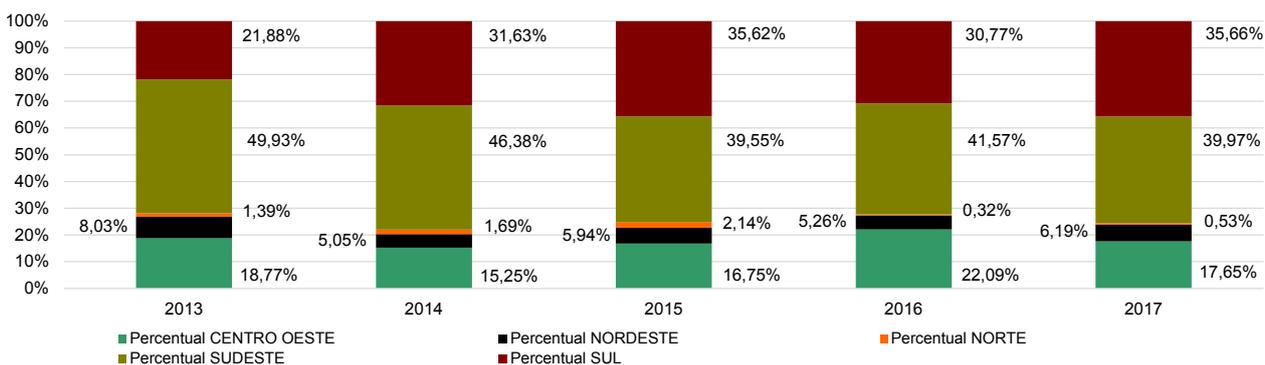


Fonte: Bacen.

As informações constantes do Gráfico 40 são compatíveis com as principais regiões produtoras. Ainda há regiões em processo de plantio e colheita da segunda

segunda e terceira safras de feijão, o que explica o uso do crédito de custeio

Gráfico 40 – Feijão - Participação por região - Janeiro a julho de 2013 a 2017



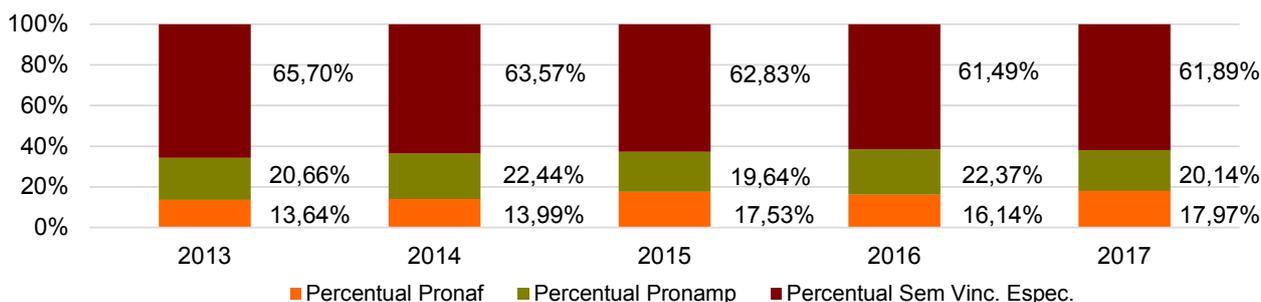
Fonte: Bacen.

6.6. A CULTURA DO MILHO

Observa-se no Gráfico 41 que a utilização do crédito de milho teve aumento no financiamento pelo Pronaf (5,46%). Pode-se perceber que houve redução na utilização do crédito de custeio nas demais fontes de

financiamento. O resultado pode ter relação com a escolha do produtor no investimento nessa cultura, principalmente na segunda safra.

Gráfico 41- Milho – Tipo de financiamento – Participação por programa janeiro a julho de 2013 a 2017



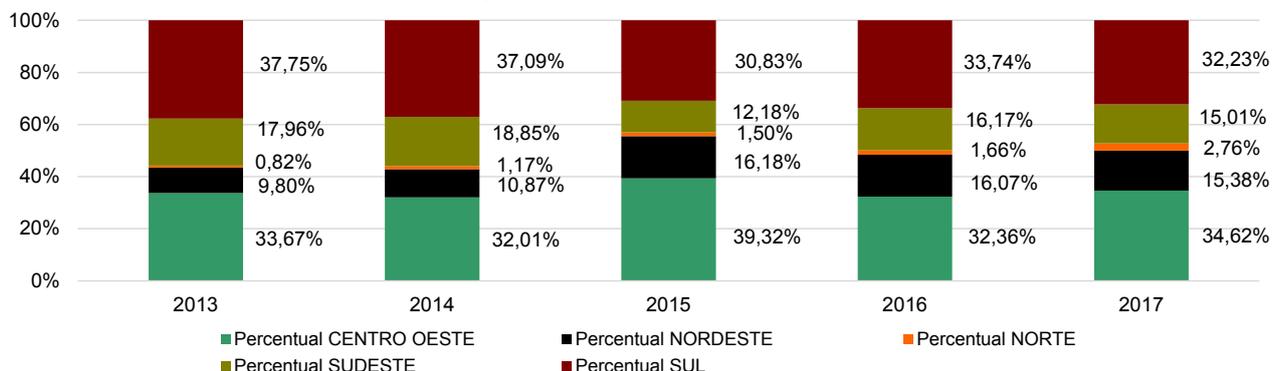
Fonte: Bacen.



A previsão de produção é de crescimento de aproximadamente 46% em relação à safra 2015/16. As maio-

res regiões produtoras são, pela ordem, o Centro-Oeste, o Sul e o Sudeste (Gráfico 42).

Gráfico 42– Milho - Participação por região - Janeiro a julho de 2013 a 2017



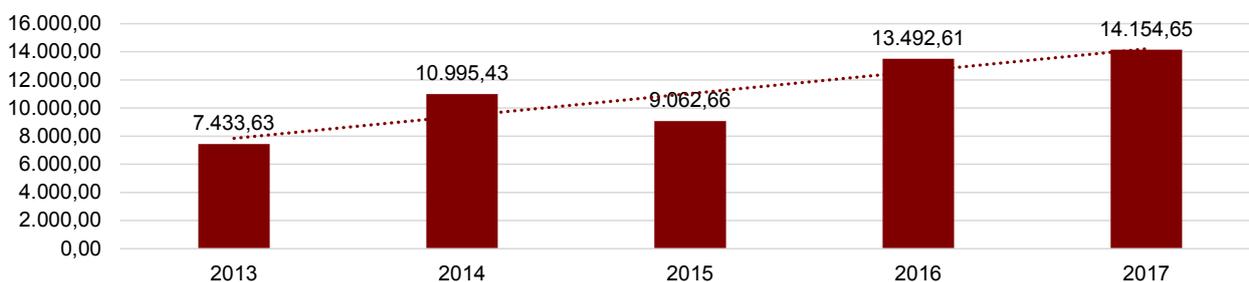
Fonte: Bacen.

6.7. A CULTURA DA SOJA

Observa-se, no período de análise, um crescimento em relação ao período imediatamente anterior do financiamento para o plantio da soja. Esse incremento

pode ter relação com o momento de organização e planejamento para a próxima safra (Gráfico 43).

Gráfico 43 – Soja - Financiamento todos programas – Janeiro a julho de 2013 a 2017

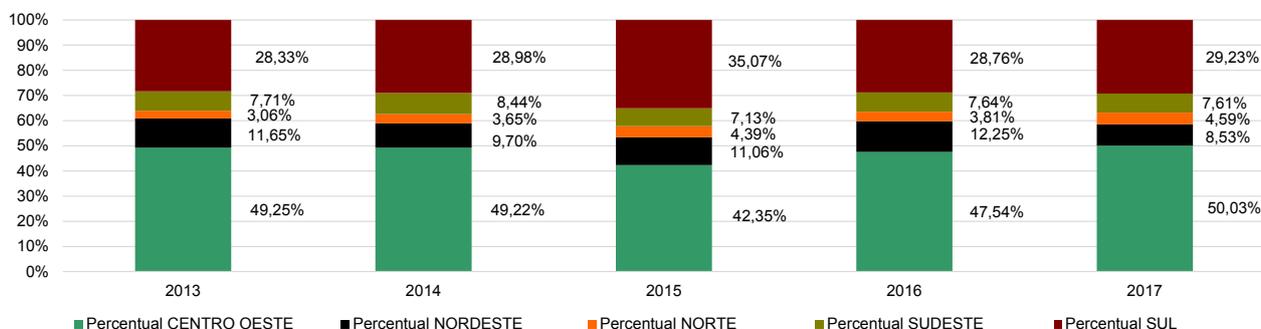


Fonte: Bacen.

A partir das informações disponibilizadas pela Conab, a produção brasileira de soja se concentra na região

Centro-Oeste e na Região Sul as quais, juntas, correspondem a 80% da produção brasileira (Gráfico 44).

Gráfico 44 – Soja – Participação por região - Janeiro a julho de 2013 a 2017



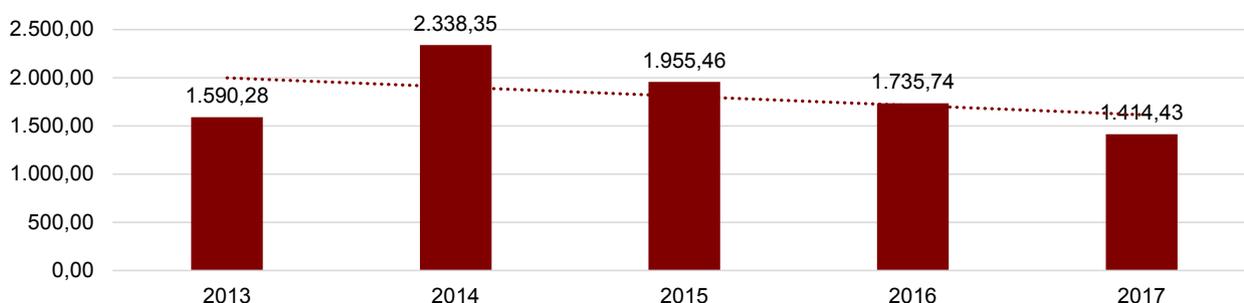
Fonte: Bacen.

6.8. A CULTURA DO TRIGO

A estimativa de safra da Conab indica redução de área de plantio de trigo. O montante de crédito utilizado

para o custeio em 2017 (Gráfico 45) demonstra a tendência de menor produção.

Gráfico 45 – Trigo - Financiamento todos programas – Janeiro a julho de 2013 a 2017

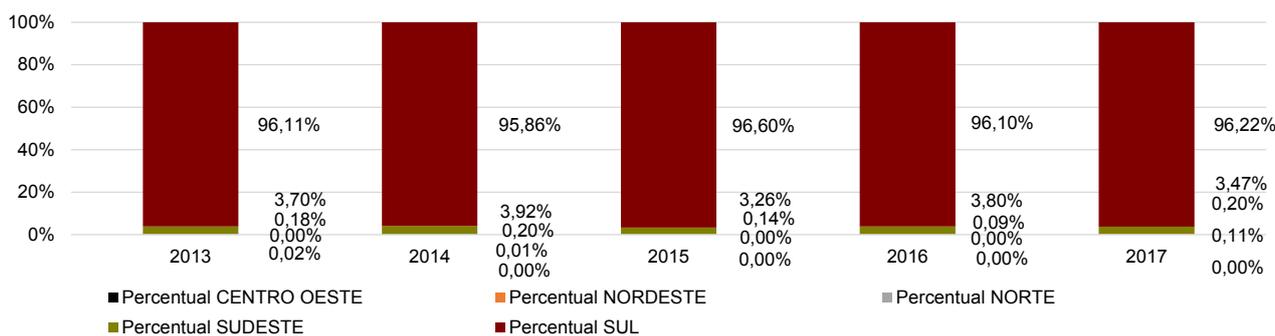


Fonte: Bacen.

As informações constantes do Gráfico 46 espelham a concentração do plantio na Região Sul, responsável por cerca de 90% da produção. A análise do crédito nos indica queda no financiamento de trigo na Região

Sul e Sudeste e leve aumento na Região Centro-Oeste, o que é compatível com a redução da produção nas primeiras regiões e incremento em Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Gráfico 46 – Trigo – Participação por região - Janeiro a julho de 2013 a 2017



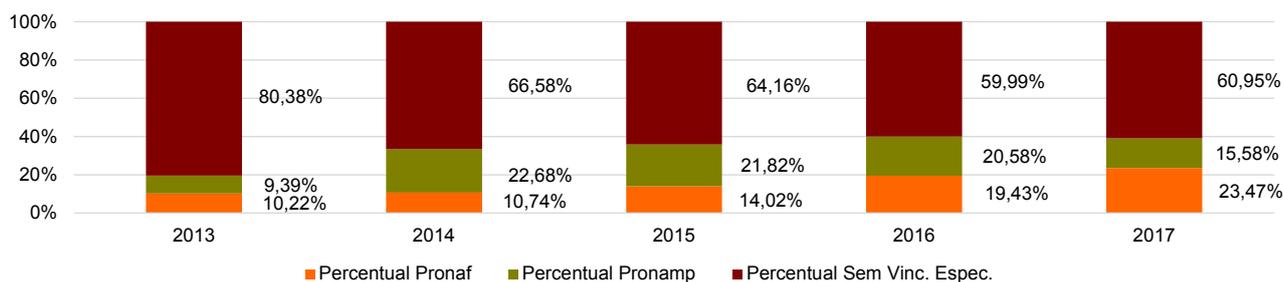
Fonte: Bacen.

6.9. AS CULTURAS DE AVEIA, CANOLA E CEVADA

Na safra passada a produção dessas culturas fez parte da opção do produtor no plantio de inverno. No Gráfico 47 se observa o uso do Pronaf com maior intensidade nessa safra, com um crescimento no aporte, via

esse programa, de 58,26%. Considerando as informações obtidas pela Conab, percebe-se tendência de incremento da produção nessas culturas.

Gráfico 47 – Aveia, canola e cevada - Tipo de Financiamento – Participação por programa Janeiro a julho de 2013 a 2017

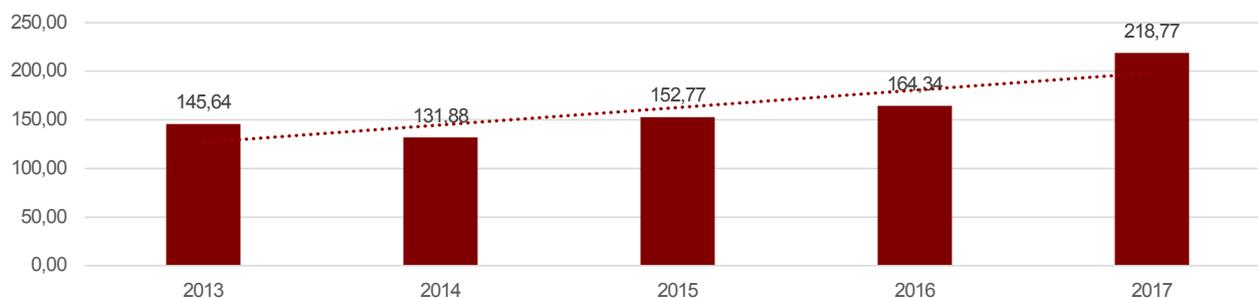


Fonte: Bacen.

A Região Sul concentra 99% dos créditos utilizados para o custeio dos produtos de inverno, detalhados nesse espaço. O Gráfico 48 oferece informações de

tendência com características de evolução desde 2013, e, para este ano, o crédito é maior que nas safras anteriores.

Gráfico 48 - aveia, canola e cevada - Financiamento todos programas – Janeiro a julho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.



7. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DA SAFRA 2016/17

O panorama geral das condições climáticas no Brasil, na safra de verão 2016/17, foi favorável às atividades agrícolas. Segundo revelam os mapas do Índice de Precipitação Padronizada, durante o período chuvoso, de outubro a março, nas principais regiões produtoras, as precipitações estiveram dentro da faixa normal do período. Porém algumas áreas, principalmente nas Regiões Centro-Oeste e Norte, classificadas como severamente secas por efeito do déficit de chuva, tiveram impactos pontuais em algumas lavouras. No trimestre janeiro-fevereiro-março a irregularidade das chuvas também atingiu localidades de Minas Gerais, Alagoas, Pernambuco e nordeste da Bahia (Figura 1).

Na Região Nordeste, a baixa pluviosidade teve reflexos negativos na agricultura. Em Pernambuco, por exemplo, além do plantio tardio pelo atraso do início das chuvas, também houve perdas expressivas na cultura do feijão em consequência das condições climáticas desfavoráveis. Porém, de forma geral, o clima foi favorável em todas as fases das culturas de grãos, tanto para as culturas de primeira safra quanto de segunda.

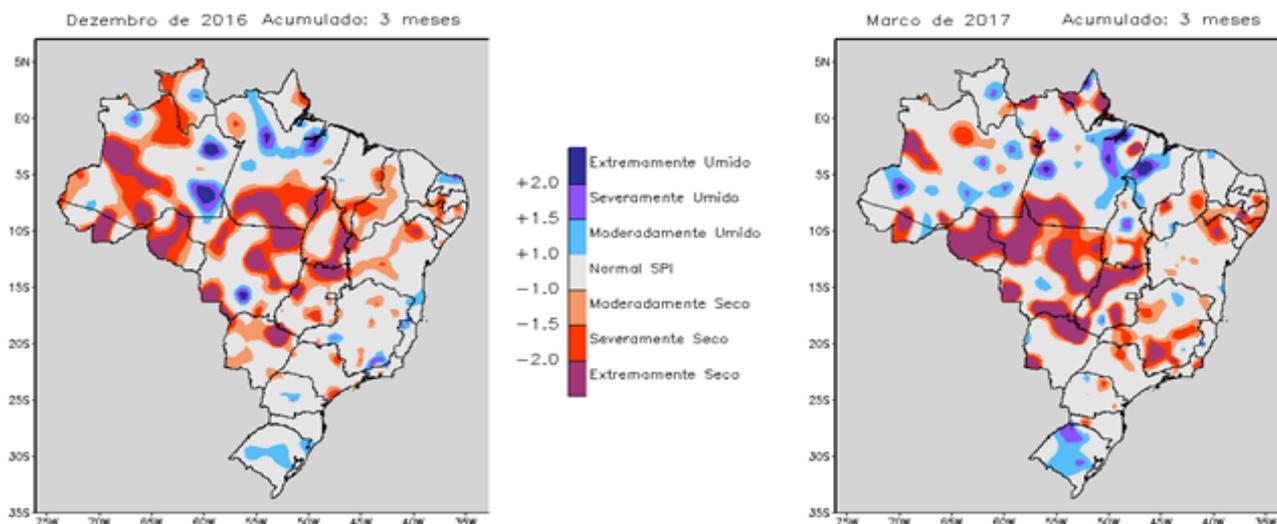
Na Região Sul, as chuvas dos primeiros meses do ano foram favoráveis à agricultura, porém a colheita do arroz no Rio Grande do Sul foi fortemente prejudica-

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília

da pelo excesso de chuvas de abril, que causaram alagamentos em algumas lavouras, resultando em perda

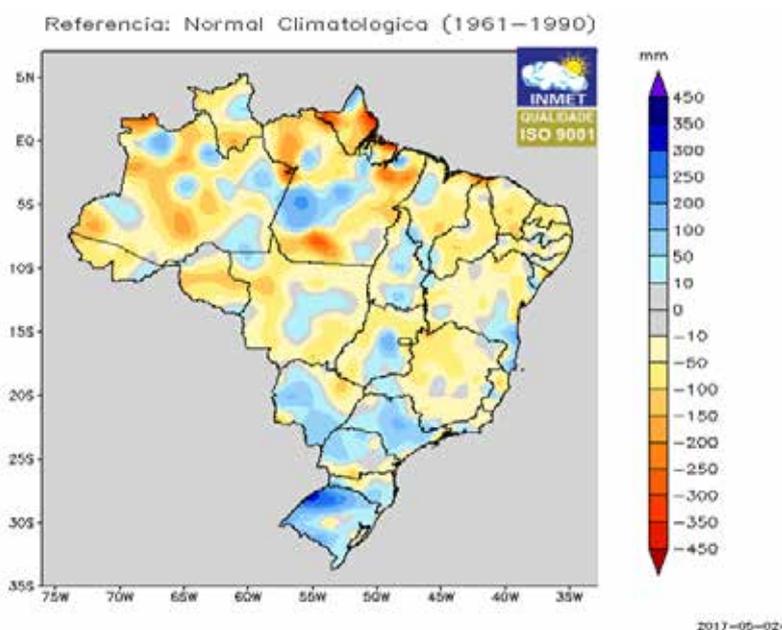
de produção, como pode ser visto no mapa de desvio de precipitação de abril (Figura 2).

Figura 1 - Mapas dos Índice de Precipitação Padronizada para os trimestres out-nov-dez/2016 e jan-fev-mar/2017



Fonte: Inmet.

Figura 2 - Desvio da precipitação pluviométrica em abril de 2017



Fonte: Inmet.

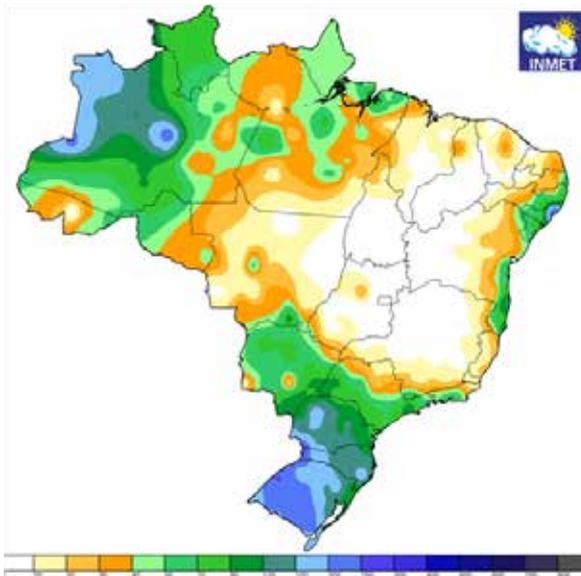


7.2. ANÁLISE CLIMÁTICA DE AGOSTO

Em agosto, as chuvas ficaram concentradas principalmente na Região Sul, onde os volumes ficaram entre 120 e 250 mm, e em São Paulo e Mato Grosso do Sul, com volumes variando entre 30 e 100 mm (Figura 03). Na faixa leste do Nordeste, prevaleceram volumes entre 40 e 120 mm. Também, foram registrados volumes

entre 70 e 250 mm no Amazonas, ainda assim, esses totais ficam bem abaixo da média. Nesse período, na Região Centro-Oeste, parte do Sudeste e no Matopiba, o clima seguiu o seu padrão típico, com pouca ou nenhuma ocorrência de chuvas e umidade relativa abaixo de 30% nos horários com temperaturas mais elevadas.

Figura 3 - Acumulado da precipitação pluviométrica em agosto de 2017

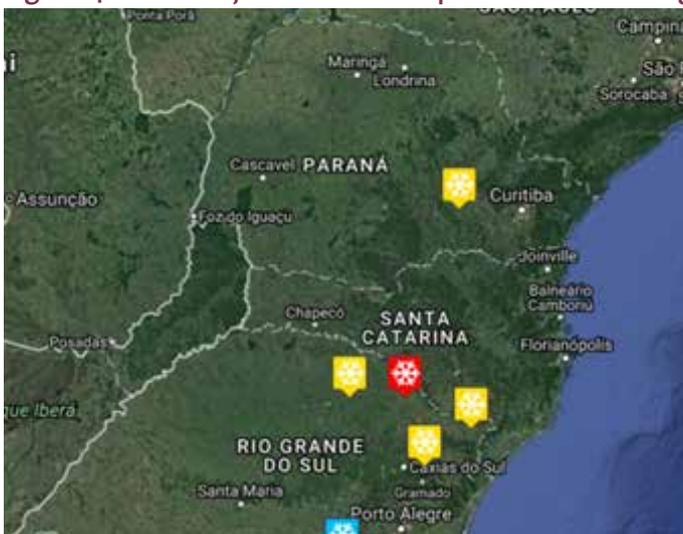


Fonte: Inmet.

Com a aproximação do fim do inverno e a consequente elevação das temperaturas, o número de dias com geadas em agosto foi muito inferior aos meses anteriores, como também, a intensidade destas (Figura 4).

Apenas duas localidades tiveram geadas, classificadas na categoria forte, em Lagoa Vermelha e Bom Jesus, ambas no Rio Grande do Sul.

Figura 4 - Localização intensidade predominante das geadas em agosto de 2017



Fonte: Inmet.

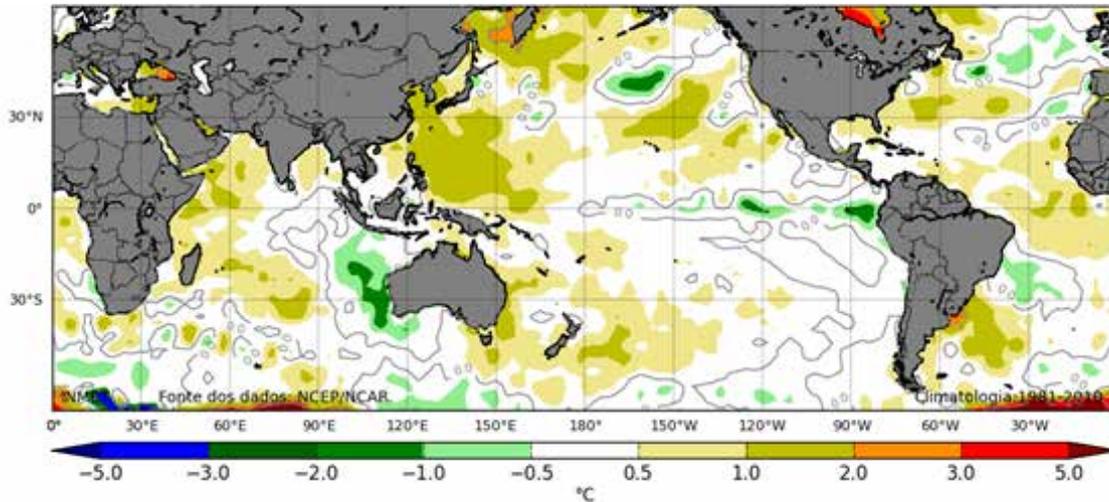


7.3. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da última quinzena de agosto (Figura 5) mostra uma mudança em relação à primeira, com o surgimento de algumas áreas de anomalias negati-

vas em torno de $-1,0^{\circ}\text{C}$ no Oceano Pacífico Equatorial. Apesar desse resfriamento, não se pode afirmar que está em curso a formação de um La Niña, pois as condições de neutralidade permanecem.

Figura 5 - Mapa de anomalias da Temperatura da Superfície do Mar no período de 16 a 31 de agosto/2017

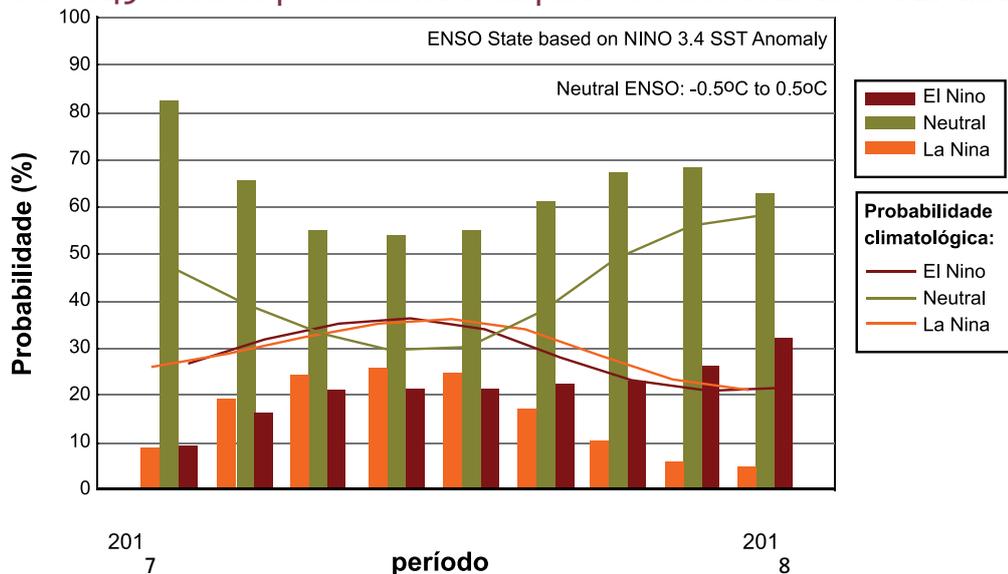


Fonte: Inmet.

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma maior probabilidade de manutenção das condições de neutralidade. Com base no cenário

atual do Oceano Pacífico e nas previsões dos modelos, a chance de formação de um novo El Niño ou La Niña, até início de 2018, é praticamente nula (Gráfico 49).

Gráfico 49 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI.



7.4. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO – PERÍODO SETEMBRO-OUTUBRO- NOVEMBRO/2017

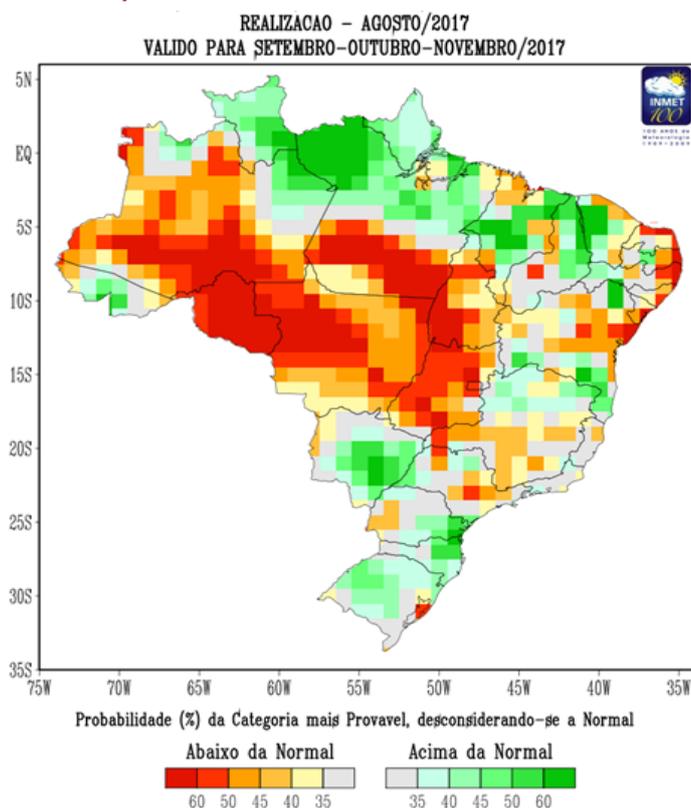
Os modelos de previsão climática indicam para a Região Sul maior probabilidade em que as chuvas ficarão dentro da faixa normal ou acima na maioria das localidades. Quanto à temperatura, os modelos indicam as temperaturas devem permanecer dentro da faixa normal e com algumas áreas acima desse limite. Tal condição térmica é um indicativo de menor probabilidade de geadas tardias, especialmente as de intensidade moderada ou forte maior durante o período.

Nas Regiões Centro-oeste e Sudeste prevalecem as áreas com maior probabilidade de precipitação abaixo da faixa normal. Em Mato Grosso do Sul há possibilidade de chuvas dentro da faixa normal ou mesmo acima. Nas demais áreas, há probabilidade de chuvas na faixa normal.

Na Região Nordeste e no Matopiba, o prognóstico climático indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial das chuvas, contudo, pode-se inferir que, de maneira geral, há maior probabilidade de chuvas abaixo da faixa normal do trimestre, principalmente nas regiões do semiárido, na faixa leste da região e em Tocantins. Nas demais áreas da região a probabilidade maior é que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal, podendo ocorrer acumulados acima da média em pontos isolados (Figura 6).

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do INMET (www.inmet.gov.br).

Figura 6 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre SON/2017.



Fonte: Inmet.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2016/17) E DE INVERNO (SAFRA 2017)

O monitoramento agrícola tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas e na condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros observados, destacam-se os agrometeorológicos, exemplo: precipitação acumulada, desvios da precipitação com relação à média histórica (anomalia), deficit e/ou excesso hídrico e umidade disponível no solo, e/ou os espectrais: índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que retratam as condições atuais da vegetação e refletem os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento. Os resultados desse monitoramento são apresentados em gráficos no final desse capítulo e em tabelas na parte referente à análise das culturas, onde a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas e baixas temperaturas;

- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas e baixas temperaturas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta

ou excesso de precipitações, ou, geadas e baixas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produ-

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

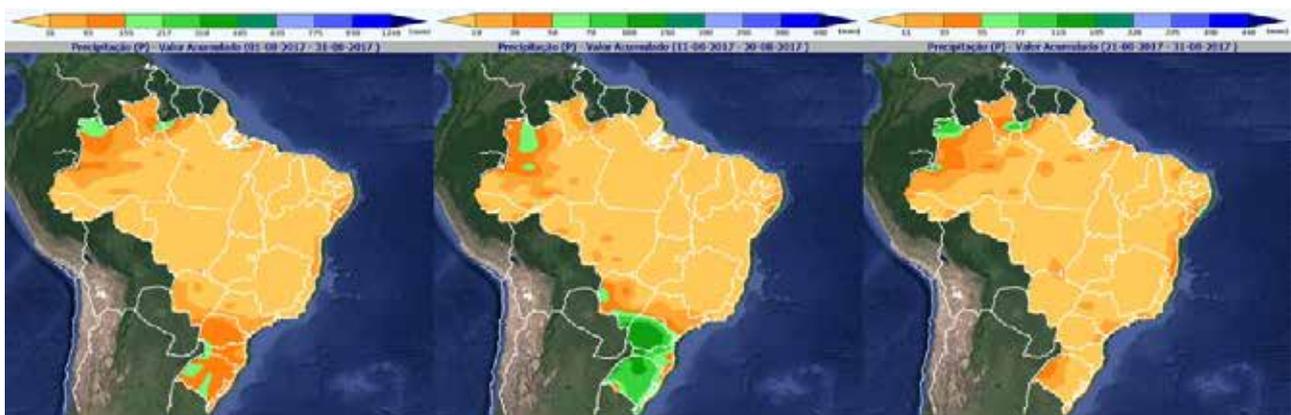
Nos dois primeiros decêndios de agosto ocorreram chuvas generalizadas na Região Sul do país, no sudoeste do Mato Grosso do Sul e em parte de São Paulo (Figura 7). Essas chuvas contribuíram para a recuperação da umidade do solo, favorecendo o desenvolvimento das lavouras de trigo e a aplicação da adubação nitrogenada em cobertura, que estava atrasada em virtude da falta de chuvas no mês anterior. Com isso, o aspecto geral das lavouras melhorou. Ainda na Região Centro-Sul, houve precipitações atípicas para essa época do ano em algumas localidades do Mato Grosso, causando danos pontuais ao algodão em maturação e colheita.

No terceiro decêndio, praticamente não houve precipitação nas regiões produtoras do país, favorecendo o final da colheita do milho segunda safra e a realização dos tratos culturais dos cultivos de inverno. As exceções foram o oeste do Rio Grande do Sul, o agreste de Pernambuco, de Alagoas e de Sergipe e o nordeste da Bahia, onde houve chuva nos três decêndios do mês. Essas chuvas favoreceram o milho segunda safra em frutificação nas regiões produtoras do Nordeste. No

entanto, em parte do nordeste da Bahia, a precipitação acumulada em agosto ficou abaixo da média (Figura 8), acarretando em um uma média diária do armazenamento hídrico no solo menor (Figura 9). Essa condição pode ter causado danos pontuais a lavouras de milho segunda safra que ainda se encontravam em frutificação no nordeste da Bahia.

Os mapas diários do armazenamento hídrico no solo em agosto (Figura 10) confirmam a elevação do índice de umidade no final do segundo decêndio na Região Sul do país, no sudoeste do Mato Grosso do Sul e em parte de São Paulo. Já no final do terceiro decêndio, esses níveis de umidade diminuíram. No entanto, até o final do mês, a umidade foi suficiente para a manutenção dos cultivos de inverno na maior parte das regiões produtoras do país. Nas regiões onde o milho segunda safra está em produção no Nordeste, o armazenamento hídrico no solo foi mais estável. Mesmo assim, nota-se uma redução no índice de umidade, entre o final do segundo e do terceiro decêndios do mês, em parte do nordeste da Bahia.

Figura 7 – Precipitação acumulada de 1º a 10, de 11 a 20 e de 21 a 31 de agosto/2017



Fonte: Inmet/Sisdagro.



Figura 8 – Precipitação observada, climatologia e anomalia da precipitação da Região Nordeste, em agosto/2017

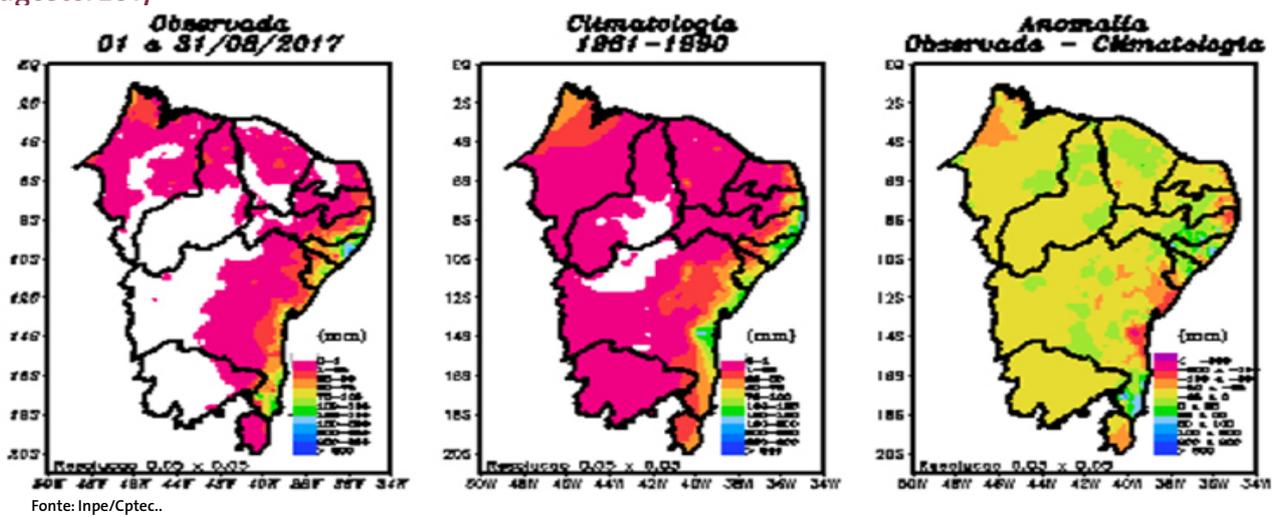


Figura 9 – Média diária do armazenamento hídrico no período de 1º a 31 de agosto/2017

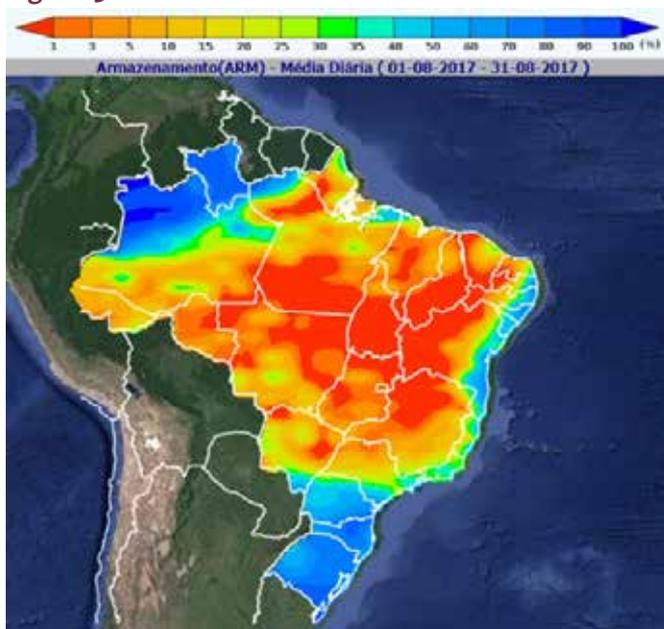
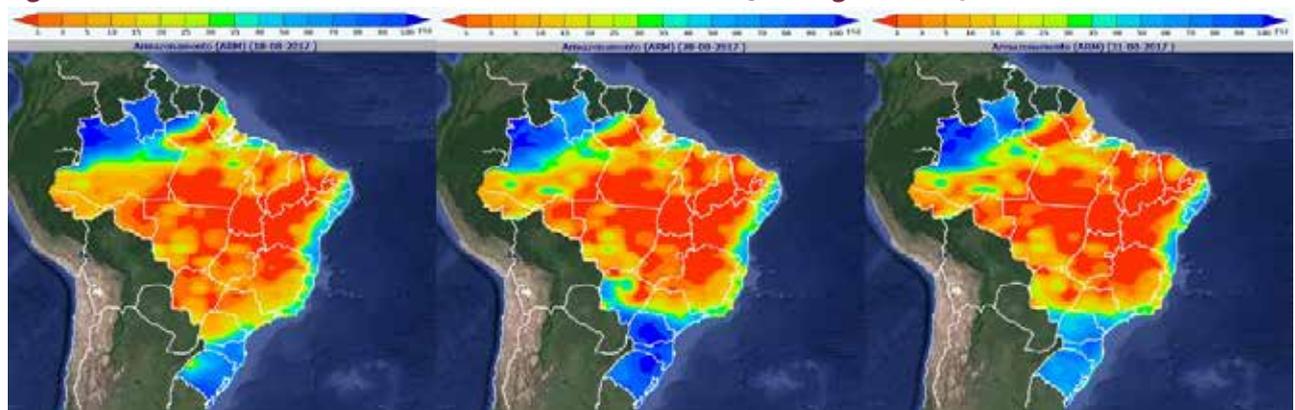


Figura 10 - Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 31 de agosto/2017





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

A produção brasileira de algodão em caroço, na safra 2016/17, foi estimada em 3.827,8 mil toneladas, 18,6% maior do que a ocorrida no exercício passado. A área plantada com a cultura, apesar da redução em relação à verificada no exercício anterior (1,7%), apresentou aumentos ao longo dos diversos levantamentos, influenciada pela melhoria do quadro de oferta e demanda interno, que pressionaram os preços da pluma, coincidindo com o início do plantio. O bom desenvolvimento do clima nos principais estados produtores foi outra ocorrência mencionada pelos informantes, como responsável pelo bom desempenho da lavoura neste ano.

Para a Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, a área estimada de plantio totalizou 682,6 mil hectares. A região foi bastante influenciada pelas boas condições climáticas e deverá alcançar incremento na produtividade em torno de 10,6% em relação à safra anterior. Em Mato Grosso, as chuvas atrasaram o ritmo de colheita do algodão em Mato Grosso, cujo término está previsto para o final da primeira quinzena de setembro. Estima-se que pouco mais da metade do total de 627,8 mil hectares das lavouras estejam colhidas. Houve registro de leve perda na qualidade da pluma nas regiões oeste e sudeste devido ao excesso de umidade nas últimas semanas. A produtividade também foi afetada, mas nada que comprometa a safra positiva, com rendimento médio estadual de 4.027

kg/ha, ante aos 3.664 kg/ha da safra anterior. Assim, calcula-se a produção total de algodão em caroço de 2.528,2 mil toneladas, volume 14,8% maior do que as 2.201,3 mil toneladas da safra 2015/16.

Em Mato Grosso do Sul, a produtividade foi estimada em 4.350 kg/ha de algodão em caroço, 6,4% maior em comparação com a safra anterior. A área plantada permaneceu inalterada em 28,6 mil hectares, inferior em 4,3% ao cultivo da safra anterior. Essa diferença de produtividade decorreu das más condições climáticas da safra passada, quando o estresse hídrico afetou duramente a produção. Atualmente as principais pragas que acometem a cultura são o ácaro, a mosca-branca e o pulgão. O bicudo do algodoeiro, que ocasionou danos severos na cultura no passado, está controlado devido às boas práticas de manejo adotadas pelos produtores. As lavouras encontram-se em fase final de colheita, com aproximadamente 84% já efetivada. Mais de 50% da pluma já foi comercializada.

Em Goiás, a cultura se apresenta com bom desenvolvimento em todas as etapas. As chuvas foram suficientes na fase reprodutiva das primeiras lavouras implantadas, mas trouxeram alguns problemas para as lavouras tardias da segunda safra. Os ataques de bicudo ocorreram de forma geral, mas foram mais intensos nas áreas de refúgio. O clima frio atrasou um pouco a colheita nessa safra. A colheita está ocorrendo em ritmo lento na região leste, enquanto que no sul do estado essa etapa já foi praticamente concluída.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, os diversos levantamentos indicaram forte redução da área (12%), comparada com à safra anterior. Na Bahia, a produção da atual safra é de 865,5 mil toneladas de algodão em caroço, um incremento de 40% quando comparado com a safra passada, duramente afetada pelas condições climáticas. A colheita já evoluiu em 95% da área de sequeiro e 48% no plantio irrigado. No extremo oeste, a área plantada atingiu 190 mil hectares, considerando os cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central, utilizado em propriedades de grande porte. A produtividade média esperada é de 4.400 kg/ha de algodão em caroço, sendo a melhor produtividade alcançada nos últimos anos. A colheita foi iniciada em maio e já atingiu 95% da área total. Espera-se a produção de cerca de 850 mil toneladas de algodão em caroço, representando aumento de 40% em relação à safra passada. A colheita estará finalizada até o início de setembro.

No centro-sul desse estado, estima-se o cultivo de 4,4 mil hectares, considerando as áreas de sequeiro e irrigado com gotejamento. A produtividade média esperada é de 1.500 kg/ha de algodão em caroço, a colhei-

ta foi iniciada em maio e já se encontra praticamente encerrada. No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 7,5 mil hectares de cultivo de sequeiro e irrigado com pivô central, caracterizado por propriedades de grande e médio porte. A produtividade média esperada é de 1.203 kg/ha de algodão em caroço, a colheita foi iniciada em maio e já atingiu 95% da área.

No Maranhão, os cultivos de algodão permanecem apenas na região sul do estado, concentrado em três municípios: Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso. Totalizam nessa safra, uma área de 22,5 mil hectares e a produção está sendo estimada em 88,1 mil toneladas de algodão em caroço. O município de Balsas pela primeira vez plantou, nesta safra, algodão de segunda safra. Nessas lavouras não ocorreram adversidades capazes de reduzir as produtividades nem tampouco a qualidade dos produtos, no que diz respeito à disponibilidade hídrica ou ataques de pragas e doenças.

No Piauí, a área de algodão da safra atual foi de 5,6 mil hectares, representando um acréscimo de 1,8% em relação à safra passada. Esse resultado no comportamento da área está relacionado a questões de mercado, pois o preço da pluma não foi atrativo o suficiente, segundo alguns produtores. Adicionalmente à dificuldade de obtenção de crédito, considerando que esta é uma cultura de custos elevados, foi considerado como inibidor de aumento na área, já que vinham de um período de baixa capitalização dos produtores, após uma safra ruim no ano anterior. A produtividade do algodão foi de 3.514 kg/ha, um incremento de 189,9% em relação ao péssimo desempenho da safra anterior. No município de Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro as lavouras de algodão se desenvolveram de forma satisfatória, superando as expectativas de produtividade. Já no município de Corrente a produtividade das lavouras foi frustrada devido à escassez de chuvas no período reprodutivo da cultura. O plantio ocorreu entre dezembro e janeiro e a colheita em junho, julho e agosto. O percentual médio de rendimento de pluma nas unidades de processamento no estado é de 43% e toda a produção já está comercializada.

Na Região Sudeste, a área de cultivo de algodão apresentou redução importante em relação à safra passada (22,7%). Em Minas Gerais, o plantio apresentou uma queda de 20,6% em relação à safra anterior, totalizando uma área de 15,6 mil hectares, distribuídos entre as regiões Noroeste, Alto Parnaíba, Triângulo Mineiro e uma pequena parte no Norte de Minas. A produtividade sofreu incremento de 9,3% em relação ao ano anterior, favorecida pelas chuvas registradas no transcorrer do desenvolvimento da lavoura, o que impactou positivamente na produção, que deve ser de 58,5 mil toneladas de algodão em caroço. A colheita do algodão safra 2016/17 está praticamente encer-



rada, em 85% da área, restando o município de São Romão, e as operações deverão se estender até outubro. Ressalta-se que nas áreas de alta tecnologia a qualidade obtida foi considerada boa, enquanto naquelas com baixa tecnologia, a fibra ficou comprometida. O percentual médio de rendimento de pluma foi de 39%.

Em São Paulo o algodão produzido na região de Avaré e adjacências foi totalmente colhido e também co-

mercializado, conforme informações da cooperativa responsável pelo beneficiamento do algodão produzido na região. A área plantada com a lavoura atingiu no estado 2,8 mil hectares, fortemente reduzida em relação ao ano anterior, 33,3%. Quanto à produtividade, o melhor desempenho das condições climáticas permitiu alcançar 3.377kg/ha, representando leve acréscimo em comparação com a temporada passada.

Figura 11 – Algodão colhido Corrente-PI



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP/P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Figura 12 - Mapa da produção agrícola - Algodão

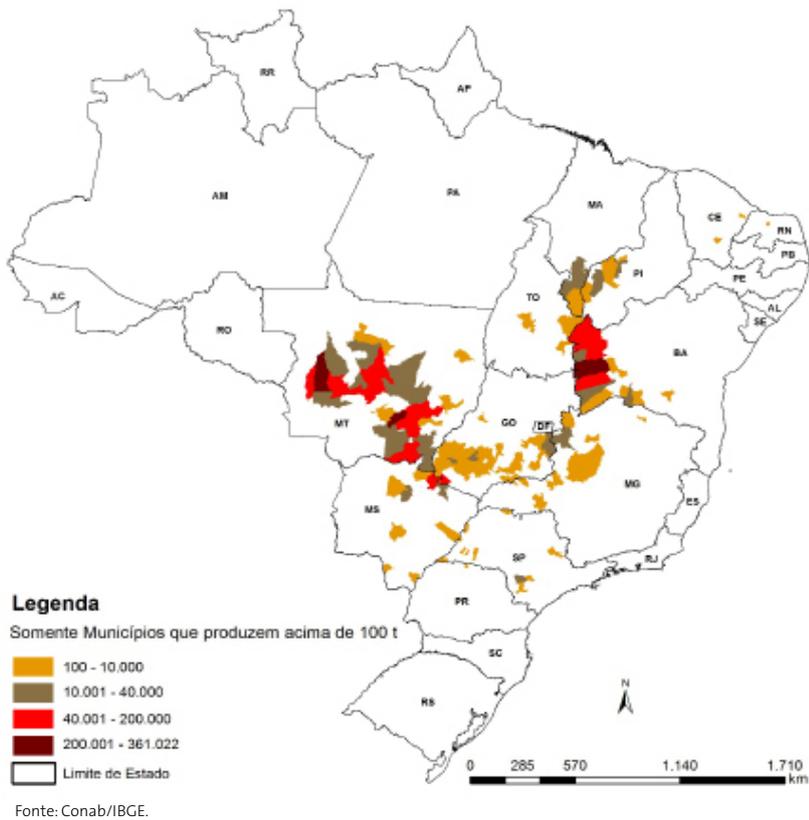


Figura 13– Mapa da estimativa de produtividade- Algodão

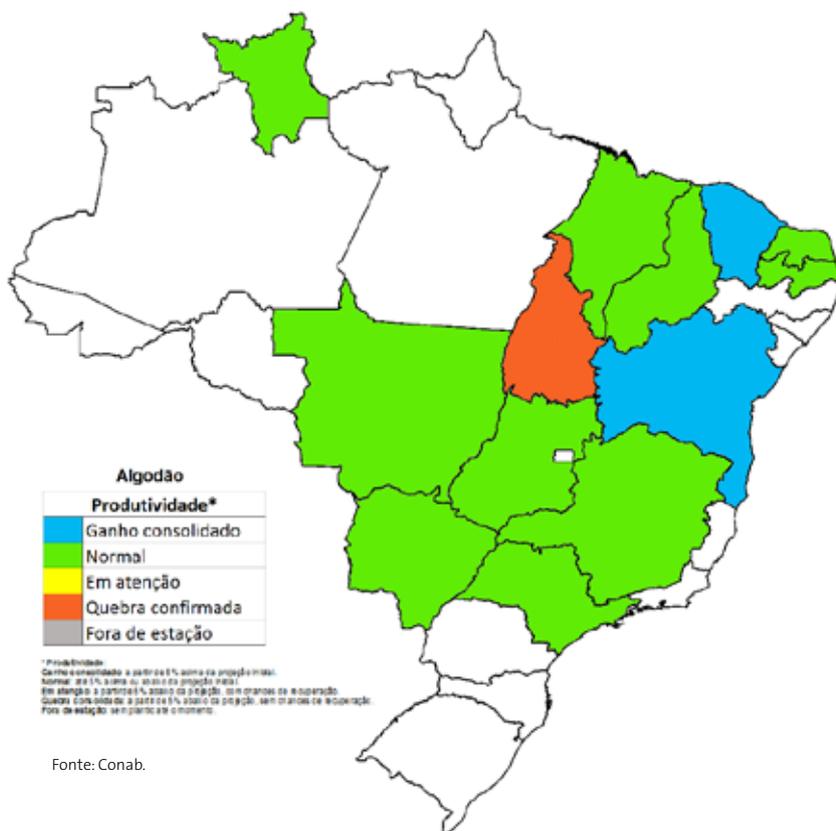


Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	2.787	3.540	27,0	21,7	25,8	18,9
RR	-	2,5	-	-	4.200	-	-	10,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	2.787	3.196	14,7	21,7	15,3	(29,5)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	2.703	4.226	56,3	709,0	975,3	37,6
MA	20,9	22,5	7,6	3.949	3.915	(0,9)	82,5	88,1	6,8
PI	5,5	5,6	1,8	1.212	3.514	189,9	6,7	19,7	194,0
CE	0,3	0,4	19,5	534	1.083	102,8	0,2	0,4	100,0
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.461	3,7	1,3	1,3	-
PB	0,1	0,4	300,0	414	819	97,8	-	0,3	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	2.629	4.293	63,3	618,3	865,5	40,0
CENTRO-OESTE	660,4	682,6	3,4	3.653	4.042	10,6	2.412,7	2.758,9	14,3
MT	600,8	627,8	4,5	3.664	4.027	9,9	2.201,3	2.528,2	14,9
MS	29,9	28,6	(4,3)	4.090	4.350	6,4	122,3	124,4	1,7
GO	29,7	26,2	(11,8)	3.000	4.056	35,2	89,1	106,3	19,3
SUDESTE	23,8	18,4	(22,7)	3.400	3.684	8,4	80,9	67,8	(16,2)
MG	19,6	15,6	(20,6)	3.420	3.739	9,3	67,0	58,3	(13,0)
SP	4,2	2,8	(33,3)	3.305	3.377	2,2	13,9	9,5	(31,7)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	2.706	4.205	55,4	730,7	1.001,1	37,0
CENTRO-SUL	685,1	701,0	2,3	3.643	4.032	10,7	2.495,6	2.826,7	13,3
BRASIL	955,2	939,1	(1,7)	3.378	4.076	20,7	3.226,3	3.827,8	18,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.115	1.387	24,4	8,7	10,1	16,1
RR	-	2,5	-	-	1.596	-	-	4,0	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.115	1.278	14,6	8,7	6,1	(29,9)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	1.081	1.690	56,3	283,6	390,1	37,6
MA	20,9	22,5	7,6	1.580	1.566	(0,9)	33,0	35,2	6,7
PI	5,5	5,6	1,8	485	1.406	189,9	2,7	7,9	192,6
CE	0,3	0,4	19,5	187	379	102,7	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.695	3,7	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,4	300,0	145	287	97,9	-	0,1	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.052	1.717	63,2	247,3	346,2	40,0
CENTRO-OESTE	660,4	682,6	3,4	1.460	1.615	10,6	963,9	1.102,3	14,4
MT	600,8	627,8	4,5	1.466	1.611	9,9	880,5	1.011,3	14,9
MS	29,9	28,6	(4,3)	1.616	1.718	6,3	48,3	49,1	1,7
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.182	1.598	35,2	35,1	41,9	19,4
SUDESTE	23,8	18,4	(22,7)	1.357	1.471	8,4	32,3	27,0	(16,4)
MG	19,6	15,6	(20,6)	1.368	1.496	9,3	26,8	23,3	(13,1)
SP	4,2	2,8	(33,3)	1.305	1.334	2,2	5,5	3,7	(32,7)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	1.082	1.681	55,3	292,3	400,2	36,9
CENTRO-SUL	685,1	701,0	2,3	1.455	1.611	10,7	996,9	1.129,3	13,3
BRASIL	955,2	939,1	(1,7)	1.350	1.629	20,6	1.289,2	1.529,5	18,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.672	2.153	28,7	13,0	15,7	20,8
RR	-	2,5	-	-	2.604	-	-	6,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.672	1.918	14,7	13,0	9,2	(29,2)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	1.622	2.536	56,3	425,4	585,2	37,6
MA	20,9	22,5	7,6	2.369	2.349	(0,8)	49,5	52,9	6,9
PI	5,5	5,6	1,8	727	2.108	190,0	4,0	11,8	195,0
CE	0,3	0,4	19,5	347	704	102,9	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.766	3,8	0,8	0,8	-
PB	0,1	0,4	300,0	269	532	97,8	-	0,2	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.577	2.576	63,3	371,0	519,3	40,0
CENTRO-OESTE	660,4	682,6	3,4	2.194	2.427	10,6	1.448,8	1.656,6	14,3
MT	600,8	627,8	4,5	2.198	2.416	9,9	1.320,8	1.516,9	14,8
MS	29,9	28,6	(4,3)	2.474	2.632	6,4	74,0	75,3	1,8
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.818	2.458	35,2	54,0	64,4	19,3
SUDESTE	23,8	18,4	(22,7)	2.043	2.213	8,3	48,6	40,8	(16,0)
MG	19,6	15,6	(20,6)	2.052	2.243	9,3	40,2	35,0	(12,9)
SP	4,2	2,8	(33,3)	2.000	2.043	2,2	8,4	5,8	(31,0)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	1.623	2.524	55,5	438,4	600,9	37,1
CENTRO-SUL	685,1	701,0	2,3	2.187	2.421	10,7	1.498,7	1.697,4	13,3
BRASIL	955,2	939,1	(1,7)	2.028	2.447	20,7	1.937,1	2.298,3	18,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 1º de agosto de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17 é de 23,03 milhões de toneladas e projeta-se para a safra 2017/18 uma produção de 24,89 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 8% na produção. Comparando-se a estimativa para a safra 2017/18, com o total produzido na safra 2015/16, que foi de 21,48 milhões de toneladas de pluma, o aumento seria de 15,85%.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado é de 24,47 milhões de toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo mundial em 110 mil toneladas de algodão. Assim, os estoques mundiais de algodão deverão terminar esta safra no menor patamar dos últimos seis anos.

Panorama nacional

Segundo o levantamento de safra da Conab, a intenção de plantio para a safra 2016/17 é de 1.529,5 mil toneladas, 18,6% maior que a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 1,7% na área a ser plantada, de 955,2 mil hectares para 939,1 mil hectares, um aumento significativo na produtividade próximo dos 20%, deverá compensar as perdas de área. O clima favorável nas principais regiões produtoras foi o principal responsável por esse aumento na produção.

Com o aumento da oferta no mercado doméstico, devido ao avanço da colheita, os preços devem continuar cedendo. Esses valores devem recuar até o suporte da paridade de exportação. Com o aumento de quase 20% na produção, comparando com a safra anterior, a tendência é ainda mais forte que o mercado se aproxime dessa paridade. O fraco desempenho da economia nacional também contribuirá para esse movimento.



Tabela 8 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2011	2012	2013	2014	2015	2016 (*)	2017 (*)
O F E R T A	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.755,7
Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2
Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.529,50
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.129,3
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	400,2
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	25,0
D E M A N D A	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.570,0
Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	720,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	850,0
Estoque Final	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	185,7
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	1,4

Legenda: (1) preliminar (2) estimativa.

Fonte: Conab/ Secex/SRF-MF/ Sinditextil-Abit/Anea/Cooperativas/Icac.

9.1.2. AMENDOIM

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Figura 14 - Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	112,9	7,4	3.543	3.721	5,0	372,4	420,2	12,8
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.615	(4,9)	7,6	9,4	23,7
SP	103,1	110,3	7,0	3.538	3.724	5,3	364,8	410,8	12,6
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.447	9,5	16,4	18,6	13,4
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	3.406	27,4	4,8	6,8	41,7
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	118,3	7,3	3.524	3.709	5,2	388,8	438,8	12,9
BRASIL	110,3	118,3	7,3	3.524	3.709	5,2	388,8	438,8	12,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
AL	Agreste Alagoano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SE	Agreste Sergipano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador						P	DV	F	FR	M/C	C	
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Marília						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Assis						P	DV	F	FR	M	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Figura 15 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra

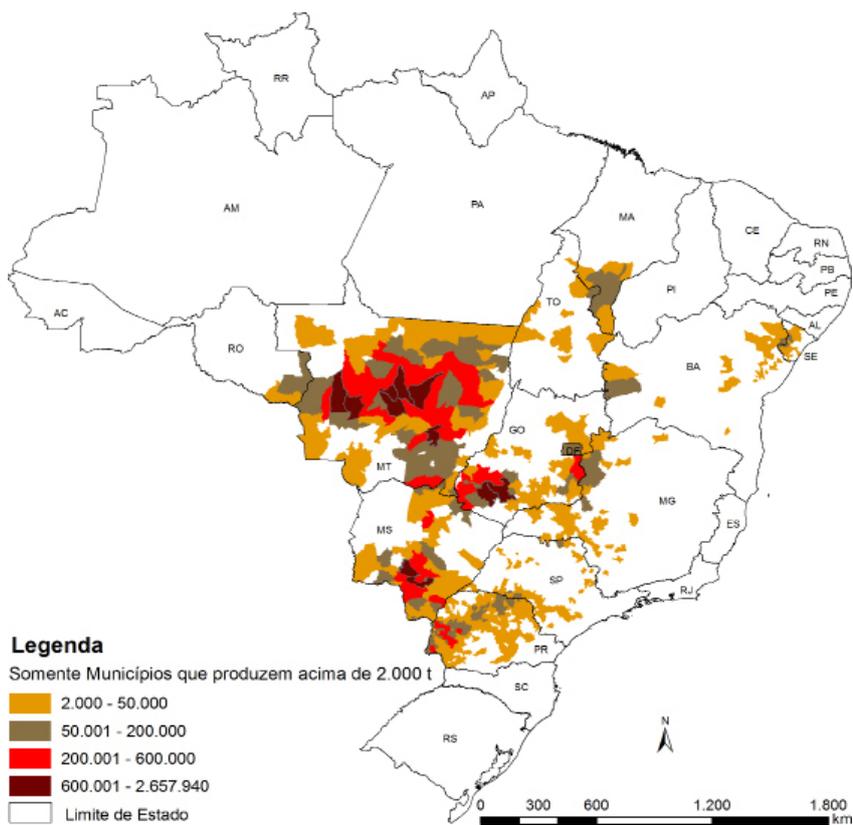


Figura 16 – Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim segunda safra

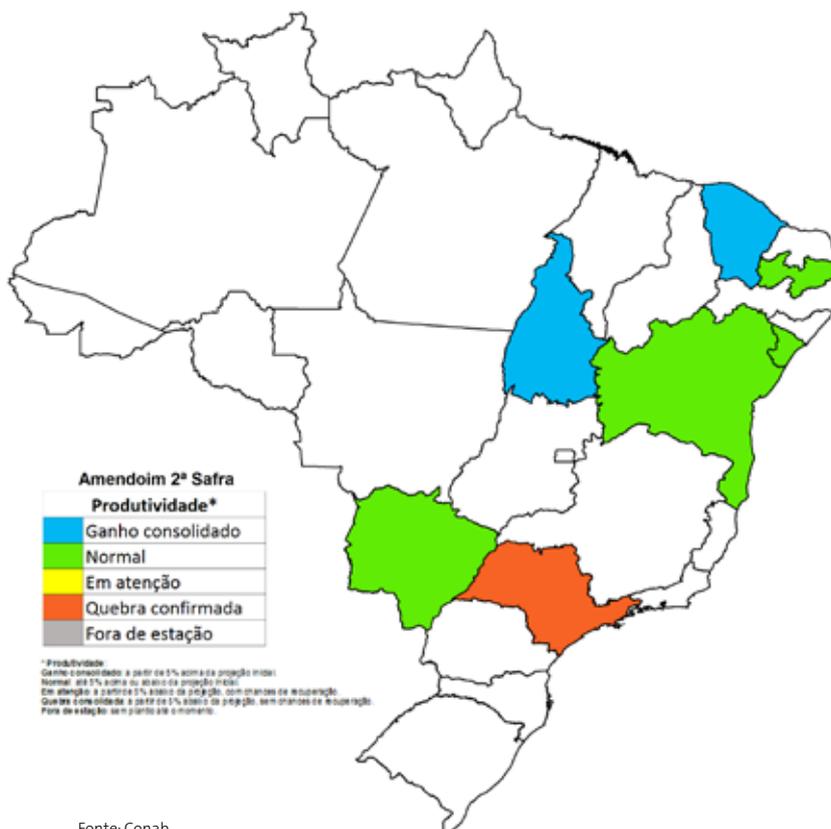


Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.201	21,4	3,3	4,0	21,2
CE	0,3	0,3	(16,3)	368	1.269	244,8	0,1	0,4	300,0
PB	0,5	0,4	(12,0)	433	985	127,5	0,2	0,4	100,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	2,5	2.400,0	1.403	4.200	199,4	0,1	10,5	10.400,0
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MS	-	2,5	-	-	4.200	-	-	10,5	-
SUDESTE	5,1	4,9	(3,9)	2.490	2.354	(5,5)	12,7	11,5	(9,4)
SP	5,1	4,9	(3,9)	2.490	2.354	(5,5)	12,7	11,5	(9,4)
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.501	34,3	4,5	5,4	20,0
CENTRO-SUL	5,2	7,4	42,3	2.469	2.978	20,6	12,8	22,0	71,9
BRASIL	9,3	11,0	18,3	1.873	2.494	33,2	17,3	27,4	58,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

A produção de amendoim total ficou em 466,2 mil toneladas, cultivada em uma área de 129,3 mil hectares, com produtividade média de 3.606 kg/ha.

Em São Paulo, o amendoim é uma planta de clima quente, cultivado nas regiões mais ao norte e oeste de São Paulo. Essa leguminosa está plenamente adaptada à rotação com a cana-de-açúcar, largamente plantada nessas regiões. O amendoim é rico em nitrogênio, o que traz benefícios de forma extensa ao solo com esse elemento, principalmente à cultura da cana-de-açúcar. Além disso, o amendoim é tolerante a pragas, o que ajuda a diminuir a incidência destas nas áreas que terão plantios sucessivos. Fechou a safra com redução de 6,5% na área, se comparada com o ciclo anterior. A área de amendoim se encontra 100% colhida. Quanto a sua comercialização, os produtores venderam parte de sua produção em virtude dos preços praticados junto ao mercado produtor e o mercado externo, em sua maioria.

Em Minas Gerais a área de amendoim aumentou 30% em relação à safra anterior, alcançando 2,6 mil hectares. A maior parte se concentra na região do Triângulo Mineiro, mais precisamente no município de Tupaciguara. Houve um incremento de produtividade na referida região devido às condições climáticas favoráveis, tanto nas áreas tradicionais como nas novas áreas. Contudo, houve redução de 5% na produtividade média de Minas Gerais em relação à safra anterior, o que se deve às reduções ocorridas em pequenas áreas de cultivo em ou-

tras regiões do estado. Ressalva-se que a produtividade dessa cultura no Triângulo Mineiro permanece aquém do potencial, visto que, segundo agricultores e extensionistas, a variedade da semente não é a mais adequada. A produção está estimada em 9,4 mil toneladas e a colheita se encontra finalizada.

Em Tocantins, conforme informação prestada pelos agentes responsáveis pelo cultivo, para a safra 2016/2017, foi plantado apenas 300 hectares, área correspondente à duas fazendas de único proprietário, sendo uma em Figueirópolis, e outra em Sucupira. A queda na área plantada foi de 57,1% em relação à safra anterior. Esse número foi influenciado pela má condição das sementes comercializadas em safras anteriores, bem como da substituição da cultura pela soja, que é considerada como de melhor retorno ao capital investido. A cultura já foi toda colhida e comercializada. Quanto à produtividade, foi constatado um aumento muito significativo (175,9%), atingindo 4.800 kg/ha devido a melhores condições climáticas nessa safra e à utilização de sementes de melhor qualidade. Em relação à produção, apesar da redução da área de cultivo, foi constatado uma manutenção do quantitativo produzido, apenas 100 toneladas a menos, em razão da boa produtividade nessa safra.

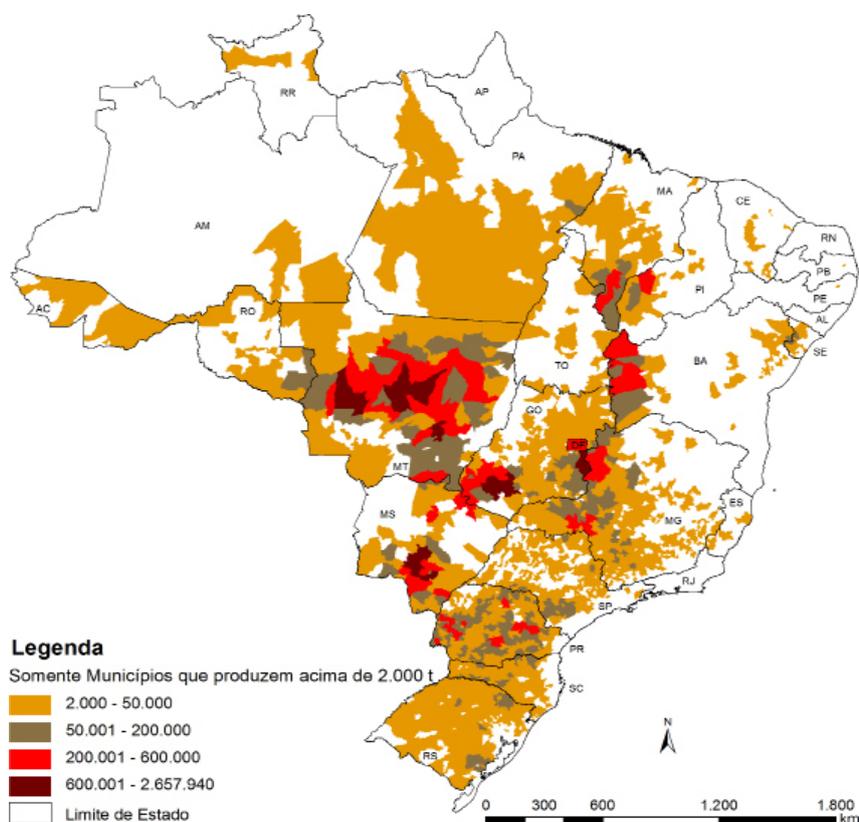
A Paraíba, em outras safras, já chegou a plantar mais de 1.000 hectares de amendoim. Na safra passada foram plantados 532 hectares, que teve a produtividade prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na presente safra



foram plantados 400 hectares, com a estimativa de produtividade na ordem de 985 kg/ha. Da cultura já planta-

da grande parte das áreas estão colhidas, apresentando boas condições.

Figura 17 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.201	21,4	3,3	4,0	21,2
CE	0,3	0,3	-	368	1.269	244,8	0,1	0,4	300,0
PB	0,5	0,4	(20,0)	433	985	127,5	0,2	0,4	100,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	2,5	2.400,0	1.403	4.200	199,4	0,1	10,5	10.400,0
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MS	-	2,5	-	-	-	-	-	10,5	-
SUDESTE	110,2	117,8	6,9	3.494	3.665	4,9	385,1	431,7	12,1
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.615	(4,9)	7,6	9,4	23,7
SP	108,2	115,2	6,5	3.489	3.666	5,1	377,5	422,3	11,9
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.447	9,5	16,4	18,6	13,4
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	3.406	27,4	4,8	6,8	41,7
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.501	34,3	4,5	5,4	20,0
CENTRO-SUL	115,5	125,7	8,8	3.477	3.666	5,4	401,6	460,8	14,7
BRASIL	119,6	129,3	8,1	3.396	3.606	6,2	406,1	466,2	14,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.3. ARROZ

O décimo segundo levantamento traz o fechamento da safra 2016/17 de arroz. A safra termina com redução de 1,3% na área plantada em relação à safra passada, influenciada principalmente pela diminuição de áreas de plantio em sequeiro. Em compensação, o aumento do plantio em áreas irrigadas ajuda a explicar o aumento de produtividade média de 17,9% em relação à safra passada e produção estimada em 12.328,1 mil toneladas, aumento de 16,3% em relação à safra passada. O clima se apresentou favorável à cultura nessa safra, o que também contribuiu para o aumento de produtividade em praticamente todos os estados.

Na Região Sul, onde o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro, a safra 2016/17 resultou em aumento na produção de 17,5% em relação à última safra. Responsável pela maior parte da produção do país, a região teve incremento de 1,9% na área em relação à safra passada, e fechou a safra com uma produtividade média de 7.868 kg/ha. No Rio Grande do Sul, a safra ocorreu, de maneira geral, dentro da normalidade, apesar de alguns eventos meteorológicos adversos. A área cultivada foi de 1.100,7 mil hectares, aumento de 2,3% em relação à safra anterior, com produtividade média de 7.930 kg/ha e produção total de 8.728,6 mil toneladas. A produtividade e produção total, embora elevadas, encontram-se dentro da média verificada nos últimos anos no estado. O início da safra atual se deu com bastante otimismo, já que a maioria dos produtores conseguiu realizar o preparo antecipado do solo devido ao inverno sem excesso de chuvas, as barragens se encontravam com disponibilidade adequada de água e havia boa disponibilidade de sementes no mercado, em especial do cultivar IRGA 424 RI, a mais cultivada no estado. Por outro lado, a dificuldade de acesso ao crédito oficial era um fator que contrapunham o otimismo inicial. A implantação da cultura no início do período determinado pelo zoneamento ocorreu sem problemas, dadas às boas condições de umidade do solo e o tempo seco. Porém, a partir da metade de outubro, em torno de 65% da área se encontrava semeada, houve alto volume de precipitação que prejudicou a emergência e estabelecimento das plântulas e a adequada evolução da semeadura. No entanto, com o término da chuva, no entanto, a semeadura foi retomada adequadamente, havendo apenas a necessidade de ressemeadura de algumas áreas.

Durante o período de desenvolvimento vegetativo as condições para a cultura foram adequadas, com as temperaturas variando dentro da faixa preferencial e com boa disponibilidade de radiação solar, fazendo com que as lavouras apresentassem alto potencial

produtivo. A floração, assim como a fase anterior, não foi influenciada negativamente pelas condições meteorológicas, principalmente porque não ocorreram “golpes de calor”, expressando adequadamente o potencial genético das cultivares. A boa distribuição de chuvas durante o verão, sem ocorrência de seguidos dias com umidade excessiva, fez com que, além da adequada incidência de radiação, não houvesse ocorrência de condições favoráveis ao desenvolvimento de doenças, em especial a Brusone.

Se, de um lado, o período de crescimento e desenvolvimento da cultura foi ótimo para o arroz, do período de colheita não se pode dizer o mesmo. Primeiramente, como a semeadura pôde ser realizada no menor período possível, somada à predominância de uma única cultivar, houve uma concentração da colheita para além da capacidade de escoamento e beneficiamento por parte das indústrias, causando até mesmo congestionamento de caminhões carregados em espera para descarga nas unidades recebedoras. Posteriormente, quando em torno de 80% da produção havia sido colhida, houve um período com elevada pluviosidade que causou alagamentos e enchentes, principalmente na região da fronteira oeste. Com isso, houve redução na qualidade e quantidade do produto colhido mais para o final da safra. Havia uma expectativa de redução significativa na produtividade com esses eventos, o que não se confirmou, já que até mesmo as áreas que sofreram com alagamento puderam ser colhidas sem perda excessiva de qualidade. Dessa forma, a produtividade e produção confirmaram as expectativas iniciais de bom desenvolvimento e fecharam dentro da média histórica do estado, recuperando a perda verificada no ano anterior.

Em Santa Catarina, a safra do arroz terminou com excelentes números. Observou-se, nessa safra, um aumento de 7% na produtividade das lavouras em relação à safra anterior, o que resultou em 73,5 mil toneladas a mais de arroz colhido no estado, nesse ano. A quase totalidade da produção já foi comercializada pelos produtores, que aproveitaram os preços mais atrativos do início da colheita.

No Paraná, o arroz de sequeiro está espalhado por todo o estado. A produtividade foi de 2.032 kg/ha, ou seja, 5,8% superior à safra anterior devido ao clima favorável em todo o ciclo. Trata-se de uma cultura de subsistência onde informação é de difícil controle. Geralmente é cultivada de forma intercalada entre outras culturas perenes. Já o arroz de cultivo irrigado, diferentemente do arroz de sequeiro, é altamente tecnológico. A colheita da cultura encerrou apresentando uma produtividade de 7.704 kg/ha. Essa produ-



tividade representa aumento de 39,2% em relação à safra anterior, a qual se atribui ao uso de tecnologia - onde se utiliza a semente pré-germinada - e ao clima favorável.

A Região Norte é a segunda maior produtora nacional de arroz e, mesmo com redução de 0,9% na área plantada, a produção cresceu 6,7% em relação à safra passada. A safra foi marcada por redução das áreas de arroz em sequeiro e aumento das áreas irrigadas, o que ajuda a explicar o incremento da produção através da alta produtividade que as áreas irrigadas propiciam. Em Tocantins, o cultivo de arroz de sequeiro teve redução de 23,5% da área cultivada em relação à safra passada. Isso se deve, em parte, à menor abertura de áreas para cultivo de soja e também pelo maior emprego de tecnologia por alguns produtores, que conseguem um retorno econômico maior com a soja no primeiro ano de cultivo. Com o clima mais regular, nessa temporada, a produtividade média foi 34,9% maior que na safra anterior. Com relação ao plantio irrigado, a área teve incremento de 8,1% e aumento de produtividade de 2,3%. Com isso, o crescimento da produção foi de 10,7% em relação à safra passada. A ocorrência de Brusone, constatado principalmente em janeiro, prejudicou a produtividade. Alguns produtores tiveram dificuldade para controlar a doença mesmo efetuando várias pulverizações subsequentes. A colheita de arroz irrigado foi finalizada em maio.

No Pará, o arroz ocupou a área de 68,8 mil hectares, menor 5,6% que a safra anterior. Entretanto, o rendimento obtido foi de 2.728 kg/ha, superior à safra anterior, que foi de 2.520 kg/ha, correspondendo a aumento de 8,3% de produtividade. Os números da safra atual apresentam produção superior à safra passada em 2,2%, muito em razão do excelente rendimento do plantio irrigado na Mesorregião do Marajó, que detém 5,1 mil hectares de área plantada no estado, cujo cultivo é caracterizado pelo sistema de produção em ciclos para atender a demanda das beneficiadoras.

Em Rondônia, a área plantada, de 40,6 mil hectares, é 4,7% menor que a da safra passada. A perda de área é devido, principalmente, à competição por área com a cultura da soja. A produtividade atual apurada foi de 2.956 kg/ha, 13,6% inferior à da safra passada. A redução da produtividade se deve, em primeiro lugar, por parte das lavouras estarem ocupando áreas novas, anteriormente utilizadas com pastagens. Alguns imprevistos aconteceram de forma isolada em algumas lavouras, como a incidência de Brusone e excesso de chuvas durante a colheita.

Em Roraima, a área estimada em 12,3 mil hectares está praticamente toda colhida, restando pouco mais de 10% para ser colhida. As chuvas foram acima do nor-

mal, gerando custo adicional de mão de obra para os serviços de drenagem dos excessos de água. A estimativa de produção para o estado é de 87,3 mil toneladas do grão. O estado se destaca pela maior produtividade da Região Norte e uma das mais altas do país.

No Amazonas, o plantio e a colheita são dependentes, em sua grande maioria, da descida e subida das águas dos rios (cheia e vazante), uma vez que nas áreas de várzea são cultivados a maior parte dos grãos do estado em virtude da fertilidade natural do solo elevado, aliada ao ciclo diferenciado do comportamento das águas nas diversas calhas de rios. A área cultivada, nessa safra, foi de 3,2 mil hectares, obtendo uma produtividade média de 2.183 kg/ha e produção total estimada em torno de 7 mil toneladas. A colheita começou em julho, especificamente nos municípios que não são tão afetados pela cheia dos rios.

No Acre, a área cultivada com arroz, nessa safra, foi de 4,3 mil hectares, com produção de 6 mil toneladas do cereal e produtividade de 1.399 kg/ha. A cultura do arroz vem decrescendo sua produção e área plantada devido à baixa produtividade e custo de produção elevado. Os principais fatores à baixa produtividade são a falta de cultivares adaptados à região e de políticas públicas de incentivo à cultura. Em áreas que foram feitos os preparos de solo e plantio utilizando-se um mínimo de tecnologia foram obtidos rendimento de 3.100 kg/ha. Isso mostra que o estado tem potencial para o cultivo de arroz, pois as condições climáticas são favoráveis à cultura e, com adoção de pacote tecnológico adequado, é possível elevar a produtividade.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, predomina o cultivo em sequeiro. No entanto, a área em sequeiro teve redução de 10,4%, enquanto a área sob cultivo irrigado foi 158,1% maior em relação à safra passada. Em Mato Grosso, a área estimada cultivada com arroz foi de 162,3 mil hectares. Desses, 151,4 mil hectares foram em sistema de sequeiro e 41,6 mil hectares são de arroz irrigado. A produção nessa safra registrou 530 mil toneladas, volume 20,8% maior que na última safra. Tal variação positiva se deve ao desempenho produtivo do cultivo de arroz mato-grossense, beneficiado pelas boas condições climáticas. Assim, a produtividade média deverá ser de 3.226 kg/ha, rendimento de 13,5% superior à safra anterior. As lavouras de arroz irrigado são plantadas somente na segunda safra em áreas de pivô, que antes foram ocupadas por lavouras de soja de ciclo precoce. Nessa safra não houve a necessidade de uso dos pivôs, tendo em vista a regularidade das precipitações pluviométricas. Estima-se que 75% da oferta resultante do ciclo 2016/17 tenha sido comercializada. O cereal remanescente tende a ficar armazenado, apesar da baixa capacidade estática para o produto no estado,



com as vendas ocorrendo aos poucos, a fim de conseguir melhores preços.

Mato Grosso do Sul produz um arroz de boa qualidade e, ao contrário dos estados produtores do sul do país, é comercializado basicamente nas beneficiadoras locais. A cultura é plantada no sistema de cultivo irrigado por inundação nas vazantes dos rios e, a depender do regime dos diferentes corpos hídricos, há variadas épocas de cultivo de arroz no estado, de forma que a cultura é implantada a partir de agosto, estendendo-se até dezembro. Grande parte dos produtores utilizam sementes certificadas, mas alguns compram sementes certificadas e reproduzem por dois a três anos e depois voltam a comprar sementes certificadas novamente. Há o monitoramento constante de pragas e doenças, e durante a safra surgiram algumas perdas com algumas áreas infestadas por plantas invasoras, principalmente o arroz vermelho, o qual apresenta competitividade por água e nutrientes, além do Brusone que é a principal doença que afeta a cultura. Todo o plantio foi planejado de forma escalonada, sendo assim, a cultura apresentou colheitas em épocas diferentes e, fatores importantes como fotoperíodo, volume dos rios e temperatura, não apresentaram motivos para preocupações. Como a semeadura foi feita dentro do zoneamento agrícola do estado, esses fatores se mostraram compatíveis, contribuindo para boas produtividades. Com a colheita concretizada praticamente em maio, a produtividade média apresentada foi de 6.000 kg/ha, cerca de 23,5% superior em relação à safra anterior devido à enchente dos rios e perdas da safra passada, produzidas em uma área de 15,5 mil hectares.

Em Goiás, a maior parte do arroz produzido foi plantado sob condições de irrigação, por meio do sistema de inundação. A área plantada sob esse sistema, nessa safra, foi estimada em 14,9 mil hectares e a produção em 93,9 mil toneladas. O cultivo de arroz de sequeiro foi cultivado em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência. Dessa forma, a área estimada foi 74,2% menor do que na última safra e a produtividade média alcançou 2.300 kg/ha, 41% a menos que na safra passada. A produção total do estado foi de 109,3 mil toneladas.

Na Região Nordeste, tanto as áreas de sequeiro quanto de arroz irrigado apresentaram redução, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis. Nessa safra, a redução na área cultivada foi de 19,1% e, apesar dessa diminuição, a produção foi 11,1% maior quando comparada ao exercício anterior. O Maranhão teve redução de 22% na área plantada em relação à safra 2015/16. Essa diminuição é observada a cada nova safra. O arroz de sequeiro é cultivado, geralmente, por agricultores familiares ou utilizado em novas

áreas para posteriormente inserir soja, no intuito de “amansar” as novas áreas, no entanto, esse procedimento está em decadência, pois atualmente já foram desenvolvidas cultivares de soja mais tolerantes a solos ácidos. Já o arroz irrigado é cultivado por grandes produtores, com bom aporte tecnológico. A produção foi estimada em 255,9 mil toneladas, redução de 4,6% em relação à safra passada, e só não foi menor devido ao aumento de produtividade, 22,2% maior em relação à safra passada. A área plantada com arroz irrigado equivale 1,4 mil hectares, aproximadamente 1% do total das lavouras de arroz no estado e responsável por 2,7% da produção, provocada pelo alto rendimento de 5.020 kg/ha. Em relação ao arroz em sequeiro houve redução de 22% na área cultivada e 4,9% na produção em relação à safra passada. A produtividade, por sua vez, não seguiu o mesmo caminho, aumentando 21,9% devido às condições meteorológicas favoráveis para a cultura, diferentemente do ocorrido na safra anterior.

No Piauí, o arroz irrigado teve área de 5,2 mil hectares, inferior 11,5% em relação à safra passada. Para o arroz de sequeiro a área plantada foi de 60 mil hectares, redução de 18% em relação à safra passada. A área do arroz total corresponde a 65,2 mil hectares, contra os 79,1 mil hectares da safra anterior, o que representa 17,6% de redução. Essa diminuição ocorreu principalmente na região do cerrado e se deve à redução da abertura de novas áreas, já que os produtores da região costumam fazer o plantio de arroz em áreas novas e a substituição de áreas antes plantadas com arroz, por milho e soja. A produtividade do arroz irrigado foi de 4.453 kg/ha, enquanto o arroz sequeiro a produtividade foi de 1.384 kg/ha, gerando um aumento de 192,8% em relação à safra anterior, o que se explica pelo péssimo regime climático da safra passada e a normalidade na safra atual. A produtividade do arroz total apresentou um aumento de 115,8% em relação à safra 2015/16. Na mesorregião sudoeste do estado, que compreende a região do cerrado, a maior parte da produção de arroz se encontra armazenado.

Sergipe se destaca pelas elevadas produtividades médias e como um dos estados que mais produz arroz no Nordeste. O cultivo está concentrado no Território do Baixo São Francisco sergipano, em áreas irrigadas por inundação. O plantio de arroz teve início em maio e cerca de 55% das lavouras estão semeadas. O excesso das chuvas e a demora na distribuição das sementes, por parte do governo estadual, atrasaram o plantio, que normalmente se encerra em agosto. A área de arroz estimada é de 4,7 mil hectares, redução de 7,8% quando comparado à área plantada da safra anterior, em virtude, principalmente, do avanço do mar sobre o rio São Francisco, causando a salinização de algumas áreas. De modo geral, a situação das lavouras de arroz



é considerada boa, com chuvas em ocorrência próxima a normal climatológica. Em todas as áreas foram utilizadas sementes certificadas de primeira geração, distribuídas pelo governo estadual. Devido ao atraso no plantio, a maioria das lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo. A expectativa de produção nesse levantamento é de 35,4 mil toneladas, cerca de 4,3% menor que a última safra, e o rendimento médio de 7.540 Kg/ha.

Em Alagoas, a área total plantada foi de 2,8 mil hectares e uma produtividade estimativa de 6.220 kg/ha, aumento de 8,7% em relação à safra anterior. A melhoria da produtividade foi possível devido aos fatores como o clima, assistência técnica e distribuição de sementes, que se adaptaram bem às condições de solo e clima da região. A produção total é comercializada na própria região, entre Alagoas e Sergipe.

No Ceará, 99% dos 4,7 mil hectares cultivados, já foram colhidos. O que resta a colher, a maioria de arroz irrigado, não foi inteiramente colhido em decorrência do plantio tardio. Grande parte da área destinada ao plantio de arroz, o preparo do solo é mecanizado, enquanto que o plantio é realizado manualmente, semeado em covas. Normalmente, as lavouras são implantadas em áreas de várzea, de vertissolos e de baixios. A maior parte das áreas de plantio são de propriedades familiares, que plantam poucos hectares apenas para subsistência, vendendo o excedente. Essa safra foi marcada pelo fim da seca dos últimos cinco anos. Com a normalização das chuvas, a cultura teve sua necessidade hídrica atendida nos três primeiros meses do ano, o que favoreceu a melhor produtividade em relação à última safra.

Na Bahia, o cultivo de arroz ocupou a área de 8,1 mil hectares em sequeiro, com uma produtividade estimada de 900 kg/ha. A colheita está finalizada e a estimativa de produção é de 7,3 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 3,8% na área cultivada e 82,5% na produção em relação à safra passada. Os campos de arroz estão concentrados no extremo oeste do estado, em manejo de sequeiro, com plantio direto e convencional.

No Rio Grande do Norte foram cultivados cerca de mil hectares de arroz, irrigado via sistema de inundação, principalmente em terras do vale do Apodi, principal região produtora do estado, com produtividade de 3.766 kg/ha. Com o aumento na produtividade, a produção foi estimada em 3,8 mil toneladas. O melhor desempenho produtivo nessa safra é resultado de uma ligeira melhora no volume de chuvas, embora as precipitações tenham sido mal distribuídas.

Na Paraíba, os produtores de arroz enfrentam grande

competição com produto originário de outras regiões do país, o que, conseqüentemente, tem levado parte dos produtores deixarem de trabalhar com a cultura. O baixo regime das chuvas, nos últimos cinco anos, tornou escassas as reservas de água para irrigação de salvamento, dificultando a atividade da rizicultura. Devido ao histórico dos prejuízos sofridos na exploração dessa cultura na safra passada, para essa safra, a colheita foi encerrada com uma área de 0,9 mil hectares de arroz, com produtividade média de 875 kg/ha. A baixa produtividade reflete a falta de chuvas. Cabe registrar a particularidade quanto ao cultivo no município de Sousa, na região do semiárido paraibano, com o manejo utilizado numa área de 50 hectares, obteve-se a produtividade média de 4.920 kg/ha, a partir do uso de "irrigação de salvação".

Em Pernambuco, em virtude da alta taxa de inadimplência dos produtores e do elevado custo de produção da cultura, as instituições financeiras deixaram de ofertar o respectivo crédito de custeio, que, aliado ao baixo poder de barganha dos produtores perante a única empresa de beneficiamento de arroz no estado fez com que a área cultivada fosse drasticamente perdendo seu espaço para outras culturas, ao ponto de, atualmente, se restringir a uma área de 0,2 mil hectares, custeada exclusivamente pela empresa de beneficiamento de arroz da região. A produtividade nessa safra foi de 4.000 kg/ha.

Na Região Sudeste, quando comparada à safra anterior, a área plantada com arroz teve redução de 8,1%, enquanto a produtividade aumentou 7,2% devido às melhores condições climáticas dessa safra. A produção estimada é de 53,7 mil toneladas. São Paulo é o maior produtor de arroz do Sudeste. Nessa safra, a área apresentou redução de 3% em relação à área plantada da última safra. A produção estimada é 0,8% maior que na safra passada e se concentra nas regiões do Vale do Paraíba, sob irrigação. Devido às dificuldades enfrentadas, o produtor paulista tem migrado para culturas mais rentáveis, como soja e milho, na expectativa de ganhos maiores.

Em Minas Gerais, a safra de arroz 2016/17 seguiu a tendência das últimas safras, onde o cultivo de arroz vem sofrendo constante declínio. Na safra 2015/16 havia uma área de 6,5 mil hectares com a cultura. Na safra atual, a área estimada é de 6 mil hectares, dos quais 11,7% são de sequeiro e 88,3% de irrigado, apresentando uma redução de 7,7% em comparação ao observado na safra passada. A menor competitividade dessa cultura em relação a outras mais rentáveis e de menor risco explicam essa pequena área cultivada de arroz. Apesar dos entraves relacionados à cultura, houve um aumento de 12,7% na produtividade, decorrente de condições climáticas favoráveis.



Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Arroz

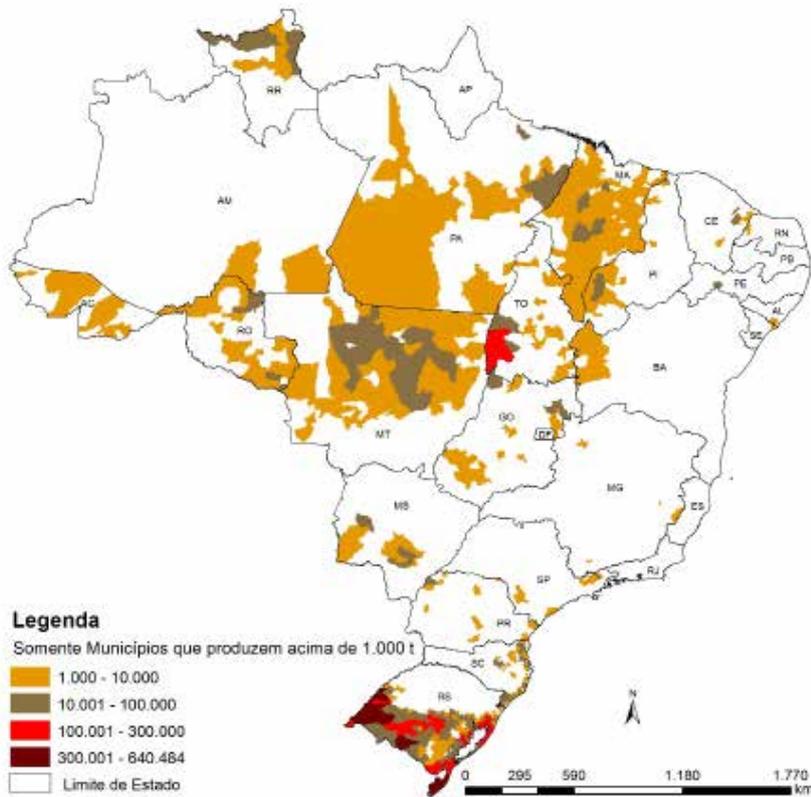
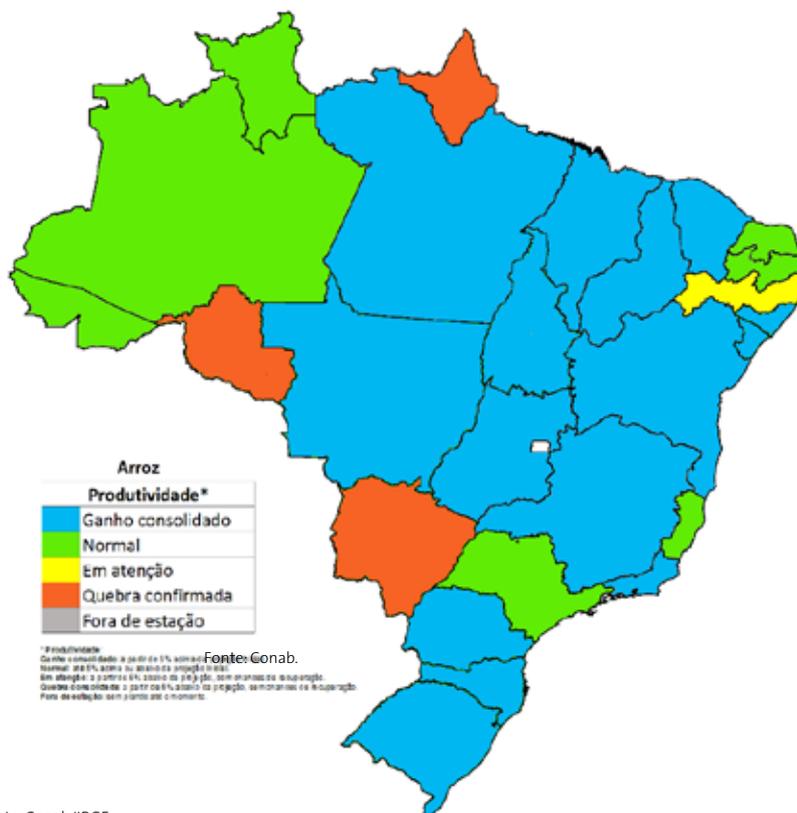


Figura 19 – Mapa da estimativa de produtividade - Arroz



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense		PP	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	265,4	263,0	(0,9)	3.835	4.130	7,7	1.017,8	1.086,1	6,7
RR	8,6	12,3	43,0	7.023	7.100	1,1	60,4	87,3	44,5
RO	42,6	40,6	(4,7)	3.423	2.956	(13,6)	145,8	120,0	(17,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.399	3,4	6,9	6,0	(13,0)
AM	1,9	3,2	68,4	2.290	2.183	(4,7)	4,4	7,0	59,1
AP	1,5	1,5	-	918	945	2,9	1,4	1,4	-
PA	72,9	68,8	(5,6)	2.520	2.728	8,3	183,7	187,7	2,2
TO	132,8	132,3	(0,4)	4.633	5.115	10,4	615,2	676,7	10,0
NORDESTE	283,3	229,2	(19,1)	1.389	1.908	37,3	393,7	437,3	11,1
MA	181,5	141,6	(22,0)	1.478	1.807	22,2	268,3	255,9	(4,6)
PI	79,1	65,2	(17,6)	755	1.629	115,8	59,7	106,2	77,9
CE	4,7	4,7	-	648	2.076	220,3	3,0	9,7	223,3
RN	1,0	1,0	-	2.931	3.766	28,5	2,9	3,8	31,0
PB	0,8	0,9	12,5	197	875	344,2	0,2	0,8	300,0
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	2,8	(6,7)	5.720	6.220	8,7	17,2	17,4	1,2
SE	5,1	4,7	(7,8)	7.255	7.540	3,9	37,0	35,4	(4,3)
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	192,5	199,4	3,6	3.159	3.672	16,3	608,0	732,3	20,4
MT	152,5	162,3	6,4	2.876	3.266	13,5	438,6	530,0	20,8
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	26,0	21,6	(16,9)	3.900	5.059	29,7	101,4	109,3	7,8
SUDESTE	17,2	16,1	(6,4)	3.173	3.399	7,1	54,6	54,7	0,2
MG	6,5	6,0	(7,7)	2.306	2.534	9,9	15,0	15,2	1,3
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.471	(0,4)	0,5	0,2	(60,0)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	10,0	9,7	(3,0)	3.790	3.935	3,8	37,9	38,2	0,8
SUL	1.249,6	1.273,2	1,9	6.825	7.868	15,3	8.528,9	10.017,7	17,5
PR	26,2	25,1	(4,2)	4.581	6.506	42,0	120,0	163,3	36,1
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.638	7,0	1.052,3	1.125,8	7,0
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.930	16,0	7.356,6	8.728,6	18,6
NORTE/NORDESTE	548,7	492,2	(10,3)	2.572	3.095	20,3	1.411,5	1.523,4	7,9
CENTRO-SUL	1.459,3	1.488,7	2,0	6.299	7.258	15,2	9.191,5	10.804,7	17,6
BRASIL	2.008,0	1.980,9	(1,3)	5.280	6.224	17,9	10.603,0	12.328,1	16,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	154,8	140,6	(9,2)	2.432	2.526	3,9	376,5	355,1	(5,7)
RO	42,6	40,6	(4,8)	3.423	2.956	(13,6)	145,8	120,0	(17,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.399	3,4	6,9	6,0	(13,0)
AM	1,9	3,2	68,4	2.290	2.183	(4,7)	4,4	7,0	59,1
AP	1,5	1,5	(3,3)	918	945	2,9	1,4	1,4	-
PA	68,0	63,7	(6,3)	2.413	2.592	7,4	164,1	165,1	0,6
TO	35,7	27,3	(23,5)	1.509	2.036	34,9	53,9	55,6	3,2
NORDESTE	266,2	213,3	(19,9)	1.141	1.623	42,3	303,6	346,2	14,0
MA	179,7	140,2	(22,0)	1.456	1.775	21,9	261,6	248,9	(4,9)
PI	73,2	60,0	(18,1)	476	1.384	190,8	34,8	83,0	138,5
CE	4,7	4,1	(12,4)	648	1.516	134,0	3,0	6,2	106,7
PB	0,8	0,9	15,1	197	875	344,2	0,2	0,8	300,0
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	176,5	158,1	(10,4)	3.014	3.187	5,7	532,0	503,8	(5,3)
MT	150,5	151,4	0,6	2.861	3.226	12,8	430,6	488,4	13,4
GO	26,0	6,7	(74,2)	3.900	2.300	(41,0)	101,4	15,4	(84,8)
SUDESTE	3,3	7,1	115,2	2.221	2.093	(5,8)	7,3	14,8	102,7
MG	1,0	4,7	370,0	800	1.563	95,4	0,8	7,3	812,5
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.471	(0,4)	0,5	0,2	(60,0)
RJ	0,5	0,3	(40,5)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	1,6	2,0	24,0	3.027	3.082	1,8	4,8	6,2	29,2
SUL	6,9	5,3	(23,2)	1.920	2.032	5,8	13,2	10,8	(18,2)
PR	6,9	5,3	(23,2)	1.920	2.032	5,8	13,2	10,8	(18,2)
NORTE/NORDESTE	421,0	353,9	(15,9)	1.615	1.982	22,7	680,1	701,3	3,1
CENTRO-SUL	186,7	170,5	(8,7)	2.960	3.105	4,9	552,5	529,4	(4,2)
BRASIL	607,7	524,4	(13,7)	2.028	2.347	15,7	1.232,6	1.230,7	(0,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	110,6	122,4	10,7	5.799	5.972	3,0	641,3	731,0	14,0
RR	8,6	12,3	43,6	7.023	7.100	1,1	60,4	87,3	44,5
PA	4,9	5,1	4,1	4.000	4.433	10,8	19,6	22,6	15,3
TO	97,1	105,0	8,1	5.781	5.915	2,3	561,3	621,1	10,7
NORDESTE	17,1	15,9	(7,0)	5.260	5.732	9,0	90,1	91,1	1,1
MA	1,8	1,4	(21,1)	3.700	5.020	35,7	6,7	7,0	4,5
PI	5,9	5,2	(11,5)	4.212	4.453	5,7	24,9	23,2	(6,8)
CE	-	0,6	-	-	5.900	-	-	3,5	-
RN	1,0	1,0	1,5	2.931	3.766	28,5	2,9	3,8	31,0
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	2,8	(8,1)	5.720	6.220	8,7	17,2	17,4	1,2
SE	5,1	4,7	(7,8)	7.255	7.540	3,9	37,0	35,4	(4,3)
CENTRO-OESTE	16,0	41,3	158,1	4.753	5.532	16,4	76,0	228,5	200,7
MT	2,0	10,9	445,0	4.000	3.815	(4,6)	8,0	41,6	420,0
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	-	14,9	-	-	6.300	-	-	93,9	-
SUDESTE	13,9	9,0	(35,3)	3.399	4.429	30,3	47,3	39,9	(15,6)
MG	5,5	1,3	(76,4)	2.580	6.043	134,2	14,2	7,9	(44,4)
SP	8,4	7,7	(8,3)	3.935	4.157	5,6	33,1	32,0	(3,3)
SUL	1.242,7	1.267,9	2,0	6.853	7.893	15,2	8.515,7	10.006,9	17,5
PR	19,3	19,8	2,7	5.533	7.704	39,2	106,8	152,5	42,8
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.638	7,0	1.052,3	1.125,8	7,0
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.930	16,0	7.356,6	8.728,6	18,6
NORTE/NORDESTE	127,7	138,3	8,3	5.727	5.945	3,8	731,4	822,1	12,4
CENTRO-SUL	1.272,6	1.318,2	3,6	6.788	7.795	14,8	8.639,0	10.275,3	18,9
BRASIL	1.400,3	1.456,5	4,0	6.692	7.619	13,9	9.370,4	11.097,4	18,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Em julho, o Brasil exportou 112,6 mil toneladas de arroz base casca e importou 100,2 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 529,25/t, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em abril, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 55,5 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 404,43/t de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do sudeste brasileiro. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação de 1 milhão de toneladas e exportação de 800 mil toneladas, pois se identifica uma recuperação da produção interna e um provável arrefecimento do real para o segundo semestre, pre-

visto pelo Banco Central.

Acerca do consumo, esse foi consolidado em torno de 11,4 milhões de toneladas para a safra 2015/16 em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Para a safra 2016/17, projeta-se um consumo levemente superior em virtude da amena recuperação econômica. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2016/17 deverá ser 16,3% superior em relação à safra 2015/16, atingindo 12,3 milhões toneladas. Essa expansão da produção ocorre em razão da atual boa condição climática nas lavouras e à conseqüente normalidade da produtividade na cultura, após o forte declínio na última safra influenciado pelas fortes chuvas na Região Sul do país. Logo, em meio a todas as variáveis expostas, encontra-se um cenário de estoque de passagem ajustado. Cabe ressaltar, todavia, que é esperada uma recomposição do volume perdido ao longo da safra 2015/16, sendo previsto um estoque final de 1.458,9 mil toneladas para a safra 2016/17.

Tabela 15 - Suprimento de arroz em casca - Em mil toneladas

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16 (*)	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17 (**)	430,8	12.328,1	1.000,0	13.758,9	11.500,0	800,0	1.458,9

Fonte: Conab.



9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com o feijão primeira safra (safra 2016/17) foi de 1.111 mil hectares, 13,5% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para essa cultura está em 1.243 kg/ha, na média nacional, 17,6% acima da obtida na

Feijão-comum cores

Houve incremento de 16,7% na área semeada com o feijão-comum cores. Para o exercício 2016/17 a área foi de 478,2 mil hectares, impulsionada pelos preços atrativos. O clima teve comportamento favorável e refletiu no aumento da produtividade em 9,9% em relação à safra de 2015/16, saindo de 1.619 kg/ha para 1.779 kg/ha. A produção apresentou acréscimo de 28,2%, atingindo 850,4 mil toneladas.

Na Região Norte-Nordeste, o plantio da safra 2016/17 iniciou em janeiro de 2017, cultivado na Bahia e em Tocantins. Percebe-se ainda que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão-comum cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

Em Tocantins, a área plantada teve uma redução de 56,5% da cultura relacionada ao grupo cores. A queda da produtividade média em relação à safra anterior (13,7%) se deve à redução de plantio de feijão-comum cores nas regiões norte e sul do estado, onde se obtiveram produtividades elevadas na safra 2015/16.

Na Bahia, o cultivo de verão do feijão-comum cores ocupou uma área de 57 mil hectares e a produção total foi de 49,1 mil toneladas. Os números da safra atual representaram aumento de 13,3% na área cultivada e aumento de 45,7% na produção em relação à safra passada. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro e os plantios irrigados foram realizados em sucessão à lavoura de soja. Em meados de dezembro de 2016 e início de janeiro de 2017 houve veranico em algumas microrregiões produtoras, como Bom Jesus da Lapa e Santa Maria da Vitória, provocando impacto negativo no desenvolvimento vegetativo, floração e frutificação dessa cultura. Na microrregião de Irecê e Guanambi foi registrado um veranico intenso. Esse veranico impactou negativamente as culturas de milho e feijão, plantadas em novembro. Durante dezembro os plantios previstos não foram realizados devido ao baixo volume de precipitação.

Na Região Centro-Oeste se observou incremento de área (13%), produtividade (3,2%) e produção (16,4%)

última temporada. Com esses resultados de área e produtividade, a produção nacional foi de 1.380,9 mil toneladas, representando acréscimo de 33,5% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,3 mil toneladas. As boas condições climáticas favoreceram a cultura.

em relação ao exercício passado, impulsionado pelo clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.

Em Mato Grosso, o fechamento da cultura de feijão cores primeira safra 2016/17 foi positiva. A produtividade registrada foi de 1.998 kg/ha, ante aos 1.872 kg/ha da safra passada, aumento de 6,7%. A área da cultura ficou em 4,4 mil hectares, incremento de 131,6% em relação aos 1,90 mil hectares cultivados no período 2015/16. O aumento da área dedicada à cultura foi em razão dos bons preços pagos pelo produto na época do plantio, gerando grandes expectativas por parte dos produtores rurais. A partir disso, registrou-se produção de 8,79 mil toneladas, volume 147,2% superior às 3,55 mil toneladas da safra passada.

Em Minas Gerais, o cultivo de feijão cores é predominante no estado, representando 85,2% da área e 94% da produção. De modo geral, esse tipo de feijão é cultivado em praticamente todos os municípios de Minas Gerais, desde áreas altamente tecnificadas até fundos de quintais.

No Distrito federal, a área semeada na primeira safra de feijão foi praticamente a mesma cultivada na safra anterior, 12.110 hectares. A produtividade média registrou 1.875 kg/ha, superior em 26,2% à obtida na safra passada que foi severamente afetada pelas condições climáticas (falta de chuvas) e ataques da mosca-branca. A produção foi de 20.708 toneladas, superior em 27,9% à obtida na safra 2015/16.

No Paraná, o produto já está completamente colhido desde março e atualmente está com a comercialização avançada, quase concluída. A qualidade do grão, no geral, foi boa, haja vista que o tempo mais seco na colheita favoreceu a qualidade. O incremento da área plantada/colhida se reverteu em aumento de produtividade, a qual ficou em 1.812 kg/ha, ou seja, 13% superior em relação à safra passada.

No Rio Grande do Sul, a cultura tem seu cultivo restrito aos Campos de Cima da Serra e realizada por produtores altamente tecnificados, que teve a implantação em meados de novembro até os primeiros dias



de janeiro. As condições de desenvolvimento foram adequadas em razão da boa disponibilidade hídrica e/ou utilização de irrigação e da alta tecnologia em-

Feijão-comum preto

No Brasil houve queda de 3,2% na área plantada de feijão-comum preto, alcançando 174,7 mil hectares. Em face das boas condições climáticas, obteve-se aumento na produtividade de 14,2%, saindo de 1.601 kg/ha para 1.829 kg/ha, e a produção foi 319,5 mil toneladas, aumento de 10,5% em relação à safra anterior, que foi de 289,1 mil toneladas.

Na Região Sul, principal região produtora, seguiu a mesma tendência do país. Apesar da queda de área, em detrimento ao plantio de feijão-comum cores, as boas condições climáticas favoreceram a produtividade. A produção alcançou 307,8 mil toneladas, ou seja, cerca de 8,8% de aumento e aproximadamente 97% da oferta do feijão-comum preto no país.

No Paraná a área total é de 112 mil hectares e o produto foi praticamente todo comercializado. A produtividade foi de 1.929 kg/ha. A qualidade, no geral, foi boa, com casos pontuais de perda de qualidade devido à colheita em tempo chuvoso.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do feijão se esten-

Feijão-caupi

Durante a primeira safra o feijão-caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país. Sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A área e a produtividade total de feijão-caupi cresceram 18% e 118,8%, respectivamente, em face das condições climáticas mais favoráveis nessa safra. O quadro climático se apresentou favorável e a produção foi superior em 158,1%, alcançando 210,9 mil toneladas.

Na Região Norte/Nordeste o plantio da safra 2016/17 se iniciou em novembro. A opção dos produtores de cultivar feijão-caupi nas áreas de sequeiro se deve a sua maior resistência ao estresse hídrico e é uma alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre. A produção foi de 193,2 mil toneladas numa área de 433,2 mil hectares.

Em Tocantins a área plantada com feijão-caupi teve um acréscimo de 18,2% e variação positiva de 4,1% (610 kg/ha) na produtividade e 22,7% a mais na produção, quando comparada à safra anterior.

Na Bahia, o cultivo de verão do feijão-caupi ocupou a área de 169,9 mil hectares. Os plantios de sequeiro fo-

pregada, e apresentou produtividade média de 2.400 kg/ha, área de 10 mil hectares e produção de 24 mil toneladas.

deu desde agosto até novembro. Não houve problemas significativos na implantação da cultura, apenas algumas áreas precisaram ser ressemeadas devido às fortes chuvas ocorridas em outubro em praticamente todo o estado. A colheita na maior parte das regiões se encerrou em janeiro. A área na safra 2016/17 sofreu uma queda de cerca de 5,1% em relação à safra anterior, fechando em 31,8 mil hectares, em razão da saída de pequenos produtores familiares da atividade, que tem se configurado de alto risco e sujeita a variações fortes de mercado. A produtividade final foi 1.508 kg/ha, com pequena redução em relação à safra passada, mas dentro da média dos últimos anos.

A área cultivada na Região Sudeste apresentou incremento de 122,7% da área plantada com a leguminosa para o exercício 2016/17.

Em Minas Gerais, diferentemente do feijão cores, o cultivo do feijão-preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. Na primeira safra a área ficou estimada em 6,9 mil hectares, na qual foi obtida uma produção de 6,1 mil toneladas.

ram realizados em novembro e dezembro e os irrigados no final de fevereiro. O rendimento foi de 504 kg/ha (8,4 sc/ha) e uma produção de 85,6 mil toneladas. No extremo oeste do estado, a colheita das lavouras de sequeiro foi iniciada durante maio e as áreas irrigadas estão sendo colhidas. Os números da safra atual representam aumento de 22,3% na área cultivada e aumento de 160,2% na produção em relação à safra passada.

No Maranhão a totalidade das lavouras já foi colhida. A área total plantada é de 36,4 mil hectares, com produtividade média igual a 570 kg/ha e uma produção de 20,7 mil toneladas. Em relação à safra 2015/16, o aumento de produtividade atinge 21,8%, refletindo em 50% no incremento da produção, impulsionados pelas boas condições meteorológicas da safra corrente. Em relação ao último levantamento, área, produtividade e consequentemente a produção permanecem inalteradas. Essa cultura possui uma demanda hídrica inferior à do arroz e do milho, por ser menos exigente em água e também possuir ciclo de desenvolvimento mais curto. Porém, como tivemos nessa safra um ótimo período de chuvas, a preocupação era ter água em excesso para o feijão-caupi, o que não aconteceu,



Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

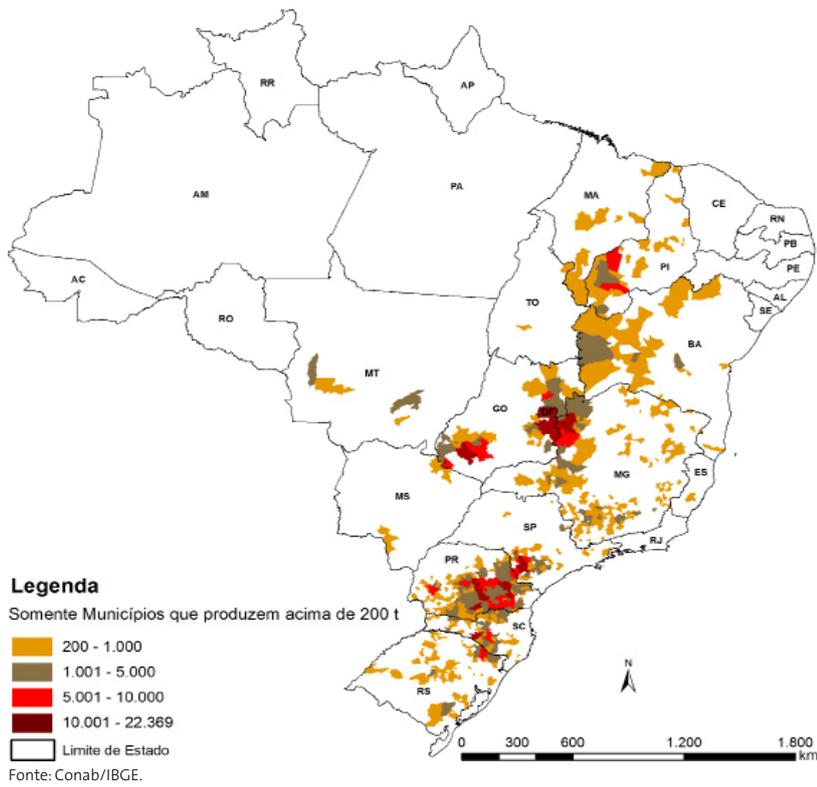
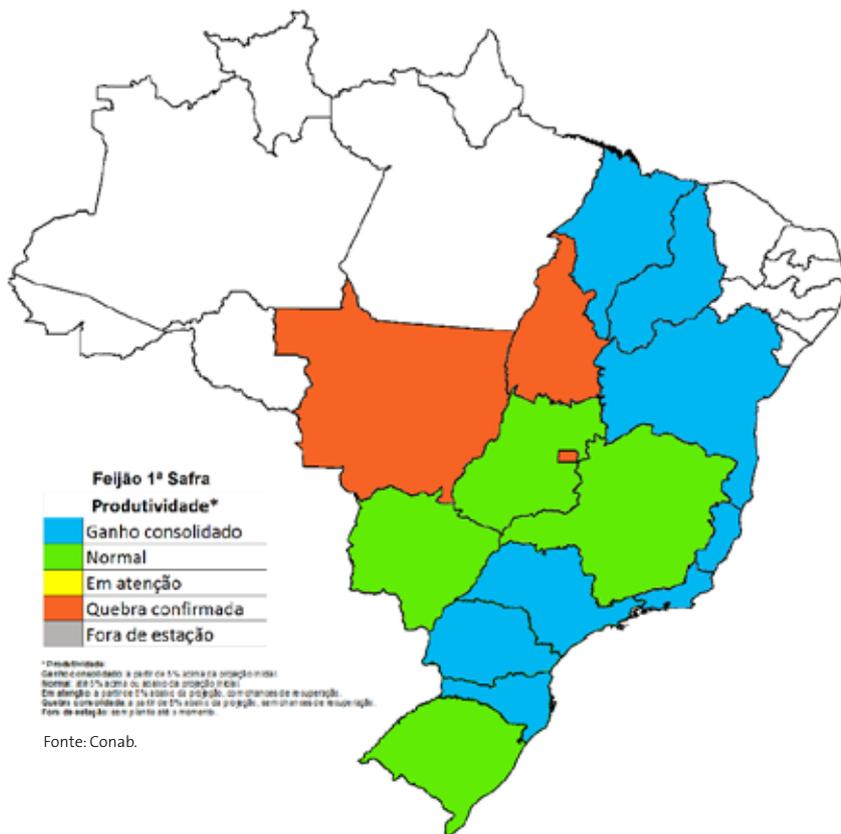


Figura 21 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão primeira safra



porque as precipitações ocorreram com uma boa distribuição espaço temporal.

No Piauí, o feijão-caupi se consolidou com uma área de 226,9 mil hectares, registrando um aumento de 7,3% em relação à safra passada, que se deveu principalmente às áreas de agricultura familiar, que corresponde a mais de 60% da área de feijão do estado

devido à veiculação de informações que o regime pluviométrico dessa safra seria melhor que nos anos anteriores.

Foi constatado um aumento da produtividade de 175,5% em relação à safra anterior, totalizando 383 kg/ha, favorecido pelo melhor regime chuvoso em relação à safra passada. No entanto, a produtividade ob-

Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	F/FR/M	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru		P	DV	F	FR	M	C					
	Assis	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Itapetininga	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Catarinense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Serrana				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



tida ficou abaixo da produtividade em safras normais devido à escassez de chuva na região do semiárido.

Em Minas Gerais esse feijão representa 10,5% da área total do estado, porém, contribui apenas com 3% da produção. Isso se deve a queda de produtividade por causa da seca constante no norte do estado, região

onde esse tipo é cultivado. Na safra 2016/17 a redução foi de 42,3% na produtividade.

Em Mato Grosso, o balanço da safra 2016/17 foi favorável para a cultura. A área plantada teve aumento de 60% devido às expectativas de preços elevados da variedade do feijão, saindo de 4 mil hectares, no período

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,8	4,3	716	649	(9,4)	3,3	3,1	(6,1)
TO	4,6	4,8	4,3	716	649	(9,4)	3,3	3,1	(6,1)
NORDESTE	430,2	490,2	13,9	255	453	77,6	109,8	222,2	102,4
MA	29,5	36,4	23,4	468	570	21,8	13,8	20,7	50,0
PI	211,5	226,9	7,3	139	294	111,5	29,4	66,7	126,9
BA	189,2	226,9	19,9	352	594	68,7	66,6	134,8	102,4
CENTRO-OESTE	70,6	81,5	15,4	2.129	2.203	3,5	150,4	179,5	19,3
MT	5,9	10,8	83,1	1.091	1.525	39,8	6,5	16,5	153,8
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	12,1	12,1	-	1.485	1.895	27,6	18,0	22,9	27,2
SUDESTE	202,3	247,3	22,2	1.561	1.651	5,7	315,8	408,3	29,3
MG	146,6	161,0	9,8	1.306	1.213	(7,2)	191,4	195,2	2,0
ES	4,9	4,6	(6,1)	1.239	1.174	(5,3)	6,1	5,4	(11,5)
RJ	0,8	0,6	(25,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.552	8,7	117,4	207,0	76,3
SUL	270,9	287,2	6,0	1.680	1.907	13,5	455,0	547,6	20,4
PR	181,4	194,1	7,0	1.575	1.880	19,3	285,7	364,8	27,7
SC	46,0	51,3	11,5	1.869	2.160	15,5	86,0	110,8	28,8
RS	43,5	41,8	(3,9)	1.915	1.721	(10,1)	83,3	72,0	(13,6)
NORTE/NORDESTE	434,8	495,0	13,8	260	455	75,0	113,1	225,3	99,2
CENTRO-SUL	543,8	616,0	13,3	1.694	1.843	8,8	921,2	1.135,4	23,3
BRASIL	978,6	1.111,0	13,5	1.057	1.225	15,9	1.034,3	1.360,7	31,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
DF	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	4,4	9,8	122,7	972	965	(0,7)	4,3	9,5	120,9
MG	1,6	6,9	330,6	570	838	47,0	0,9	5,8	544,4
ES	2,0	2,3	15,0	1.239	1.304	5,2	2,5	3,0	20,0
RJ	0,8	0,6	(20,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SUL	174,9	163,7	(6,4)	1.618	1.880	16,2	283,0	307,8	8,8
PR	125,3	112,0	(10,6)	1.563	1.929	23,5	195,8	216,0	10,3
SC	16,1	19,9	23,6	1.731	2.200	27,1	27,9	43,8	57,0
RS	33,5	31,8	(5,1)	1.770	1.508	(14,8)	59,3	48,0	(19,1)
CENTRO-SUL	180,5	174,7	(3,2)	1.601	1.829	14,2	289,1	319,5	10,5
BRASIL	180,5	174,7	(3,2)	1.601	1.829	14,2	289,1	319,5	10,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



2015/16, para 6,4 mil hectares no atual. A produtividade registrou bons números, com rendimento médio de 1.200 kg/ha, desempenho de 66,7% superior aos 720 kg/ha obtidos na safra anterior, a qual registrou baixos índices pluviométricos que afetaram significa-

tivamente o rendimento da lavoura. Assim, calcula-se que a produção da leguminosa seja 165,5% superior à do período 2015/16, passando de 2,9 mil toneladas para 7,7 mil toneladas.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,4	(55,6)	1.252	1.080	(13,7)	1,1	0,4	(63,6)
TO	0,9	0,4	(56,5)	1.252	1.080	(13,7)	1,1	0,4	(63,6)
NORDESTE	50,3	57,0	13,3	670	862	28,7	33,7	49,1	45,7
BA	50,3	57,0	13,3	670	862	28,7	33,7	49,1	45,7
CENTRO-OESTE	65,4	73,9	13,0	2.225	2.296	3,2	145,7	169,6	16,4
MT	1,9	4,4	131,6	1.872	1.998	6,7	3,6	8,8	144,4
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	10,9	10,9	-	1.486	1.900	27,9	16,2	20,7	27,8
SUDESTE	197,3	223,4	13,2	1.576	1.752	11,2	311,0	391,5	25,9
MG	144,4	140,0	(3,0)	1.316	1.301	(1,1)	190,0	182,1	(4,2)
ES	2,9	2,3	(20,7)	1.239	1.043	(15,8)	3,6	2,4	(33,3)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.552	8,7	117,4	207,0	76,3
SUL	96,0	123,5	28,6	1.792	1.941	8,3	172,0	239,8	39,4
PR	56,1	82,1	46,3	1.603	1.812	13,0	89,9	148,8	65,5
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	2.134	9,8	58,1	67,0	15,3
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	57,4	12,1	680	864	26,9	34,8	49,5	42,2
CENTRO-SUL	358,7	420,8	17,3	1.752	1.903	8,6	628,7	800,9	27,4
BRASIL	409,9	478,2	16,7	1.619	1.779	9,9	663,5	850,4	28,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,4	18,9	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
TO	3,7	4,4	18,2	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
NORDESTE	379,9	433,2	14,0	200	400	99,4	76,1	173,0	127,3
MA	29,5	36,4	23,3	468	570	21,8	13,8	20,7	50,0
PI	211,5	226,9	7,3	139	294	111,5	29,4	66,7	126,9
BA	138,9	169,9	22,3	237	504	112,7	32,9	85,6	160,2
CENTRO-OESTE	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
MT	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
SUDESTE	0,6	14,1	2.250,0	900	519	(42,3)	0,5	7,3	1.360,0
MG	0,6	14,1	2.250,0	900	519	(42,3)	0,5	7,3	1.360,0
NORTE/NORDESTE	383,6	437,6	14,1	204	402	96,8	78,3	175,7	124,4
CENTRO-SUL	4,6	20,5	345,7	743	732	(1,6)	3,4	15,0	341,2
BRASIL	388,2	458,1	18,0	210	416	97,8	81,7	190,7	133,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2016/17, esse volume da região é quase 77,5% da produção total, mesmo ocupando apenas 49,2% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão segunda safra foi de

1.426,9 mil hectares, o que configura um incremento de 8,8% em relação à safra passada. Estima-se uma produtividade de 23,2% maior em relação à safra anterior, saindo de 696 kg/ha para 842 kg/ha e a produção deve ser de 1.200,9 mil toneladas.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores, como na primeira safra, é o tipo mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 575,8 mil toneladas para a safra 2016/17, ou seja, 16,1% superior à safra passada. O reflexo é resultado do aumento de área (6,4%) e produtividade (9,1%).

Em Mato Grosso do Sul, a expansão de área de 78,6% em relação à safra anterior ocorreu devido a melhores perspectivas de mercado e aos baixos preços pagos pelo milho, sendo a cultura do feijão uma boa alternativa financeira. A produtividade de aproximadamente 1.700 kg/ha é 70,5% superior à da safra anterior devido ao bom regime de chuvas nessa atual safra e aos problemas de seca do ano passado.

No Paraná a cultura está totalmente colhida no estado, visto que a produtividade alcançou 1.344 kg/ha, ou seja, 8,6% a menos que na safra anterior. Essa redução se deve a problemas climáticos, como o excesso de chuva na colheita, que também comprometeu bastante a qualidade do grão. Apenas o produto colhido antes das chuvas atingiu uma boa qualidade. A comercialização está praticamente concluída, restando aquele produto de qualidade não muito boa (chuvas na colheita).

Em Mato Grosso, a área dedicada ao feijoeiro é 67,3% maior que os 17 mil hectares cultivados na safra passada devido aos bons preços praticados no mercado. Os talhões colhidos confirmaram o bom rendimento médio da cultura em 1.831 kg/ha, 111,1% acima dos 868 kg/ha obtidos na safra 2015/16, tendo em vista às boas condições climáticas durante o desenvolvimento da lavoura. Portanto, a produção do ciclo 2016/17 de feijão-comum cores segunda safra está estimada em 52 mil toneladas, índice 253,7% maior do que as 14,7 mil toneladas do período anterior.

Em Minas Gerais, verificou-se uma redução de 5,6% na área de feijão-comum cores segunda safra em Minas Gerais, por outro lado, houve um incremento significativo de 6,3% na produtividade, o que resultou em aumento de 0,3% na produção estadual em relação à safra anterior. Os bons resultados alcançados para a cultura do feijão se deve ao clima, tanto pelo favorecimento à cultura como pelo desfavorecimento de problemas fitossanitários, mais precisamente do mofo branco, no Cerrado Mineiro. Outro fator que contribuiu com os resultados foi a melhoria do manejo nas áreas tecnificadas.

No Distrito Federal, na safra anterior, a área semeada com feijão segunda safra foi de 800 hectares. Para a safra 2016/17, manteve-se a área cultivada na safra 2015/16. A produtividade média obtida de 2.200 kg/ha é superior à registrada na safra passada, resultando numa produção de 1,8 mil toneladas, superior em 12,5% à obtida na safra passada. A separação em cores e preto segue a ordem de 90% e 10% respectivamente.

Em São Paulo o feijão-comum cores segunda safra continua sendo pouco cultivado, pois o produto é pouco interessante para a maioria dos produtores nesta época do ano. O recuo da produtividade do feijão-comum cores segunda safra veio a se confirmar em 4,8% em relação à safra anterior. Fato ocasionado pela presença de pragas como também clima desfavorável. Exceto para a região de Parapanema onde os produtores holandeses plantam algumas lavouras de feijão segunda safra e essas áreas são totalmente cultivadas em baixo de pivô. Por isto, produtividades maiores. Porém, não traduz a realidade das demais áreas e regiões do estado. A previsão média de produtividade de feijão-comum cores segunda safra é de 1.815 kg/ha.

No Acre, o cultivo do feijão-comum cores é praticado essencialmente por pequenos produtores, que cultivam áreas inferiores a dois hectares. A cultura do feijoeiro tem importância social e econômica. A expansão da cultura está limitada principalmente pelo fungo causador da “mela do feijoeiro”, o ataque da vaquinha, baixa utilização de insumos, mão de obra familiar e falta de cultivares adaptadas para a região, que contribuem para baixa produtividade. O principal feijão cultivado no Acre é o comum cores (carioca), a estimativa de área semeada de feijão cores se situa em 5,6 mil hectares, produção de 3,2 mil toneladas e produtividade média de 580 kg/ha.



Em Rondônia, a estimativa é de uma leve diminuição da área plantada nessa safra, ou seja, 19,3 mil hectares ou variação negativa de 7,2% em relação à safra passada. Por outro lado, a produtividade estimada de 971 kg/ha é 13,4% superior ao da safra 2015/16. Esse aumento da produtividade é atribuído às boas condições climáticas, chuvas bem distribuídas e melhora dos traços culturais.

Essa leguminosa na sua quase totalidade é cultivada em pequenas áreas, em centenas de propriedades que praticam a agricultura familiar. Os plantios são feitos geralmente em áreas utilizadas anteriormente com lavouras de milho da primeira safra, também ocorrem entre as áreas de cafés recepados e cafés recém-plantados. Recentemente, em algumas regiões, médios produtores passaram também a realizar o plantio em áreas onde anteriormente foram cultivadas com milho. É praxe no estado entre os agricultores familiares, a seleção e guarda dos melhores grãos produzidos para a utilização no plantio da próxima safra. Atualmente essa cultura está com todas as fases concluí-

das e sua comercialização já realizada.

No Ceará, o cultivo do feijão-comum cores sofreu uma redução de área em virtude dos seguidos anos de seca. A semente, que outrora era distribuída pelo governo estadual, não é mais há alguns anos. Nas áreas onde ainda é realizado o plantio, são utilizadas sementes próprias ou adquiridas no comércio local. A área cultivada totaliza 2,8 mil hectares, localizadas na parte norte do estado, na serra da Ibiapaba e adjacências e na chapada do Araripe. A cultura já foi colhida. Na Paraíba, nas cinco últimas safras a cultura foi prejudicada pela escassez de chuvas. Na safra passada foram plantados 24 mil hectares, que pelo baixo índice pluviométrico teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra temos o plantio realizado na ordem de 25,7 mil hectares, com produtividade estimada em 447 kg/ha. Registra-se a frustração das estimativas iniciais de intenção de plantio na ordem de 9,6%. A cultura sofre pela deficiência hídrica e aponta para a perda de produtividade de 35%, com registro de municípios que já apresentam perda total.

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa é de 177,9 mil toneladas, numa área de 131,8 mil hectares.

No Paraná, o produto está totalmente colhido, visto que a produtividade média de 1.418 kg/ha, ou seja, 4,6% inferior ao valor obtido na última safra. Essa redução se justifica pelo excesso de chuvas na maturação e colheita, o que fez a qualidade e produtividade reduzirem.

No Rio Grande do Sul, a semeadura da segunda safra teve início em janeiro e se estendeu até o início de março. Houve uma grande redução na área cultivada na segunda safra, ficando restrita apenas a pequenos produtores, que utilizam o produto para consumo próprio ou alguns produtores altamente tecnificados que o cultivam sob irrigação. No entanto, boa parte das áreas sob irrigação que foram cultivadas com feijão em primeira safra acabaram sendo destinadas ao cultivo da soja e milho. As condições meteorológicas durante o período de desenvolvimento eram adequadas, trazendo um certo otimismo com o resultado final da safra, porém, o excesso de chuva verificado no final de maio e início de junho fez com que a produtividade sofresse uma enorme redução, pois, muitas lavouras não puderam ser colhidas e o produto acabou apodrecendo ou germinando na vagem. Assim, o resultado final foi uma área de 19,3 mil hectares, produtividade

1.220 kg/ha e produção de 23,5 mil toneladas.

Na Região Sudeste, em Minas Gerais, a área de feijão-preto segunda safra ficou estimada em 6,4 mil hectares, na qual a produtividade média foi de 931 kg/sc, apresentando um pequeno aumento em relação à safra passada. Houve relatos de incidência de pragas, porém as perdas foram pouco relevantes, já que as condições climáticas contribuíram para o melhor vigor e conseqüentemente resistência da cultura. Além disso, a doença apareceu no final do ciclo. As colheitas foram finalizadas com relato favorável de produção e qualidade dos grãos.

Em Mato Grosso do Sul essa cultura é plantada em assentamentos e com mão de obra familiar. A cultura já foi colhida, numa área de aproximadamente mil hectares, com uma produtividade de 1.500 kg/ha. O produto é comercializado na sua maioria para outros estados.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios. Na safra passada foram plantados 1,7 mil hectares, que pela insuficiência de chuvas teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra, a efetivação das áreas confirma as expectativas de área inicialmente destinada à cultura, totalizando 1,1 mil hectares, com produtividade de 405 kg/ha. 100% das áreas estão colhidas.



Feijão-caupi

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi segunda safra está finalizada no estado desde junho. A área plantada da cultura para o ciclo 2016/17 foi de 202,3 mil hectares, ante aos 169 mil hectares da safra anterior. O aumento de 19,7% na área cultivada sobreveio, principalmente, da boa expectativa de mercado à época do plantio. O rendimento médio para a atual safra é de 1.079 kg/ha, apesar das chuvas excessivas no período de colheita terem comprometido o desempenho produtivo em algumas regiões. A produtividade registrada é 42,7% maior do que os 756 kg/ha da safra 2015/16. Com isso, a produção foi de 218,3 mil toneladas do grão, ante às 127,8 mil toneladas da safra passada.

A abundante oferta do produto o tem desvalorizado. O preço médio do grão é inferior a R\$ 60,00 a saca de 60 quilos em Sorriso, maior município produtor de Mato Grosso. Quanto à comercialização, estima-se que 65% da produção estadual esteja comprometida entre mercado interno, com destino à região Nordeste do país, e mercado externo, com destino à exportação para países da Ásia e Oriente Médio. A produção remanescente está armazenada, com os produtores esperando melhores preços no mercado internacional.

Em Minas Gerais, para o feijão-caupi, colheu-se uma área irrisória de 0,1 mil hectares na qual foi produzido 0,1 mil toneladas. De modo geral, não se planta feijão-caupi na segunda safra devido aos problemas climáticos que permanecem desmotivadores na região.

Em Tocantins, a área cultivada com feijão total na segunda safra teve incremento de 126,7% (13,3 mil hectares), se comparado à safra passada. Após a frustração da safra passada e dada à expectativa futura de preços, alguns produtores substituíram toda a área cultivada com milho segunda safra pelo feijão-caupi. Também foi observado aumento da área de cultivo do feijão-caupi visando atender ao mercado do nordeste. Para esta safra a produção total foi 735% maior em relação à safra passada em razão do incremento da área de cultivo. Para as regiões de cultivo de sequeiro, a colheita já se encerrou, porém, grande parte do feijão cultivado na porção sudoeste do estado são subirrigadas, cultivadas nos tabuleiros de arroz e, por isso, apresentam um plantio mais tardio e apresentam uma parte das lavouras ainda em maturação.

No Ceará o preparo do solo é mecanizado na maioria das áreas cultivadas, porém ainda há áreas em que é realizado de forma manual, com tração animal. O plantio é manual em grande parte das áreas, feito com o instrumento agrícola conhecido como “matraca”. Muitos agricultores plantam o feijão consorciado

com o milho e em algumas regiões também se faz consórcio com a mandioca. São utilizadas pelo agricultor sementes comuns e certificadas de primeira geração, esta última distribuída pelo governo estadual. A semente distribuída é o cultivar BRS Pujante. Possui ciclo médio de 70 dias até a primeira colheita, tem hábito de crescimento indeterminado e porte semia-mador. As cultivares crioulas são todas precoces (60 dias) e conhecidas na região por feijão patativa, feijão ligeiro entre outras. A área cultivada com feijão-caupi foi de 404,2 mil hectares, aumento de 10,31%, espera-se uma produtividade de 290,90 kg/ha, variação positiva de 90,84% e a produção estimada de 117,590 toneladas. Esse gênero de feijão é tradicional no Nordeste, que possui lavouras desta cultura em praticamente todos os estados que o compõe. No Ceará é muito comum ver plantações dessa cultura nos quintais das casas, em pequenas áreas, para ser consumida pela família, que apenas vende o excedente.

No Rio Grande do Norte, o feijão-caupi é cultivado em todas as regiões e sua produção é de aproximadamente 12.431 toneladas em 2017, cerca de 93,8% superior ao ano anterior. O aumento expressivo na produção em relação ao ano anterior se deve ao aumento no volume de chuvas, influenciando a ampliação da área cultivada pelos agricultores e melhorando a produtividade. Apesar do regime de chuvas ter possibilitado melhores desempenhos produtivos, ainda houve efeitos negativos de veranicos prolongados sobre os cultivos. Dentre os produtos cultivados em 2017 no Rio Grande do Norte e contemplados nesse levantamento, o feijão-caupi se destaca como a principal cultura, representando 42% do total da produção.

Em Pernambuco, o feijão de segunda safra é cultivado na região do sertão pernambucano, onde a semeadura da lavoura fica concentrada de janeiro a abril. Nessa safra, a exemplo do que vem acontecendo nos últimos anos na região, as chuvas que incidiram sobre as lavouras foram insuficientes e se deram de forma mal distribuídas e tardias em relação aos estádios de maior necessidade hídrica da leguminosa, o que resultou em perdas, que oscilaram entre 60% a 70% quando comparadas ao ano considerado de safra normal para a região.

Na Paraíba, nas cinco últimas safras, a cultura do feijão-caupi foi prejudicada pela falta de chuvas. Depois da redução das áreas destinadas a esta cultura, que já chegou a ter 170 mil hectares plantados, a safra atual registra o plantio de 63,2 mil hectares, com produtividade estimada em 261 kg/ha, com pequena variação de área em relação aos 61,1 mil hectares da safra passada. Da cultura, já foram colhidos 80% e o restante se encontra na fase de maturação, com redução de



Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

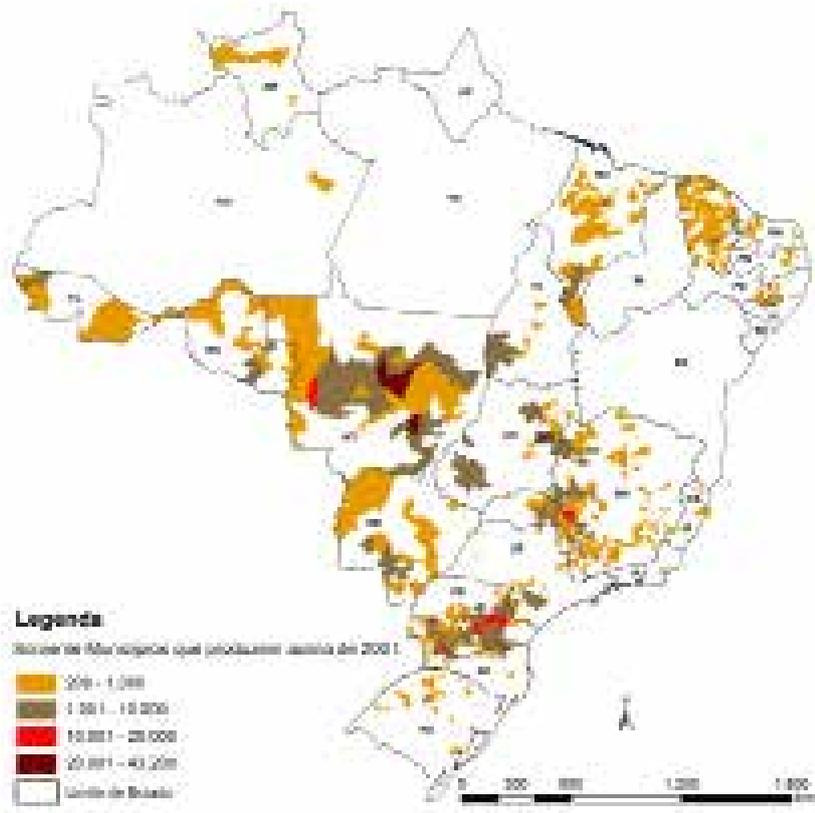
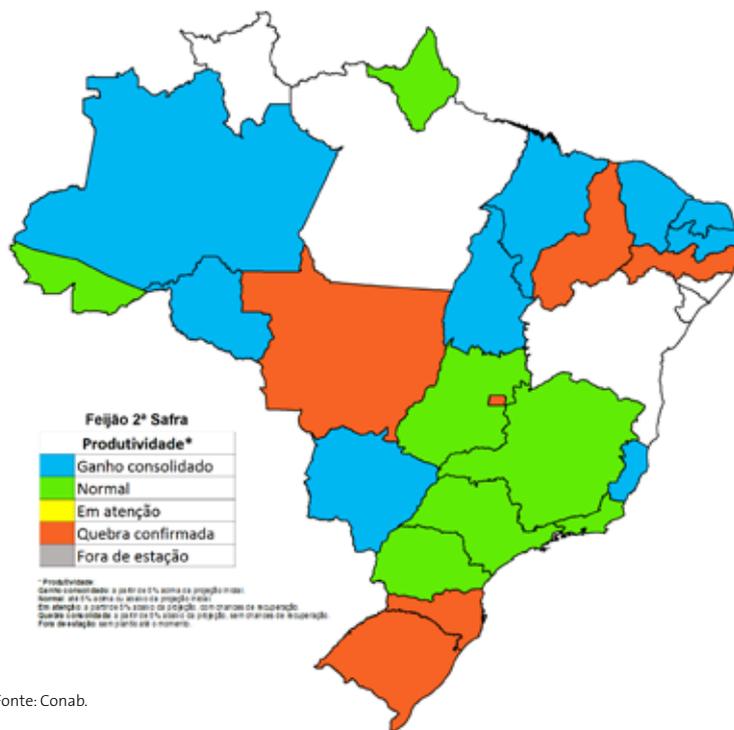


Figura 23 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão segunda safra



produtividade na maioria dos municípios, existindo localidades onde a cultura não chegou a produzir.

No Maranhão, a área total a ser plantada é de 51,4 mil hectares, com produtividade média igual a 699 kg/ha, com uma produção de 35,9 mil toneladas, representando acréscimo em relação à safra passada, 30,4% na produtividade e 40,8% na produção. A fase de colheita foi findada. As ocorrências pluviais foram tão boas que proporcionaram um bom aporte hídrico no solo, suficiente para garantir uma boa safra.

No Piauí, para o feijão-caupi, registrou-se um aumento na área em relação à safra passada na ordem de 108,8%, com área de 6,3 mil hectares. A produtividade obtida foi de 572 kg/ha, é superior à de primeira safra devido essa cultura ser plantada exclusivamente pela agricultura empresarial, porém, sendo considerada abaixo da média para esse segmento, a diminuição se deve à falta de chuva nos estágios finais da cultura. A cultura se encontra com 100% colhida, com alguma dificuldade para escoação do remanescente devido à dificuldade de acesso ao mercado.

Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Central Mineira						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Zona da Mata						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Oeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Sudeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
Metropolitana de Curitiba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Norte Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Sul Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense						P	P/G	DV/F	FR	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média Restrição - Excesso de Chuvas
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	44,4	55,9	25,9	853	1.171	37,2	37,9	65,4	72,6
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	971	13,4	17,8	18,7	5,1
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	3,8	(7,3)	927	1.239	33,7	3,8	4,7	23,7
AP	1,3	1,4	7,7	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
TO	10,5	23,8	126,7	1.009	1.520	50,6	10,6	36,2	241,5
NORDESTE	650,0	669,0	2,9	177	307	73,3	115,2	205,6	78,5
MA	47,6	51,4	8,0	536	699	30,4	25,5	35,9	40,8
PI	3,0	6,3	110,0	545	572	5,0	1,6	3,6	125,0
CE	371,1	407,0	9,7	155	292	88,6	57,4	118,8	107,0
RN	29,9	35,8	19,7	213	347	62,9	6,4	12,4	93,8
PB	86,8	90,0	3,7	143	316	120,4	12,4	28,4	129,0
PE	111,6	78,5	(29,7)	107	83	(22,1)	11,9	6,5	(45,4)
CENTRO-OESTE	230,4	276,6	20,1	879	1.264	43,8	202,6	349,6	72,6
MT	186,0	230,7	24,0	766	1.172	52,9	142,5	270,3	89,7
MS	14,0	26,0	85,7	997	1.692	69,7	14,0	44,0	214,3
GO	29,5	19,0	(35,6)	1.500	1.750	16,7	44,3	33,3	(24,8)
DF	0,9	0,9	1,1	1.991	2.189	9,9	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	140,8	138,8	(1,4)	1.316	1.367	3,8	185,4	189,7	2,3
MG	118,8	116,8	(1,7)	1.265	1.331	5,2	150,3	155,4	3,4
ES	5,7	6,1	7,0	870	1.049	20,6	5,0	6,4	28,0
RJ	1,0	1,2	20,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SP	15,3	14,7	(3,9)	1.907	1.815	(4,8)	29,2	26,7	(8,6)
SUL	245,6	286,6	16,7	1.513	1.363	(9,9)	371,5	390,6	5,1
PR	203,8	249,0	22,2	1.476	1.370	(7,1)	300,8	341,2	13,4
SC	17,4	18,3	5,2	1.841	1.417	(23,0)	32,0	25,9	(19,1)
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.220	(23,2)	38,7	23,5	(39,3)
NORTE/NORDESTE	694,4	724,9	4,4	221	374	69,6	153,1	271,0	77,0
CENTRO-SUL	616,8	702,0	13,8	1.231	1.325	7,6	759,5	929,9	22,4
BRASIL	1.311,2	1.426,9	8,8	696	842	20,9	912,6	1.200,9	31,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	405	261,6	0,2	0,4	100,0
PB	1,7	1,1	(37,2)	112	405	261,6	0,2	0,4	100,0
CENTRO-OESTE	0,1	1,1	1.122,2	1.910	1.555	(18,6)	0,2	1,7	750,0
MS	-	1,0	-	-	1.500	-	-	1,5	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	10,1	90,6	828	937	13,3	4,4	9,5	115,9
MG	2,0	6,4	220,0	740	931	25,8	1,5	6,0	300,0
ES	2,3	2,5	8,7	870	920	5,7	2,0	2,3	15,0
RJ	1,0	1,2	16,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SUL	110,9	122,4	10,4	1.547	1.378	(10,9)	171,5	168,6	(1,7)
PR	73,0	88,6	21,4	1.486	1.418	(4,6)	108,5	125,6	15,8
SC	13,5	14,5	7,4	1.800	1.343	(25,4)	24,3	19,5	(19,8)
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.220	(23,2)	38,7	23,5	(39,3)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	405	261,6	0,2	0,4	100,0
CENTRO-SUL	116,3	133,6	14,9	1.514	1.346	(11,1)	176,1	179,8	2,1
BRASIL	118,0	134,7	14,2	1.494	1.338	(10,4)	176,3	180,2	2,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	38,4	32,2	(16,1)	881	956	8,4	33,9	30,7	(9,4)
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	971	13,4	17,8	18,7	5,1
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	3,8	(7,3)	927	1.239	33,7	3,8	4,7	23,7
AP	1,3	1,4	11,5	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
TO	4,5	2,1	(53,3)	1.457	1.312	(10,0)	6,6	2,8	(57,6)
NORDESTE	34,7	32,1	(7,5)	193	414	114,8	6,6	13,3	101,5
CE	4,6	2,8	(39,1)	377	565	49,9	1,7	1,6	(5,9)
PB	24,0	25,7	7,1	177	447	152,5	4,2	11,5	173,8
PE	6,1	3,6	(41,0)	116	62	(46,6)	0,7	0,2	(71,4)
CENTRO-OESTE	61,3	73,2	19,4	1.216	1.769	45,5	74,6	129,6	73,7
MT	17,0	28,4	67,3	868	1.831	111,1	14,7	52,0	253,7
MS	14,0	25,0	78,6	997	1.700	70,5	14,0	42,5	203,6
GO	29,5	19,0	(35,6)	1.500	1.750	16,7	44,3	33,3	(24,8)
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.200	10,0	1,6	1,8	12,5
SUDESTE	135,5	128,6	(5,1)	1.335	1.401	4,9	181,0	180,1	(0,5)
MG	116,8	110,3	(5,6)	1.274	1.354	6,3	148,8	149,3	0,3
ES	3,4	3,6	5,9	870	1.139	30,9	3,0	4,1	36,7
SP	15,3	14,7	(3,9)	1.907	1.815	(4,8)	29,2	26,7	(8,6)
SUL	134,7	164,2	21,9	1.485	1.352	(8,9)	200,0	222,1	11,1
PR	130,8	160,4	22,6	1.470	1.344	(8,6)	192,3	215,6	12,1
SC	3,9	3,8	(2,6)	1.982	1.700	(14,2)	7,7	6,5	(15,6)
NORTE/NORDESTE	73,1	64,3	(12,0)	554	685	23,6	40,5	44,0	8,6
CENTRO-SUL	331,5	366,0	10,4	1.374	1.453	5,7	455,6	531,8	16,7
BRASIL	404,6	430,3	6,4	1.226	1.338	9,1	496,1	575,8	16,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	23,7	295,0	673	1.463	117,4	4,0	34,7	767,5
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
TO	6,0	21,7	261,6	673	1.540	128,8	4,0	33,4	735,0
NORDESTE	613,6	635,8	3,6	177	302	70,9	108,4	191,9	77,0
MA	47,6	51,4	7,9	536	699	30,4	25,5	35,9	40,8
PI	3,0	6,3	108,8	545	572	5,0	1,6	3,6	125,0
CE	366,5	404,2	10,3	152	290	90,8	55,7	117,2	110,4
RN	29,9	35,8	19,7	213	347	62,9	6,4	12,4	93,8
PB	61,1	63,2	3,5	131	261	99,2	8,0	16,5	106,3
PE	105,5	74,9	(29,0)	106	84	(20,8)	11,2	6,3	(43,8)
CENTRO-OESTE	169,0	202,3	19,7	756	1.079	42,7	127,8	218,3	70,8
MT	169,0	202,3	19,7	756	1.079	42,7	127,8	218,3	70,8
SUDESTE	-	0,1	-	-	1.013	-	-	0,1	-
MG	-	0,1	-	-	1.013	-	-	0,1	-
NORTE/NORDESTE	619,6	659,5	6,4	181	344	89,4	112,4	226,6	101,6
CENTRO-SUL	169,0	202,4	19,8	756	1.079	42,7	127,8	218,4	70,9
BRASIL	788,6	861,9	9,3	305	516	69,5	240,2	445,0	85,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, aponta-se um aumento de área de cultivo em 17,2%, produtividade de 1.303 kg/ha e produção de 836,3 mil toneladas, incremento de

26% e 47,6%, respectivamente, em relação à safra passada.

Feijão-comum cores

Em Pernambuco, as lavouras do feijão de terceira safra são semeadas na mesorregião do Agreste Pernambucano, onde o plantio ocorre de abril a julho, nessa safra foram vislumbrados dois cenários para as lavouras. O primeiro é pertinente a microrregiões do agreste setentrional e de parte do sertão central, onde o clima foi mais favorável ao plantio e ao desenvolvimento da cultura, considerando que as chuvas foram bem distribuídas e intercaladas com dias ensolarados. Nessas áreas a colheita foi praticamente finalizada e as lavouras apresentaram uma produção dentro da normal.

No outro cenário, estão os plantios situados na microrregião do agreste meridional, principal região produtora de feijão do estado, onde as lavouras apresentaram atrasos em relação ao calendário de plantio, inicialmente, pela ausência de chuvas e, em seguida,

pelo excesso, o que prejudicou a sua concretização na época normal. Em relação à produção, o excesso de chuvas e a incidência de constantes dias nublados prejudicaram a cultura em todos os seus estádios de desenvolvimento e criou as condições favoráveis para o surto de doenças, a exemplo do mofo branco, a antracnose foliar e a fusariose, que acometeram uma parcela significativa das lavouras, em face disso, a produção foi comprometida em relação à safra normal, contudo, esta, ainda será superior ao da registrada na safra passada, à qual foi sensivelmente afetada pela escassez de chuvas. Estima-se que em torno de 65% da área cultivada na região foi colhida, as demais se encontram em fase de amadurecimento e em plena fase de colheita. Quanto à qualidade dos grãos, em virtude da incidência de chuvas durante a colheita, a qualidade não está satisfatória devido ao elevado teor de umidade, inclusive, vem ocorrendo perda durante o

Figura 24 - Lavoura de feijão cores situado no município de Garanhuns-PE



Fonte: Conab.

Figura 25 - Lavoura de feijão cores situado no município de São João-PE



Fonte: Conab.



Figura 26 - Lavoura de feijão cores situado no município de São João – PE



Fonte: Conab.

Figura 27 - Lavoura de feijão cores situada no município de São João-PE



Fonte: Conab.

Figura 28 - Lavoura de feijão cores após o arranquio, situada no município de São João-PE



Fonte: Conab.



Figura 29 - Feijão cores colhido de lavoura situada no município de São João-PE



Fonte: Conab.

Figura 30 - Consórcio de feijão cores e milho situado no município de São João-PE



Fonte: Conab.

processo de secagem da colheita no campo.

Em Alagoas, a área plantada é de 29,8 mil hectares, com expectativa de produtividade de 490 kg/ha variação positiva de 107,6% em relação à última safra, e a produção em torno de 14,6 mil toneladas. O excesso de chuvas concentrado em dois meses prejudicou a lavoura nas três fases importantes (desenvolvimento vegetativo, floração e maturação). A lavoura de feijão não suporta muita umidade e tempo frio, razão pelas quais, as condições atuais da lavoura indicam que haverá perdas em torno de 30% ou mais, o que não foi ainda possível confirmar. Os agricultores familiares pouco investem na cultura com adubação e tratamentos culturais. A colheita já está bem adiantada e em torno de 90%, boa parte do cereal está em campo, coberto com lonas, esperando tempo de sol para se efetuar a batida. A umidade está em torno de 16% e, portanto, não está no ponto de armazenagem. A área plantada está confirmada, mas haverá redução da produção

devido ao excesso de chuvas.

Para a Bahia, nessa safra, estima-se o cultivo de cerca de 212,3 mil hectares com a produção de 159,2 mil toneladas. A produtividade média esperada para a região é de 750 kg/ha (12,5 sc/ha).

Por toda mesorregião é possível encontrar lavouras em estágio de maturação e em fase de colheita, estimando-se que até o final de agosto cerca de 50% das áreas cultivadas sejam colhidas. O regime hídrico regular tem garantido boas expectativas de produtividades pelos produtores.

Os cultivos mais produtivos, estão nas microrregiões de Ribeira do Pombal. Nelas, o cultivo é mecanizado e com a utilização de fertilizantes e defensivos, e representam cerca de 30% da área cultivada com o feijão de inverno. Nessa microrregião, espera-se rendimentos de 1.000 kg/ha (17 sc/ha). A operação de colheita



Figura 31 - Feijão coberto à espera de tempo de sol para batadura em Piau-AL



Fonte: Conab.

se dá em duas fases: a primeira é a operação manual de arranque das plantas de feijão e formação de moitas. Esta operação é realizada nas primeiras horas manhã ou em dias nublados, de tal forma que as vagens estejam úmidas e não se abram durante a operação; a segunda é o debulhamento das vagens em debulhadeira acoplada ao trator. Nessa operação as plantas precisam estar bem secas para que o processo seja eficiente e não danifique os grãos durante o processamento.

As microrregiões de Alagoínhas, Serrinha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana são caracterizadas pelo cultivo em áreas menores, com pouca mecanização agrícola, e pouco uso de fertilizantes e defensivos. Nessas áreas ocorre o plantio consorciado com milho e geralmente todas as operações desde o plantio até a colheita são estritamente manuais. O cultivo nessas microrregiões ocupa cerca de 70% da área cultivada com o feijão de inverno e se espera o rendimento de 750 kg/ha (12 sc/ha).

Em Sergipe, as informações obtidas mostram que a totalidade das áreas se encontram no estágio final de maturação, com mais de 40% das áreas colhidas. A área plantada foi atualizada para 14,7 mil hectares, 15,7% a mais que na última safra, sendo concentrado cerca de 70% na região de Lagarto. Nessa safra são esperados maiores rendimentos em virtude das chuvas ocorridas nos últimos 60 dias, e que permitiram o plantio em um período mais adequado. A produtividade média esperada é de 800 Kg/ha, 492,6% acima da média da última safra, que resultou em produtividade média de 135 Kg/ha em virtude da escassez de chuvas. A produção esperada é de 11,8 mil toneladas, volume significativamente superior à última safra e próximo da normalidade. Nessa região o cultivo de feijão é realizado com o emprego de maior tecnologia e tratamentos culturais, objetivando-se maiores rendimentos e a comercialização.

No Pará, a cultura de feijão-comum cores ocupa a

área de 6,1 mil hectares, diminuição de 22,8% em relação à safra anterior. Os plantios são de sequeiro e em sistema convencional, com rendimento esperado de 638 kg/ha (10,6 sc/ha), para a produção de 3,9 mil toneladas. A mesorregião do sudoeste paraense continua respondendo pela maior área plantada do estado, 3.545 hectares, correspondendo a 58,1% do total da área cultivada. Os demais cultivos estão distribuídos nas mesorregiões do baixo Amazonas, Sudeste Paraense e Metropolitana de Belém, principalmente nos municípios de Castanhal e Bujaru.

O Paraná tem área plantada de 4,4 mil hectares e 70% já está colhida. Em relação à safra passada, houve redução de 1,2% devido a pouca expressão da cultura no estado. A produtividade deverá atingir 1.009 kg/ha, porém as lavouras de sequeiro foram bastante afetadas com a estiagem e o rendimento pode ser reduzido até o final da colheita. Existem algumas áreas irrigadas na região, as quais devem manter a produtividade mais alta. No estado, a terceira safra de feijão possui pouca expressão econômica e a concentração das lavouras está na região norte do Paraná. 42% do produto está comercializado.

Em São Paulo na safra de inverno, cultiva-se o feijão irrigado devido às baixas precipitações pluviométricas normais nesse período. A plantação ocorre entre abril e julho e a colheita entre agosto e outubro. A decisão de plantio é levada em conta pelo comportamento dos preços na comercialização do feijão colhido nas safras anteriores. O feijão-comum cores terceira safra caiu 9,2% na área (produtor optou pelo milho). Além dos preços insatisfatórios no momento do plantio). Ao que se refere a produtividade, o feijão teve um leve aumento nessa safra em razão do clima.

No Distrito Federal, a área com feijão total terceira safra ficou definida em 3.100 hectares com rendimento médio de 2.962 mil kg/ha, o que poderá resultar em uma produção próxima a 9,2 mil toneladas, superior em 61,4% à produção da temporada passada.



Figura 32 – Lavoura de feijão colhida e aguardando o processo de debulhamento mecanizado. Euclides da Cunha - BA.



Fonte: Conab.

O incremento expressivo da produção local de feijão terceira safra, em comparação à safra anterior, refere a fatores diversos, dentre eles podemos citar as boas condições de clima, em que pese a crise hídrica enfrentada pelo Distrito Federal atualmente, aliada ao controle severo da mosca-branca. Na safra anterior uma grande quantidade de pivôs foi paralisada, dado, sobretudo, aos baixos níveis de água nos reservatórios.

Convém esclarecer que a terceira safra de feijão no Distrito Federal é conduzido inteiramente sob irrigação, nos seus diferentes métodos. Esse plantio apresenta como vantagens, entre outras, a alta produtividade das lavouras, a redução de riscos, a colocação do produto no mercado em épocas não convencionais, além de possibilitar a produção de sementes de melhor qualidade. Registra-se algumas lavouras já colhidas, correspondendo algo próximo a 20% os 80% restantes permanecem em campo para secagem. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo “cores”, que agrega valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional.

Em Mato Grosso, a área de feijão irrigado deve ser maior na safra 2016/17, saindo de 41,5 mil hectares na safra 2015/16 para 53,7 mil hectares na atual. O incremento de área da leguminosa deve-se aos preços atrativos na época do plantio em conjunto com o maior número de pivôs no estado. A lavoura está predominantemente em estágio de frutificação. Contudo, a colheita está ocorrendo, de forma incipiente, em várias regiões. Em termos de produtividade, espera-se rendimento 2.369 kg/ha, número 15,6% superior aos

2.050 kg/ha registrados no ciclo anterior, quando sofreu com o clima adverso à cultura.

Em Goiás as baixas temperatura ocorridas nos meses de julho e agosto estenderam o ciclo da cultura na maioria dos municípios produtores. Por outro lado, essas baixas temperaturas diminuíram a incidência de mosca-branca. Muitos produtores acreditam que não vão conseguir colher o feijão antes do dia 25 de setembro, correndo o risco de extrapolar o prazo para o vazio sanitário. A estimativa de produtividade é de 2.850 kg/ha e a produção em torno de 171 mil toneladas, 48,2% superior à safra passada.

Em Minas Gerais, para a terceira safra, plantou-se praticamente só o feijão-comum cores, o qual representa 99,6 % da área e 99,9% da produção do estado. A área de feijão terceira safra está estimada em 70,2 mil hectares, que já se encontra toda semeada. Em torno de 52% já foi colhido e o restante se distribui em várias fases de desenvolvimento. A produtividade média esperada é de 2.623 kg/ha que se justifica pela alta tecnologia adotada. Dado ao aumento de área e de produtividade, que foi de 1,6% e 1,7%, respectivamente, estima-se que serão produzidas 184,1 mil toneladas de feijão terceira safra em Minas Gerais.

Em Tocantins, o feijão-comum cores é cultivado na sua maioria sob pivô central, estima-se redução de área cultivada de 37% em relação à safra passada e uma produção de 1,4 mil toneladas. As lavouras estão em sua grande maioria em estágio de maturação e algumas em início de colheita.



Feijão-caupi

Para a Bahia, estima-se o cultivo de 11,6 mil hectares, com a produção de 6,5 mil toneladas. A média produtiva da região é de 558 kg/ha. Apesar de ter área pouco representativa, o feijão-caupi apresenta importante fonte alimentar na Região Nordeste, sendo cultivada em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. O feijão-caupi se destaca pela sua maior resistência ao déficit hídrico quando comparada ao feijão cores.

No Ceará houve aumento de 90,84% no rendimento e 110,34% na produção, totalizando mais de 117 mil toneladas do grão.

No Pará, o feijão-caupi ocupa a área de 28,2 mil hectares. Os plantios são basicamente de sequeiro, com área total 100% colhida, apresentando rendimento de 866 kg/ha (14,4 sc/ha) para uma expectativa de produção em torno de 24,4 mil toneladas. Os núme-

ros da safra atual representam aumento de 12,8% na área cultivada e aumento de 30,9% na produção, em relação à safra passada, ocasionado pela decisão de alguns produtores, que não cultivavam feijão-caupi,, em adotarem o plantio nessa safra em função do preço atrativo.

Em Tocantins, apesar de ter havido apreensão quanto à possibilidade de restrição de água nos reservatórios, não houve relatos de lavouras prejudicadas pela falta de água para a irrigação, a área cresceu em 141,9%, a produtividade e a produção estimada é de 2.060 kg/ha e 30,9 mil toneladas, respectivamente.

Em Alagoas o feijão-caupi sofre redução de produção devido as condições pluviométricas da região, pois mesmo sendo mais resistente ao frio, está sendo castigada pelas chuvas, que continuam caindo na região.

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão terceira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MT**	Norte Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO**	Noroeste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG**	Noroeste de Minas	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP**	Ribeirão Preto	C							PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C							PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C							PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C							PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

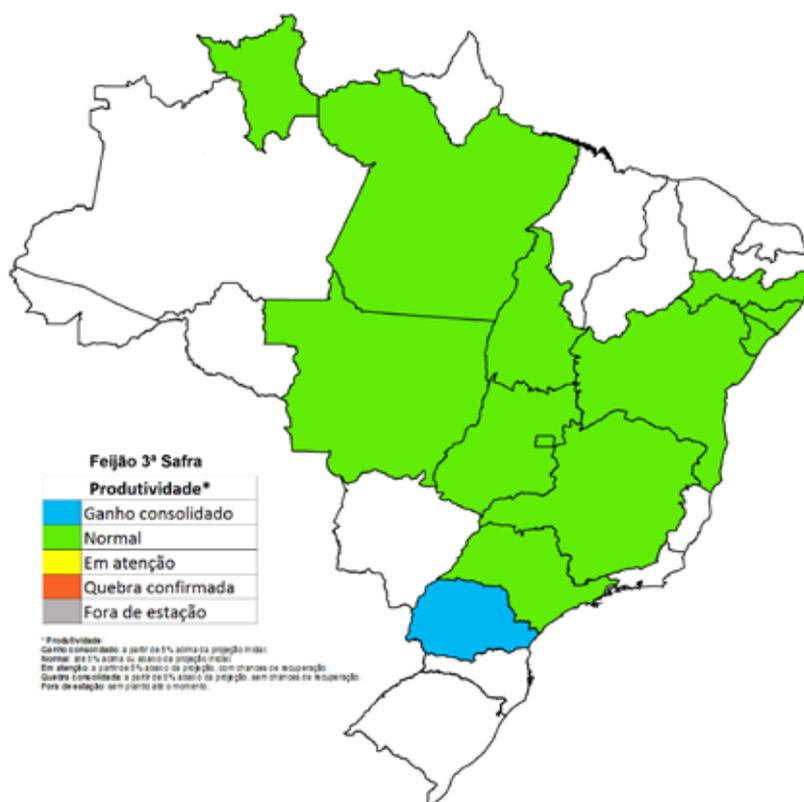
Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média Restrição -Excesso de Chuvas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Figura 33 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão terceira safra



Fonte: Conab.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	42,6	52,2	22,5	841	1.190	41,4	35,9	62,2	73,3
PA	32,9	34,3	4,3	723	825	14,1	23,8	28,3	18,9
TO	7,0	15,5	121,4	1.440	2.081	44,5	10,1	32,3	219,8
NORDESTE	332,7	386,3	16,1	341	646	89,7	113,4	249,7	120,2
CE	4,7	-	(100,0)	211	-	(100,0)	1,0	-	(100,0)
PE	85,5	107,6	25,8	370	478	29,4	31,6	51,4	62,7
AL	30,3	40,1	32,3	271	520	92,0	8,2	20,8	153,7
SE	12,7	14,7	15,7	135	800	492,6	1,7	11,8	594,1
BA	199,5	223,9	12,2	355	740	108,3	70,9	165,7	133,7
CENTRO-OESTE	85,8	116,8	36,1	2.403	2.632	9,5	206,2	307,4	49,1
MT	41,5	53,7	29,4	2.050	2.369	15,6	85,1	127,2	49,5
GO	41,2	60,0	45,6	2.800	2.850	1,8	115,4	171,0	48,2
DF	3,1	3,1	-	1.839	2.962	61,1	5,7	9,2	61,4
SUDESTE	82,1	82,2	0,1	2.545	2.586	1,6	209,0	212,6	1,7
MG	69,1	70,4	1,9	2.580	2.619	1,5	178,3	184,4	3,4
SP	13,0	11,8	(9,2)	2.361	2.392	1,3	30,7	28,2	(8,1)
SUL	4,5	4,4	(2,2)	460	1.009	119,3	2,1	4,4	109,5
PR	4,5	4,4	(2,2)	460	1.009	119,3	2,1	4,4	109,5
NORTE/NORDESTE	375,3	438,5	16,8	398	711	78,9	149,3	311,9	108,9
CENTRO-SUL	172,4	203,4	18,0	2.420	2.578	6,5	417,3	524,4	25,7
BRASIL	547,7	641,9	17,2	1.034	1.303	26,0	566,6	836,3	47,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	6,6	(24,1)	1.078	794	(26,3)	7,1	5,3	(25,4)
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	638	(2,0)	5,1	3,9	(23,5)
TO	0,8	0,5	(37,0)	2.468	2.701	9,4	2,0	1,4	(30,0)
NORDESTE	287,2	329,0	14,6	298	676	126,6	98,1	222,4	126,7
PE	62,3	72,2	15,9	386	510	32,1	24,0	36,8	53,3
AL	23,3	29,8	27,9	236	490	107,6	5,5	14,6	165,5
SE	12,7	14,7	15,7	135	800	492,6	1,7	11,8	594,1
BA	188,9	212,3	12,4	354	750	111,9	66,9	159,2	138,0
CENTRO-OESTE	85,3	116,3	36,3	1.766	2.634	49,1	205,5	306,3	49,1
MT	41,5	53,7	29,5	2.050	2.369	15,6	85,1	127,2	49,5
GO	41,2	60,0	45,6	2.800	2.850	1,8	115,4	171,0	48,2
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.120	62,2	5,0	8,1	62,0
SUDESTE	82,1	82,0	(0,1)	2.548	2.590	1,6	209,0	212,3	1,6
MG	69,1	70,2	1,6	2.580	2.623	1,7	178,3	184,1	3,3
SP	13,0	11,8	(9,2)	2.361	2.392	1,3	30,7	28,2	(8,1)
SUL	4,5	4,4	(2,2)	470	1.009	114,5	2,1	4,4	109,5
PR	4,5	4,4	(1,2)	460	1.009	119,3	2,1	4,4	109,5
NORTE/NORDESTE	295,9	335,6	13,4	314	678	116,3	105,2	227,7	116,4
CENTRO-SUL	171,9	202,7	17,9	2.055	2.581	25,6	416,6	523,0	25,5
BRASIL	467,8	538,3	15,1	969	1.395	43,9	521,8	750,7	43,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017..

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	9,4	13,9	47,9	386	510	32,1	3,6	7,1	97,2
PE	9,4	13,9	48,0	386	510	32,1	3,6	7,1	97,2
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.100	55,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.100	55,0	0,4	0,6	50,0
SUDESTE	-	0,2	-	-	1.100	-	-	0,2	-
MG	-	0,2	-	-	1.100	-	-	0,2	-
NORTE/NORDESTE	9,4	13,9	47,9	386	510	32,1	3,6	7,1	97,2
CENTRO-SUL	0,2	0,4	100,0	2.000	2.100	5,0	0,4	0,8	100,0
BRASIL	9,6	14,3	49,0	420	554	32,1	4,0	7,9	97,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	33,9	45,6	34,5	847	1.247	47,2	28,8	56,9	97,6
RR	2,7	2,4	(9,5)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
PA	25,0	28,2	12,8	746	866	16,1	18,7	24,4	30,5
TO	6,2	15,0	141,9	1.307	2.060	57,6	8,1	30,9	281,5
NORDESTE	36,1	43,4	20,2	322	466	44,9	11,6	20,2	74,1
CE	4,7	-	(100,0)	211	-	(100,0)	1,0	-	(100,0)
PE	13,8	21,5	55,7	284	350	23,2	3,9	7,5	92,3
AL	7,0	10,3	47,1	386	605	56,7	2,7	6,2	129,6
BA	10,6	11,6	9,4	377	558	48,0	4,0	6,5	62,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	70,0	89,0	27,1	576	866	50,4	40,4	77,1	90,8
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	70,3	89,3	27,0	578	869	50,3	40,7	77,6	90,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se que a área total de feijão terá 3.179,8 mil hectares cultivados, incremento de 12,1% em relação à safra passada, sendo 1.446,8 mil hectares com feijão-comum cores, 323,7

mil hectares com feijão-comum preto e 1.409,3 mil hectares com feijão-caupi. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3.418,3 mil toneladas e deverá ser 36% maior que a última temporada.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

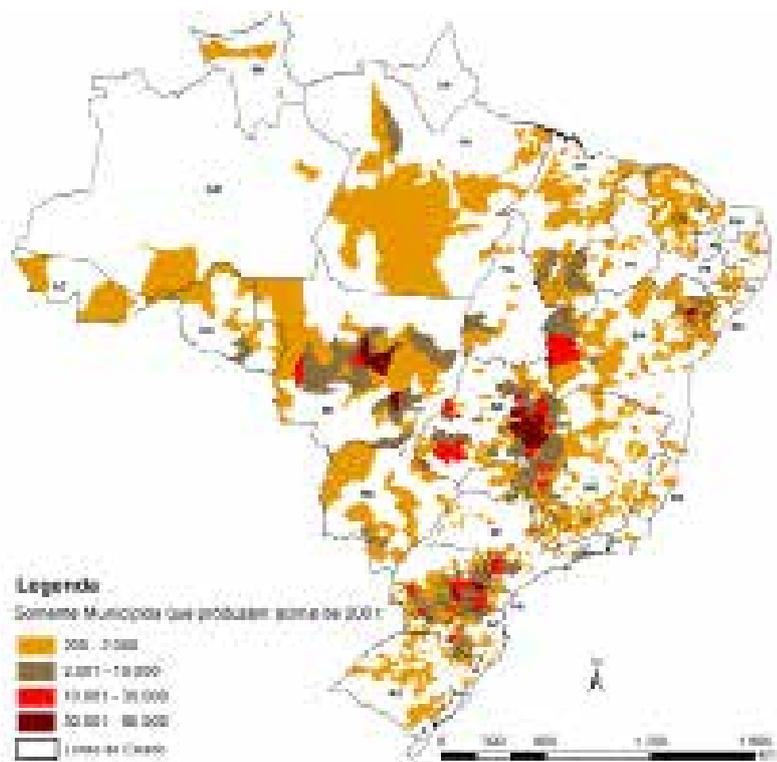


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	112,9	23,3	841	1.158	37,7	77,1	130,6	69,4
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	971	13,4	17,8	18,7	5,1
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	3,8	(7,3)	927	1.239	33,7	3,8	4,7	23,7
AP	1,3	1,4	7,7	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
PA	32,9	34,3	4,3	723	825	14,1	23,8	28,3	18,9
TO	22,1	44,1	99,5	1.084	1.622	49,6	24,0	71,5	197,9
NORDESTE	1.412,9	1.545,5	9,4	240	438	83,0	338,4	677,7	100,3
MA	77,1	87,8	13,9	510	646	26,6	39,3	56,7	44,3
PI	214,5	233,2	8,7	145	302	108,4	31,0	70,3	126,8
CE	375,8	407,0	8,3	155	292	87,7	58,4	118,8	103,4
RN	29,9	35,8	19,7	213	347	62,9	6,4	12,4	93,8
PB	86,8	90,0	3,7	143	316	120,4	12,4	28,4	129,0
PE	197,1	186,1	(5,6)	221	311	41,1	43,5	58,0	33,3
AL	30,3	40,1	32,3	271	520	92,0	8,2	20,8	153,7
SE	12,7	14,7	15,7	135	800	492,6	1,7	11,8	594,1
BA	388,7	450,8	16,0	354	667	88,4	137,5	300,5	118,5
CENTRO-OESTE	386,8	474,9	22,8	1.445	1.761	21,9	558,8	836,5	49,7
MT	233,4	295,2	26,5	1.003	1.402	39,9	234,0	414,0	76,9
MS	14,6	26,8	83,6	1.030	1.696	64,6	15,0	45,4	202,7
GO	122,7	136,8	11,5	2.318	2.507	8,2	284,4	343,0	20,6
DF	16,1	16,1	0,1	1.581	2.117	33,9	25,4	34,1	34,3
SUDESTE	425,2	468,3	10,1	1.670	1.731	3,6	710,1	810,6	14,2
MG	334,5	348,2	4,1	1.555	1.536	(1,2)	520,0	535,0	2,9
ES	10,6	10,7	0,9	1.041	1.103	6,0	11,0	11,8	7,3
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SP	78,3	107,6	37,4	2.264	2.434	7,5	177,3	261,9	47,7
SUL	521,0	578,2	11,0	1.590	1.630	2,5	828,5	942,7	13,8
PR	389,7	447,5	14,8	1.510	1.588	5,1	588,5	710,5	20,7
SC	63,4	69,6	9,8	1.862	1.964	5,5	118,0	136,7	15,8
RS	67,9	61,1	(10,0)	1.797	1.563	(13,0)	122,0	95,5	(21,7)
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.658,4	10,2	276	487	76,5	415,5	808,3	94,5
CENTRO-SUL	1.333,0	1.521,4	14,1	1.574	1.702	8,2	2.097,4	2.589,8	23,5
BRASIL	2.837,5	3.179,8	12,1	886	1.069	20,7	2.512,9	3.398,1	35,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	11,1	15,0	35,1	344	502	46,0	3,8	7,5	97,4
PB	1,7	1,1	(35,3)	112	405	261,6	0,2	0,4	100,0
PE	9,4	13,9	47,9	386	510	32,1	3,6	7,1	97,2
CENTRO-OESTE	1,5	2,5	67,8	1.576	1.820	15,5	2,3	4,6	100,0
MS	-	1,0	-	-	1.500	-	-	1,5	-
DF	1,5	1,5	0,7	1.576	2.033	29,0	2,3	3,1	34,8
SUDESTE	9,7	20,1	107,2	893	953	6,7	8,7	19,2	120,7
MG	3,6	13,5	275,0	664	886	33,3	2,4	12,0	400,0
ES	4,3	4,8	11,6	1.042	1.104	6,0	4,5	5,3	17,8
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SUL	285,8	286,1	0,1	1.590	1.665	4,7	454,5	476,5	4,8
PR	198,3	200,6	1,2	1.534	1.703	11,0	304,3	341,7	12,3
SC	29,6	34,4	16,2	1.762	1.839	4,3	52,2	63,3	21,3
RS	57,9	51,1	(11,7)	1.693	1.399	(17,4)	98,0	71,5	(27,0)
NORTE/NORDESTE	11,1	15,0	35,1	344	502	46,0	3,8	7,5	97,4
CENTRO-SUL	297,0	308,7	3,9	1.567	1.620	3,4	465,5	500,3	7,5
BRASIL	308,1	323,7	5,1	1.523	1.568	3,0	469,3	507,8	8,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	48,0	39,2	(18,3)	877	930	6,0	42,1	36,3	(13,8)
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	971	13,4	17,8	18,7	5,1
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	3,8	(7,3)	927	1.239	33,7	3,8	4,7	23,7
AP	1,3	1,4	7,7	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	638	(2,0)	5,1	3,9	(23,5)
TO	6,2	3,0	(51,6)	1.558	1.513	(2,9)	9,7	4,5	(53,6)
NORDESTE	372,2	418,1	12,3	372	681	83,1	138,5	284,9	105,7
CE	4,6	2,8	(39,1)	377	565	49,9	1,7	1,6	(5,9)
PB	24,0	25,7	7,1	177	447	152,5	4,2	11,5	173,8
PE	68,4	75,8	10,8	362	489	35,0	24,8	37,0	49,2
AL	23,3	29,8	27,9	236	490	107,6	5,5	14,6	165,5
SE	12,7	14,7	15,7	135	800	492,6	1,7	11,8	594,1
BA	239,2	269,3	12,6	420	774	84,0	100,6	208,4	107,2
CENTRO-OESTE	212,0	263,4	24,2	2.008	2.299	14,5	425,6	605,5	42,3
MT	60,4	86,5	43,2	1.712	2.173	27,0	103,4	188,0	81,8
MS	14,6	25,8	76,7	1.030	1.703	65,3	15,0	43,9	192,7
GO	122,7	136,8	11,5	2.318	2.507	8,2	284,4	343,0	20,6
DF	14,3	14,3	-	1.594	2.139	34,1	22,8	30,6	34,2
SUDESTE	414,9	434,0	4,6	1.689	1.806	6,9	701,0	784,0	11,8
MG	330,3	320,5	(3,0)	1.566	1.609	2,8	517,1	515,6	(0,3)
ES	6,3	5,9	(6,3)	1.040	1.102	5,9	6,6	6,5	(1,5)
SP	78,3	107,6	37,4	2.264	2.434	7,5	177,3	261,9	47,7
SUL	235,2	292,1	24,2	1.591	1.596	0,3	374,2	466,3	24,6
PR	191,4	246,9	29,0	1.485	1.494	0,6	284,3	368,8	29,7
SC	33,8	35,2	4,1	1.948	2.087	7,1	65,9	73,5	11,5
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	420,2	457,3	8,8	430	703	63,5	180,6	321,2	77,9
CENTRO-SUL	862,1	989,5	14,8	1.741	1.875	7,7	1.500,8	1.855,8	23,7
BRASIL	1.282,3	1.446,8	12,8	1.311	1.505	14,8	1.681,4	2.177,0	29,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	43,6	73,7	69,0	801	1.279	59,6	35,0	94,3	169,4
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
PA	25,0	28,2	12,8	746	866	16,1	18,7	24,4	30,5
TO	15,9	41,1	158,5	900	1.630	81,1	14,3	67,0	368,5
NORDESTE	1.029,6	1.112,4	8,0	191	346	81,8	196,1	385,2	96,4
MA	77,1	87,8	13,9	510	646	26,6	39,3	56,7	44,3
PI	214,5	233,2	8,7	145	302	108,4	31,0	70,3	126,8
CE	371,2	404,2	8,9	153	290	89,9	56,7	117,2	106,7
RN	29,9	35,8	19,7	213	347	62,9	6,4	12,4	93,8
PB	61,1	63,2	3,4	131	261	99,2	8,0	16,5	106,3
PE	119,3	96,4	(19,2)	127	143	13,2	15,1	13,8	(8,6)
AL	7,0	10,3	47,1	386	605	56,7	2,7	6,2	129,6
BA	149,5	181,5	21,4	247	507	105,5	36,9	92,1	149,6
CENTRO-OESTE	173,3	209,0	20,6	756	1.083	43,4	130,9	226,5	73,0
MT	173,0	208,7	20,6	755	1.083	43,4	130,6	226,0	73,0
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	0,6	14,2	2.266,7	900	522	(41,9)	0,5	7,4	1.380,0
MG	0,6	14,2	2.266,7	900	522	(41,9)	0,5	7,4	1.380,0
NORTE/NORDESTE	1.073,2	1.186,1	10,5	215	404	87,8	231,1	479,5	107,5
CENTRO-SUL	173,9	223,2	28,3	756	1.048	38,6	131,4	233,9	78,0
BRASIL	1.247,1	1.409,3	13,0	291	506	74,1	362,5	713,4	96,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão comum cores

Nas duas primeiras safras houve aumento de 634,9 mil toneladas em relação à colheita anterior. Mesmo com o expressivo aumento da produção os preços, surpreendentemente, seguiram em patamares elevados até maio, mas, posteriormente, diante da expectativa de uma boa terceira safra, com produtos de melhor qualidade, a demanda enfraqueceu e os preços entraram em trajetória de queda.

A partir de meados de agosto e em setembro a oferta tende a se intensificar com a colheita da safra de inverno, que está sendo favorecida, até o momento, pelas condições climáticas. A produção estimada para a safra em curso é superior em 270 mil toneladas à

registrada em 2016. Esse volume deve manter a oferta interna do produto elevada, e a tendência é de forte pressão baixista dos preços em todos os seguimentos do setor.

Convém esclarecer que o estoque atual do produto, mais a produção estimada para a terceira safra, serão suficientes para atender o abastecimento interno, com certa normalidade, até boa parte de outubro. Doravante, o mercado deve passar por um período de pouca oferta, vez que São Paulo é praticamente o único estado que oferta feijão claro em novembro e dezembro e, mesmo assim, é uma safra pequena para atender todo o país.

Feijão-comum preto

O mercado está acomodado, apesar da menor oferta do produto nacional, com o final da colheita no Sul do país, em junho. As mercadorias importadas têm influência negativamente nas cotações do produto, e o consumo está retraído nas principais praças de consumo do país, dificultando a formação de um mercado mais dinâmico

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, respectivamente, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se

por uma recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,35 milhões de toneladas.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção de 3.418,3 mil toneladas, o que representa uma variação positiva de 36% em relação à fracassada safra de 2015/16. Assim, partindo-se do estoque inicial de 186 mil toneladas, o mesmo consumo registrado anteriormente, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações em 150 mil toneladas e as exportações de 120 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 284,3 mil toneladas, correspondente a cerca de um mês de consumo.

Tabela 32 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.418,3	150,0	3.754,3	3.350,0	120,0	284,3

Fonte: Conab, Secex.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.5. GIRASSOL

Para a safra 2016/17 é de incremento de área plantada, alcançou 62,7 mil hectares, que representa acréscimo de 21,7% em relação à safra passada, que foi de 51,5 mil hectares. Aumento na produtividade de 1.653 kg/há, 35,1% maior que a safra 2015/16 que foi de 1.224, e na produção em 103,7 mil toneladas é 64,3% maior que a safra anterior, que foi de 63,1 mil toneladas.

Em Mato Grosso, a colheita da lavoura do girassol está finalizada no estado. Os números foram positivos na safra 2016/17. Em relação à área dedicada à cultura, registrou-se aumento de aproximadamente 24,2% em relação à safra anterior, passando de 25,6 mil hectares para 31,8 mil hectares. Apesar do regime de chuvas ter se prolongado até o final de maio, não houve relatos de ocorrência de doenças fora de controle que pudessem comprometer a produtividade, diferentemente do que ocorreu em ciclos passados. Assim, espera-se rendimento médio de 1.670 kg/ha, ante aos 1.390 kg/ha do período 2015/16. A produção é estimada em 53,1 mil toneladas, volume 49,2% maior do que as 35,6 mil toneladas da safra anterior. Em relação à comercialização, estima-se que toda a produção da oleaginosa já esteja negociada.

Em Goiás, todas as áreas de girassol foram colhidas, com rendimentos de 1.750 kg/ha. Uma maior tecnolo-

gia foi aplicada nessa safra, bem como sementes melhoradas. As condições climáticas foram favoráveis nessa safra, tanto temperatura como precipitação. As áreas em Goiás estão concentradas na região sul do estado e toda a produção em Goiás é destinada à produção de óleo para indústria, situada no sul do estado. O clima favoreceu o desenvolvimento da cultura em todas as suas fases, sem problemas com doenças e pragas, que poderiam causar danos econômicos significativos.

Em Minas Gerais, estima-se um aumento de 33% na área de plantio de girassol no estado, que saiu de 7 mil hectares para 9,3 mil hectares. A expansão do cultivo ocorreu, principalmente, nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sendo motivada pelos bons preços, pela formalização de contratos de comercialização entre a indústria e os produtores e pela competitividade com o mercado da soja. A produtividade média foi de 1.400 kg/ha, 47,1% maior que a safra anterior, a qual, somando ao acréscimo de área, acarretou um aumento de 94% na produção, em relação à safra anterior, que foi castigada por fortes estiagens. A colheita do girassol foi finalizada, com produção total de 13 mil toneladas. O produto é de boa qualidade e já foi comercializado, conforme previsto.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	41,2	50,1	21,6	1.261	1.702	35,0	52,0	85,3	64,0
MT	25,6	31,8	24,2	1.390	1.670	20,1	35,6	53,1	49,2
MS	1,3	1,0	(20,0)	1.236	1.500	21,4	1,6	1,5	(6,3)
GO	14,0	16,6	18,6	1.000	1.750	75,0	14,0	29,1	107,9
DF	0,3	0,7	133,3	2.500	2.300	(8,0)	0,8	1,6	100,0
SUDESTE	7,0	9,3	32,9	952	1.400	47,1	6,7	13,0	94,0
MG	7,0	9,3	32,9	952	1.400	47,1	6,7	13,0	94,0
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
CENTRO-SUL	51,5	62,7	21,7	1.224	1.653	35,1	63,1	103,7	64,3
BRASIL	51,5	62,7	21,7	1.224	1.653	35,1	63,1	103,7	64,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 é de recuo de área plantada, alcançando 28 mil hectares, que representa decréscimo de 11,9% em relação à safra passada, que foi de 31,8 mil hectares. A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada, deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada. A retração na produção em 13,1 mil toneladas é 11,5% menor que a safra anterior, que foi de 14,8 mil toneladas.

Na Bahia, o cultivo de mamona ocupa a área de 21,1 mil hectares e com a fase da colheita avançada se estima que sejam produzidas 10,4 mil toneladas de grãos. Os plantios dessa cultura estão concentrados no centro-norte e, ao longo das safras, tem ocorrido redução da área cultivada, caracterizando o declínio da cultura.

A colheita mecanizada da mamona está ocorrendo em Mato Grosso. O maquinário obsoleto tem prolongado o período da colheita da oleaginosa, cuja previsão de término dos trabalhos é em setembro. As lavouras estão espalhadas pelo estado, principalmente nos municípios de Campo Novo do Parecis, Itiquira e Primavera do Leste. A estimativa de área cultivada no estado é de 1,6 mil hectares, com potencial de crescimento nas próximas safras. Em termos de produtividade, o rendimento médio de 900 kg/ha ficou aquém da expectativa, por conta da baixa tecnologia empregada na cultura e da variedade da semente utilizada. Assim, a produção esperada é de 1,4 mil toneladas. A oferta da oleaginosa tem como destino a indústria

química, especificamente às do estado de São Paulo. A negociação é realizada através de contratos futuros.

No Ceará, as áreas de plantio da mamona reduziram em relação à safra 2015/16 para a atual devido à diminuição do incentivo através do programa de biodiesel. Como exemplo, tem-se o município de Quixadá, que este ano não realizou o plantio.

Em Pernambuco, a falta de rentabilidade e a paralisação do programa do biodiesel, que fomentava o cultivo da referida lavoura, inviabilizou o seu plantio no estado. Além disso, a mamona apresenta riscos de intoxicação aos rebanhos, principal fonte de renda de boa parte dos agricultores.

Em Minas Gerais, desmotivados pelo fracasso do programa de biodiesel, poucos agricultores cultivam mamona, mais precisamente na região norte do estado, visto que as áreas remanescentes têm sua produção destinada à indústria rícino química. Diante das restrições relacionadas à cultura da mamona, apenas dois municípios relatam áreas plantadas e as perdas calculadas, em um deles, foi superior a 80%, pois as bagas que foram produzidas após as poucas chuvas de janeiro não vingaram diante da escassez de chuva no decorrer da safra. Seguindo a tendência dos últimos anos, para a cultura da mamona no estado, estima-se queda de área, de produtividade e consequentemente de produção, na ordem de 51,3%, 51,3% e 66,7%, respectivamente. A colheita encontra-se finalizada.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	31,5	26,2	(16,8)	461	444	(3,7)	14,5	11,6	(20,0)
PI	0,6	0,2	(60,0)	500	494	(1,2)	0,3	0,1	(66,7)
CE	8,3	4,9	(40,4)	122	224	83,6	1,0	1,1	10,0
PE	1,6	-	(100,0)	244	-	(100,0)	0,4	-	(100,0)
BA	21,0	21,1	0,5	610	494	(19,0)	12,8	10,4	(18,8)
CENTRO-OESTE	-	1,6	-	-	900	-	-	1,4	-
MT	-	1,6	-	-	900	-	-	1,4	-
SUDESTE	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
MG	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
NORTE/NORDESTE	31,5	26,2	(16,8)	461	444	(3,7)	14,5	11,6	(20,0)
CENTRO-SUL	0,3	1,8	500,0	909	849	(6,6)	0,3	1,5	400,0
BRASIL	31,8	28,0	(11,9)	465	470	1,0	14,8	13,1	(11,5)

Fonte: Conab.

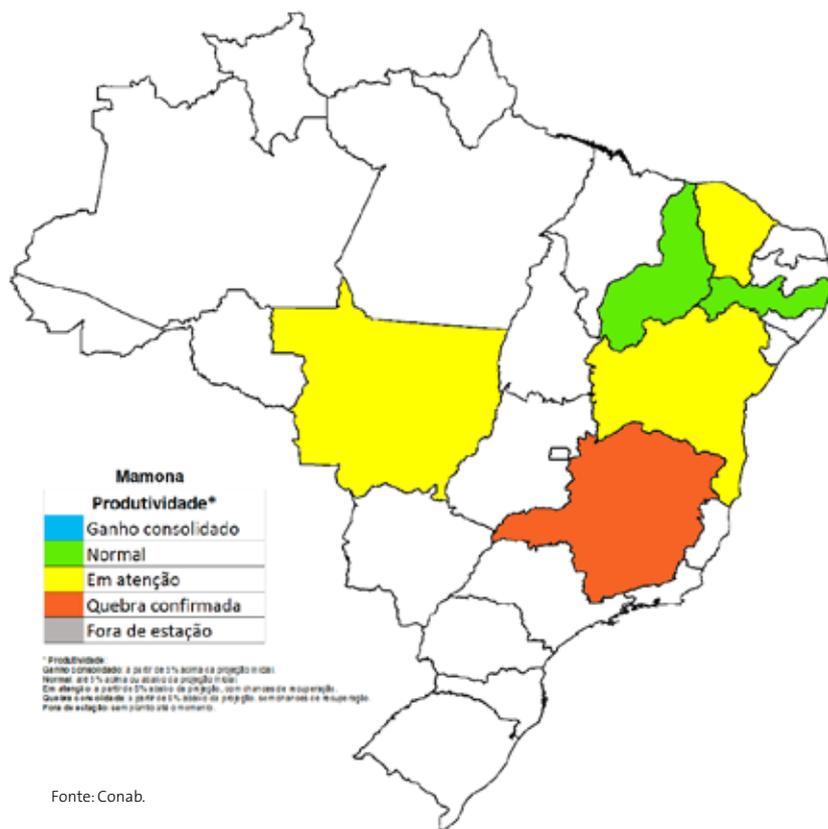
Nota: Estimativa em setembro/2017.



Figura 37 – Mapa da produção agrícola - Mamona



Figura 38 – Mapa da estimativa de produtividade - Mamona



9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

A área estimada, neste levantamento, apresentou incremento nacional de 3,7% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo forte aumento da Região Centro-Sul, que apresentaram incremento de 6,3%.

Na Região Sul, ocorreu incremento na área de 6,6% em relação ao período anterior. No Rio Grande do Sul, o plantio ocorreu de forma adequada e, em razão da tecnologia empregada e também das condições climáticas, a expectativa desde o início é que seriam alcançadas boas produtividades. Durante o desenvolvimento vegetativo, de meados de outubro a meados de novembro, houve um período com deficiência hídrica em algumas regiões que, de certa forma, impactaram o potencial produtivo. Com a retomada das chuvas, as lavouras tiveram uma boa recuperação, mantendo as expectativas de boa safra. No final de dezembro e início de janeiro teve início a colheita nas regiões mais adiantadas, como Fronteira Oeste e Noroeste, confirmando as expectativas iniciais e apresentando altas produtividades, com média de 9.000 kg/ha com as lavouras sob irrigação, alcançando 12.000 kg/ha. Como a região noroeste apresenta a maior parte das lavouras sob irrigação, com a evolução da colheita nas demais regiões, a produtividade média foi gradativamente reduzindo até chegar ao valor médio do estado. Quando foi encerrada a colheita no final de janeiro, já se falava em uma das melhores safras da história, dados aos números preliminares, confirmadas pelo encerramento da colheita. Em uma área de 804,9 mil hectares foram produzidas 6.036,8 mil toneladas, com produtividade média de 7.500 kg/ha.

Em Santa Catarina, as lavouras de milho se encontram totalmente colhidas. Não houve alteração da informação de produção obtida no último levantamento, haja vista que a área e a produtividade já haviam sido definidas quando da estabilização das condições das lavouras na época. Muitos agricultores ainda possuem produto em estoque para negociação futura na esperança de melhores preços, já que os atuais não apresentaram reação nos últimos meses. O alto custo de implantação da lavoura, aliado às expectativas futuras de mercado e incertezas climáticas, estão fazendo com que os produtores já pensem em alternativas de plantio, como a soja ou o feijão.

No Paraná, a colheita está concluída. A produtividade obtida foi de 9.243 kg/ha, que representou um aumento de 16,2% em relação à safra anterior. Este ótimo rendimento se deve às condições climáticas favoráveis e à utilização de materiais transgênicos de alta performance. A qualidade do produto foi muito boa,

porém a comercialização está lenta, com 79% da safra comercializada em razão dos preços baixos.

Na Região Sudeste, a cultura experimentou forte incremento na área plantada, 5,2% em relação ao exercício anterior. Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de milho primeira safra foi estimada em 909,4 mil hectares, acréscimo de 8,6% em relação à safra anterior devido às boas cotações do produto ao longo da temporada. Obteve-se uma produtividade média de 6.374 kg/ha, superior em 4,5% à safra passada, com uma produção de 5.796,5 mil toneladas, 13,5% superior à safra 2015/16.

Em São Paulo, apesar da redução na área plantada, de 2% em relação ao exercício anterior, as boas condições do clima nas diversas fases da lavoura permitiram que a produção atingisse 2.353,8 mil toneladas, com uma redução de somente 0,6% em relação à safra passada.

Na Região Nordeste, o levantamento apontou para um incremento na área plantada de 0,5% em relação ao ano passado e de 56,3% na produção. Na Bahia, o cultivo de verão ocupou a área de 381,8 mil hectares e a produção ficou estimada em 1.475,3 mil toneladas. No extremo oeste, as lavouras de sequeiro apresentaram bom desenvolvimento, mas o veranico de dezembro e janeiro causou danos nos cultivos que estavam em estágio de florescimento e frutificação, cerca de 40% da área cultivada. No entanto, o retorno das chuvas na segunda quinzena de janeiro foi decisivo para a recuperação de grande parte das lavouras. A situação mais grave ocorreu em áreas cultivadas pela agricultura familiar no agreste e semiárido, reduzindo os níveis médios de produtividade.

No Maranhão, a colheita já foi finalizada. A área cultivada equivale a 292,8 mil hectares e a produtividade média de 4.240 kg/ha, com a produção total em 1.241,5 mil toneladas. Obteve-se importante incremento na produção do cereal, quando comparado com a safra anterior (72,1%), acarretada pelo aumento de 9,1% na área de cultivo, como pela normalização das condições do clima em decorrência das chuvas regulares e a não incidência de pragas e doenças que provocassem danos expressivos.

No Piauí, a área de milho primeira safra foi de 418,2 mil hectares, apresentando redução de 11,2% em relação à safra passada. A incidência de pragas no milho foi baixa, não apresentando dificuldades no controle. A produtividade média foi de 3.037 kg/ha, gerando um aumento de 103,8% em relação à safra passada, de-



vido às boas condições climáticas ocorridas no período. A produção de milho atingiu 1.270,1 mil toneladas, representando um recorde para o estado, superando o obtido na safra 2014/15, em 320 mil toneladas. Cerca de 43% da produção do milho primeira safra já foi comercializada, entre março e abril, quando os preços ainda estavam atrativos. Agosto encerrou com aproximadamente 57% da produção do milho primeira safra armazenada, aguardando preços melhores.

No Ceará a cultura mais importante do estado teve desempenho bom, comparada à safra anterior. Aumento de 11,7% na área e 128,6% na produtividade contribuíram para a expectativa de produção de 418,9 mil toneladas.

Na Paraíba, em razão das severas condições climáticas nas cinco últimas safras, com drásticos prejuízos na produtividade, a cultura do milho teve área plantada reduzida. Na safra passada foram plantadas 84,6 mil hectares que, pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra teve o plantio de 86,5 mil hectares de milho, com produtividade estimada em 446 kg/ha. Da cultura plantada na região do semiárido paraibano, em torno de 30 mil hectares contabilizam perdas na ordem de 85%. As demais áreas de transição (Mata Paraibana, Borborema e Agreste) estão no estágio de maturação e colheita, também com perdas de produtividade em torno de 45%, porém, ainda superior à média da safra passada.

No Rio Grande do Norte, a produção de milho cresceu cerca de 32,5% em relação ao ano anterior, com uma colheita de cerca de 10,2 mil toneladas na safra atual. O melhor desempenho na produção se deve à ampliação da área cultivada e à melhor produtividade alcançada com o aumento no volume de chuvas em 2017. A produtividade de 348 t/ha poderia ter sido ainda maior caso não houvesse ocorrido veranicos que prejudicaram o desenvolvimento da cultura. Outro fator que prejudicou a produção foi o atraso na entrega das sementes distribuídas aos pequenos produtores.

Em Pernambuco o milho primeira safra é cultivado na região do sertão e, nessa safra, a lavoura foi acometida por chuvas insuficientes e mal distribuídas no decorrer dos estádios de desenvolvimento, o que resultou em redução de área e comprometeu a produção de quase todas as lavouras, as quais terão uma quebra de produtividade em torno de 90% em relação ao ano de safra normal.

Na Região Centro-Oeste, a segunda safra de milho é mais expressiva, porém essa região produziu 2,82 milhões de toneladas nessa safra. Em Goiás o milho alcançou excelente rendimento de 8.000 kg/ha. Não

houve nenhum registro de ataques de pragas e doenças com danos econômicos. Nessa reta final da colheita a grande problemática é a armazenagem da produção. No primeiro momento a produção do milho verão parte foi destinada às granjas (alimentação de aves e suínos) e restante da grande parte acondicionada em silos-bolsa.

Em Mato Grosso do Sul os produtores de milho primeira safra são os mesmos que plantam a cultura da soja, os quais dispõem de capital para financiamento da produção, bem como um bom nível tecnológico no sistema de cultivo, comparando os insumos com antecedência ao plantio, usando pacotes tecnológicos adequados que contribuem para manter a alta produtividade da cultura no estado. Devido o preço favorável pago ao produtor no início da safra 2016/17, houve um incremento da área plantada de 75%. O plantio de verão se estendeu-se até dezembro devido à falta de umidade do solo adequada para plantio. Na região do bolsão ou leste do estado, a cultura sofreu severos problemas de estresse hídrico nas primeiras fases de desenvolvimento. A cultura no Norte e do Nordeste do estado, caracterizada por maior produtividade devido ao maior nível de tecnificação e por estar numa região com geografia de chapadões, tiveram um atraso na colheita devido à chuva nesse período. Todavia, apesar disso, ao longo do ciclo as chuvas mantiveram boa regularidade, o que permitiu que a produtividade mantivesse bons resultados, com média de 9.340 kg/ha. A tecnologia transgênica usada entre 85% a 95% da área plantada com milho controlou de forma eficiente o complexo das lagartas. A comercialização ocorreu basicamente no mercado local e, em especial, para confinamentos e granjas avícolas e de suínos.

Em Mato Grosso a produtividade foi excelente devido às boas condições climáticas, que permitiram rendimento médio de 7.676 kg/ha, ante aos 6.412 kg/ha no período produtivo anterior. O cultivo da cultura atingiu 33,4 mil hectares, número 7,3% superior aos 31,1 mil hectares registrados na safra passada. Assim, a produção ficou em aproximadamente 256,1 mil toneladas do cereal, volume 28,5% superior às 199,4 mil toneladas da safra 2015/16.

No Distrito Federal, a área semeada com milho na primeira safra 2016/17 foi de 28,6 mil hectares. Com a colheita foi possível registrar uma produtividade média de 7.800 kg/ha. O veranico registrado em janeiro não afetou as lavouras haja vista encontrarem-se em sua maioria em elevado estágio de maturação. Segundo informações obtidas em campo a produção esperada não atingiu o potencial máximo esperado, de 9 a 10 mil quilos por hectare. Assim, dado as situações climáticas em todo o ciclo da lavoura, a produção foi incrementada em 15,7% comparado com a safra pas-



sada, chegando a 223,1 mil toneladas. A safra 2015/16 foi afetada por conta do longo período de estiagem que ocorreu na região. As perdas chegaram a 80% na produção.

Na Região Norte foi a única em que a área teve redução em relação à safra passada, 4,6%, o que resultou numa queda de 3% na produção, estimada em 996 mil toneladas.

Em Tocantins, a área cultivada com milho na primeira safra foi 36,3% menor do que a safra passada, devido ao retorno da normalidade climática, que possibilitou a retomada do plantio da soja no período de verão. Ao contrário dos anos normais, onde o milho era semeado somente após o término do plantio da soja, nessa safra aumentou o percentual das lavouras plantadas no início do período chuvoso, objetivando uma colheita antecipada e, conseqüentemente, com a possibilidade de melhores preços. A colheita já foi finalizada. A produtividade média das lavouras cresceu 38,7% nessa safra, reflexo significativo das melhores condições climáticas.

Em Rondônia a área apurada de 40,2 mil hectares é 4,1% superior à da safra passada. O clima foi favorável durante todo o ciclo dessa cultura, mas a produtividade de 2.661 kg/ha permaneceu praticamente a mesma da safra passada, isso se deve em parte por se tratar de uma cultura exercida em várias regiões do estado. Essa cultura ocorre basicamente em nível de pequenas propriedades, ou seja, característica da agricultura familiar e a produção se destina ao consumo humano e até para alimentação de seus animais na propriedade, ou ainda venda em feiras locais. Após estar madura, parte da produção permanece na lavoura, quando então os colmos são dobrados no próprio pé para a sua secagem natural. Ainda existem poucas lavouras mecanizadas, onde parte do cultivo ocorreu em áreas ocupadas anteriormente com pastagens.

No Amazonas há um aumento das áreas plantadas e uma leve diminuição da produtividade, atingindo a produção total de 30,8 mil toneladas. Praticamente toda a produção obtida destina-se ao consumo in natura ou mesmo no uso próprio no arraçamento de animais (silagem).

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

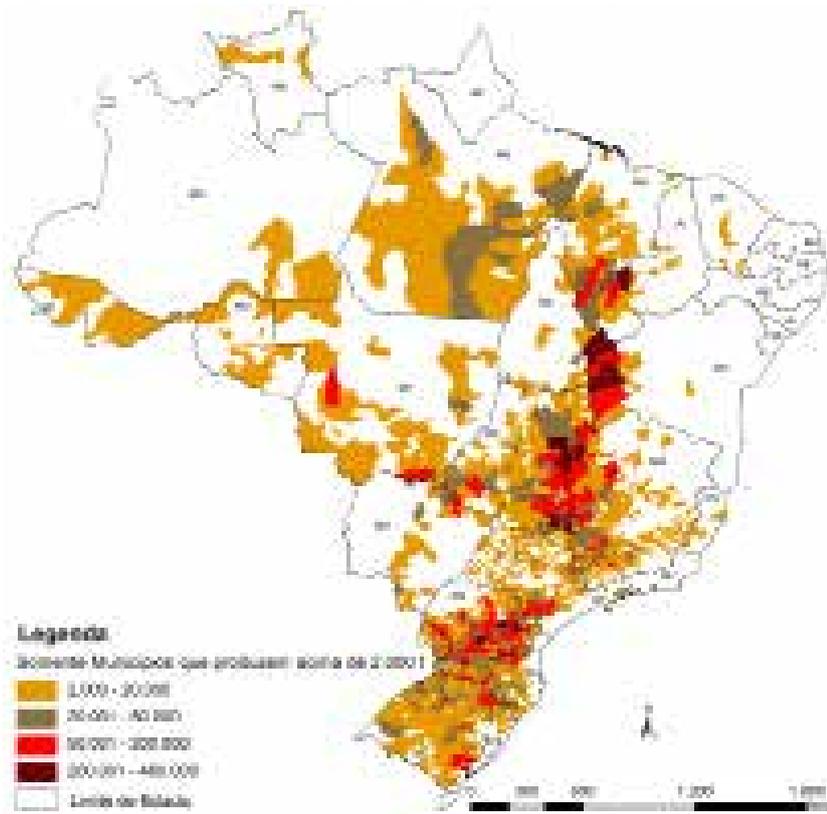
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	327,0	311,8	(4,6)	3.142	3.194	1,7	1.027,3	996,0	(3,0)
RO	38,6	40,2	4,1	2.657	2.661	0,2	102,6	107,0	4,3
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	12,2	125,9	2.515	2.526	0,4	13,6	30,8	126,5
AP	1,8	1,7	(2,8)	902	962	6,7	1,6	1,6	-
PA	169,6	176,9	4,3	3.334	3.142	(5,8)	565,4	555,8	(1,7)
TO	72,0	45,9	(36,3)	3.436	4.766	38,7	247,4	218,8	(11,6)
NORDESTE	1.798,0	1.806,6	0,5	1.587	2.469	55,5	2.854,3	4.460,8	56,3
MA	268,4	292,8	9,1	2.687	4.240	57,8	721,2	1.241,5	72,1
PI	471,0	418,2	(11,2)	1.490	3.037	103,8	701,8	1.270,1	81,0
CE	460,2	514,0	11,7	356	815	128,9	163,8	418,9	155,7
RN	25,0	29,2	16,8	309	348	12,6	7,7	10,2	32,5
PB	84,6	86,5	2,3	237	446	88,2	20,1	38,6	92,0
PE	117,4	84,1	(28,4)	82	74	(9,8)	9,6	6,2	(35,4)
BA	371,4	381,8	2,8	3.312	3.864	16,7	1.230,1	1.475,3	19,9
CENTRO-OESTE	320,3	350,0	9,3	7.636	8.060	5,5	2.445,9	2.821,0	15,3
MT	31,1	33,4	7,3	6.412	7.676	19,7	199,4	256,4	28,6
MS	16,0	28,0	75,0	9.000	9.340	3,8	144,0	261,5	81,6
GO	246,4	260,0	5,5	7.800	8.000	2,6	1.921,9	2.080,0	8,2
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.800	15,7	180,6	223,1	23,5
SUDESTE	1.237,0	1.301,2	5,2	6.079	6.295	3,6	7.519,9	8.191,5	8,9
MG	837,4	909,4	8,6	6.100	6.374	4,5	5.108,1	5.796,5	13,5
ES	13,6	13,2	(3,0)	2.910	2.832	(2,7)	39,6	37,4	(5,6)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	384,0	375,9	(2,1)	6.164	6.255	1,5	2.367,0	2.351,3	(0,7)
SUL	1.607,1	1.712,9	6,6	7.403	8.169	10,3	11.898,1	13.992,7	17,6
PR	414,1	507,7	22,6	7.953	9.243	16,2	3.293,3	4.692,7	42,5
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.152	11,2	2.712,1	3.263,2	20,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.500	4,7	5.892,7	6.036,8	2,4
NORTE/NORDESTE	2.125,0	2.118,4	(0,3)	1.827	2.576	41,0	3.881,6	5.456,8	40,6
CENTRO-SUL	3.164,4	3.364,1	6,3	6.909	7.433	7,6	21.863,9	25.005,2	14,4
BRASIL	5.289,4	5.482,5	3,7	4.867	5.556	14,2	25.745,5	30.462,0	18,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

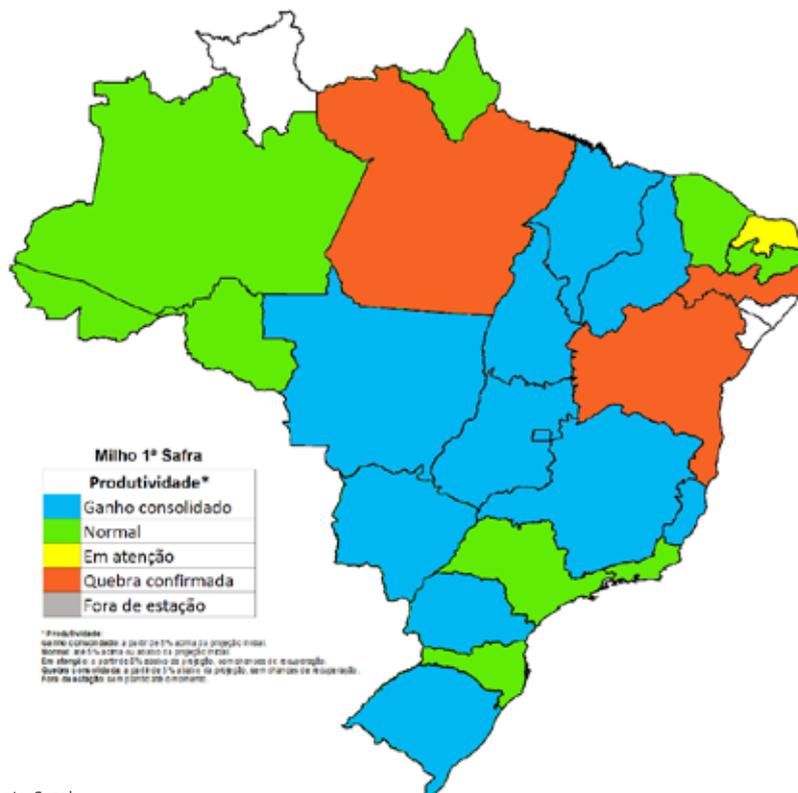


Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 40 – Mapa da estimativa de produtividade milho primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
PI	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
CE	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Potiguar							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Sertão Paraibano							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Agreste Paraibano								P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F/FR	FR/M	M/C	C						
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Centro Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Leste Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sul Goiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
DF	Distrito Federal		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
SC	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
RS	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
RS	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, a área plantada está estimada em 7.664,7 mil hectares, representando um incremento de 13,6% em relação ao plantio passado.

Em Mato Grosso, a colheita do milho segunda safra está finalizada e os números finais da lavoura são excepcionais. O rendimento da cultura é o maior da série histórica da Conab, com 6.212 kg/ha, número 55,3% superior aos 3.999 kg/ha da safra 2015/16. Além disso, houve significativo incremento de área, saindo de 3.769 mil hectares no ciclo anterior para 4.605,7 mil hectares no atual. Tal avanço de área foi devido à expectativa de bons preços, ocorrência de chuvas regulares após a janela ideal de plantio e a disponibilidade de insumos, que permitiu a semeadura do cereal até o final de março. Dessa maneira, criaram-se as circunstâncias favoráveis para a produção recorde nesta temporada de 28.610,6 mil toneladas de milho segunda safra, volume 89,8% superior às 15.072,2 mil toneladas registradas no período anterior. A grande oferta estadual do cereal contribuiu para o quadro de baixas cotações do cereal, que tem gerado poucos negócios entre produtores rurais e tradings. A estimativa é que pouco mais de 70% da safra estadual esteja contratada.

Em Goiás, devido aos problemas decorrentes do enfezamento causado pela cigarrinha, relatados em muitos municípios goianos, porém, de forma pontual em algumas lavouras, foi necessário realizar um ajuste na produtividade média em relação ao levantamento anterior, reduzindo para 6.000 kg/ha. As chuvas foram suficientes nas fases vegetativa e reprodutiva da cultura e a água armazenada no solo auxiliou no restante do desenvolvimento das plantas. Na fase final, a perda de umidade ocorreu de forma lenta devido ao período frio ocorrido em julho e agosto, ocasionando certa lentidão na colheita do grão. Estima-se que exista ainda algo em torno de 5% a ser colhido. Aproximadamente 40% da safra goiana já foi negociada. Devido à falta de espaço nos armazéns em Goiás, muitos produtores optaram pela utilização de silos bags, que possibilita uma comercialização posterior.

Em Mato Grosso do Sul, a produtividade estimada para a cultura é de 5.460 kg/ha, em uma área plantada de 1.759,9 mil hectares. Essa alta produtividade foi a segunda maior da história, inferior apenas à da safra 2014/15. As condições climáticas favoráveis desde o início do plantio, o bom aporte tecnológico e o manejo adequado dos solos foram os principais fatores que condicionaram esta alta produtividade. Esse fato, atrelado ao aumento da área plantada, ocasionou a maior produção estadual de milho. A cultura

está com aproximadamente 83% da área colhida e a geada ocorrida em meados de julho não afetou significativamente a produção total, porque a maioria das lavouras já estavam com os grãos em maturidade fisiológica, fase em que a cultura é menos propensa aos efeitos climáticos adversos. As unidades receptoras do estado estão com problemas decorrentes da falta de espaço para o armazenamento dos grãos. Ainda há aproximadamente 25% de soja da safra passada, armazenada, forçando essas unidades a reduzirem o fluxo de secagem e armazenamento, abaixo da capacidade de processamento normal.

Os grãos colhidos estão com uma boa qualidade, com poucos ardidões e aspectos normais, por conta da colheita ser realizada com o produto com um baixo grau de umidade e sem grandes problemas de doenças da espiga de final de ciclo. Com o atual cenário de problemas de armazenamento do cereal, o silo-bolsa está sendo adotado em propriedades, cooperativas e armazéns gerais. Apesar do problema de falta de espaço ser considerável, há diferentes realidades entre as regiões produtoras no estado. Onde os produtores realizaram contratos futuros e já entregaram o grão, os problemas de armazenagem não são graves. Nos locais onde há mais estruturas de armazenamento os problemas também são menores. Atualmente 43% da safra 2016/17 já foi comercializada. Apesar do baixo percentual de comercialização, em comparação com as safras anteriores, decorrente dos preços baixos pagos ao produtor, há o escoamento do produto para pagamento de dívidas para a liberação de crédito para a próxima safra e também para o cumprimento de contratos.

No Distrito Federal, o tempo mais seco tem possibilitado o rápido avanço da colheita do milho segunda safra que já atinge a casa dos 80%, e, como não há previsão de chuva para as próximas semanas, as condições se mantêm favoráveis aos trabalhos de final de ciclo. Além de beneficiar a colheita, o padrão meteorológico também possibilita uma melhora na qualidade dos grãos colhidos. A área semeada ficou semelhante à cultivada na safra passada, 38,4 mil hectares, com produtividade média estimada de 7.000 kg/ha. Essa produtividade é inferior a estimada em levantamentos anteriores em razão do prolongamento da janela ideal de plantio, o que, em alguns casos, estendeu-se até meados de abril, as chuvas abaixo da normalidade e o surto de cigarrinha verificado em plena fase de espigamento. Em que pese os efeitos dessas ocorrências, na safra regional de milho segunda safra, espera-se ainda uma produção superior em cerca de 191,5% a registrada na safra passada, que foi severamente afetada pelas condições climáticas adversas.



A Região Sul, segunda maior produtora nacional, tem o Paraná como único representante. A colheita está em andamento, visto que aproximadamente 15% das lavouras ainda se encontram no campo. Esse pequeno atraso já era esperado, uma vez que as lavouras foram implantadas um pouco mais tarde neste ano. Também houve bastante frio no início do ciclo, fato que retardou o desenvolvimento das plantas. O desempenho da cultura surpreendeu os produtores, estimando-se a produtividade em 5.456 kg/ha. As geadas e a estiagem, com mais de 40 dias de duração, não atingiram de forma muito significativa essa cultura em virtude de já estar parte colhida e parte em estágios avançados de desenvolvimento, acarretando pequena redução de produtividade em relação ao levantamento anterior. Chuvas em excesso prejudicaram a polinização daquelas lavouras que se encontravam em floração, causando falhas na formação dos grãos nas ponteiros das espigas e grãos com peso reduzido. Porém, de maneira geral, a qualidade do grão apresenta-se boa. A comercialização está lenta devido aos preços baixos. Assim, o produtor prefere aguardar o melhor momento para o fechamento de negócios. Com isso, o produto permanece nos armazéns ocupando espaço e retardando ainda mais a colheita.

Na Região Sudeste, a área levantada pela pesquisa mostra incremento de 2,9% em relação ao ocorrido na safra passada e produção de 4,26 milhões de toneladas.

Em São Paulo, conforme foi detectado junto as cooperativas, principalmente as situadas nas regiões sul e sudoeste, a colheita se encontra atrasada, restando no campo cerca de 50% da área plantada. Aguarda-se que até o fim de agosto ocorra o encerramento dessas operações para o posterior preparo do plantio da soja. No que se refere a produtividade, esta cresceu 57,1% em relação à safra anterior. A área ficou em torno de 10,3% maior que a safra passada. Conforme relato dos informantes, vêm aumentando a ocorrência do enfezamento (doença do milho), provocado pela cigarrinha, nas lavouras de milho, principalmente as localizadas no norte do estado - região de Orlandia, Miguelópolis e demais localidades no entorno. Por conta dessa doença, alguns pesquisadores locais estão defendendo que a cultura do milho, a exemplo do que ocorre com outras lavouras, tenha um vazio sanitário. As sugestões apresentadas é que a semeadura se concentre apenas em uma época do ano, como é realizado com a soja, plantada no verão. O milho seria plantado na segunda safra, reduzindo a presença da praga.

Em Minas Gerais, mais de 70% da área de milho já foi colhida, com resultado geral abaixo das expectativas iniciais devido à incidência da cigarrinha nas lavouras,

especialmente do cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas). Favorecida pelas condições ideais, as cigarrinhas e as bactérias por elas disseminadas acarretaram perdas relevantes em relação aos levantamentos anteriores, de modo que a produtividade caiu para 4.822 kg/ha. Apesar de alta em relação à safra anterior (que foi castigada pela seca), foi reduzida consideravelmente em relação aos levantamentos iniciais. Além de influenciar na produtividade, a cigarrinha foi responsável pela queda de qualidade do produto final, uma vez que a praga contribuiu para acamamento da planta, obrigando muitos agricultores a realizar a colheita rente ao chão, ocasionando aumento de impurezas nos grãos.

A Região Nordeste apresentou forte incremento na área plantada e produção. No Maranhão a cultura ocorre somente nas regiões sul e sudoeste, conhecidas como “região de Balsas” e “região Tocantina” e cultivada por médios e grandes produtores. A colheita está encerrada. A área cultivada equivale a 198,9 mil hectares, mostrando aumento em relação à safra 2015/16 de aproximadamente 131,5%. A produtividade média encontra-se em torno de 3.572 kg/ha e a produção total gira em 710,5 mil toneladas, significando uma produção quase cinco vezes maior em relação à safra anterior, 153,2 mil toneladas. Esse acréscimo na produção foi motivado pelo aumento das áreas de cultivo, bem como da produtividade das lavouras em relação à safra anterior. Devido ao ótimo período de chuvas na região, os agricultores ficaram muito entusiasmados e otimistas devido a uma excelente segunda safra de milho. O milho segunda safra foi plantado após a colheita da soja ou mesmo do milho de primeira safra, mesmo nas áreas que já estavam fora da janela climática recomendada. Nessa áreas os produtores sentiram-se confiantes em investir no milho, mas foram surpreendidos na parte final do ciclo de cultivo, uma vez que as chuvas não foram suficientes para suprir a demanda da cultura, acarretando em perdas de produtividade e em alguns casos, perda total da lavoura. Porém a produtividade média do estado (3.572 kg/ha) ainda assim foi superior em 110,2% à da safra anterior.

Em Sergipe, as informações obtidas revelam que a grande maioria das áreas apresentam boas condições de desenvolvimento, com rendimentos previstos bem acima da última safra em decorrência da boa distribuição de chuvas que ocorreu nos últimos dois meses. Observou-se também que cerca de 15% da área foi semeada mais tardiamente em decorrência de atrasos na liberação do financiamento pelos bancos. A área plantada no estado foi consolidada em 172,4 mil hectares, área inferior em 2,6% a última safra. A produtividade média a ser alcançada no estado está estimada em 3.951 kg/ha, quantidade muito superior ao encontrado na última safra. Já a produção esperada é



de 681,2 mil toneladas, volume significativamente superior à última safra, por conta da escassez de chuvas em 2016. De modo geral, as lavouras são consideradas boas, estando mais de 80% em estágio de maturação e frutificação, sendo o início da colheita previsto para a primeira quinzena de outubro, tendo seu ápice em novembro. As lavouras da região do sertão estão um pouco menos avançadas e ainda necessitam de um período maior para maturação.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 265,1 mil hectares, com a produção de 508,5 mil toneladas, e média produtiva de 1.918 kg/ha. As lavouras encontram-se em estágios de enchimento de grãos (frutificação) e maturação. Espera-se que as colheitas sejam iniciadas no fim de setembro. Os cultivos mais produtivos, com o emprego da mecanização agrícola em todas as fases da cultura, estão nas microrregiões de Ribeira do Pombo e Alagoinhas. Estas áreas, com maior utilização de tecnologia (mecanização, fertilizantes e defensivos), representam cerca de 50% da área com o milho segunda safra, com áreas que atingem o rendimento de até 150 sc/ha. No município de Rio Real foi observado a expansão das lavouras de milho em áreas anteriormente ocupadas pela citricultura. As microrregiões de Serrinha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana são caracterizadas pelo cultivo em áreas menores, com pouca mecanização agrícola, sendo utilizada essencialmente para o preparo do solo. Es-

sas áreas são caracterizadas pelo emprego da mão de obra familiar, pelo plantio consorciado com feijão e pela pouca utilização de fertilizantes e defensivos. O cultivo nessas microrregiões ocupa cerca de 50% da área cultivada com milho de inverno, e os produtores atingem rendimentos em torno de 1.600 kg/ha.

No Piauí, a área do milho segunda safra foi de 49,2 mil hectares, aumento de 128,8% em relação à safra passada. Esse aumento de área foi devido ao bom regime pluviométrico na região sudoeste piauiense, o que permitiu a antecipação do plantio da soja precoce. Segundo os agricultores da região, o plantio de soja de ciclo precoce, realizado até a primeira quinzena de novembro, permite o cultivo de segunda safra de milho nessas áreas. Apesar desse cenário favorável, muitos agricultores não se contiveram em plantar dentro do calendário normal para a região, e estenderam o plantio até a primeira quinzena de abril, quando o normal seria finalizar o plantio ainda na primeira quinzena de março. A produtividade do milho foi de 2.363 kg/ha, aumento de 34,6% em relação à safra passada. A produtividade obtida ficou muito abaixo da produtividade em safra normal devido à falta de chuva no final do ciclo do milho, principalmente, nas áreas plantadas tardiamente (primeira quinzena de abril). O cereal está com 100% da área colhida. Desse total, 30% já foi comercializado. A produção foi de 116,3 mil toneladas, recorde para o estado.

Figura 41 - Lavoura de milho na fase de enchimento de grãos - Paripiranga - BA



Fonte: Conab.

Figura 42 - Lavoura de milho na fase de maturação dos grãos de milho - Rio Real - BA



Fonte: Conab.



Em Pernambuco o milho de segunda safra é cultivado na região agreste, onde as condições climáticas, preliminarmente, animaram os produtores quanto à expectativa de uma boa produção, o que resultou num incremento de área de 9,9% no plantio, em relação à safra passada. Em relação à condição fisiológica das lavouras, as situadas na microrregião do agreste meridional teve o plantio concretizado com atraso e uma parcela significativa das lavouras foram acometidas por estresse hídrico decorrido do excesso de chuvas em todos seus estádios de desenvolvimento, o que, conseqüentemente, afetará negativamente a produção das lavouras desta região. Atualmente, as lavouras se encontram na fase final de desenvolvimento vegetativo, formação de grãos e amadurecimento. Já as lavouras situadas nas microrregiões do agreste setentrional e central devem apresentar uma produção dentro do normal por não ter ocorrido atraso no plantio e encontram-se nas fases de amadurecimento e secagem.

Em Alagoas havia uma expectativa de produtividade pequena para o milho segunda safra. Ocorre que o excesso de chuvas concentrada em dois meses prejudicou a lavoura principalmente no seu desenvolvimento vegetativo. Entretanto, pelas condições atuais da lavoura já informações de perdas em torno de 30% ou até mais, o que só se pode confirmar da segunda quinzena de setembro em diante pelos órgãos do setor produtivo. Os agricultores familiares pouco investem na cultura com adubação e tratamentos culturais. Há um movimento governo do estado no sentido de incentivar o plantio de milho e outros grãos como feijão e soja. Atualmente já existe um pequeno plantio de aproximadamente 300 hectares de soja e pelas informações os resultados iniciais de produtividade se assemelham ao do Centro-Oeste. Há também alguns empresários apostando no plantio de milho em terras arrendadas das usinas. É visível a quantidade de silagem já prontas na região sertaneja, se preparando para a época que falta alimentos para os animais.

A Região Norte apresentou o maior incremento percentual de área do país (63%) e deve produzir 1,7 milhão de toneladas nessa safra.

Em Rondônia a estimativa de área plantada nesta safra é de 156,9 mil hectares, com produtividade média estimada de 4.835 kg/ha representando um incremento 31,3% e queda de 4,9%, respectivamente, em relação a safra anterior. A produtividade passou de

4.613 kg/ha na safra anterior para 4.385 kg/ha. O cultivo é feito no sistema plantio direto. Atualmente essa lavoura encontra-se com seus estádios todos concluídos. A colheita do milho segue em ritmo acelerado e segundo informações já foi colhido entre 90 a 95% da área semeada. A qualidade do produto é boa e a produtividade variou em função do pacote tecnológico empregado. Algumas lavouras com pacotes tecnológicos altos estão apresentando produtividade entre 7.260 a 8.400 kg/ha, pacotes tecnológicos intermediários estão proporcionando produtividade média entre 6.060 a 7.200 kg/ha e pacotes com baixa tecnologia resultam em produtividade média entre 3.000 a 6.000 kg/ha. Quanto a armazenagem não está havendo problemas, pois, o fluxo regular da colheita, processamento e comercialização da soja principalmente, está abrindo espaço para a armazenagem do milho segunda safra.

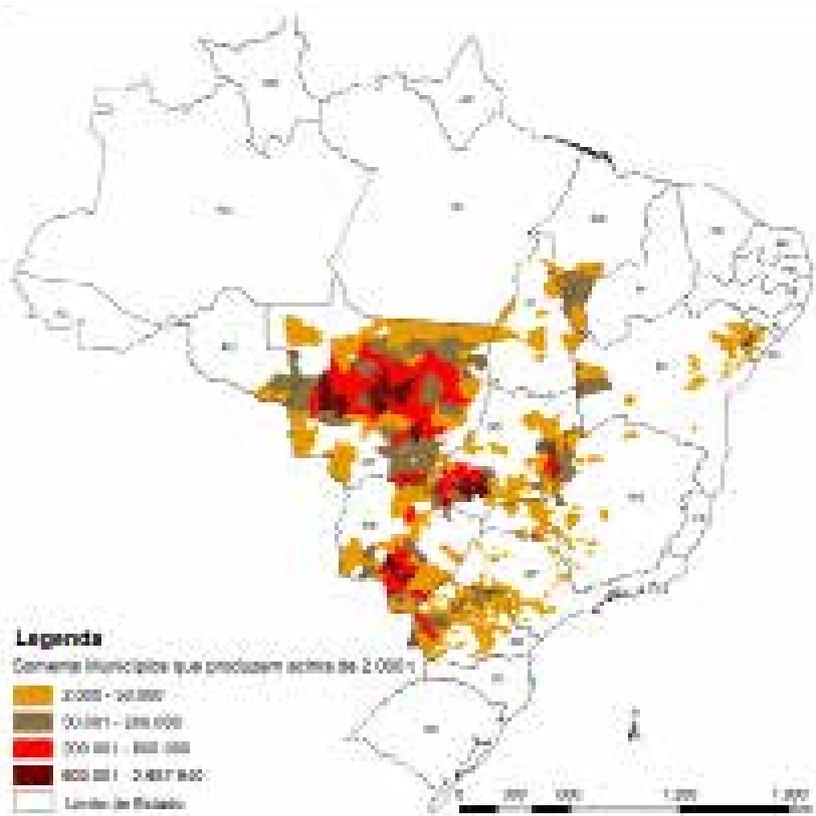
Em Tocantins, o milho segunda safra teve um crescimento expressivo na área cultivada (62,4%) em relação à safra passada. Em algumas regiões os produtores foram mais cautelosos devido principalmente aos baixos preços negociados para exportação, optando pela redução do investimento para a cultura, como aquisição de sementes reclassificadas e aplicação de menores doses de adubo. A colheita da cultura no estado já está praticamente finalizada e estima-se um aumento de 133,5% no volume produzido.

Em Roraima o milho empresarial atingiu 9% da área colhida num total de 5,8 mil hectares. Até o momento a produtividade de 6.000 kg/ha tem se confirmado, apesar do excesso de chuvas ter causado alguns transtornos com a aplicação de fungicidas. Ressalte-se que o milho empresarial, em Roraima, não entra após a soja, em vista do período de chuvas muito curto, devendo o produtor escolher entre a soja e o milho, portanto, os produtores de milho empresarial, também plantam soja em áreas distintas e na mesma janela de plantio. O milho da agricultura familiar, estimado em 1,8 mil hectares, encontra-se quase todo colhido.

A posição consolidada da área de milho, reunindo a primeira e segunda safras, no exercício 2016/17, deverá atingir 17.592,1 mil hectares, representando um incremento de 10,5% se comparado com o plantio passado. As boas condições climáticas nas principais regiões do país proporcionou uma produção recorde, atingindo 97.712 mil toneladas, com um incremento percentual de 46,9% em relação à safra passada.

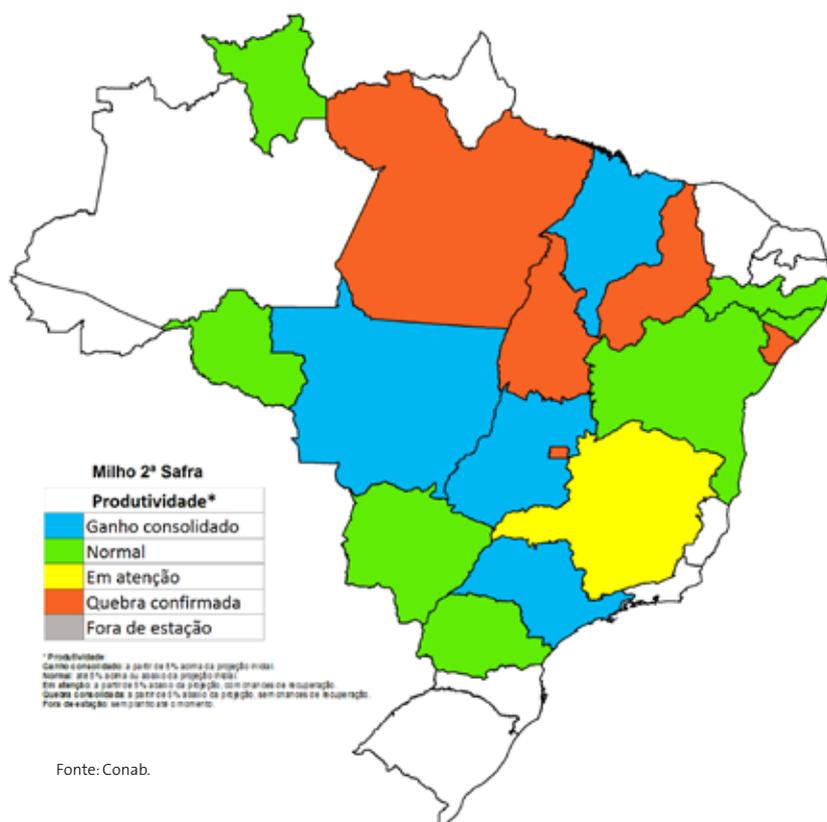


Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 44– Mapa da estimativa de produtividade milho segunda safra



Fonte: Conab.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
MA	Sul Maranhense						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Agreste Pernambucano	M/C	C							P/G	DV/F	F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
	Itapetininga - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	246,2	401,2	63,0	3.816	4.253	11,4	939,5	1.706,1	81,6
RR	4,6	7,6	65,2	3.036	6.000	97,6	14,0	45,6	225,7
RO	119,5	156,9	31,3	4.613	4.385	(4,9)	551,3	688,0	24,8
PA	26,5	81,4	207,2	3.072	3.549	15,5	81,4	288,9	254,9
TO	95,6	155,3	62,4	3.063	4.402	43,7	292,8	683,6	133,5
NORDESTE	627,2	796,7	27,0	927	2.623	183,0	581,3	2.089,9	259,5
MA	85,9	198,9	131,5	1.784	3.572	100,2	153,2	710,5	363,8
PI	21,5	49,2	128,8	1.756	2.363	34,6	37,8	116,3	207,7
PE	67,2	73,9	9,9	187	654	249,7	12,6	48,3	283,3
AL	28,3	37,2	31,4	674	674	-	19,1	25,1	31,4
SE	177,0	172,4	(2,6)	795	3.951	397,0	140,7	681,2	384,2
BA	247,3	265,1	7,2	881	1.918	117,7	217,9	508,5	133,4
CENTRO-OESTE	6.747,1	7.664,7	13,6	3.824	6.008	57,1	25.798,5	46.052,7	78,5
MT	3.769,0	4.605,7	22,2	3.999	6.212	55,3	15.072,2	28.610,6	89,8
MS	1.665,0	1.759,9	5,7	3.679	5.460	48,4	6.125,5	9.609,1	56,9
GO	1.274,7	1.260,7	(1,1)	3.537	6.000	69,6	4.508,6	7.564,2	67,8
DF	38,4	38,4	-	2.400	7.000	191,7	92,2	268,8	191,5
SUDESTE	814,3	837,7	2,9	2.793	5.081	81,9	2.274,5	4.256,3	87,1
MG	371,0	357,6	(3,6)	2.191	4.822	120,1	812,9	1.724,3	112,1
SP	443,3	480,1	8,3	3.297	5.274	60,0	1.461,6	2.532,0	73,2
SUL	2.198,3	2.409,3	9,6	5.091	5.456	7,2	11.191,5	13.145,1	17,5
PR	2.198,3	2.409,3	9,6	5.091	5.456	7,2	11.191,5	13.145,1	17,5
NORTE/NORDESTE	873,4	1.197,9	37,2	1.741	3.169	82,0	1.520,8	3.795,9	149,6
CENTRO-SUL	9.759,7	10.911,7	11,8	4.023	5.815	44,5	39.264,5	63.454,2	61,6
BRASIL	10.633,1	12.109,6	13,9	3.836	5.553	44,8	40.785,3	67.250,1	64,9

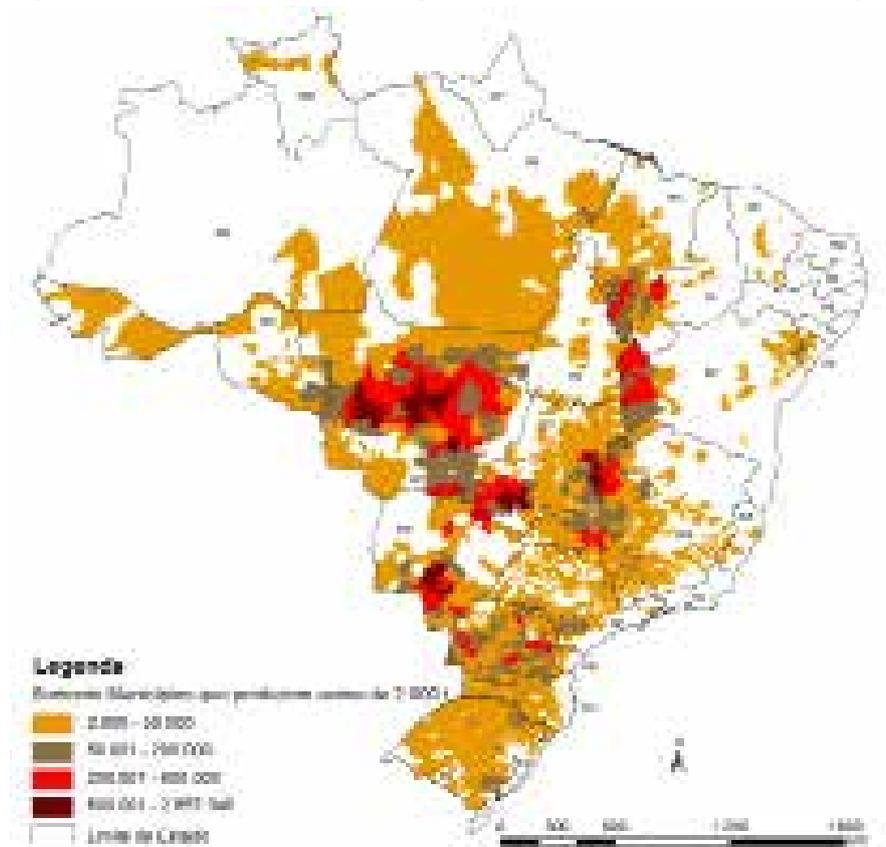
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	713,0	24,4	3.431	3.790	10,5	1.966,8	2.702,1	37,4
RR	4,6	7,6	65,2	3.036	6.000	97,6	14,0	45,6	225,7
RO	158,1	197,1	24,7	4.135	4.033	(2,5)	653,8	795,0	21,6
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	12,2	125,9	2.515	2.526	0,4	13,6	30,8	126,5
AP	1,8	1,7	(5,6)	902	962	6,7	1,6	1,6	-
PA	196,1	258,3	31,7	3.299	3.270	(0,9)	646,9	844,7	30,6
TO	167,6	201,2	20,0	3.223	4.485	39,1	540,2	902,4	67,0
NORDESTE	2.425,2	2.603,3	7,3	1.417	2.516	77,6	3.435,4	6.550,5	90,7
MA	354,3	491,7	38,8	2.468	3.970	60,8	874,4	1.951,9	123,2
PI	492,5	467,4	(5,1)	1.502	2.966	97,5	739,5	1.386,3	87,5
CE	460,2	514,0	11,7	356	815	128,9	163,8	418,9	155,7
RN	25,0	29,2	16,8	309	348	12,6	7,7	10,2	32,5
PB	84,6	86,5	2,2	237	446	88,2	20,1	38,6	92,0
PE	184,6	158,0	(14,4)	120	345	187,2	22,2	54,6	145,9
AL	28,3	37,2	31,4	674	674	-	19,1	25,1	31,4
SE	177,0	172,4	(2,6)	795	3.951	397,0	140,7	681,2	384,2
BA	618,7	646,9	4,6	2.340	3.067	31,0	1.447,9	1.983,7	37,0
CENTRO-OESTE	7.067,4	8.014,7	13,4	3.996	6.098	52,6	28.244,4	48.873,7	73,0
MT	3.800,1	4.639,1	22,1	4.019	6.223	54,8	15.271,6	28.867,0	89,0
MS	1.681,0	1.787,9	6,4	3.730	5.521	48,0	6.269,5	9.870,6	57,4
GO	1.521,1	1.520,7	-	4.228	6.342	50,0	6.430,5	9.644,2	50,0
DF	65,2	67,0	2,8	4.184	7.341	75,5	272,8	491,9	80,3
SUDESTE	2.051,3	2.138,9	4,3	4.775	5.820	21,9	9.794,3	12.447,9	27,1
MG	1.208,4	1.267,0	4,8	4.900	5.936	21,1	5.921,0	7.520,9	27,0
ES	13,6	13,2	(2,9)	2.910	2.832	(2,7)	39,6	37,4	(5,6)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	827,3	856,0	3,5	4.628	5.705	23,3	3.828,5	4.883,3	27,6
SUL	3.805,4	4.122,2	8,3	6.068	6.583	8,5	23.089,7	27.137,8	17,5
PR	2.612,4	2.917,0	11,7	5.545	6.115	10,3	14.484,9	17.837,8	23,1
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.152	11,2	2.712,1	3.263,2	20,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.500	4,7	5.892,7	6.036,8	2,4
NORTE-NORDESTE	2.998,4	3.316,3	10,6	1.802	2.790	54,9	5.402,2	9.252,6	71,3
CENTRO-SUL	12.924,1	14.275,8	10,5	4.730	6.196	31,0	61.128,4	88.459,4	44,7
BRASIL	15.922,5	17.592,1	10,5	4.178	5.554	32,9	66.530,6	97.712,0	46,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Tabela 38 – Balanço de oferta e demanda de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,3
2012/13	4.005,3	81.505,7	911,4	86.422,4	53.263,8	26.174,1	6.984,6
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.639,8	18.883,2	6.949,9
2016/17	6.949,9	97.712,0	700,0	105.361,9	56.165,3	29.000,0	20.196,5

Fonte: Conab.

Com a colheita do milho segunda safra se aproximando do seu final, já dá para afirmar que a produtividade média acima de 5,5 t/ha é a maior da série histórica de milho no país, o que gerou um incremento na produção de 97,7 milhões de toneladas. Acredita-se que, caso haja um novo aumento na produção, não deve ser tão significativo quanto ao valor atual. No entanto, o quadro de oferta e demanda de milho teve algumas alterações importantes, não somente no volume produzido, mas também em dados de consumo, importação e exportação.

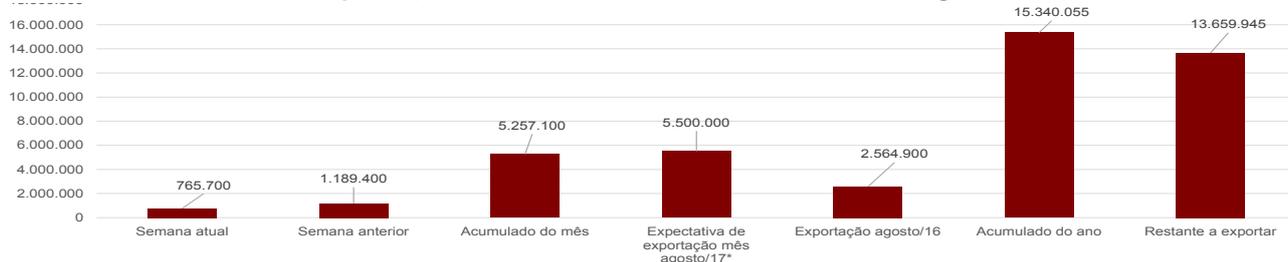
Houve alguns ajustes nos dados de consumo, sobretudo no que se refere à safra 2015/16, visto que já é possível ter as informações consolidadas de plantel de aves e suínos para 2016, o que acabou alterando o estoque final da safra 2015/16 para 6,9 milhões de toneladas.

Para os dados de importação, houve uma pequena alteração, tendo em vista o fato do Brasil já ter importado 400 mil toneladas até julho e em razão de um volume de milho importado do Paraguai para atender os produtores do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, uma vez que o custo de frete para trazer milho do Centro-Oeste

para os estados do Sul do país está bastante elevado. Já a exportação de milho, o indicador mais importante nesse momento para a determinação do estoque de passagem da safra 2016/17, há um incremento de 1 milhão de toneladas na previsão, tem razão do volume de 5,3 milhões de toneladas embarcados em agosto e da previsão de line up de 6 milhões para setembro, que somados ao acumulado de fevereiro a agosto, de 9,3 milhões, daria um total de 15,3 milhões de toneladas.

Para uma estimativa de 29 milhões de toneladas até o final de janeiro de 2018, seriam necessários pouco mais de 3,4 milhões de toneladas/mês, algo não muito difícil de acontecer. Contudo, para um novo incremento da exportação se deve observar o comportamento dos embarques em outubro, visto que as condições de paridade atuais - com dólar abaixo de R\$ 3,20 e as cotações em Chicago abaixo de US\$ 3,40/bushel (US\$ 133,85/t) - não estão favoráveis, com valores abaixo de R\$ 27,00 a saca de 60 quilos nos principais portos, a colheita da safra nova dos Estados Unidos já estará em vigor e há a concorrência com a Argentina, que vem com uma produção de 39,5 milhões de toneladas, sendo destes, quase 30 milhões exportáveis.

Gráfico 50 - Análise das exportações brasileiras de milho safra 2016/17 – agosto/17 (t)



Fonte: Secex. Nota: * Estimativa baseada na exportação média diária x 23 dias úteis

Mesmo assim, ainda que haja incremento no volume de milho exportado, os estoques de passagem, hoje estimados em 20,2 milhões de toneladas, continuarão elevados, o que mantém a pressão baixista sobre os preços. Os preços domésticos continuam abaixo do preço mínimo em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul,

Goiás e Paraná, com comercializações bem pontuais, principalmente para atendimento do mercado doméstico, que se permite pagar de R\$ 1,00 a 2,00 a saca de 60 quilos acima do preço pedido pelas tradings, por lotes que ajudam a compor os seus estoques para atendimento dos plantéis.



9.1.8. SOJA

A área plantada da oleaginosa nessa safra, cresceu 2%, saindo de 33.251,9 mil hectares na safra 2015/16, para 33.914,9 mil na atual, e a produção avançou de 95.434,6 mil para 114.095,8 mil toneladas, respectivamente. O excelente desenvolvimento da oleaginosa foi respaldado pelo comportamento do clima em praticamente todas as regiões do país.

Na Região Sul houve redução da área plantada em relação ao ocorrido no ano anterior, atingindo 11.465,1 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada. Foram boas as produtividades alcançadas devido à regularidade das precipitações, boa insolação e manejo adequado das lavouras.

No Rio Grande do Sul, a safra iniciou-se com a expectativa de manutenção da área ou leve aumento, devido à expansão nas áreas de várzea. O período de semeadura apresentou condições meteorológicas adequadas e ela evoluiu muito rápido, encerrando até meados de dezembro em praticamente todo o estado. As primeiras áreas, da região norte e noroeste do estado, encerraram o plantio até o meio de novembro, aproveitando o tempo seco no período. Embora tenha ocorrido um período com escassez de chuva, não foram verificados maiores problemas com a cultura.

Com a colheita do feijão primeira safra, milho silagem e milho grão, houve um leve incremento na área semeada com a cultura, também em função do bom desempenho das áreas já estabelecidas, que apresentavam um ótimo desenvolvimento. As estimativas de produtividades a partir de janeiro passaram a ser gradativamente aumentadas. A adequada distribuição da precipitação, sem excesso de dias com alta umidade, não favoreceu a ocorrência de ferrugem, associado ao bom manejo dos agricultores na prevenção da doença. A colheita iniciou-se em março e, aos poucos, foi confirmando a expectativa de altos rendimentos. As condições de desenvolvimento da cultura foram ótimas, proporcionando produtividades elevadas em todas as regiões, mesmo naquelas em que o cultivo não é tradicional. Além das condições meteorológicas dessa safra, o material genético, o maquinário moderno e a tecnologia empregada, foram também responsáveis pelo ganho de produtividade das lavouras, tornando-a a maior de todas as safras no estado, com produtividade de 3.360 kg/ha, cerca de 13,1% superior à passada, em uma área de 5.569,6 mil hectares, com produção total de 18.713,9 mil toneladas.

Apesar das dificuldades na colheita da soja mais tardia, cultivada após o milho e feijão, onde algumas áreas acabaram sendo abandonadas pelo excesso de chuva, a colheita foi encerrada no início de junho.

Embora os produtores estivessem otimistas com os ótimos resultados das lavouras, a cotação do preço no mercado fez com que esse ânimo fosse arrefecido. A comercialização se restringiu ao estritamente necessário para a quitação de dívidas de curto prazo da aquisição de insumos para a safra de inverno, mantendo a maior parte do produto armazenado.

Em Santa Catarina, a área plantada com a oleaginosa apresentou pouco crescimento em relação ao ano anterior, 0,2%, mas as condições climáticas durante as fases importantes da produção, trouxeram ganhos significativos na produtividade e produção. A produtividade média alcançou 3.580 kg/ha, 7,2% superior ao da safra anterior, resultado, além do clima favorável, do uso adequado de tecnologia, principalmente insumos e sementes. A comercialização da safra avança de acordo com a necessidade do produtor em gerar liquidez para quitar dívidas e fazer investimentos. Os preços têm variado conforme o câmbio e informações da safra interna e externa.

No Paraná, a área de 5.255,1 mil hectares está totalmente colhida, com rendimento de 3.731 kg/ha, sendo as condições climáticas e o uso de tecnologias os responsáveis por esta excelente produtividade. Apesar de a safra ser recorde, com produção total 16,4% acima da safra passada, a comercialização está lenta porque os produtores estão postergando a venda, aguardando a reação dos preços que atualmente estão em torno de R\$58,00/60kg, sendo que, até o momento, foi comercializado 70% da produção total. Como consequência secundária, a falta de comercialização mantém os armazéns cheios, ocupando boa parte da capacidade estática estadual.

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa apresentou crescimento de 1,1% em relação ao ocorrido no exercício anterior.

Em Minas Gerais as lavouras já foram totalmente colhidas, de forma que a produtividade média ficou estimada em 3.480 kg/ha, 7,6% maior em relação à safra anterior. A área cultivada sofreu uma tímida redução, inferior a 1%, o que não chegou a impactar na produção que foi de 5.067,2 mil toneladas, 7,1% maior que a safra 2015/16. De modo geral, as condições climáticas favoreceram bastante o desenvolvimento da cultura, assim como a conclusão da colheita. A comercialização segue normalmente e o preço médio recebido pelo produtor é de R\$60,24 a saca de 60 kg.

Em São Paulo, a safra apresentou forte incremento na área plantada em relação à safra passada de - 4,4%, obtendo também resultados importantes nas produ-



tividades em virtude das condições climáticas favoráveis ao longo do ciclo da cultura.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa, a área plantada apresentou incremento de 1,8% em relação ao exercício passado.

Em Mato Grosso, as condições climáticas contribuíram para o aumento de 14,9% na produtividade da soja, que saiu de 2.848 kg/ha, no ciclo 2015/16, para 3.273 kg/ha no atual. Além do bom rendimento no campo, a área destinada à cultura registrou incremento de 2%, saindo de 9.140 mil hectares, na safra 2015/16, para 9.319 mil hectares na atual. Assim, maior área e maior produtividade da oleaginosa propiciaram a produção de 30.513,5 mil toneladas de soja na safra 2016/17, volume 17,2% superior às 26.030,7 mil toneladas produzidas no período anterior.

Em Mato Grosso do Sul aproximadamente 75% da safra 2016/2017 da oleaginosa foi comercializada. Houve poucos avanços de comercialização em comparação com o mês anterior.

Na região leste de Goiás, a colheita da soja teve seu início logo após o segundo decêndio de janeiro em áreas semeadas sob pivô central e se intensificou em áreas de sequeiro após a segunda quinzena de fevereiro e foi finalizada durante a primeira quinzena de abril.

Na região sudoeste do estado, as primeiras áreas foram semeadas durante os primeiros dias de outubro, com início da colheita durante a segunda quinzena de janeiro. As precipitações regulares contribuíram para o estabelecimento de umidade adequada no solo durante as fases críticas da cultura.

O período de diminuição dos dias com chuva, vivenciado logo após a segunda quinzena fevereiro, contribuiu para a maior velocidade de colheita nessa presente safra. Outros fatores que contribuíram enormemente para o aumento da velocidade de colheita em relação à safra passada foi um aumento do índice de plantio de variedades precoces em detrimento de variedades de ciclo tardio e a maior eficiência logística dos sojicultores em decorrência da aquisição de novas e modernas colhedoras e demais equipamentos utilizados no processo. Essa maior velocidade de colheita propicia uma melhor janela de plantio para o milho segunda safra, dessa forma, diminuindo o risco climático dessa cultura.

A baixa incidência de pragas ao longo do ciclo da cultura, a boa distribuição de chuvas na maior parte das fases fenológicas das plantas, o maior investimento em tecnologias principalmente na aquisição de má-

quinas agrícolas, implementos e colhedoras modernas foram responsáveis pelos excelentes patamares de produtividade vivenciada pelos sojicultores, nessa presente safra. Porém, a comercialização se encontra bastante diminuída em relação à safra passada.

No Distrito Federal a área plantada com soja, para safra 2016/17, foi de 70 mil hectares, a mesma cultivada na safra 2015/16. A produtividade foi de 3.450 kg/ha, o que resultou numa produção de 241,5 mil toneladas. As lavouras se encontram totalmente colhidas, beneficiadas pelas boas situações climáticas.

Apesar das irregularidades climáticas (chuvas em dezembro e veranico e janeiro), o que prejudicou a potencialidade das cultivares, ainda se pode considerar uma safra melhor que em anos anteriores. Tradicionalmente, o Distrito Federal é um grande produtor de sementes de soja, dado sobretudo, à regularidade climática. O produto abastece uma parcela expressiva de produtores da região centro-sul e oeste baiano. As sementes da soja cultivadas no Distrito Federal são consideradas de excelente qualidade e servem de matriz para outros lavouras.

Na Região Norte-Nordeste ocorreu o maior incremento percentual da área plantada com a oleaginosa, 14,8%.

Na Bahia o cultivo da soja ocupou a área de 1.580,3 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado. A colheita já finalizada apresentou a produtividade de 3.242 kg/ha, com a produção de 5.123,3 mil toneladas de grãos.

No Maranhão houve alteração positiva de 4,5% na área plantada nesta safra em relação à safra anterior, com produtividade igual a 3.010 kg/ha e produção total de 2.473,3 mil toneladas. A colheita foi finalizada. A evolução da safra nessa temporada, aconteceu dentro da normalidade, sobretudo pela ocorrência das chuvas em quantidades e nos momentos importantes para a lavoura.

No Piauí, a área plantada com soja atingiu 693,8 mil hectares, 22,9% superior em relação à safra anterior. Esse aumento ocorreu em virtude do retorno das áreas que migraram para o milho na safra passada por ocasião dos problemas climáticos, ocorridos na safra anterior. A produtividade da soja ficou em 2.952 kg/ha, apresentando um aumento de 158,3 % em relação à safra passada. Esse aumento é explicado pelas perdas ocorridas na safra anterior devido as péssimas condições climáticas. Nas regiões de Uruçuí, Ribeiro Gonçalves e Baixa Grande do Ribeiro a cultura atingiu a produtividade esperada pelos produtores. Já na região de Bom Jesus, Currais e Palmeira do Piauí em



algumas fazendas, expectativa de produtividade não foi atingida devido a problemas com variedades, clima e pragas, reduzindo a produtividade média nessas localidades. Apesar das intempéries em algumas localidades, a produção da safra atual atingiu 2.048,1 mil toneladas de soja, representando uma produção recorde, superando em mais de 200 mil toneladas o recorde anterior, ocorrido na safra 2014/15.

Em Tocantins, a cultura alcançou uma produtividade de 2.932 kg/ha, 55,3% superior à constatada safra passada. As lavouras se desenvolveram muito bem na maior parte das regiões produtoras. Aguardava-se um melhor desempenho das lavouras, mas em razão do uso de variedades mais precoces e ocorrência do veranico entre final de dezembro e início de janeiro, coincidindo com as lavouras em plena fase de formação e enchimento de grãos, observou-se a ocorrência de prejuízos isolados. Além disso, no final do ciclo foi registrado aumento significativo na população e ataque de mosca branca em diversas regiões do estado, ocasionando perdas em algumas lavouras. Para algumas regiões também foram registradas ocorrência de ferrugem no final do ciclo para muitas lavouras, fato que contribuiu para reduzir a produtividade esperada.

No Pará a cultura da soja ocupou uma área de 500,1 mil hectares e, com a colheita concluída, apresentou produtividade média de 3.270 kg/ha. A produção foi de 1,64 milhão de toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 16,6% na área, 27% na produção do grão e 8,9% na produtividade em relação à safra anterior. De acordo com os informantes, a comercialização da soja para essa safra, foi estimulada, principalmente, pela valorização do dólar.

Em Rondônia a safra de soja no estado se encontra toda colhida e o escoamento da safra é realizado, no

trecho terrestre, através da BR-364 até o porto fluvial em Porto Velho, onde o ele passa a ser realizado, utilizando a hidrovía Madeira-Amazonas. A área cultivada com essa leguminosa alcançou, nessa safra, 296 mil hectares, representando um incremento de 17,2% em relação à área semeada na safra passada, sua média de produtividade ficou em torno 3.143 kg/ha. Esse incremento é atribuído pela inserção de novas áreas situadas, na sua maior parte, nas regiões leste e norte do estado, essa última, inclusive, já conta com um número significativo de estruturas em propriedades privadas, notadamente produtores e empresas do ramo agrícola, para o processamento da produção. O clima se manteve favorável durante todo o ciclo da cultura. A comercialização da safra foi relativamente lenta, o que ocasionou uma pequena dificuldade na hora da colheita do milho segunda safra. Atualmente esse problema, sobre espaços nos armazéns, foram solucionados.

Em Roraima a colheita da soja está bem acelerada, com cerca de 25% da área colhida, do total de 30 mil hectares semeados. De fato, o excesso de chuvas prejudicou o enchimento dos grãos, já que o potássio foi distribuído a lanço, limitando a disponibilidade desse nutriente à cultura em virtude do processo de lixiviação. Por conta desse cenário, a produtividade ficou no patamar de 3.000 kg/ha. Ressalte-se que o incremento da produção ainda é significativo, estimada em 90 mil toneladas, mais de 13% acima da safra anterior em razão do substancial aumento de área, que aumentou de 24 mil hectares para 30 mil hectares na safra 2016/17.

O desempenho da lavoura de soja, observado nas diversas regiões produtoras nesta temporada, indicou uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o percentual de 2% em relação



Figura 46 – Mapa da produção agrícola – Soja

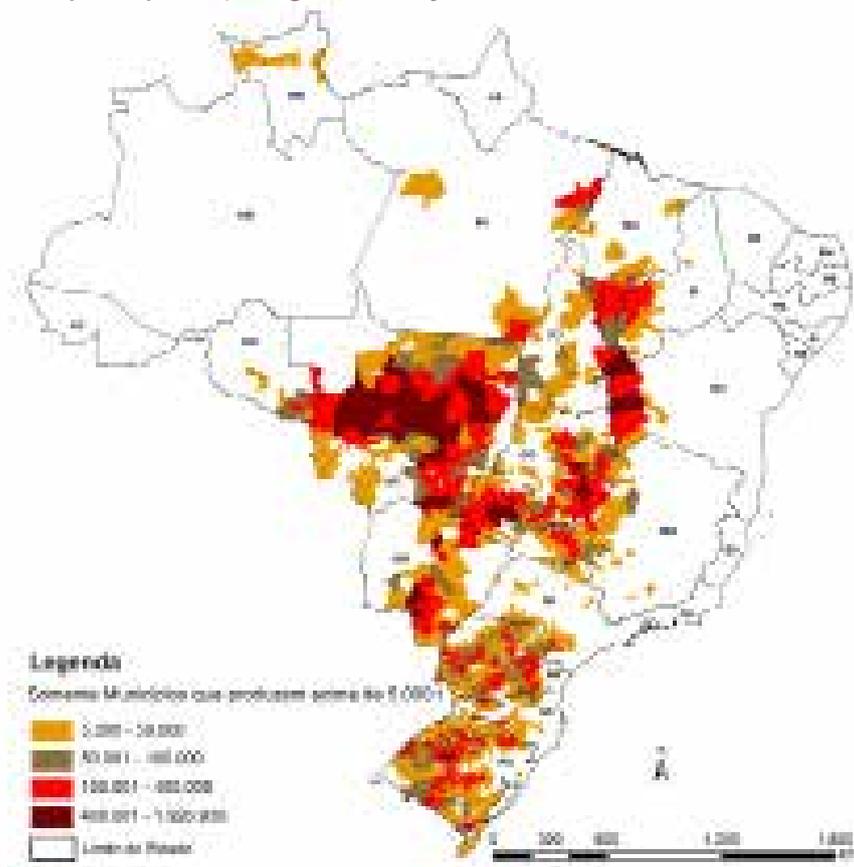
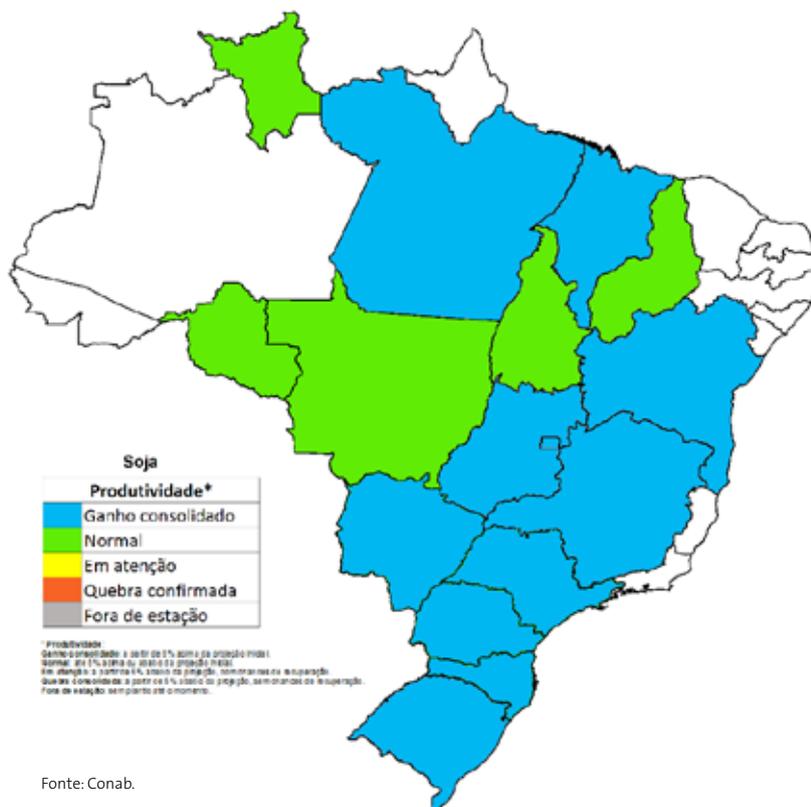


Figura 47 – Mapa da estimativa de produtividade – Soja



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Soja

UF	Mesorregiões	Soja											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.809,0	14,8	2.423	3.061	26,3	3.818,9	5.536,4	45,0
RR	24,0	30,0	25,0	3.300	3.000	(9,1)	79,2	90,0	13,6
RO	252,6	296,0	17,2	3.028	3.143	3,8	765,0	930,3	21,6
AP	-	18,9	-	-	2.878	-	-	54,4	-
PA	428,9	500,1	16,6	3.003	3.270	8,9	1.288,0	1.635,3	27,0
TO	870,8	964,0	10,7	1.937	2.932	51,4	1.686,7	2.826,4	67,6
NORDESTE	2.878,2	3.095,8	7,6	1.774	3.115	75,6	5.107,1	9.644,7	88,8
MA	786,3	821,7	4,5	1.590	3.010	89,3	1.250,2	2.473,3	97,8
PI	565,0	693,8	22,8	1.143	2.952	158,3	645,8	2.048,1	217,1
BA	1.526,9	1.580,3	3,5	2.103	3.242	54,2	3.211,1	5.123,3	59,5
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.193,6	1,8	2.931	3.301	12,6	43.752,6	50.149,9	14,6
MT	9.140,0	9.322,8	2,0	2.848	3.273	14,9	26.030,7	30.513,5	17,2
MS	2.430,0	2.522,3	3,8	2.980	3.400	14,1	7.241,4	8.575,8	18,4
GO	3.285,1	3.278,5	(0,2)	3.120	3.300	5,8	10.249,5	10.819,1	5,6
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.450	4,5	231,0	241,5	4,5
SUDESTE	2.326,9	2.351,4	1,1	3.255	3.467	6,5	7.574,9	8.151,5	7,6
MG	1.469,3	1.456,1	(0,9)	3.220	3.480	8,1	4.731,1	5.067,2	7,1
SP	857,6	895,3	4,4	3.316	3.445	3,9	2.843,8	3.084,3	8,5
SUL	11.545,4	11.459,6	(0,7)	3.047	3.542	16,2	35.181,1	40.592,8	15,4
PR	5.451,3	5.249,6	(3,7)	3.090	3.731	20,7	16.844,5	19.586,3	16,3
SC	639,1	640,4	0,2	3.341	3.580	7,2	2.135,2	2.292,6	7,4
RS	5.455,0	5.569,6	2,1	2.970	3.360	13,1	16.201,4	18.713,9	15,5
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.904,8	10,1	2.004	3.095	54,5	8.926,0	15.181,1	70,1
CENTRO-SUL	28.797,4	29.004,6	0,7	3.004	3.410	13,5	86.508,6	98.894,2	14,3
BRASIL	33.251,9	33.909,4	2,0	2.870	3.364	17,2	95.434,6	114.075,3	19,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA SOJA

Mercado nacional

Segundo a Conab, a produção nacional de soja em grãos para a safra 2016/17 será de 114,07 milhões de toneladas.

Em agosto de 2017 as exportações são estimadas acima de 6 milhões de toneladas e as exportações brasileiras de grãos de soja continuam acima dos valores exportados em 2016, por isso, houve uma alteração nas exportações totais da safra atual que deve totalizar 64 milhões de toneladas.

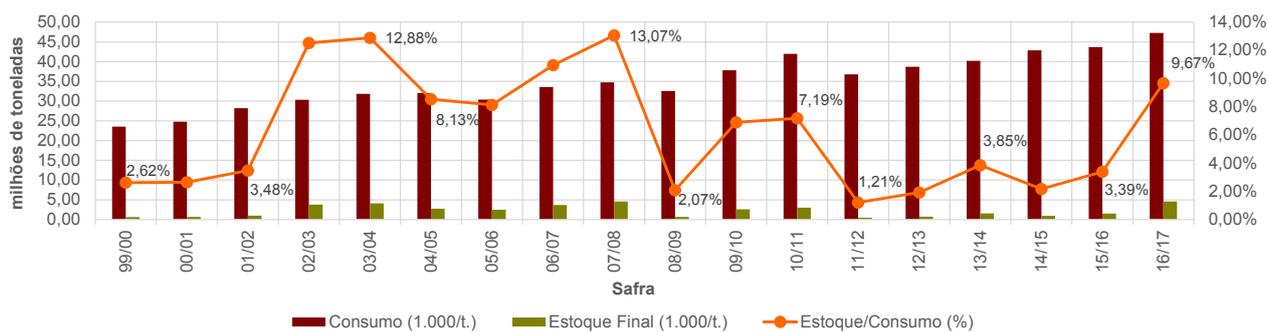
Assim, a soma das exportações de janeiro a agosto de 2017 é de mais de 57 milhões de toneladas, esse valor é superior em mais de 8,7 milhões de toneladas ao mes-

mo período de 2016.

Não houve nenhuma mudança nos valores de consumo total de julho da safra brasileira com relação ao estimado anteriormente e, finalmente, caso não haja nenhum aumento nas exportações nos próximos meses de 2017, os estoques de passagem para a safra 2016/17 devem ser de 4,57 milhões de toneladas, valor próximo ao estimado na safra 2007/08. Apesar desse alto estoque de passagem, esse valor equivale a um pouco mais de um mês e meio de consumo interno, por isto, ainda dentro da normalidade, apesar de também ser o maior percentual de estoque consumo dos últimos oito anos.



Gráfico 51 - Relação Estoque x Consumo (Brasil)



Fonte: Conab.

9.1.9.SORGO

A cultura do sorgo tem uma área plantada de 628,5 mil hectares e produtividade de 2.967 kg/ha, com produção de 1.864,8 mil toneladas. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito devido ao mercado e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Goiás é o maior produtor de sorgo do Brasil. Na safra 2016/17 a cultura do sorgo tem apresentado bons resultados, com produtividade média próxima a 60 sacas por hectare. Essa boa produtividade é explicada pelo bom regime de chuvas que ocorreu na região sudoeste do estado, principal produtora do grão. Até o momento cerca de 70% do sorgo já se encontra colhido, problemas com disponibilidade de armazéns têm feito com que o sorgo ainda fique no campo. Grande parte do produto é destinada à alimentação animal, principalmente para atender municípios considerados como de “bacia leiteira”. Não há registro de ataques de pragas e doenças com danos significativos na cultura.

Em Minas Gerais se registou crescimento de 6,1% na área plantada, motivado pelo fechamento da janela para o plantio do milho safrinha, melhor adaptabilidade ao clima quente em algumas regiões e o menor custo de produção. Verificou-se ainda aumento acentuado de produtividade e produção em relação à safra anterior, de 77,8% e 88,6%, respectivamente. Semelhante ao que aconteceu com o milho safrinha, o sorgo, apesar de ser relativamente resistente ao déficit hídrico, não suportou a seca ocorrida na safra anterior. Deferente do cenário estadual na Região do Norte houve redução de área e rendimento em relação à safra passada. Os fatores que acarretaram redução de área foi a escassez de mão de obra para colheita e debulha do produto, assim como a substi-

tuição do sorgo granífero pelo forrageiro, já a redução da produtividade se deve às más condições climáticas da região.

Na Bahia, o cultivo do sorgo ocupa a área de 98,5 mil hectares e com a colheita praticamente finalizada se estima a produção de 105,2 mil toneladas. Adaptada às condições de estresse hídrico, as plantas de sorgo resistiram a severidade do clima e apresentaram pequena redução na produtividade.

Em Mato Grosso, a lavoura estadual está toda colhida. A safra 2016/17 registrou área de 38,5 mil hectares, decréscimo de 21,4% em relação aos 49 mil hectares semeados na safra passada. Tal recuo no espaço dedicado ao sorgo se deve, em grande parte, à concorrência por espaço com o milho, que nesta safra registrou incremento significativo de área. A produtividade registrada foi de 2.353 kg/ha, aumento de 22,9% em relação aos 1.915 kg/ha da safra anterior. Sendo assim, a produção está estimada em 90,6 mil toneladas, ante aos 93,8 mil da safra anterior. A oferta do cereal é destinada à indústria de ração e consumo dos animais nas propriedades rurais.

Esse décimo segundo levantamento indica uma área cultivada com sorgo no Distrito Federal de 7.000 hectares, mais que o dobro da superfície cultivada na safra passada, com produtividade média estimada em 4.500 kg/ha, resultando em uma produção de 31,5 mil toneladas, 111,4% superior à oferta da temporada passada. O incremento de área verificado nesse levantamento foi ocasionado, sobretudo, pelo melhor aproveitamento do solo, aliado ao fechamento da janela de plantio do milho safrinha. As lavouras estão em fase final de colheita, ultrapassando a 80%. Não foi registrado ataques significativos de pragas e/ou doenças, não comprometendo, portanto, o bom nível de produtividade da cultura.



Em Tocantins, nessa safra, verificou-se um crescimento do cultivo do grão de 17,1% ante à safra passada, visto que a janela de plantio para a cultura foi maior nesta temporada e o regime de chuvas gerou maior confiança aos produtores. Além do ganho na área ocupada, nessa safra a cultura apresenta um ganho em investimento, com maior uso de cultivares híbridos em algumas regiões do estado. A cultura já se encontra com sua colheita praticamente finalizada e projeta-se uma produtividade 11,2% maior em relação à safra passada.

Em São Paulo, o sorgo por ser uma cultura mais resistente à seca que o milho e por ter as mesmas finalidades, tem surgido como uma alternativa para a safrinha, desde que supridas suas exigências hídricas. Essa cultura é mais tolerante às condições de estresse hídrico, o que lhe permite um período maior de cultivo. Outra peculiaridade desse importante cereal, utilizado para alimentação animal e humana, é exigir investimentos menores que o de outras culturas. O sorgo apresenta queda de 15,3% na área. Incremento na produtividade de 5,7%. O sorgo se encontra praticamente com 90% colhido.

No Piauí, a área plantada de sorgo no estado foi de 11,4 mil hectares, representando um aumento de 307,3% em relação à safra passada, já a produtividade prevista é de 2.044 kg/ha. Toda a área já foi colhida.

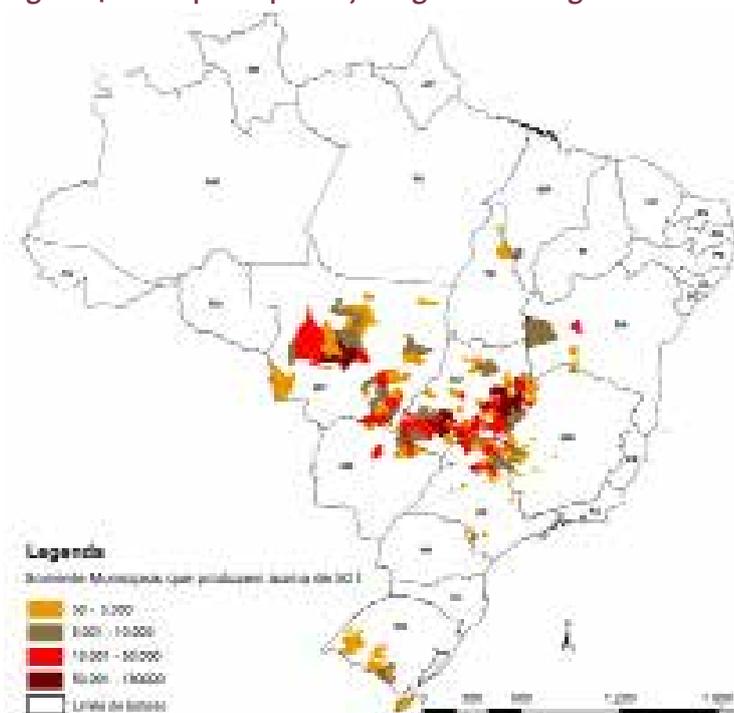
Em Mato Grosso do Sul, a cultura está com 60% da

área colhida e com boas perspectivas de produtividade, sendo esta estimada em 3.650 kg/ha, um aumento de 7,7% em relação à safra anterior devido às boas condições de precipitação da safra atual.

Na Paraíba, em virtude de fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado a formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Essa cultura teve o plantio encerrado com uma área de 1,3 mil hectares e produtividade média de 1.600 kg/ha. Toda a cultura foi colhida, apresentando condições regulares. Do total da área plantada, 70% foi realizada por uma empresa especializada na produção de sementes, com a utilização de pacote tecnológico avançado, mas que em razão das restrições pluviométricas e falta de água para irrigação, teve importante redução de produtividade.

No Rio Grande do Norte, nessa safra 2016/17, foram cultivados cerca de 1,3 mil hectares plantados com sorgo granífero, representando um acréscimo de 225% em relação aos 400 hectares plantados no ano anterior. A ampliação da área se deve ao aumento no volume de chuvas no primeiro semestre do ano. A produtividade foi ligeiramente superior à do ano anterior e só não foi mais expressiva em razão da ocorrência de veranicos e da má distribuição das chuvas. Nessa safra foram produzidas 1,6 mil toneladas, representando um aumento de 220% em relação às 500 mil toneladas produzidas na safra anterior.

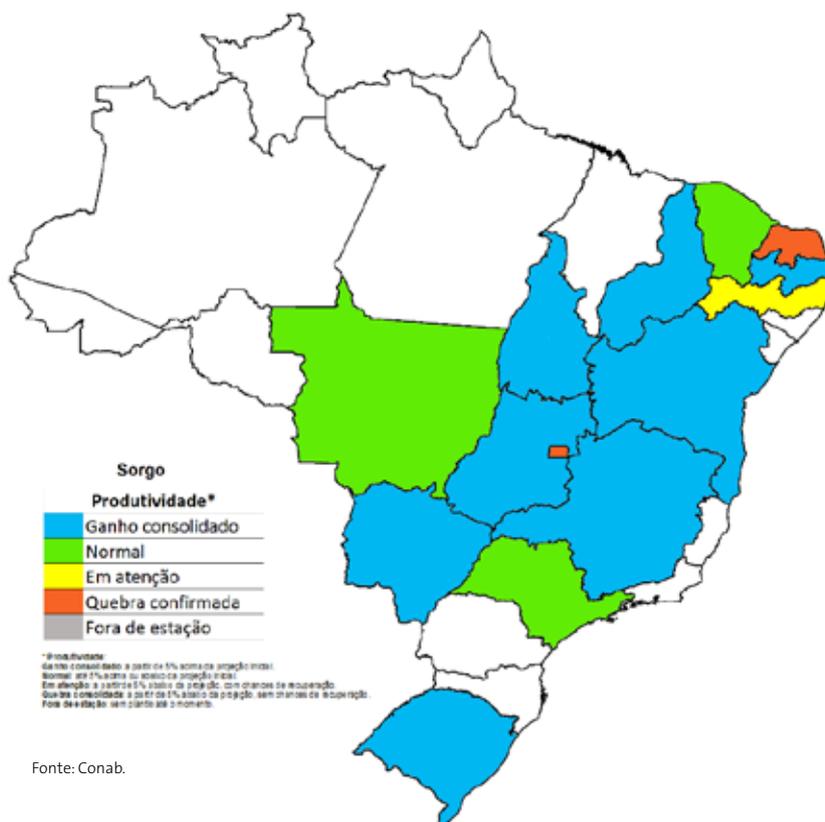
Figura 48 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 49 - Mapa da estimativa de produtividade - Sorgo



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	29,4	17,1	1.687	1.889	12,0	42,3	55,5	31,2
TO	25,1	29,4	17,1	1.687	1.889	12,0	42,3	55,5	31,2
NORDESTE	97,1	113,2	16,6	942	1.180	25,2	91,4	133,5	46,1
PI	2,8	11,4	307,3	45	2.044	4.442,2	0,1	23,3	23.200,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	1,3	225,0	1.224	1.244	1,6	0,5	1,6	220,0
PB	0,3	1,3	332,0	800	1.600	100,0	0,2	2,1	950,0
PE	4,5	-	(100,0)	167	-	(100,0)	0,8	-	(100,0)
BA	88,4	98,5	11,4	1.006	1.068	6,2	88,9	105,2	18,3
CENTRO-OESTE	262,8	283,3	7,8	1.836	3.373	83,7	482,6	955,6	98,0
MT	49,0	38,5	(21,4)	1.915	2.353	22,9	93,8	90,6	(3,4)
MS	9,5	7,7	(18,9)	3.390	3.650	7,7	32,2	28,1	(12,7)
GO	201,0	230,1	14,5	1.700	3.500	105,9	341,7	805,4	135,7
DF	3,3	7,0	112,1	4.500	4.500	-	14,9	31,5	111,4
SUDESTE	185,0	193,6	4,6	2.102	3.581	70,4	388,8	693,2	78,3
MG	172,6	183,1	6,1	2.018	3.588	77,8	348,3	657,0	88,6
SP	12,4	10,5	(15,3)	3.266	3.452	5,7	40,5	36,2	(10,6)
SUL	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
RS	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
NORTE/NORDESTE	122,2	142,6	16,7	1.095	1.326	21,1	133,7	189,0	41,4
CENTRO-SUL	456,8	485,9	6,4	1.965	3.449	75,5	897,8	1.675,8	86,7
BRASIL	579,0	628,5	8,5	1.782	2.967	66,5	1.031,5	1.864,8	80,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

9.2 CULTURAS DE INVERNO

No décimo segundo levantamento, a avaliação é que a produção nacional da safra de culturas de inverno seja de 6.525 mil toneladas. No Rio Grande do Sul, as lavouras se encontram, a maioria, no final do período vegetativo e início do reprodutivo e têm se desenvolvido de maneira irregular em razão das condições meteorológicas ocorridas desde o período de estabelecimento das culturas. No Paraná, após um período de estiagem que durou aproximadamente 60 dias, voltaram a ocorrer chuvas em agosto. A estiagem afetou de

forma mais severa as lavouras que já se encontravam em estádios mais avançados de desenvolvimento. Nas regiões onde o plantio é mais tardio as principais consequências foram redução do perfilhamento e desuniformidade dessas lavouras, bem como a impossibilidade ou dificuldade de aplicação de adubação de cobertura (nitrogenada) no momento mais oportuno, contudo, essas deverão ser beneficiadas com o retorno das chuvas, principalmente o trigo e a cevada.

9.2.1. AVEIA

No Rio Grande do Sul, o estande é desuniforme e a baixa densidade de plantas também assolam a cultura. As lavouras estão em fase de enchimento de grãos (35%), floração (45%) e, as mais tardias, em estágio vegetativo (20%). As precipitações, após longo período de estiagem, contribuíram para a incidência de doenças e pragas como, por exemplo, ferrugem e pulgão, fazendo com que as lavouras se apresentem, em sua maioria, em condições regulares (65%). Com isso, a expectativa de produtividade será menor que a safra passada, decrescendo 20,4% e ficando em torno de 2.405 kg/ha, porém, se mantendo 6,6% acima da média dos últimos dez anos, que é de 2.265,2 kg/ha.

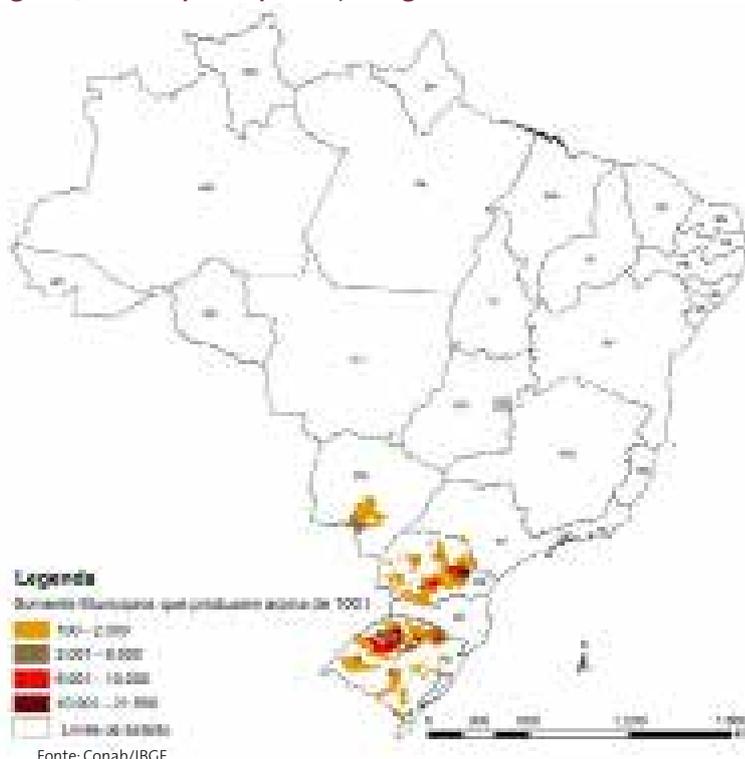
No Paraná, o plantio já está concluído, em uma área de 63,7 mil hectares. O aumento de 9,5% na área em relação ao ano anterior se deve ao desestímulo dos produtores com a cultura do trigo. A maior parte das lavouras estão em boas condições e as que se encontram em condições regulares é devido à ocorrência de geada e estiagem. Por ser plantada mais cedo, a aveia foi mais atingida pelas adversidades climáticas em relação às outras culturas de inverno, mas mesmo assim, no momento, estima-se uma perda de produtividade de 7,7% em comparação à safra anterior, uma vez que a produtividade estimada é de 2.315 kg/ha. A colheita se concentrará de setembro a novembro.



Em Mato Grosso do Sul, a maioria da aveia plantada visa a cobertura dos solos com o intuito de melhorar as condições físicas e químicas do perfil. Porém, a depender das condições de mercado na ocasião da maturação dos grãos, os produtores optam por colher o cereal para comercialização e alguns agricultores também fecham contratos com indústrias que atuam na fabricação de aveia sob forma de flocos e farinhas. Tanto o mercado quanto a produção no estado são destinadas para o interior de São Paulo e para a fabricação de ração. Nesse sentido, praticamente toda a comercialização é feita nos municípios de Ponta Porã e Dourados, os quais estão próximos aos campos de cultivo. Atualmente, a cultura vem expandindo no estado, por conta de o cereal ser pouco suscetível a doenças e pragas e pelas condições climáticas favoráveis. Assim, muitos produtores optam pela aveia em relação a outras culturas de inverno, além do custo de produção ser menor. Para a cultura plantada já com o propósito de produção de grãos são utilizados bons aportes tecnológicos e, nesses casos, espera-se uma boa produtividade, apesar do uso na maioria das áreas de sementes salvas de safras passadas. O estresse hídrico, ocasionado pelo grande número de dias sem chuvas, afetou o crescimento e desenvolvimento das

plantas em algumas áreas, além da ocorrência de seca dos perfilhos. Após a estiagem, em meados de agosto, teve início uma semana de chuvas na maioria das regiões produtoras, quando a cultura estava na fase de maturação dos grãos, provocando perdas qualitativas, pois reduziu o peso hectolitro para 39 a 41 quilos, visto que o peso hectolitro ideal para a cultura seria em torno de 46 quilos. Apesar das intempéries climáticas dessa safra, a severidade da seca da safra anterior foi maior, condicionando uma produtividade superior na safra atual. Além disso, como a área destinada para a comercialização de grãos na safra atual foi maior pois houve acréscimo de área na região centro-sul do estado, perfazendo uma área atual de 29 mil hectares, produtores utilizaram um melhor aporte tecnológico e melhores controles fitossanitários em relação à safra passada. Com isso a estimativa de produção ficou 132% maior em relação à safra anterior.

Figura 50 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Restrição por falta de chuva e geadas			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	29,0	93,3	1.500	1.800	20,0	22,5	52,2	132,0
MS	15,0	29,0	93,3	1.500	1.800	20,0	22,5	52,2	132,0
SUL	276,5	311,9	12,8	2.912	2.387	(18,0)	805,3	744,4	(7,6)
PR	58,2	63,7	9,5	2.508	2.315	(7,7)	146,0	147,5	1,0
RS	218,3	248,2	13,7	3.020	2.405	(20,4)	659,3	596,9	(9,5)
CENTRO-SUL	291,5	340,9	16,9	2.840	2.337	(17,7)	827,8	796,6	(3,8)
BRASIL	291,5	340,9	16,9	2.840	2.337	(17,7)	827,8	796,6	(3,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

9.2.2. CANOLA

No Rio Grande do Sul, as lavouras, de maneira geral, encontram-se em enchimento de grãos (45%) e em floração (50%). A ocorrência de estiagem no período vegetativo e geadas no reprodutivo causaram impactos importantes nas lavouras, com desuniformidade no estande e baixa densidade de plantas. A produtividade esperada está estimada em cerca de 15,4% menor que a safra anterior, ficando por volta de 1.286 kg/ha. Há relatos de produtores solicitando o Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro).

No Paraná, o plantio dos 4,8 mil hectares está finalizado. Quando comparado à safra anterior, houve redução da área em 23,5%, atribuída à expectativa futura de mercado e à pouca expressão da cultura no estado. Devido ao plantio realizado mais cedo, em relação às outras culturas de inverno, essa cultura foi afetada pelas geadas e estiagem, que a atingiram em estágios críticos de seu desenvolvimento, prevendo-se, no momento, uma redução de produtividade de aproximadamente 11% em relação à safra anterior, estando em 1.316 kg/ha.



Figura 51 – Mapa da produção agrícola – Canola

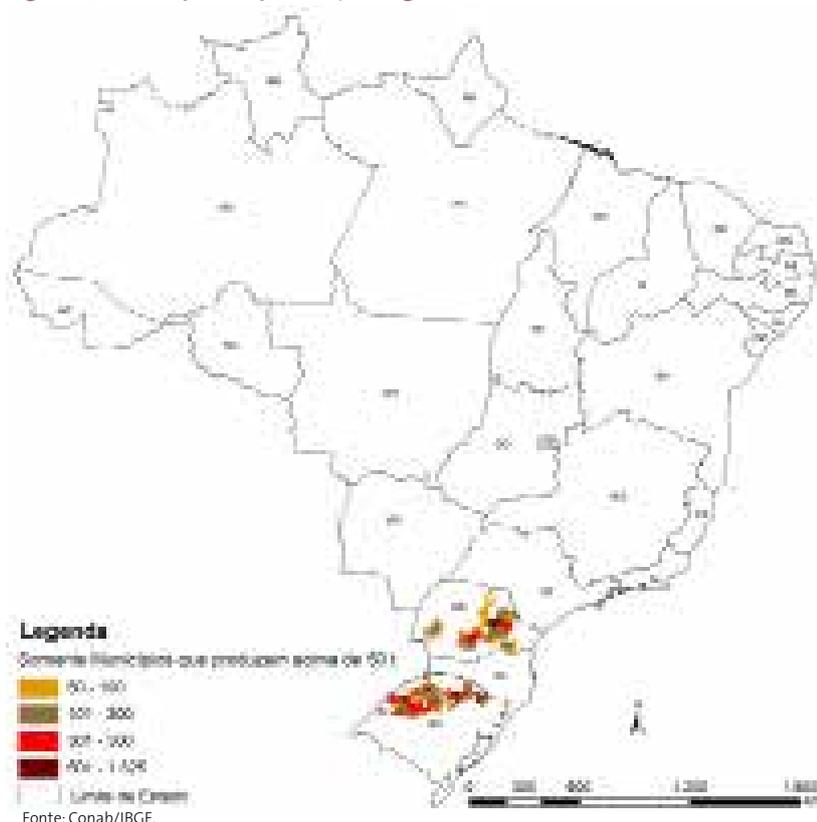


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	48,1	1,3	1.514	1.289	(14,9)	71,9	62,0	(13,8)
PR	6,3	4,8	(23,5)	1.479	1.316	(11,0)	9,3	6,3	(32,3)
RS	41,2	43,3	5,1	1.520	1.286	(15,4)	62,6	55,7	(11,0)
CENTRO-SUL	47,5	48,1	1,3	1.514	1.289	(14,9)	71,9	62,0	(13,8)
BRASIL	47,5	48,1	1,3	1.514	1.289	(14,9)	71,9	62,0	(13,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

9.2.3. CENTEIO

No Paraná são poucos os municípios que plantam centeio e muitas vezes é consorciado com outras gramíneas de inverno, como opção de manejo em substituição ao trigo. A previsão de área plantada é de 2,1 mil hectares, o que representa 110% a mais do que na safra passada. Esse elevado aumento ocorreu porque na safra anterior houve falta de sementes. O plantio

foi concluído em julho e a previsão de colheita é para outubro e novembro. As lavouras ainda se encontram em desenvolvimento vegetativo. No momento, estimam-se perdas de produtividade de aproximadamente 7,3% em relação à safra anterior, atribuídas principalmente à estiagem.



Figura 52 - Mapa da produção agrícola - Centeio

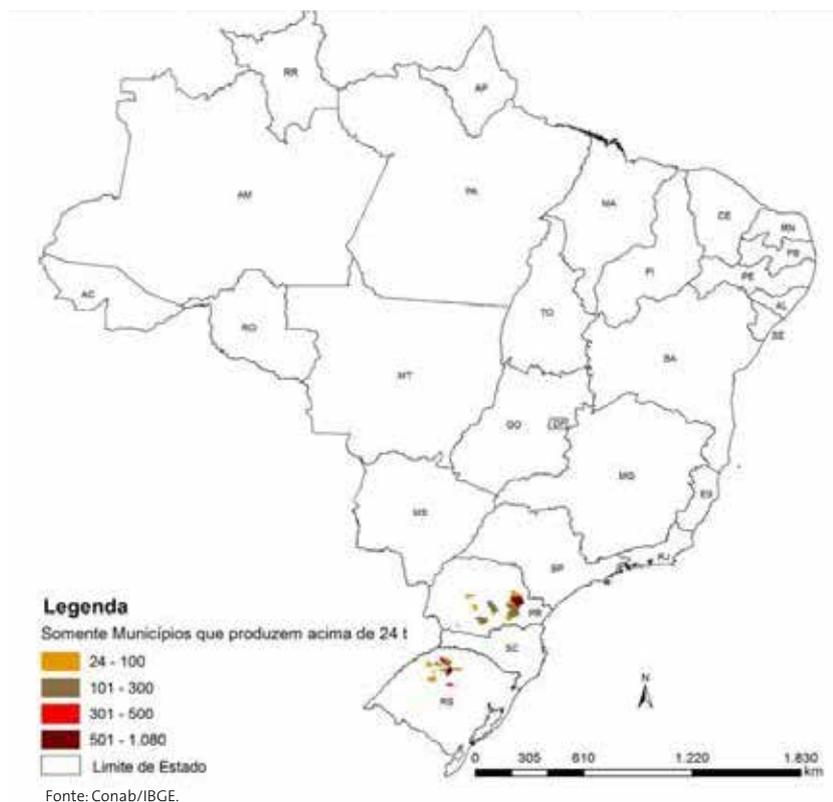


Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.389	(8,1)	6,5	8,6	32,3
PR	1,0	2,1	110,0	2.402	2.226	(7,3)	2,4	4,7	95,8
RS	1,5	1,5	-	2.700	2.572	(4,7)	4,1	3,9	(4,9)
CENTRO-SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.389	(8,1)	6,5	8,6	32,3
BRASIL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.389	(8,1)	6,5	8,6	32,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

9.2.4. CEVADA

No Rio Grande do Sul, a cevada segue situação semelhante às demais culturas de inverno, em fase de desenvolvimento vegetativo e com problemas de estabelecimento, perfilhamento e crescimento.

No Paraná, o plantio do cereal é tipicamente realizado com fomento das maltarias, que fornecem todos os insumos e garantem a compra do produto a preços pré-definidos em contratos. O plantio está concluído e a área plantada foi de 50,9 mil hectares, ou seja, 19,8% superior em relação à safra anterior. Esse aumento ocorre devido aos baixos preços do trigo, fomento das maltarias e pelo ótimo desempenho da cultura na safra passada.

Em Santa Catarina, o plantio, estimado em uma área de 1,2 mil hectares, é concentrado em municípios do Oeste, fomentados por Cooperativa local, para atender demanda da indústria cervejeira. Assim como acontece com o trigo, as condições climáticas não estão favoráveis ao cultivo da cevada. Baixas precipitações estão interferindo no desenvolvimento das lavouras e nos tratos culturais, principalmente em relação à aplicação de adubação de cobertura. As últimas lavouras semeadas podem apresentar desuniformidade em relação à germinação devido ao baixo índice de umidade do solo. As fases da cultura se concentram em germinação (30%) e desenvolvimento vegetativo (70%).



Figura 53 - Cevada em Campos Novos-SC



Fonte: Conab

Figura 54 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	109,2	14,2	3.921	3.418	(12,8)	374,8	373,3	(0,4)
PR	42,5	51,0	20,0	4.682	4.227	(9,7)	199,0	215,6	8,3
SC	1,3	1,2	(7,7)	4.800	3.175	(33,9)	6,2	3,8	(38,7)
RS	51,8	57,0	10,0	3.274	2.700	(17,5)	169,6	153,9	(9,3)
CENTRO-SUL	95,6	109,2	14,2	3.921	3.418	(12,8)	374,8	373,3	(0,4)
BRASIL	95,6	109,2	14,2	3.921	3.418	(12,8)	374,8	373,3	(0,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.



9.2.5. TRIGO

No Paraná, o plantio está concluído, totalizando uma área de 962,6 mil hectares, 11,4% menor quando comparada à safra anterior. Essa redução ocorreu devido aos baixos preços do cereal na época de plantio. A maior preocupação para a cultura está no clima, que pode comprometer significativamente toda a safra. Primeiramente a geada, que atingiu as lavouras de plantio mais adiantado, em estágio de floração e frutificação, e também a estiagem de 60 dias que atingiu parte das áreas em desenvolvimento vegetativo. Porém, os números de perda pela geada e estiagem só serão conclusivos com o avanço da colheita, a qual já iniciou em 2% da área plantada e deve se estender até novembro. Em virtude das adversidades climáticas já narradas, espera-se, no momento, redução de 13,9% na produtividade, frente à última safra, a qual foi cultivada sob condições climáticas favoráveis. A produtividade prevista é de 2.704 kg/ha.

No Rio Grande do Sul, a volta das chuvas em agosto melhorou o aspecto das lavouras de trigo. Porém, ainda apresentam estande desuniforme e porte pequeno, comparados à última safra, devido ao retardo no manejo de nitrogênio e a estiagem ocorrida no início do período sazonal. Em Vacaria, a ocorrência de cinco geadas consecutivas prejudicou o desenvolvimento da cultura. O retorno das chuvas, 150 mm nos últimos dez dias, foi importante para as lavouras, possibilitando aos agricultores realizarem os tratamentos culturais adequados com o intuito de amenizar os danos da estiagem do período anterior. A expectativa é que o rendimento das lavouras fique em torno de 2.572 kg/ha, ou seja, 42,86 sc/ha, 20% menor que a safra anterior. De maneira geral, as lavouras estão em transição da fase vegetativa (60%) para fase reprodutiva (40%).

Em Santa Catarina, após a estiagem observada em julho, as chuvas voltaram a ocorrer durante agosto, normalizando as condições das lavouras de trigo de Santa Catarina. As precipitações voltaram a tempo e permitiram que a grande maioria das lavouras recebessem a primeira adubação de cobertura dentro do período recomendado, o que deve possibilitar a recuperação de parte do potencial produtivo, com a emissão de novos perfilhos. Ainda assim, as lavouras implantadas mais cedo, cujo estágio de perfilhamento coincidiu com a estiagem, podem apresentar redução de seu potencial, haja vista que o número de perfilhos ficou aquém do considerado normal. Ademais, apesar de em menor número, outras lavouras implantadas alguns dias antes do início da estiagem apresentaram problemas de germinação, resultando em baixo estande e desenvolvimento desuniforme, o que pode afetar a produtividade. De modo geral, as lavouras são consideradas boas, tanto em termos sanitários quanto

fisiológicos. O índice de doenças é considerado baixo, resultado do clima ameno e chuvas bem distribuídas nos últimos dias. Diversos são os estádios da cultura, distribuídos entre desenvolvimento vegetativo (2%), perfilhamento (70%), alongamento (25%) e floração (3%). A expectativa de produtividade gira em torno de 2.957 kg/ha, numa área próxima de 53,9 mil hectares.

O plantio de trigo em Minas Gerais atingiu um recorde de 84,6 mil hectares plantados, somando os sistemas de cultivo de sequeiro e irrigado. O constante crescimento da área nos últimos anos se deve, entre outros, ao fato da cultura constituir uma boa alternativa de aproveitamento do solo no período de inverno, devido às baixas temperaturas registradas nessa época do ano, muitas vezes restritivas para o plantio de outras culturas. Registrou-se um aumento de 3% na produtividade em relação à safra anterior. Contudo, verificou-se perdas relevantes no Triângulo Mineiro devido à presença de brusone, especialmente nas áreas de baixa tecnologia. Houve redução de rendimento também no sul do estado devido a problemas climáticos na fase de granação da cultura. A colheita já foi praticamente finalizada no Triângulo Mineiro, enquanto no sul do estado, a maior parte foi colhida em agosto e será finalizada até outubro.

Em São Paulo, as lavouras começaram a ser colhidas e os grãos apresentam boa qualidade. A média de produtividade está estimada em torno de 3.259 kg/ha. As chuvas, que agora começam a cair na região, deve acelerar o processo de colheita para evitar possível comprometimento das lavouras. As cooperativas apontam para o receio do produtor com a possível sequência de chuva, pois o trigo que foi plantado mais cedo precisa ser retirado para não correr riscos de sofrer com a umidade.

Em Goiás, as áreas de trigo, estimada em 11 mil hectares, estão situadas na região leste do estado, em altitudes superiores a 800 metros, nos municípios de Cristalina, Luziânia e Água Fria de Goiás. O trigo plantado em Goiás é praticamente todo irrigado, através de sistema de pivô central. A produtividade média 5.330 kg/ha, 2,9% superior à safra passada. A colheita já iniciou e grande parte desse trigo ficará na indústria de processamento do estado.

Em Mato Grosso do Sul, a colheita do trigo já iniciou e alguns problemas surgiram em virtude do clima, afetando a produtividade. O percentual da área colhida é de aproximadamente 43% e muitas dessas áreas foram afetadas pela geada ocorrida em julho. A tendência é de perda da qualidade do trigo em relação à safra passada. Os produtores da região sul do estado



citam o triguilho como principal problema na qualidade, além do peso hectolitro abaixo do normal em algumas dessas áreas. Alguns problemas em relação a doenças foram identificados, caso da Brusone, que mesmo com aplicações preventivas, os dias com falta de luminosidade favoreceram o desenvolvimento do fungo. A produtividade esperada para essa safra é de 2.200 kg/ha, um valor 5,5% menor em comparação à safra anterior devido à geada que afetou as lavouras. Os danos quantitativos e qualitativos ainda serão melhores avaliados no próximo levantamento, quando já estiver finalizada a colheita.

No Distrito Federal, a área cultivada com trigo será de 0,9 mil hectares, com produtividade média estimada em 6.000 kg/ha, configurando, portanto, uma produção estimada de 5,4 mil toneladas. Os produtores estavam otimistas em relação ao crescimento de área, porém, no período de semeadura, quando as culturas concorrentes como feijão e milho apresentaram cotações recordes no mercado, associadas à falta de umidade para implantação das lavouras, o trigo de sequeiro sofreu drástica redução de área. No trigo irrigado, muitos produtores desistiram de plantar pela falta de água para irrigação, destinando os recursos escassos para culturas mais rentáveis, como milho

para semente. O trigo está em fase de maturação e a colheita já iniciou. O tricultor da região central do Brasil tem como vantagem o trigo do cerrado, que é o primeiro a ser colhido no país, o que favorece a sua comercialização. Além dos preços atrativos de mercado favorecer também o período de escassez do produto, por ser a entressafra da produção nacional.

Na Bahia, o cultivo de inverno do trigo foi iniciado em meados de maio, em manejo irrigado. A estimativa de plantio é de 5 mil hectares, esperando-se o rendimento de 6.000 kg/ha (100 sc/ha) e a produção de 30 mil toneladas. Os plantios se concentram na região extremo oeste do estado em manejo irrigado com pivô central, realizado em sistema de plantio direto e convencional. Nos últimos anos foram testadas diversas variedades e as lavouras têm atingido produtividades de até 7.500 kg/ha (125 sc/ha). Em relação a doenças, quando cultivado em sucessão à cultura do milho, apresentam sintomas de Brusone e Giberela, causadas por fungos. A principal dificuldade para a implantação da cultura é a falta de uma unidade de processamento do grão (moinho) na região. Atualmente a produção é beneficiada em moinhos no Distrito Federal e em Goiás.

Figura 55 - Mapa da produção agrícola - Trigo

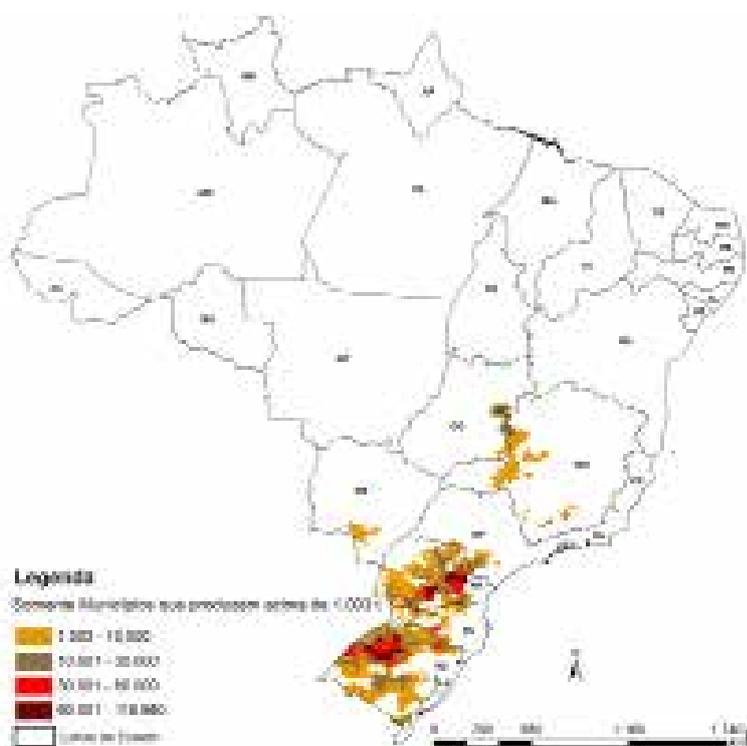


Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-OESTE	32,9	31,9	(3,0)	3.657	3.386	(7,4)	120,3	108,0	(10,2)
MS	17,8	20,0	12,2	2.328	2.200	(5,5)	41,4	44,0	6,3
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.330	2,9	74,1	58,6	(20,9)
DF	0,8	0,9	12,5	6.000	6.000	-	4,8	5,4	12,5
SUDESTE	161,1	164,5	2,1	2.852	2.960	3,8	459,4	486,9	6,0
MG	84,3	84,6	0,4	2.599	2.678	3,0	219,1	226,6	3,4
SP	76,8	79,9	4,0	3.129	3.258	4,1	240,3	260,3	8,3
SUL	1.921,4	1.715,7	(10,7)	3.190	2.658	(16,7)	6.129,1	4.560,6	(25,6)
PR	1.086,4	962,6	(11,4)	3.140	2.704	(13,9)	3.411,3	2.602,9	(23,7)
SC	58,1	53,9	(7,2)	3.800	2.957	(22,2)	220,8	159,4	(27,8)
RS	776,9	699,2	(10,0)	3.214	2.572	(20,0)	2.497,0	1.798,3	(28,0)
NORTE/NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-SUL	2.115,4	1.912,1	(9,6)	3.171	2.696	(15,0)	6.708,8	5.155,5	(23,2)
BRASIL	2.118,4	1.917,1	(9,5)	3.175	2.705	(14,8)	6.726,8	5.185,5	(22,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.

Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Serrana						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



9.2.5.1. OFERTA E DEMANDA DO TRIGO

Ao longo da safra 2017, de acordo com a Secex, a importação brasileira de trigo correspondeu a 7.088,5 mil toneladas, a um custo total de US\$ 1.346,8 milhões. O trigo de origem argentina participou com 64,7% do total, enquanto o estadunidense com 17,8%, o paraguaio com 10,5%, o uruguaio com 4,3% e o canadense com 2,7%. O suprimento nacional naquela safra correspondeu a 14,62 milhões de toneladas, valor 19,6% maior que o registrado no período anterior. Esse aumento se deu pelo elevado volume importado e pelas boas condições climáticas observadas nas principais regiões produtoras do país. Ademais, foi estimada uma moagem industrial de 11,2 milhões de toneladas e um estoque de passagem para a safra 2017 da ordem de 2,53 milhões de toneladas.

É importante observar que nesse valor está contido o consumo de trigo utilizado como ração dentro das propriedades onde ele é produzido. Nas próximas semanas a Conab iniciará uma avaliação acerca dessa

questão, a fim de permitir um maior detalhamento das informações divulgadas.

De acordo com o último levantamento da Conab, a produção de trigo estimada para a safra 2017 é de 5,185,5 mil toneladas, o que representa uma redução de 22,9% em relação à produção recorde ocorrida na safra passada, quando o Brasil produziu 6.726,8 mil toneladas.

Em relação à safra 2017, é prevista uma importação de 7 milhões de toneladas para fazer frente ao consumo nacional. Por outro lado, espera-se que o país exporte o equivalente a 700 mil toneladas de trigo e reserve aproximadamente 288 mil toneladas para sementes. Em virtude da redução no consumo de derivados, espera-se que a moagem se mantenha estável em relação à última safra, com o processamento de aproximadamente 11,2 milhões de toneladas, o que perfaz um consumo na ordem de 11,49 milhões de toneladas.

Tabela 46 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil - agosto-julho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 DE AGOSTO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUN)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016 (1)	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017 (2)	2.530,1	5.185,5	7.000,0	14.715,6	700,0	11.200,0	287,6	11.487,6	2.528,0

Fonte: Conab.

Nota: (1) Estimativa (2) Previsão

9.2.6. TRITICALE

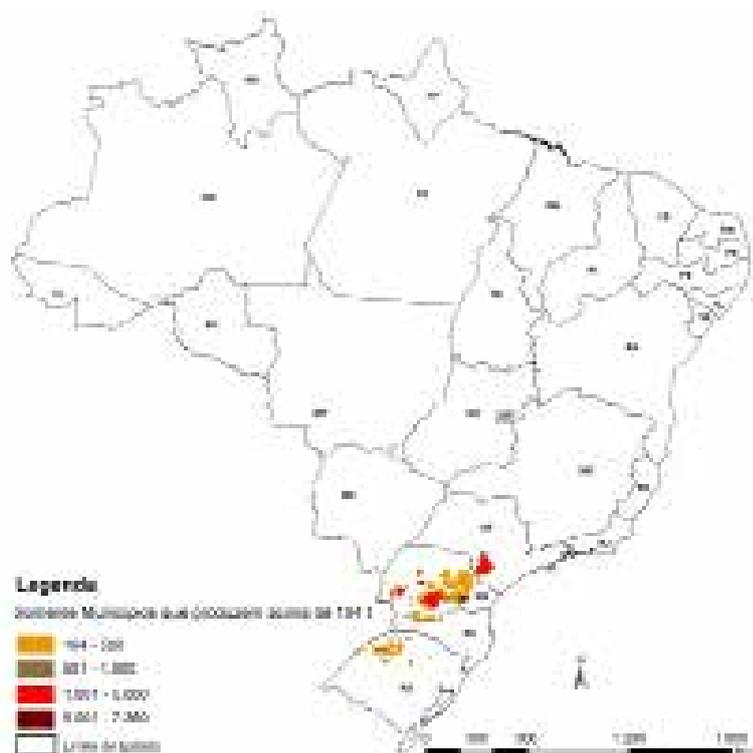
No Paraná, o plantio, na área estimada de 9,5 mil hectares, está praticamente concluído. Quando comparado à safra anterior a redução de área é de 2% em razão da pequena expressão econômica do cereal. A previsão de produtividade é de 2.823 kg/ha, representando redução de 8,8% em relação à safra anterior devido à ocorrência de geadas e estiagem. As lavouras estão, predominantemente, em desenvolvimento vegetativo e pequena parcela em floração e frutificação. A colheita ocorrerá no período de setembro a novembro.

Em São Paulo, o triticale apresenta estabilidade na área e na produtividade, estimadas em 7,5 mil hectares e 2.880 kg/ha, respectivamente. É cultivado juntamente com as lavouras de trigo. Os tratamentos culturais necessários são similares aos do trigo, principalmente no que diz respeito à adubação da área é realizado o plantio. Além disso, possui maior resistência a pragas

e doenças, principalmente as causadas por fungos. Também apresenta maior resistência aos fatores climáticos, uma vez que assim, nesse momento, mais uma opção para o produtor. Os grãos de triticale são utilizados principalmente para a alimentação animal e, em menor quantidade, na alimentação humana. Na utilização como alimentação humana, ele apresenta algumas desvantagens se comparadas ao trigo. É um produto de qualidade inferior ao trigo, razão pela qual, seu rendimento na produção de farinha acaba sendo inferior àquela cultura. Outra desvantagem apresentada é pela coloração mais escura da farinha, razão que a faz ser pouco utilizada na indústria de panificação. No que diz respeito ao sabor, os produtos como pães, biscoitos e massas, feitas a partir da farinha de triticale, apresentam um paladar similar ou até melhor, se comparados com os mesmos produtos feitos com farinha de trigo.



Figura 56 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.880	0,9	21,4	21,6	0,9
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.880	0,8	21,4	21,6	0,9
SUL	16,0	15,2	(5,0)	2.919	2.730	(6,5)	46,7	41,5	(11,1)
PR	9,7	9,5	(2,0)	3.097	2.823	(8,8)	30,0	26,8	(10,7)
SC	0,6	-	(100,0)	2.243	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.572	(4,7)	15,4	14,7	(4,5)
CENTRO-SUL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.780	(4,1)	68,1	63,1	(7,3)
BRASIL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.780	(4,1)	68,1	63,1	(7,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2017.





10. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja, da safra 2016/17, estimada com base nesse levantamento e nos preços recebidos pelos produtores em agosto de 2017, totalizou R\$ 160,26 bilhões. Esse número é 15,2% inferior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 189,03 bilhões.

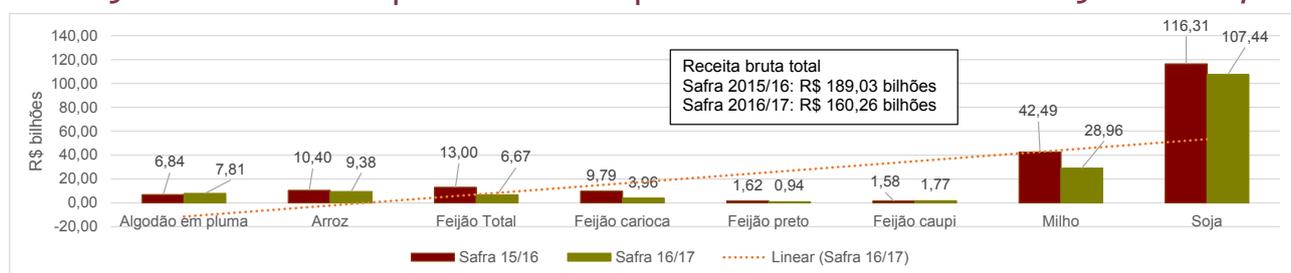
Tabela 48 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17

PRODUTO	PRODUÇÃO (Milhões t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ Bilhões)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	Variação	Unid.	08/2016	08/2017	Variação	08/2016	08/2017	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(e)	(f)	(f/e)
Algodão em pluma	1,29	1,53	18,6%	15	79,57	76,55	-3,8%	6,84	7,81	14,1%
Arroz	10,60	12,33	16,3%	60	58,83	45,67	-22,4%	10,40	9,38	-9,7%
Feijão Total	2,51	3,42	36,0%	60	310,27	117,14	-62,2%	13,00	6,67	-48,6%
Feijão carioca	1,68	2,18	29,5%	60	349,38	109,16	-68,8%	9,79	3,96	-59,5%
Feijão preto	0,47	0,51	8,2%	60	207,67	111,48	-46,3%	1,62	0,94	-41,9%
Feijão caupi	0,36	0,73	102,4%	60	261,72	144,74	-44,7%	1,58	1,77	11,9%
Milho	66,53	97,71	46,9%	60	38,32	17,78	-53,6%	42,49	28,96	-31,8%
Soja	95,43	114,08	19,5%	60	73,13	56,51	-22,7%	116,31	107,44	-7,6%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	189,03	160,26	-15,2%

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa de produção em julho/2017 e preços de julho de 2016 e 2017.

Gráfico 52 – Receita bruta dos produtores rurais – produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

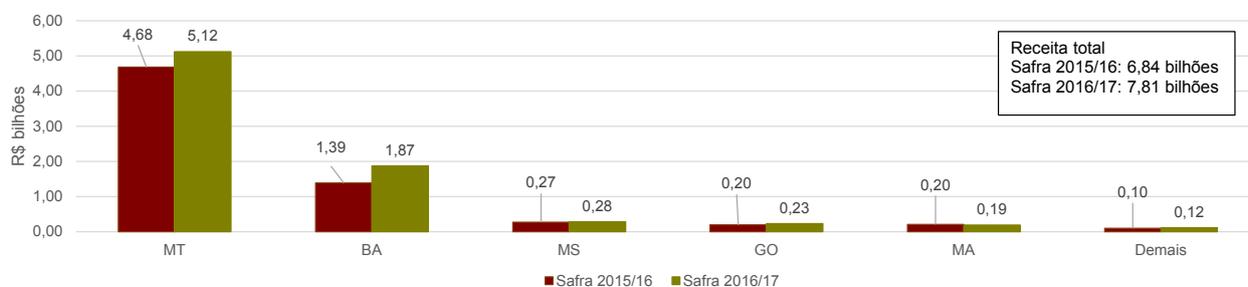
A seguir, serão apresentados os cálculos detalhados do cômputo da receita bruta para cada um dos produtos supracitados.

10.1. ALGODÃO

Em Mato Grosso, maior produtor brasileiro da fibra (67% do total da safra), a produção aumentou de 880,5 para 1.011,3 mil (12,8%) e os preços médios recebidos retraíram de R\$ 79,77 para R\$ 75,96/arroba (-4,8%) entre agosto de 2016 e 2017. Com esses dados, a estimativa da receita passará de R\$ 6,8 em 2015/2016 para R\$ 7,8 bilhões em 2016/17, variação de 14,18%.

Na Bahia, segundo maior produtor (21% do total da safra), a produção aumentou 29,1% (de 247,3 para 346,2 mil toneladas) e os preços sofreram redução de 3,7% (de R\$ 84,08 para R\$ 80,99/arroba). Em consequência desse comportamento, a receita bruta do algodão baiano apresenta crescimento de 34,9%, saindo de R\$ 1,39 para R\$ 1,87 bilhão.

Gráfico 53 – Algodão em pluma – preços recebidos pelo produtor – Agosto/2016 a Agosto/2017



Fonte: Conab.



Para os demais estados produtores foram encontrados aumentos ou estabilizações nas respectivas estimativas da receita bruta para os estados da região Nordeste e da Região Centro-Oeste. Dessa forma, ob-

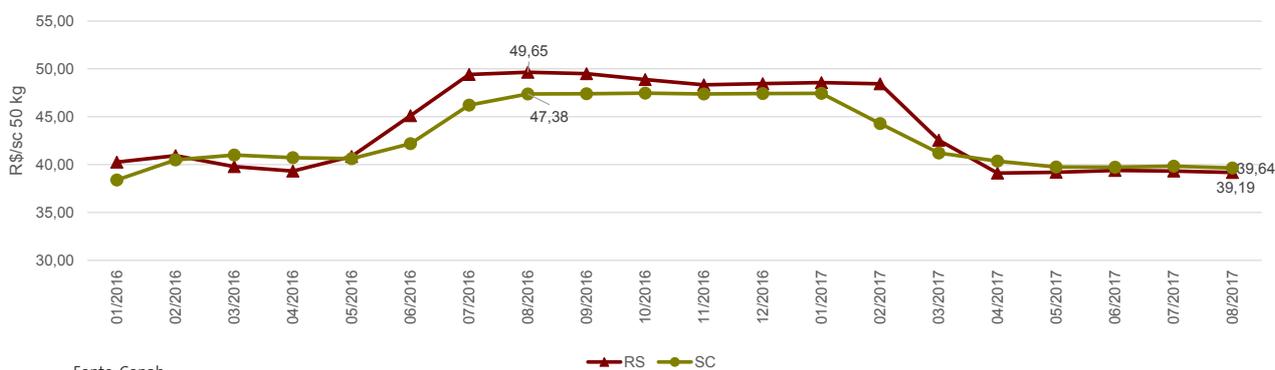
serva-se no cálculo total para a receita bruta dos produtores da fibra no Brasil, na safra 2016/17, o valor de 7,81 bilhões de reais, valor superior em 19,4% àquele observado para a safra anterior.

10.2. ARROZ

O cereal tem sua produção fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, fator que indica forte participação dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. Isso posto, a produção nas

Unidades da Federação supracitadas indica incremento de 18,6% e 7%, respectivamente. Por outro lado, os preços praticados na região sofreram decréscimos de 21,1% e 16,3%, respectivamente.

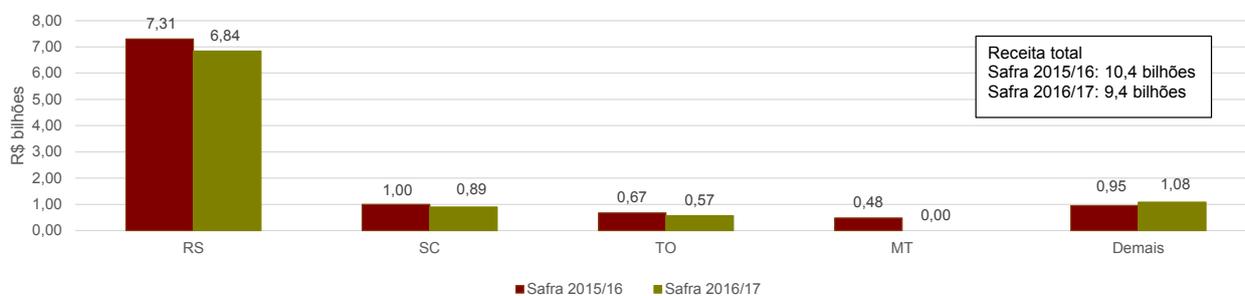
Gráfico 54 – Arroz em casca – preços nominais recebidos pelos produtores



O cenário de incremento da produção não conseguiu superar o impacto do decréscimo dos preços praticados, fato que culminou em redução da receita bruta estimada para a safra atual, com o montante de 6,84 bilhões para o Rio Grande do Sul, frente a 7,30 bilhões da safra anterior; e o montante de 0,89 bilhões estimados para a safra 2016/17 contra 1 bilhão da safra imediatamente anterior. Esses valores estimados da receita bruta culminaram em reduções de 6,4% e 10,5% para o Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, respectivamente.

Nos demais estados produtores do cereal encontramos distintos comportamentos na produção, alguns com diminuição e outros com aumento, de magnitudes distintas que impactaram a receita bruta total do arroz de diferentes formas. Já em relação aos preços recebidos pelos produtos nas demais Unidades da Federação produtoras. A partir da conjunção desses movimentos na produção e nos preços, observa-se uma estimativa de 9,4 bilhões de reais para a safra 2016/17 frente a 10,4 bilhões da safra 2015/16, apresentando decréscimo de 9,7%.

Gráfico 55 – Receita bruta dos produtores rurais – arroz – Safras 2015/16 e 2016/17



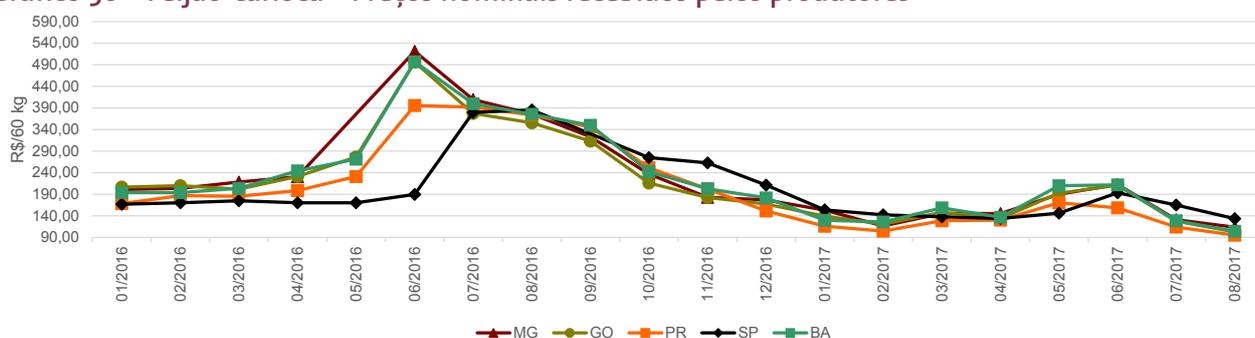
10.3. FEIJÃO

10.3.1. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Especialmente para o feijão-carioca observam-se

aumentos na produção nos maiores estados produtores, são eles: Minas Gerais, Paraná e Goiás, na safra 2016/17; o Paraná teve aumento na produção de 39%.

Gráfico 56 – Feijão-carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

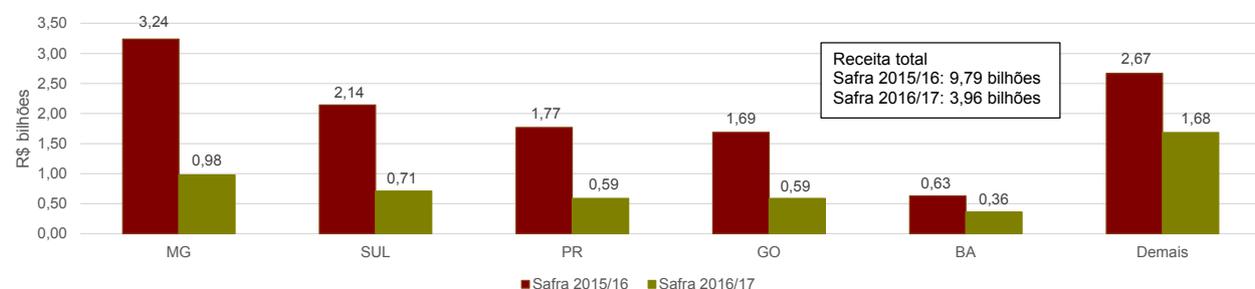


Fonte: Conab.

Essa forte diminuição nos preços acarretou em forte queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca, apresentando valor de 3,96 bilhões para

2016/17, 59,5% menor do que o observado na safra anterior, de 9,79 bilhões em 2015/16.

Gráfico 57 – Receita bruta dos produtores rurais – feijão-carioca – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

10.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

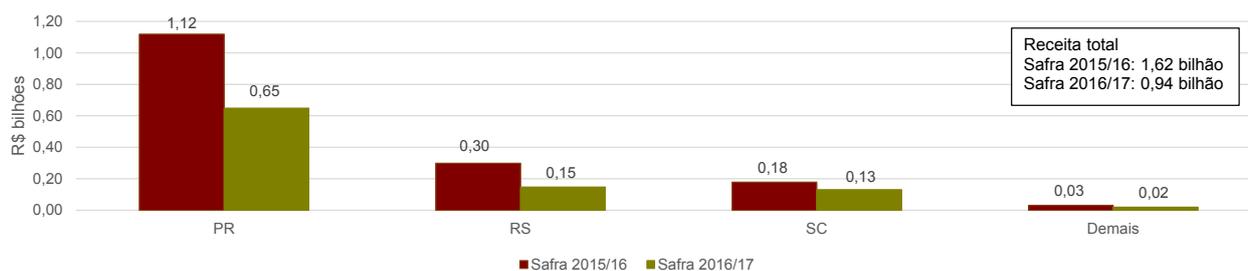
A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão-carioca, ou seja, crescimento na produção do grão, porém, queda considerável nos preços recebidos pelo produtor. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 95% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta crescimento de 15% na produção, todavia, encontra-se decréscimo de 48,4% nos preços

recebidos, situação semelhante ocorre com Santa Catarina. Portanto, no Rio Grande do Sul houve decréscimo na produção e, também, nos preços.

A partir desse cenário de crescimento na produção e forte queda nos preços praticados, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2016/17, foi de 0,94 bilhões de reais, 41,9% menor que o observado na safra 2015/16 de 1,62 bilhões.



Gráfico 58 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão preto – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

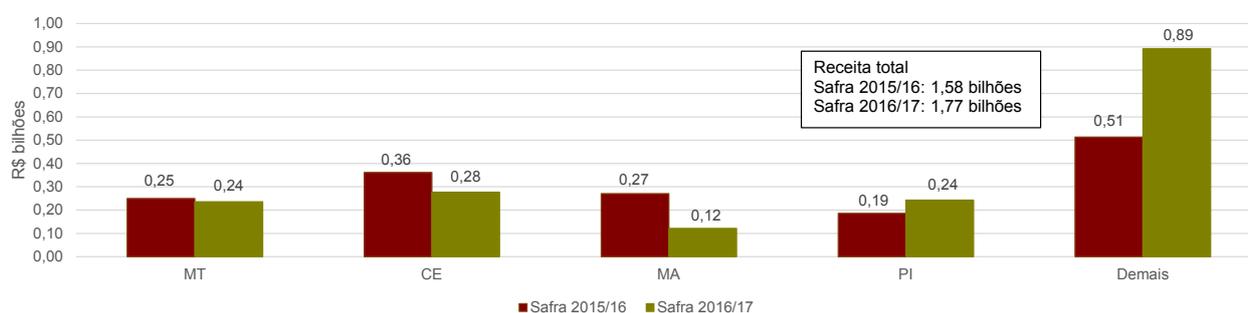
10.3.3. FEIJÃO-CAUPI

Já para o feijão-caupi, encontra-se maior produção na Região Norte/Nordeste do que na Região Centro-Sul. Nesse caso, em diferença ao observado para o feijão-comum carioca e o feijão-comum preto, o movimento de expansão da produção frente ao decréscimo dos preços foi superior, pois, no total se espera a produção duas vezes maiores em relação à safra de 2015/16 e o decréscimo nos preços esteve por volta de 44,7%. Dessa forma, o estado com maior parcela na produção no Nordeste, Ceará, apresentará crescimento expressivo

na produção do grão, 134,2% e queda nos preços recebidos pelos produtores de 62,9%.

Nesse cenário, com a presença de Mato Grosso, o maior produtor do feijão-caupi, também é observado aumento na produção e decréscimo nos preços de 62,7% e 45,4%, respectivamente. Isso posto, a receita bruta total do feijão-caupi, para a safra 2016/17 está estimada em 1,77 bilhão de reais, 11,9% maior que o estimado para a safra 2015/16 (1,58 bilhão).

Gráfico 59 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão-caupi – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

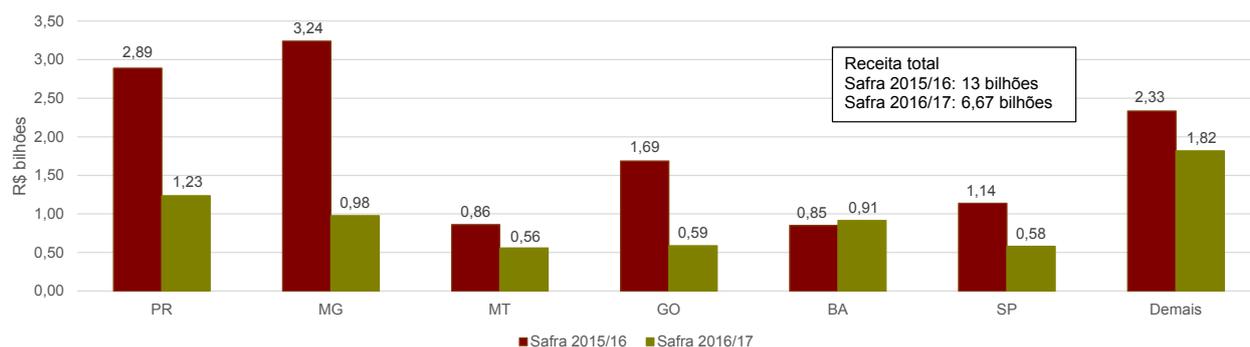
10.3.4. FEIJÃO TOTAL (CARIOCA, PRETO E CAUPI)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-comum carioca, do preto e do caupi, obteve-se a receita bruta do total de feijão de R\$ 13 bilhões

na temporada 2015/16 e R\$ 6,67 bilhões em 2016/17.



Gráfico 60 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão total – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

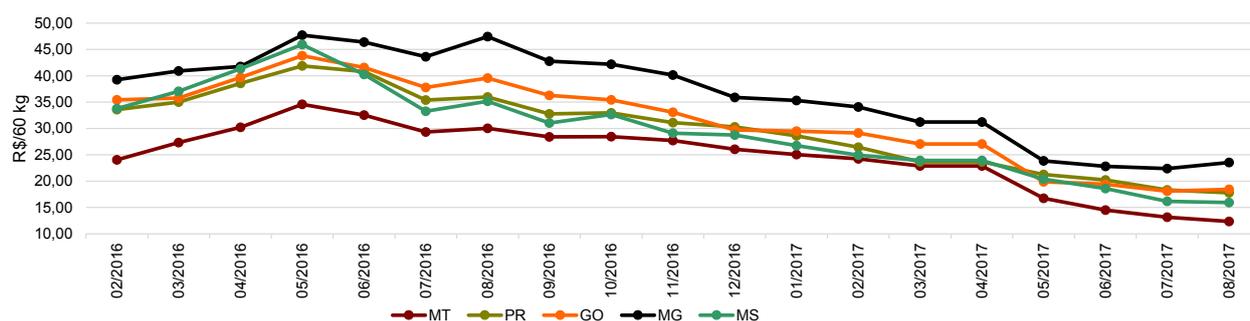
10.4. MILHO

O cereal apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são

o Mato Grosso e o Paraná, com 28,5% e 18,8% da produção nacional, respectivamente.

Entretanto, na comparação de agosto de 2016 e agosto de 2017, os preços recebidos pelos produtores apresentam queda média de 53,6%.

Gráfico 61 – Milho – preços nominais recebidos pelos produtores



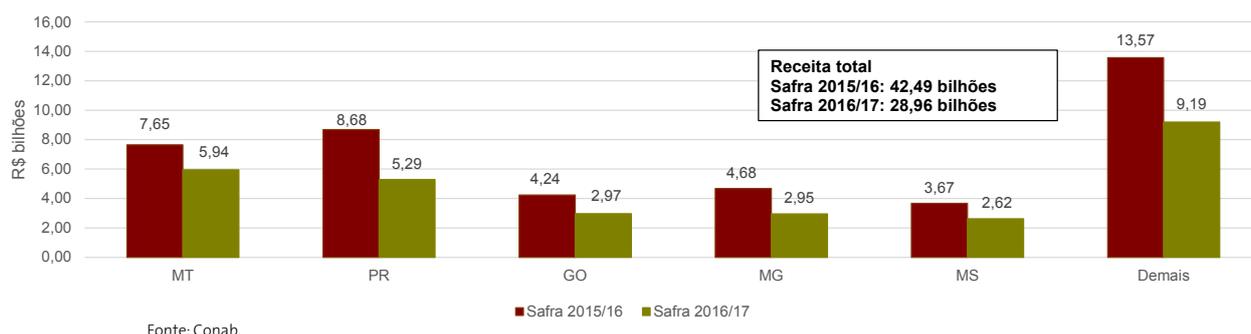
Fonte: Conab.

A produção nacional apresentou forte tendência de crescimento na produção, inclusive nos maiores estados produtores, porém, a queda observada nos preços praticados foi mais impactante no binômio produção versus preço recebido. Por exemplo, no Mato Grosso, a produção superou a safra anterior em 75,6%, porém, acompanhada de um decréscimo nos preços de 58,9%,

de forma semelhante, no Paraná, observa-se crescimento de 26,2% na produção do cereal e queda no preço de 50,6%. Nesse cenário, a estimativa da receita bruta total para o milho foi de 28,96 bilhões de reais para a safra 2016/17, já para a safra de 2015/16 observa-se a estimativa de 42,49 bilhões, ou seja, uma queda no valor da receita de 31,8%.



Gráfico 62 – Receita bruta dos produtores rurais– milho – Safras 2015/16 e 2016/17



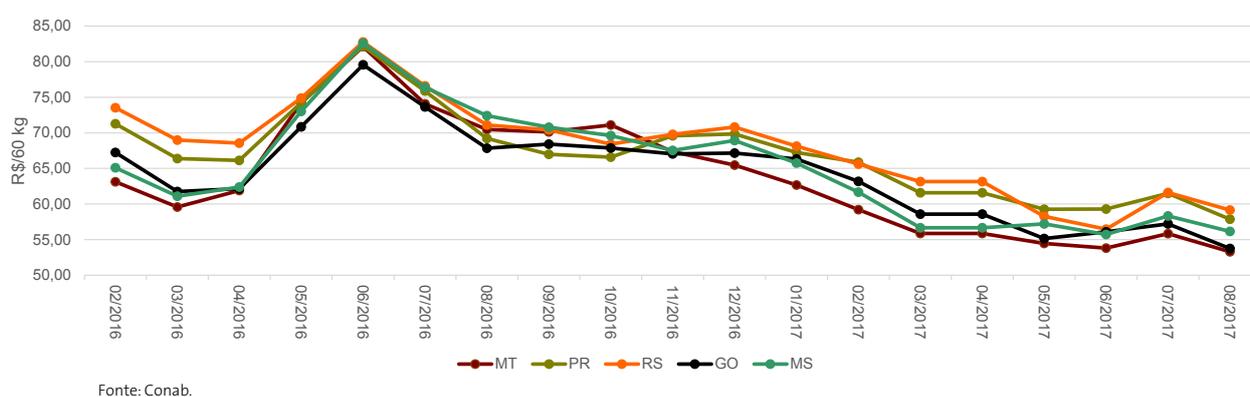
10.5. SOJA

Esse levantamento estima a produção da soja para a safra 2016/17 em 114,08 mil toneladas. Quando comparado com a safra anterior, 2015/16, a produção experimenta um novo aumento de 19,4% para a produção nacional. Os maiores estados produtores se encontram nas Regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, com destaque para o Mato Grosso, o Paraná e o Rio Grande do Sul que, juntos, correspondem a 60% da produção nacional. É relevante, também, apresentar o forte crescimento relativo observado no Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, que apresentaram aumento de 99,8%, 68,4%, 217,1% e 59,5%, respectivamente, na produção dessa oleaginosa. A região formada por esses estados, denominada Matopiba, vem apresentan-

do, de maneira contínua, crescimentos expressivos na cultura da soja.

Todavia, os preços da oleaginosa sofreram decréscimos em todos os 16 estados produtores, com queda média de 22,7% nos preços recebidos pelos produtores. Ou seja, há uma tendência de queda nos preços tanto internamente como no mercado externo, conforme apresentado na conjuntura semanal da Conab para soja na semana de 21 de agosto de 2017 a 25 de agosto de 2017, na qual a variação anual da cotação internacional na bolsa de Chicago é de diminuição em 8,01%.

Gráfico 63 – Soja – preços nominais recebidos pelos produtores



Todavia, o movimento de forte incremento na produção em paralelo com a queda nos preços recebidos pelo produtor culminou em uma queda relativa na estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2016/17. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 27,10 bilhões de reais

para a temporada 2016/17. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 30,54 bilhões, com decréscimo relativo de 11,4%. Todavia, nas Unidades da Federação, que formam o Matopiba, encontram-se aumentos na receita bruta estimada para eles. Os valores são 2,63 bilhões de reais no Maranhão, 2,81 bilhões em

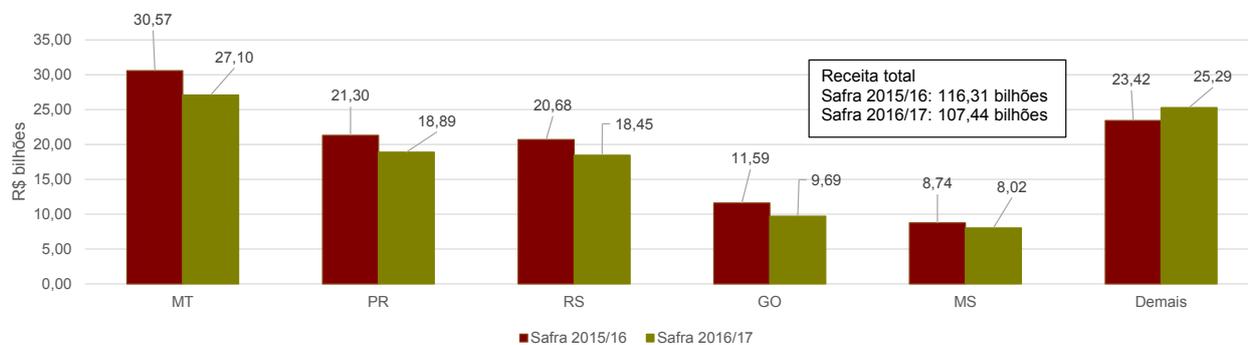


Tocantins, 1,92 bilhão no Piauí e 4,94 bilhões de reais na Bahia, com destaque para o Piauí, onde a receita bruta cresceu em 145,8%.

Isso posto, com distintos movimentos nas dif-

erentes regiões produtoras, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2016/17 foi de 107,44 bilhões de reais, frente à estimativa de 116,31 bilhões da safra anterior, um decréscimo de 7,6%.

Gráfico 64– Receita bruta dos produtores rurais– soja – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.





11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

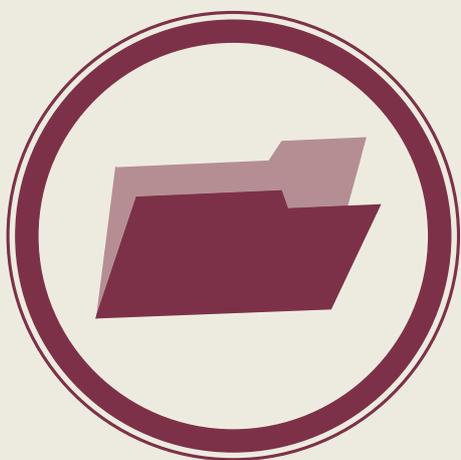
Tabela 49 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	25,0	1.755,8	720,0	850,0	185,8
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.328,1	1.000,0	13.757,9	11.500,0	800,0	1.458,9
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.398,1	150,0	3.734,1	3.350,0	120,0	264,1
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.712,0	700,0	105.361,9	56.165,3	29.000,0	20.196,6
Soja em grãos	2010/11	2.611,1	75.324,3	41,0	77.976,4	41.970,0	32.986,0	3.020,4
	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	744,0
	2013/14	744,0	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.587,8	1.476,2
	2016/17	1.476,2	114.075,3	300,0	115.851,5	47.281,0	64.000,0	4.570,5
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	0,8	31.790,1	15.500,0	14.443,8	1.846,3
	2016/17	1.846,3	33.110,0	1,0	34.957,3	17.000,0	15.900,0	2.057,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	66,1	8.203,8	6.380,0	1.254,2	569,6
	2016/17	569,6	8.385,0	40,0	8.994,6	6.800,0	1.550,0	644,6
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	5.185,5	7.000,0	14.715,6	11.487,6	700,0	2.528,0

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em junho 2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





12. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 14 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			█	█	█				█	█		
Nordeste												
MA			█	█	█				█	█	█	█
PI			█	█	█				█	█	█	█
CE				█	█	█			█	█		
RN	█			█	█	█			█	█	█	█
PB	█				█	█	█	█	█	█	█	█
PE	█	█			█	█	█	█	█	█	█	█
AL	█						█	█	█			█
BA		█	█	█	█			█	█	█	█	█
Centro-Oeste												
MT			█	█					█	█	█	█
MS		█	█	█			█	█	█	█	█	
GO		█	█	█					█	█	█	
Sudeste												
MG		█	█	█			█	█	█	█	█	█
SP	█	█	█		█	█	█	█	█	█	█	
Sul												
PR	█	█	█				█	█	█			

Legenda: █ Plantio █ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			█	█	█	█	█	█				
SP	█	█	█	█	█	█	█					█
Sul												
PR	█	█		█	█	█	█					█
RS	█	█	█		█	█	█					

Legenda: █ Plantio █ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
TO													
Nordeste													
CE													
PB													
SE													
BA													
Centro-Oeste													
MT													
Sudeste													
SP													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	█	█	█	█	█	█	█	█				
Nordeste												
PI		█	█			█	█					
BA	█	█	█	█	█	█	█	█				
Centro-Oeste												
MT	█	█	█	█	█	█	█					
MS	█	█		█	█							
GO	█	█	█	█	█	█						
DF	█	█	█		█	█						
Sudeste												
MG	█	█	█	█	█	█						
ES		█	█	█	█	█						
RJ	█	█		█	█							
SP	█	█	█	█	█							█
Sul												
PR	█	█	█	█	█						█	█
SC	█	█	█	█	█	█	█					█
RS	█	█	█	█	█	█	█				█	█

Legenda: █ Plantio █ Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	■						■	■	■		■	■
TO	■						■	■	■		■	■
Nordeste												
CE	■							■	■		■	■
PE	■						■	■	■		■	■
AL	■						■	■	■		■	■
SE	■						■	■	■		■	■
BA	■						■	■	■		■	■
Centro-Oeste												
MT							■	■		■	■	
MS							■	■		■	■	
GO							■	■	■	■	■	■
DF							■	■	■	■	■	■
Sudeste												
MG	■					■	■	■	■		■	■
SP	■						■	■	■		■	■
Sul												
PR						■	■	■		■	■	

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							■	■			■	■
BA		■	■			■	■					
Centro-Oeste												
MT					■	■			■	■		
MS					■	■	■		■	■	■	
GO					■	■			■	■		
Sudeste												
MG						■	■			■	■	
Sul												
RS	■		■	■	■						■	■

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Nordeste													
PI													
CE													
RN													
PE													
BA													
Sudeste													
MG													
SP													
Sul													
PR													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	Colheita						Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita
RO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
PA		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			
TO	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Nordeste												
MA	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	
PI		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			
BA	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Centro-Oeste												
MT	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
MS	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
GO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
DF		Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita					
Sudeste												
MG	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
SP	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Plantio
Sul												
PR	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
SC	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita				
RS	Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita				

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/03			0/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		■	■	■	■	■	■	■				
Nordeste												
PI			■					■				
CE				■	■	■			■	■		
RN				■	■	■			■	■		■
PB				■	■	■			■	■		
PE					■	■	■	■		■	■	■
BA		■	■	■			■	■				
Centro-Oeste												
MT					■	■	■			■	■	■
MS					■	■	■			■	■	■
GO					■	■	■			■	■	■
DF						■	■			■	■	■
Sudeste												
MG					■	■	■			■	■	■
SP					■	■	■			■	■	■
Sul												
RS	■	■	■	■			■	■				

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						■	■	■			■	■
Sul												
PR	■	■	■				■	■	■	■	■	■
RS	■	■					■	■	■	■		

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 28 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 29 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 30 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 31 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Quadro 32 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

